

Comentário Bíblico Expositivo¹ em

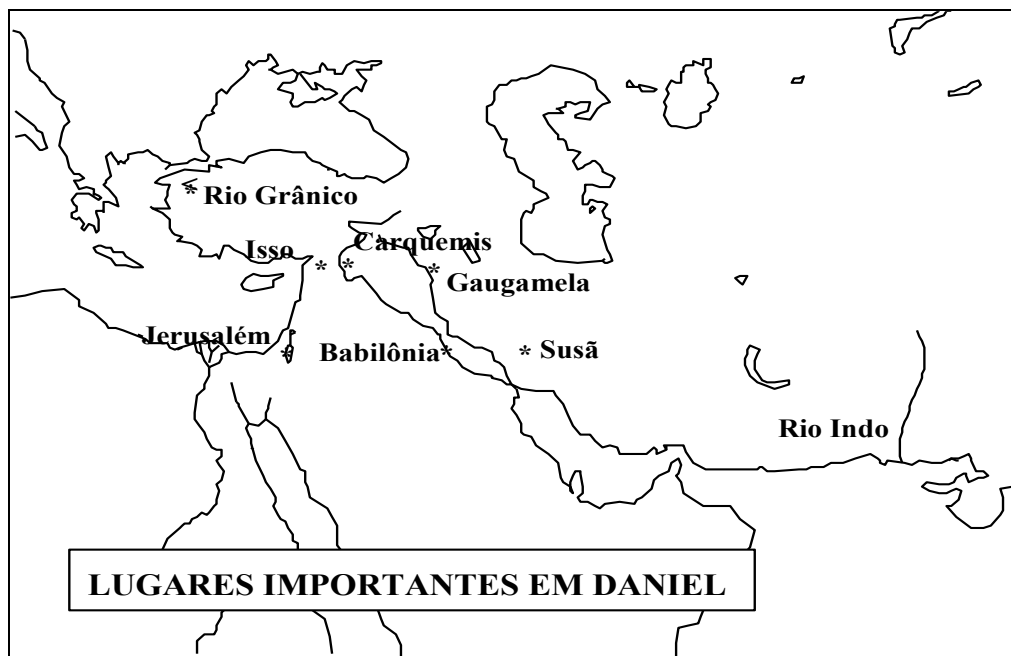
Daniel

Edição 2022

Dr. Thomas L. Constable

Introdução

CONTEXTO HISTÓRICO



Em 605 a.C., o príncipe Nabucodonosor liderou o exército babilônico de seu pai, Nabopolassar, contra as forças aliadas da Assíria e do Egito. Ele lhes derrotou em Carquemis, que estava sob controle assírio. Essa vitória deu à Babilônia a supremacia no Oriente Próximo antigo. Por conta dessa vitória da Babilônia, os vassallos do Egito, incluindo Judá, passaram para o controle babilônico. Pouco tempo depois, naquele mesmo ano Nabopolassar morreu, e Nabucodonosor lhe sucedeu como rei.

Nabucodonosor então rumou ao sul e invadiu Judá, também em 605 a.C. Ele levou alguns cativos da realeza e da nobreza para a Babilônia (Dn 1.1-3), incluindo Daniel, além de alguns utensílios do templo de Salomão (2 Cr 36.7). Esta foi a primeira das três deportações nas quais os babilônicos levaram grupos de

¹ Apesar de alguns dos livros citados nesta obra já terem sido traduzidos para o vernáculo, este projeto de tradução optou por traduções independentes das citações à guisa de uniformização. Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada, 2a ed. (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indicação específica.

judaítas para a Babilônia. O rei de Judá naquela época era Jeoaquim (2 Rs 24.1-4).

O filho de Jeoaquim, Joaquim (também conhecido como Jeconias e Conias) lhe sucedeu em 598 a.C. Joaquim reinou apenas três meses e 10 dias (2 Cr 36.9). Nabucodonosor invadiu Judá novamente. Na virada do ano, em 597 a.C., ele levou Joaquim para a Babilônia, juntamente com os líderes remanescentes de Judá, incluindo o jovem Ezequiel, e o restante dos tesouros nacionais (2 Rs 24.10-17; 2 Cr 36.10).

Uma terceira e última deportação aconteceu aproximadamente 11 anos mais tarde, em 586 a.C. O irmão mais novo de Joaquim, Matatias, cujo nome Nabucodonosor mudou para Zedequias, era o rei-marionete de Judá naquele momento. Ele se rebelou contra a soberania da Babilônia fazendo secretamente uma aliança com o faraó Hofra sob pressão dos judeus nacionalistas (Jr 37-38). Depois de um cerco de 18 meses, Jerusalém caiu. Nabucodonosor retornou para Jerusalém, queimou o templo, destruiu os muros da cidade, e levou todos os judeus, com exceção dos mais pobres, cativos para a Babilônia. Ele também levou Zedequias como prisioneiro para Babilônia, depois executou seus filhos e arrancou os olhos do rei em Ribla, em Hamate (Síria moderna; 2 Rs 24.18-25.24).

ESCOPO

Daniel, o personagem principal de quem esse livro obtém seu nome, era provavelmente apenas um adolescente quando chegou na Babilônia, em 605 a.C. Os termos hebraicos usados para descreve-lo, a evidência interna do capítulo 1 e a duração do seu ministério, parecem deixar isso claro. Ele continuou em seu ofício como um servidor público pelo menos até 538 a.C. (1.21), e como um profeta até pelo menos 536 a.C. (10.1). Consequentemente, o registro do seu ministério se estende por 70 anos, a duração completa do cativeiro babilônico. Ele provavelmente viveu até os 85 anos, quem sabe até mais do que isso.

AUTORIA

“A questão da data e da autoria de Daniel é, sem sombra de dúvidas, o assunto mais controverso de estudo hoje com relação ao livro de Daniel”.²

“Segundo o consenso dos estudiosos críticos modernos, as histórias a respeito de Daniel e seus amigos são lendas em caráter, e o próprio herói muito provavelmente nunca existiu”.³

Entretanto, entre os estudiosos conservadores há poucas dúvidas de que um homem histórico chamado Daniel escreveu esse livro sob a orientação do Espírito Santo. Tanto a evidência interna quanto a externa tornam a autoria do livro de Daniel um tanto quanto clara.

Internamente falando, o livro alega, em várias passagens, que Daniel foi o seu escritor (8.1; 9.2, 20; 10.2). Referências a Daniel na terceira pessoa não indicam que outra pessoa escreveu acerca dele, pois era comum para autores antigos de memórias históricas escreverem a respeito de si mesmos desta maneira

² J. Paul Tanner, *Daniel*, pág. 37. Veja a discussão do autor acerca desse assunto nas págs. 37-80.

³ John J. Collins, *Daniel*, pág. 1. Por exemplo: veja Gerhard von Rad, *Old Testament Theology*, 2:309.

(cf. Ex 20.2, 7).⁴

“Como em muitos outros livros de profecia (p.ex.: Jeremias e Oséias), o autor é também o personagem principal nos eventos registrados”.⁵

Externamente, Ezequiel mencionou Daniel (Ez 14.14; 28.3). Além dele, o Senhor Jesus Cristo falou desse livro como escrito por Daniel (Mt 24.15; Mc 13.14). Os judeus acreditavam que Daniel foi seu autor desde a primeira aparição do livro. O pai da igreja primitiva Jerônimo defendeu a autoria de Daniel contra um crítico contemporâneo dele chamado, Porfírio, que argumentou que alguém escreveu o livro em 165 a.C, alegando que esse autor era o Daniel.⁶

Daniel provavelmente escreveu esse livro ao final de sua vida, o que teria acontecido por volta de 530 a.C. ou até alguns anos depois. Vários termos governamentais vindos da Síria são encontrados no livro. A presença dessas palavras sugere que o livro tenha recebido sua revisão final após o idioma persa ter se tornado a língua oficial do governo. Isso teria acontecido ao final da vida de Daniel.

“Se Daniel fosse um jovem (*yeled*, i.4, 10) entre os quinze e dezoito anos de idade no momento em que foi levado cativo para a Caldeia, e morreu em fé na promessa divina pouco tempo depois da última revelação feita a ele no terceiro ano (cap. x.1) do rei Ciro, então ele teria alcançado a idade avançada de, pelo menos, noventa anos”.⁷

CANONICIDADE

Os judeus colocaram Daniel na seção de Escritos da Bíblia hebraica. As duas primeiras divisões da Bíblia hebraica são a Lei e os Profetas. Os Escritos em hebreu são chamados de Kethubim, e em grego, o Habiographa.⁸ Eles assim fizeram porque Daniel não era um profeta no sentido que os outros profetas hebreus eram. Ele funcionou como um profeta e escreveu Escrituras inspiradas, mas ele era um oficial do governo, um administrador em terra gentílica, em vez de um profeta pregador. Neemias também não foi um profeta típico, mas um oficial do governo.

“... embora Cristo tenha falado da *função* de Daniel como profética (Mt 24.15), sua *posição* era de um oficial do governo e escritor inspirado, em vez de um profeta ministrador (cf. At 2.29-30)”.⁹

Em contraste com Ezequiel, seu contemporâneo na Babilônia, Daniel viveu e trabalhou primeiramente entre gentios, ao passo que Ezequiel viveu e ministrou entre os israelitas. Somente Ageu, Zacarias e Malaquias seguem Daniel cronologicamente entre os livros proféticos no Antigo Testamento, mas Esdras, Neemias, Ester e Crônicas também fazem parte dos livros históricos.

⁴ Gleason L. Archer Jr., “Daniel”, em *Daniel-Minor Prophets*, vol. 7 de *The Expositor’s Bible Commentary*, pág. 4.

⁵ Robert D. Culver, “Daniel”, em *The Wycliffe Bible Commentary*, pág. 769.

⁶ Para uma discussão acerca das visões críticas de autoria, veja Tremper Longman III e Raymond B. Dillard, *An Introduction to the Old Testament*, págs. 373-376.

⁷ C. F. Keil, *Biblical Commentary on the Book of Daniel*, pág. 3.

⁸ Veja Thomas J. Finley, “The Book of Daniel in the Canon of Scripture”, *Bibliotheca Sacra* 165:658 (Abril-Junho 2008): 195-208.

⁹ *Zondervan Pictorial Bible Dictionary*, s.v. “Daniel, Book of”, por R. K. Harrison, 2:12-21.

Os tradutores do latim e do grego de Daniel colocaram o livro entre os outros Profetas Maiores nas versões da Septuaginta e na Vulgata por causa do seu conteúdo profético. Essa tradição influenciou os estudiosos que produziram nossas versões em português.

DATA

A data desse livro é um dos assuntos mais controversos na área de Introdução ao Antigo Testamento.¹⁰ Esta controvérsia não se deve à obscuridade de evidência mas às pressuposições dos críticos.

É relativamente simples determinar quando Daniel viveu e ministrou por conta das várias referências históricas nesse livro. Seu profeta contemporâneo Ezequiel também fez referência a ele (cf. Ez 14.14, 20; 28.3). Entretanto, uma vez que o livro contém profecias de Antíoco Epifânio cumpridas no segundo século a.C., muitos críticos racionalistas, que negam que a Bíblia contém profecia preditiva disseram que era impossível que Daniel o tivesse escrito. Eles argumentam que o livro deve ter sido escrito depois de Antíoco, a saber, em cerca de 165 a.C.¹¹ Os críticos modernos seguem a visão de Porfírio. Entretanto, há várias evidências no próprio livro que apontam sua origem para o sexto século a.C.¹²

“A capacidade de invenção do homem em coisas espirituais e não espirituais é bastante limitada. Provavelmente seria muito difícil inventar uma nova heresia. Os opositores do passado eram tão agudos ou até mesmo mais agudos que os de hoje; de forma que a questão está praticamente resolvida”.¹³

Nenhum escritor significativo abraçou uma data posterior do livro depois que Jerônimo refutou a Porfírio até o século dezoito A.D. O crítico J. D. Michaelis reviveu a teoria de Porfírio em 1771 com base no solo racionalista intelectual do Iluminismo. Desde então muitos estudiosos que não acreditam na profecia preditiva têm insistido que esse livro tenha sido produto da revolta dos Macabeus (168-165 a.C.). Os críticos liberais ainda consideram a data posterior de Daniel como sendo o resultado mais preciso da erudição moderna. Contudo, há ampla evidência no próprio livro de que Daniel o escreveu e que ele data do século seis a.C.¹⁴

“Aquele que afirma que o livro de Daniel é produto da época dos Macabeus nega que ele é uma obra de verdadeira profecia preditiva como ele se propõe a ser. Além disso, se o livro de Daniel vem do período dos Macabeus, não vejo como é possível fugir da conclusão de que o livro também é uma farsa, pois ele afirma ser uma revelação de Deus

¹⁰ Veja Longman e Dillard, págs. 373-376.

¹¹ P. ex.: Robert H. Pfeiffer, *History of New Testament Times*, pág. 63.

¹² Veja Bruce K. Waltke, “The Date of the Book of Daniel”, *Bibliotheca Sacra* 133:532 (Outubro-Dezembro 1976): 319-329.

¹³ Edward B. Pusey, *Daniel the Prophet*, pág. iii.

¹⁴ Para informações adicionais, veja R. K. Harrison, *Introdução ao Antigo Testamento*, págs. 1110-1126; Gleason L. Archer Jr., *Survey of Old Testament Introduction*, págs. 380-403; idem, “Old Testament History and Recent Archeology From the Exile to Malachi”, *Bibliotheca Sacra* 127:508 (Outubro-Dezembro 1970): 291-298, ou quaisquer dos melhores comentaristas em Daniel, tal como John F. Walvoord, *Daniel: The Key to Prophetic Revelation*, págs. 16-25; Keil, págs. 19-57; Joyce G. Baldwin, *Daniel: An Introduction and Commentary*, págs. 35-46; ou H.C. Leupold, *Exposition of Daniel*, págs. 8-14, 18-27. J. Dwight Pentecost, “Daniel”, em *The Bible Knowledge Commentary: Old Testament*, págs. 1324-1325, escreveu uma boa discussão breve acerca das principais objeções, como fez J. Sidlow Baxter, *Explore the Book*, 4:49-55, 59-65, 69-72.

a Daniel que viveu na Babilônia durante o exílio”.¹⁵

IDIOMAS

Daniel é um dos poucos livros no Antigo Testamento que foi originalmente escrito em dois idiomas diferentes. Um era o aramaico (também conhecido como caldeu ou siríaco), a linguagem comum do Oriente Próximo antigo, e o outro era o hebraico. As outras passagens em aramaico são Esdras 4.8-6.18; 7.12-26; e Jeremias 10.11. O nome composto Jegar-Saaduta em Gênesis 31.47 também é aramaico. As porções em aramaico no livro de Daniel lidam com questões relativas a todos os cidadãos dos impérios babilônico e persa, ao passo que as porções em hebraico descrevem predominantemente preocupações judaicas e os planos de Deus para Israel. Daniel provavelmente escreveu as seções em aramaico para o benefício de seus vizinhos gentílicos e escreveu o livro todo para os judeus, que eram capazes de ler ambos os idiomas.

PROPÓSITO

Ao observador interessado na sorte de Israel na época de Daniel, parece que Yahweh havia Se tornado impotente ou que tinha abandonado Seu povo escolhido. Os deuses da Assíria e da Babilônia tinham aparentemente triunfado sobre Ele. Seu templo estava em ruínas, Sua capital havia sido dizimada e estava vazia e vulnerável, e Seu povo estava vivendo como cativos infelizes em terra estrangeira.

Numa época como essas, Deus revelou Seu poder sobrenatural. Ele assim o fez para demonstrar que Ele é o único Deus verdadeiro e que Ele ainda é soberano sobre os assuntos da humanidade e da história. Ele manifestou Seu poder para os governantes supremos da Babilônia e da Pérsia, para que eles soubessem que Ele governa sobre tudo dos céus – que somente Ele é Deus.

“Daniel é preeminentemente o livro acerca da soberania de Deus sobre os reinos dos homens”.¹⁶

Este foi um momento na história de Israel semelhante ao tempo anterior ao Êxodo. Israel estava cativo, e o Deus de Israel, humilhado. Daniel contém prova da soberania de Deus, demonstrada pelas pragas e pela travessia do Mar Vermelho diante do faraó e dos egípcios. Assim como no Êxodo, Daniel relata várias “disputas” entre os deuses falsos e Yahweh nas quais o Deus de Israel prova ser o único Deus verdadeiro e vivo. Tal como em Daniel, Ester também mostra Deus trabalhando pelo Seu povo durante um período da disciplina divina do povo.

“A mensagem predominante é que o povo de Deus experimentará sofrimento e sofrerá ameaça de extinção, mas que esse não será o fim da história pois o seu Deus é o Deus vivo e Todo-Poderoso que receberá glória por vindicar Seu nome e que salvará a nação”.¹⁷

“O propósito de Daniel ao escrever misturou os dois temas de profecia e piedade. Ele

¹⁵ Edward J. Young, *The Prophecy of Daniel: A Commentary*, pág. 5. Veja também as págs. 19-20 e 23-26 para evidência de que Daniel foi o próprio escritor do livro.

¹⁶ Kenneth G. Hanna, *From Moses to Malachi*, pág. 405.

¹⁷ Baldwin, pág. 66.

escreveu primeiro para mostrar o programa *futuro* de Deus para a nação de Israel (à luz da queda da nação) durante e após ‘os tempos dos gentios’. Em segundo lugar, ele escreveu para demonstrar qual deve ser a resposta *presente* dos crentes enquanto aguardam o reino futuro de Deus. Daniel encorajou seus leitores a permanecerem fiéis a Deus numa sociedade hostil enquanto esperavam pelo reino prometido de Deus”.¹⁸

O propósito do livro é: “Demonstrar que Deus está soberanamente no controle das nações sobre as quais Israel está sendo disciplinada até que chegue o momento de Deus inaugurar o reino Messiânico, e que Israel será plenamente restaurada e abençoada nesse reino após ter passado pelas tribulações e sofrimentos impostos pelo anticristo”.¹⁹

TEOLOGIA

Teologicamente falando, o livro enfatiza a soberania de Deus.

“A soberania e transcendência absolutas de Deus acima dos anjos e homens literalmente permeia o livro”.²⁰

“O tema que permeia o livro todo é que a sorte dos reis e as questões dos homens estão sujeitos aos decretos de Deus, e que Ele é capaz de realizar a Sua vontade a despeito da oposição mais determinada dos potentados mais poderosos da terra”.²¹

“A despeito do colapso e da queda tanto de Israel e de Judá, o livro de Daniel deixa claro que o Senhor Deus permanece completamente soberano sobre os assuntos humanos. Isto é evidente hoje no presente, a despeito das condições políticas e religiosas que possam sugerir algo diferente, e no futuro, quando ninguém terá dúvidas”.²²

Merrill enfatizou três aspectos da soberania de Deus revelados por Daniel: Sua soberania sobre todas as coisas, Sua soberania sobre o homem (caído) e a restauração do domínio universal de Deus.²³

Os milagres poderosos registrados nos capítulos 1-6 demonstram a soberania de Deus operando em favor do Seu povo. As profecias nos capítulos 7-12 demonstram a Sua soberania sobre as nações gentílicas e sobre Israel revelando o que Ele fará com elas num futuro distante. O nome de Daniel significa “Deus é meu juiz” ou “Deus está julgando” ou “Deus julgará”, e isso foi o peso da sua mensagem: O juízo de Deus. Especialmente o período de tempo que Jesus Cristo mencionou como sendo “os tempos dos gentios” (Lc 21.24) é o foco dessa revelação.

“Os tempos dos gentios é aquele período de tempo estendido no qual a terra dada em

¹⁸ Charles H. Dyer, em *The Old Testament Explorer*, pág. 701.

¹⁹ Tanner, pág. 35.

²⁰ John C. Whitcomb, *Daniel*, pág. 17.

²¹ Archer, “Daniel”, pág. 8.

²² Eugene H. Merrill, “A Theology of Ezekiel and Daniel”, em *A Biblical Theology of the Old Testament*, pág. 388.

²³ *Ibid.*, págs. 388-395.

aliança por Deus a Abraão e seus descendentes encontra-se ocupada por poderes gentílicos e o trono de Davi encontra-se sem qualquer herdeiro legal na linhagem de Davi. Os tempos dos gentios, começando com a invasão de Nabucodonosor a Jerusalém, em 605 a.C., continuarão até o retorno do Messias. Então, Cristo subjugará nações, livrará a terra de Israel de seus ocupantes gentílicos e colocará a nação de Israel em suas bênçãos da aliança no reino milenar”.²⁴

Em segundo lugar, as profecias de Daniel também revelam o cumprimento do grande plano redentor de Deus que começou na queda e culminará no retorno do Filho do Homem na terra. Certo escritor declarou o tema do livro da seguinte maneira: “Só Deus é verdadeiramente soberano e Ele estabelecerá Seu reino eterno”.²⁵

Uma terceira ênfase teológica encontra-se no poder da oração. Deus trabalhando em resposta às orações do Seu povo é algo evidente em qualquer lugar desse livro, particularmente nos seis primeiros capítulos e também nos capítulos 9 e 10.

Outro tema teológico é a graça indomável de Deus. Muito embora os judeus tenham falhado grandemente com Deus, Ele revelou que não abandonaria o Seu povo Israel. No presente, Deus estava disciplinando o Seu povo, mas Ele tem um futuro para Israel como nação (cf. Rm 11.25-27, 29). Além disso, Deus também cumprirá Suas promessas aos patriarcas com relação às bênçãos gentílicas.

“O tema primário do livro de Daniel é a revelação do futuro de Israel em relação aos reinos gentílicos (agora que a nação havia ido para o exílio na Babilônia), e a exaltação de Deus fazendo de Daniel um canal através do qual Ele revela Sua vontade”.²⁶

GÊNERO

Daniel é um livro de narrativa histórica. A narrativa histórica é seu gênero primário (tipo literário). Os primeiros seis capítulos contêm narrativas (histórias) da vida de Daniel e de seus três amigos hebreus. Os últimos seis capítulos são narrativas em tipologia, muito embora contenham várias profecias dadas por Deus a Daniel. Uma vez que grande parte do livro contém profecias, esse também é um de seus gêneros primários.

Ainda há alguma discussão se capítulos históricos são proféticos, bem como capítulos que registram as revelações que Deus deu a Daniel acerca do futuro. Creio que os seis primeiros capítulos são proféticos, uma vez que esses eventos anunciam eventos por vir, que seus capítulos posteriores articulam de modo mais específico.

Os israelitas enxergavam a história, bem como as visões e oráculos (pronunciamentos divinos) proféticos, como revelatórios. Podemos enxergar isto no fato de que eles chamavam os livros de história de Israel na Terra Prometida na Bíblia hebraica de “Antigos Profetas” (i.e., Josué, Juízes, Samuel e Reis). Eles

²⁴ Pentecost, pág. 1329.

²⁵ Les P. Bruce, “Discourse Theme and the Narratives of Daniel”, *Bibliotheca Sacra* 160:638 (Abril-Junho 2003): 175.

²⁶ Tanner, pág. 113.

consideravam o lidar de Deus com eles na história como tão revelatórios acerca dEle e dos Seus caminhos, quanto Suas mensagens a eles através dos profetas. Portanto, creio que Deus tencionou que víssemos prévias do que Daniel profetizou no que ele experimentou, o que corresponde às principais lições.

“Dentre os grandes livros proféticos das Escrituras, nenhum fornece uma visão profética do amplo movimento da história de maneira mais compreensiva e cronológica do que o livro de Daniel. Dos três programas proféticos revelados nas Escrituras, esboçando o curso das nações, de Israel e da Igreja, apenas Daniel revela os detalhes do plano de Deus tanto para as nações quanto para Israel. Embora outros profetas como Jeremias tivessem muito a dizer para as nações e para Israel, Daniel ajunta e inter-relaciona esses grandes temas da profecia como nenhuma outra porção das Escrituras faz. Por este motivo, Daniel é essencial para a estrutura da profecia e é chave para a revelação profética completa do Antigo Testamento. Portanto, estudar esse livro não é apenas importante no sentido de determinar a revelação de um dos grandes livros do Antigo Testamento, mas consiste numa investigação preliminar indispensável para qualquer sistema escatológico completo”.²⁷

“No NT, a profecia de Daniel é mais mencionada do que qualquer outro livro do AT. Além disso, o livro de Daniel contém mais profecias cumpridas do que qualquer outro livro na Bíblia”.²⁸

“Em muitos aspectos, o livro de Daniel é a revelação profética mais compreensiva do Antigo Testamento, fornecendo não apenas uma visão total da história mundial desde a Babilônia até a segunda vinda de Cristo e inter-relacionando história e profecia gentílica com o que está relacionado com Israel. Daniel fornece a chave para a interpretação geral de profecia, é o elemento principal do premilenarismo e é essencial para a interpretação do livro de Apocalipse. Sua revelação a respeito da soberania e do poder de Deus trouxe segurança para judeus e gentios de que Deus cumprirá Seus propósitos soberanos no tempo e na eternidade”.²⁹

Daniel é também um dos três livros do Antigo Testamento que é apocalíptico. As seções apocalípticas são os capítulos 2, 7, 8, e 10-12. Os outros dois livros são Ezequiel (37.1-14; 40.1-48.35) e Zacarias (1.7-6.8). Alguns escritores consideraram apenas Daniel e Apocalipse como completamente apocalípticos.³⁰ No Novo Testamento, Apocalipse é o único livro apocalíptico. Livros apocalípticos extrabíblicos pseudoepígrafos são 1 Enoque, 2 Esdras e 2 Baruque. A literatura apocalíptica é um gênero particular. Ela prediz ou descreve o fim do mundo em linguagem catastrófica.

“A literatura apocalíptica é uma literatura profética visionária simbólica, composta durante condições de opressão, consistindo de visões cujos eventos são registrados

²⁷ Walwoord, pág. 7.

²⁸ Archer, “Daniel”, pág. 3.

²⁹ Walwoord, pág. 27. O premilenarismo é a interpretação das Escrituras que enxerga a segunda vinda de Jesus Cristo à terra como o início do Seu reino de 1.000 anos na terra.

³⁰ P. ex.: Culver, pág. 772.; Young, pág. 22.

exatamente como foram vistos pelo autor e explicados por meio de um intérprete divino, e cujo conteúdo teológico é primariamente escatológico [final dos tempos]”.³¹

“Enquanto na literatura profética, o reino profético de Deus surge na história através de um filho de Davi, na literatura apocalíptica, ele vem a partir da entrada apocalíptica e transcendente vinda do céu. Enquanto os profetas esperavam por um filho de Davi que reinasse sobre Israel no reino escatológico, os pensadores apocalípticos olhavam por um Filho do Homem que viesse nas nuvens para inaugurar o reino escatológico. Jesus Se identificou tanto como o filho de Davi quanto como o Filho do Homem, especialmente este segundo”.³²

“O livro de Daniel é, sem sombra de dúvidas, um livro-chave para toda a profecia bíblica. Trata-se do grande livro apocalíptico do Antigo Testamento, ao passo que Apocalipse é o mesmo em relação ao Novo Testamento. Passagens como Mateus 24-25, Marcos 13, Lucas 21 e o livro de Apocalipse são incompreensíveis sem um conhecimento do livro de Daniel”.³³

“Ninguém que estudou com reverência o livro de Daniel no contexto completo das Escrituras é capaz de negar a contribuição crucial desse livro para a completa revelação profética. Nosso Senhor falou com frequência acerca do ‘reino dos céus’ (Mt 5.3; Dn 2.44) e acerca dEle mesmo como ‘o filho do homem’ (Mt 26.64; Dn 7.13-14). Olhando futuramente para a Sua segunda vinda à terra, Ele mencionou uma ‘grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais’ (Mt 24.21; cf. Dn 12.1), e para ‘o abominável da desolação’ que se colocará no Templo (Mt 24.15; Dn 9.27; 12.11). O apóstolo Paulo também mencionou ‘o homem da iniquidade’ (2 Ts 2.3-4; cf. Dn 7.25; 11.36-39) mas regozijou-se pois um dia ‘os santos hão de julgar o mundo’ (1 Co 6.2; Dn 7.18, 22, 27)”.³⁴

ESBOÇO

Este esboço reflete as divisões linguísticas do livro, capítulos 1 e 8-12 tendo sido escritos em hebraico e os capítulos 2-7 em aramaico.

- I. O caráter de Daniel cap. 1
 - A. Contexto histórico 1.1-2
 - B. O programa de treinamento de Nabucodonosor para jovens promissores 1.3-7
 - C. A decisão de Daniel de agradar a Yahweh 1.8-13
 - D. O sucesso do teste 1.14-16
 - E. A bênção de Deus para Daniel e seus amigos 1.17-21

³¹ Ralph H. Alexander, “Hermeneutics of Old Testament Apocalyptic Literature” (Dissertação de Th.D. Dallas Theological Seminary, 1968), pág. 1.

³² Bruce K. Waltke, *An Old Testament Theology*, págs. 158-159. Veja também as discussões acerca do apocalíptico em idem, pág. 550.; e Longmand e Dillard, págs. 386-389.

³³ Charles L. Feinberg, *Daniel: O Reino do Senhor*, pág. 13.

³⁴ Whitcomb, pág. 16.

- II. Os tempos dos gentios: o programa de Deus para o mundo caps. 2-7
 - A. O primeiro sonho de Nabucodonosor: a grande imagem cap. 2
 - 1. O sonho do rei 2.1-3
 - 2. O fracasso dos sábios do rei 2.4-13
 - 3. O pedido de Daniel por tempo 2.14-16
 - 4. O recebimento da revelação por Daniel e suas ações de graças 2.17-23
 - 5. A aparição de Daniel perante Nabucodonosor 2.24-30
 - 6. O que Nabucodonosor viu em seu sonho 2.31-35
 - 7. A interpretação do sonho de Nabucodonosor 2.36-45
 - 8. As consequências da interpretação de Daniel 2.46-49

 - B. A estátua de ouro de Nabucodonosor cap. 3
 - 1. A adoração da estátua de Nabucodonosor 3.1-7
 - 2. A acusação contra Sadraque, Mesaque e Abede-Nego 3.8-12
 - 3. A resposta de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego 3.13-18
 - 4. A execução da ordem do rei 3.19-23
 - 5. O livramento vindo de Deus para os Seus servos 3.24-27
 - 6. As consequências do livramento vindo de Deus 3.28-30

 - C. O orgulho e a humilhação de Nabucodonosor cap. 4
 - 1. A doxologia introdutória de Nabucodonosor 4.1-3
 - 2. A frustração do rei a respeito do seu segundo sonho 4.4-9
 - 3. O relato de Nabucodonosor acerca do seu sonho 4.10-18
 - 4. A interpretação de Daniel 4.19-27
 - 5. O cumprimento da disciplina ameaçada 4.28-33
 - 6. A restauração de Nabucodonosor 4.34-37

 - D. O banquete de Belsazar cap. 5
 - 1. Belsazar desonra a Yahweh 5.1-4
 - 2. A revelação de Deus a Belsazar 5.5-9
 - 3. O conselho da rainha 5.10-12
 - 4. O pedido de Belsazar a Daniel 5.13-16
 - 5. Daniel repreende a Belsazar 5.17-24
 - 6. Daniel interpreta a inscrição 5.25-28
 - 7. A ascensão de Daniel e a queda de Belsazar 5.29-31

 - E. O orgulho de Dario e a preservação de Daniel cap. 6
 - 1. A promoção de Daniel no governo persa 6.1-3
 - 2. A conspiração contra Daniel 6.4-9
 - 3. A fidelidade de Daniel e o dilema de Dario 6.10-15
 - 4. Daniel na cova dos leões 6.16-18
 - 5. O livramento de Daniel e a destruição de seus inimigos 6.19-24
 - 6. O decreto de Dario e o louvor a Yahweh 6.25-28

- F. A visão de Daniel acerca da futura história mundial cap. 7
 - 1. Os quatro animais 7.1-8
 - 2. O Ancião de Dias e a destruição do quarto animal 7.9-12
 - 3. O reino do Filho do Homem 7.13-14
 - 4. A interpretação acerca dos quatro animais 7.15-18
 - 5. O pedido de Daniel pela interpretação do quarto animal 7.19-22
 - 6. A interpretação do quarto animal 7.23-25
 - 7. O fim do quarto animal e o início do reino eterno 7.26-28

- III. Israel em relação aos gentios: o programa de Deus para Israel caps. 8-12
 - A. A visão de Daniel do carneiro e do bode cap. 8
 - 1. O contexto da visão 8.1
 - 2. O carneiro 8.2-4
 - 3. O bode 8.5-8
 - 4. O pequeno chifre do bode 8.9-14
 - 5. A interpretação dessa visão 8.15-26
 - 6. O resultado dessa visão 8.27

 - B. A visão de Daniel das 70 semanas cap. 9
 - 1. A profecia de Jeremias acerca da restauração de Jerusalém e a reação de Daniel 9-1.3
 - 2. A oração de confissão de Daniel 9.4-14
 - 3. O pedido de restauração de Daniel 9.15-19
 - 4. A resposta de Deus à oração de Daniel 9.20-23
 - 5. A revelação do futuro de Israel nas 70 semanas 9.24-27

 - C. A visão mais detalhada de Daniel acerca do futuro caps. 10-12
 - 1. A preparação de Daniel para receber a visão 10.1-11.1
 - 2. O futuro próximo 11.2-35
 - 3. O futuro distante 11.36-12.4
 - 4. O fim das provações de Israel 12.5-13

Muitos estudiosos do livro o dividem simplesmente em duas partes.

- I. A história de Daniel caps. 1-6
- II. As profecias de Daniel caps. 7-12³⁵

MENSAGEM

O livro de Daniel contém várias ênfases singulares e importantes. Vou apontar alguns dessas ênfases primeiro, antes de organizá-las numa explicação do que Deus nos deu para ser revelado nesse livro.

Teologicamente, Daniel enfatiza a soberania de Deus. Da maneira específica, o livro mostra que Deus é

³⁵ Para uma boa discussão acerca da estrutura literária de Daniel, veja Tanner, págs. 22-35.

sábio o suficiente e poderoso o suficiente para criar e controlar a história. No Oriente Próximo antigo, as pessoas tipicamente creditavam grande sabedoria a alguns dos seus deuses e grande poder a outros, mas normalmente não para os mesmos deuses.

Filosoficamente, Daniel revela o curso e a culminação do bem e do mal ao longo da história humana.

Hermeneuticamente, observamos que Deus ensina o Seu povo acerca do que acontecerá no futuro lhes ajudando a apreciar o que aconteceu no passado. Em outras palavras, aprendemos a compreender o futuro estudando o passado. O futuro se baseia no passado e é uma extensão do mesmo. O cumprimento literal de algumas das profecias de Daniel nos encorajam a interpretar as profecias ainda não cumpridas de maneira literal.

Pedagogicamente, observamos que Deus nos ensina partindo do simples e indo para o complexo, do conhecido para o desconhecido. Isto se aplica quando olhamos para a história passada, e se aplica à medida que olhamos para frente na profecia. Por exemplo: Deus deu a Daniel visões simples primeiro, e então visões mais complexas que se basearam as primeiras. A primeira visão de Daniel é a mais simples de interpretar, e a última a mais difícil.

Temporalmente, o livro vai do que aconteceu no passado para o que acontecerá no futuro. Conforme observado, alguns estudiosos do livro o dividem em duas partes: história (caps. 1-6), e profecia (caps. 7-12). Isto ilustra geralmente como o conteúdo desse livro vai de eventos passados para eventos futuros.

Antropologicamente, Daniel lida com dois grupos de pessoas que ocupam o planeta terra naquele momento: Israel e os gentios.

Cronologicamente, a revelação em Daniel avança do presente, para o futuro próximo, para o futuro distante, a partir da perspectiva de Daniel. Até mesmo estudiosos liberais do livro admitem isto. A partir da perspectiva de Daniel da história, parte do que Deus revelou a ele diz respeito ao que era passado e outra parte do futuro. Da nossa perspectiva, é possível enxergarmos que aquilo que Deus revelou não era apenas passado e futuro para ele – mas passado, futuro próximo e futuro distante.

Com este contexto, nos voltamos para as principais revelações no livro de Daniel. Os contrastes são observáveis; eles nos ajudam a enxergar claramente o que temos aqui. As principais revelações são interpretativas; eles nos ajudam a compreender claramente o que temos aqui. Quero agora sugerir o que é significativo acerca do que observamos. Temos, essencialmente, duas revelações principais.

A primeira delas é que Yahweh é soberano na história. Por história, estou falando do passado. No livro de Daniel, Deus provou ser o governante último do mundo pela maneira como as coisas aconteceram no passado. Metade do livro lida com história; a outra metade, falando de maneira genérica, lida com profecia.

Deus revelou evidências nesse livro que provam que Ele é soberano sobre a história: de que Ele dirigiu a história exatamente como quis que acontecesse. Encontramos evidências disto particularmente no registro dos três governantes nos capítulos 1-6.

A evidência principal encontra-se no registro do rei Nabucodonosor.

No capítulo 1, lemos “E o Senhor (Adonai, Mestre, Soberano) entregou Jeoaquim, rei de Judá, nas suas [de Nabucodonosor] mãos” (1.2, NVI). Todos os eventos do capítulo 1, começando com a insignificância de Daniel em Judá e sua rápida ascensão à grande importância na Babilônia, demonstra a soberania de Deus no passado.

No capítulo 2, temos a visão da imagem de Nabucodonosor que é destruída por uma pedra lançada dos céus. Essa revelação ensina que todos os reinos da terra estão sujeitos ao reino dos céus. O próprio testemunho de Daniel acerca da soberania de Deus, em 2.20-22, expressa o ponto principal do sonho do rei, que o rei mais poderoso do mundo antigo recebeu de Deus.

No capítulo 3, vemos como Deus cuida daqueles que reconhecem Sua soberania, a saber, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego.

No capítulo 4, vemos como Deus lida com aqueles que não reconhecem a Sua soberania, a saber, Nabucodonosor. Aprender Quem é a autoridade final e responder apropriadamente a Deus é algo extremamente importante para todo ser humano.

Belsazar foi o segundo rei através de quem Deus revelou Sua soberania (cap. 5). Belsazar era incapaz de ler a inscrição na parede, mas Daniel conseguia. O Deus do céu avaliou o rei na terra, o encontrou deficiente, e decidiu substituí-lo. Que tremenda demonstração da soberania de Yahweh neste capítulo!

O terceiro rei foi Dario (cap. 6). Quando Dario visitou a cova dos leões de manhã, ele fez a pergunta que todos perguntaram. Os judeus nos dias de Daniel, a quem os inimigos gentios haviam expulsado da terra prometida e dada por Yahweh, estavam fazendo esta pergunta. Dario disse: “Dar-se-ia o caso que o teu Deus, a quem tu continuamente serves, tenha podido livrar-te dos leões?” (6.20). O leão é o símbolo da Babilônia (7.4), embora aqui Dario estivesse falando de leões literais. A resposta de Daniel testemunhou a respeito da soberania de Yahweh: “O meu Deus... fechou a boca aos leões, para que não me fizessem dano” (6.22).

Esta é a evidência histórica da soberania de Yahweh que forneceu sustentação para a confiança do profeta, e para o leitor, em acreditar que Ele é soberano sobre o futuro também.

Como é que Daniel e seus três amigos foram capazes de perceber o fato de que Deus é soberano, quando a maioria das pessoas não conseguiu? Há três elementos-chave para a percepção espiritual identificadas por esse livro para a nossa apreciação: Primeiro, eles se separaram para Deus e para a Sua vontade. Daniel fez isso no capítulo 1, e lemos que seus três amigos fizeram o mesmo no capítulo 3. Em segundo lugar, em resposta à escolha deles de se separarem para fazerem a vontade dEle, Deus deu a eles a capacidade de compreender a Sua vontade (1.20; 3.17-18). Por fim, o resultado da escolha deles e da provisão de Deus foi a glorificação pública de Deus (3.28-29; 4.34-35; 6.25-27).

Observe também como Deus comunicou o fato da Sua soberania a Daniel, e através dele aos outros.

Observe os dois métodos divinos:

Primeiro, os contemporâneos de Daniel viram a sabedoria de Deus, manifesta através de Seus servos, na capacidade deles de interpretar sonhos e visões que ninguém mais era capaz de interpretar (1.20; 2.10; 5.11-12). Os judeus que retornaram à terra para restabelecer sua vida ali, após o cativeiro babilônico, precisavam dessa sabedoria, e a provisão de Deus a Daniel e aos seus amigos teria sido encorajadora para eles. Vemos a sabedoria de Deus manifestada primeiramente em Sua Palavra, em vez de se manifestar em sonhos.

Segundo, os contemporâneos de Daniel viram o poder de Deus, manifestado através de Seus próprios servos, em Seu cuidado para com eles (1.15, 21; 2.48-49; 3.24-26, 30; 5.29; 6.28). Os inúmeros exemplos nos quais Deus protegeu os Seus, que se comprometeram a segui-Lo fielmente, teriam encorajado particularmente os contemporâneos de Daniel. Eles também nos encorajam. Deus nos protegeu para a eternidade, mas não necessariamente para uma vida longa antes de morreremos.

Uma segunda revelação principal no livro de Daniel diz respeito à soberania de Deus quanto ao futuro. Deus nos mostrou ser soberano sobre o passado na história, e agora Ele nos pede que confiemos que Ele é soberano sobre o futuro na profecia. Os principais assuntos proféticos nesse livro são:

O primeiro assunto principal de profecia em Daniel diz respeito à humanidade em geral. Deus nos disse como Ele direcionaria as questões dos poderes mundiais gentílicos no futuro. Ele nos disse isso comparando nações a partes de uma estátua na forma de um homem, e a vários animais. Aquilo que Ele mostrou a Daniel a respeito dos poderes mundiais gentílicos na estátua de um homem (cap. 2) revelou primariamente suas manifestações externas: sua glória e poder relativos. Aquilo que Ele mostrou a Daniel na figura dos animais selvagens (caps. 7 e 8) revelam primariamente o seu caráter: a arrogância, a brutalidade, a agressividade e a vileza deles. Observe que eles eram todos ou animais selvagens ou aves de rapina.

O segundo assunto principal de profecia em Daniel diz respeito aos israelitas. Israel é um elemento particular dentro da humanidade. Deus também nos disse como Ele guiaria as questões do Seu povo escolhido no futuro. Essencialmente, Ele fará isso em duas etapas, ambas futuras da perspectiva de Daniel a respeito da história, mas apenas uma ainda futura da nossa perspectiva. A primeira etapa, ou futuro próximo, envolveria as questões de Israel culminando numa grande perseguição sob um governante grego: Antíoco Epifânio (9.23-26; 11.2-35). Essa perseguição aconteceu no segundo século a.C. A segunda etapa, ou futuro distante, envolveria as questões de Israel culminando numa perseguição ainda maior sob um tipo de governante romano: o anticristo (9.27; 11.36-45). Isso aconteceria no futuro distante.

Daniel lutou para compreender essa revelação, pois ambos os antagonistas de Israel estavam no futuro, a partir de sua perspectiva. Deus não especificou que seriam indivíduos separados. Podemos compreender essa revelação mais facilmente do que Daniel podia, pois, um dos antagonistas apareceu, e o outro ainda não. Semelhantemente, os profetas do Antigo Testamento lutavam para compreender a revelação de Deus acerca dos dois adventos de Cristo (Is 61.1-2). Da nossa perspectiva, nós agora compreendemos que Ele sempre predisse dois adventos do Messias, e que vivemos hoje entre os dois.

O terceiro assunto principal de profecia em Daniel diz respeito ao próprio Deus. No livro de Daniel é o controle soberano de Deus sobre o tempo e o espaço que são enfatizados. Entretanto, duas sub-revelações nos ajudam a apreciar a soberania de Yahweh, a saber, Sua sabedoria e Seu poder.

Soberania absoluta exige sabedoria perfeita e poder ilimitado. Conseguimos ver a sabedoria perfeita de Deus em Seu entendimento do curso da história e em Sua capacidade de compartilhar essa sabedoria (entendimento) com o Seu profeta. Conseguimos ver o poder ilimitado de Deus em Seu estabelecer e remover de reinos gentílicos, e no Seu delegar de grande poder mundial para o Seu profeta. Em contrapartida, soberanos nacionais (presidentes, reis etc.) não possuem nem sabedoria perfeita nem poder ilimitado.

Chegamos agora ao “e daí” do livro. Observamos inúmeras características importantes desse livro e chamamos a atenção para as principais revelações significativas. Observamos e interpretamos o livro como um todo, então agora precisamos aplicá-lo. Qual era o efeito que Deus tencionou que esse livro tivesse em seus leitores: os leitores originais judeus dos dias de Daniel, e para nós hoje? Quero sugerir três aplicações importantes:

Primeira, devemos aplicar a revelação de que Deus é soberano reconhecendo isso e nos submetendo a Ele. Precisamos crer que Deus é soberano – isto é, ter uma convicção inabalável de que Deus está no controle – para crer que Ele é o governante final de todas as questões da humanidade. O livro de Daniel pode fortalecer esta crença dentro de nós. Entretanto, não devemos apenas crer neste fato como algo verdadeiro. Precisamos também nos render a Deus, como fizeram Daniel e seus três amigos. Se Ele é soberano, então devemos nos submeter à Sua vontade. O Seu menor desejo deve ser, para nós, uma ordem. Devemos viver de acordo com a Sua vontade revelada.

Segunda, à medida que nos submetemos à soberania de Deus, somos capazes de compreender o que está acontecendo na história. Nesse livro, Deus revelou que Ele está dirigindo o curso do mal e o seu fim, que é a destruição. Ele também revelou que Ele dirige o curso do bem e seu fim, que consiste em vitória e glória.

Algumas pessoas dizem que os dias nos quais vivemos hoje são os mais maravilhosos que o mundo já viu. O mundo está melhorando cada vez mais e a utopia está muito próxima. Com algumas pequenas modificações, podemos concretizar uma ordem mundial que ultrapassará qualquer coisa do passado. Essa é a mensagem da filosofia evolucionária, tanto biológica quanto social.

Outros dizem que o mundo está piorando cada vez mais. Crime e violência estão em ascensão gigantesca. Estamos apenas a um botão de distância da extinção como raça. Há armas de destruição em massa suficientes nas mãos de diferentes grupos de pessoas hoje, que somos capazes de aniquilar uns aos outros. Qual ponto de vista é correto? As coisas estão melhorando ou piorando?

Daniel revela que ambos os pontos de vista são verdadeiros. Se ambos são verdadeiros, aparentemente estamos rumando para uma crise: um conflito final entre as forças do bem e do mal. Daniel revela que esta crise está se aproximando. Ele também nos diz qual será o resultado deste conflito. Deus intervirá na história para acabar com o mal e estabelecer o bem. A “pedra” do céu, o reino terreno messiânico de

Deus, destruirá a estátua humana, que representa o domínio mundial gentílico (2.45).

Terceira, como, então, devemos viver? Devemos viver como Daniel e seus três amigos viveram. Devemos nos separar para Deus e para a Sua vontade. Devemos receber inspiração para perseverar a partir do entendimento que Ele nos deu nessa revelação. E devemos adorar o Deus soberano do universo que, em Seu poder e sabedoria infinitos, ressuscitará os Seus para a vida eterna e lhes recompensará com a participação em Seu reino vindouro (12.2-3, 13). Uma pessoa definiu adoração como uma resposta pessoal positiva à revelação divina. O estudo do livro de Daniel deve nos conduzir à adoração a Deus.³⁶

³⁶ Adaptado de G. Campbell Morgan, *Living Messages of the Books of the Bible*, 1:2:145-162.

EXPOSIÇÃO

I. O CARÁTER DE DANIEL CAP. 1

O capítulo 1 fornece uma introdução para o livro. Ele relata eventos iniciais nas vidas de Daniel e de três contemporâneos hebreus, mas a ênfase recai nas decisões de Daniel. Essas decisões formam a base para o seu caráter, e o seu caráter e capacidades são responsáveis pela incomum longa e bem-sucedida carreira que Daniel desfrutou no serviço de vários monarcas. Seu caráter piedoso também fornece algo chave na escolha de Deus para ele receber e transmitir as revelações notáveis do futuro que esse livro contém. A escolha de Deus por Daniel foi soberana, mas as escolhas de Daniel lhe qualificaram para servir conforme tencionado por Deus (cf. 1 Tm 1.12).

“O primeiro capítulo... é introdutório. Ele estabelece a condição moral adequada para a iluminação nos caminhos e conselhos de Deus... Se quisermos compreender a mente de Deus ao estudar esse livro, precisamos lembrar que ela consiste de revelações, livramentos e visões dadas a um homem espiritualmente focado que se separou da iniquidade dos seus dias; e se quisermos entender o livro, também precisamos estar espiritualmente focados, e devemos nos separar daquilo que não é santo, tudo que atrapalha nosso progresso nas coisas divinas”.³⁷

Com relação à estrutura, o capítulo é um quiasmo, com os primeiros 14 versículos apresentando uma tensão, e os últimos sete fornecendo a resolução.³⁸

- A A Babilônia assume a supremacia sobre Israel vv. 1-2
- B Jovens são levados e sujeitos ao programa pagão vv. 3-7
- C Daniel procura permanecer fiel ao seu Deus vv. 8-14
- C' Daniel permanece fiel ao seu Deus vv. 15-16
- B' Jovens triunfam em seu treinamento pagão vv. 17-20
- A' Daniel se prova superior aos babilônicos v. 21

A. CONTEXTO HISTÓRICO 1.1-2

- 1.1 O livro começa com uma sinopse da primeira deportação de judeus para a Babilônia em 605 a.C. (cf. 2 Rs 24.1-2; 2 Cr 36.6).³⁹ Daniel e seus três amigos faziam parte da nobreza e das famílias reais levadas cativas de Jerusalém. Não sabemos mais nada a respeito do contexto familiar de Daniel. Aparentemente, ele viveu separado de sua família na Babilônia (cf. vv. 11-13). É possível que os babilônicos tenham assassinado seus pais, mas isto é apenas uma especulação.

A data da deportação por Nabucodonosor (605 a.C.), conforme registrada por Daniel, aconteceu no terceiro ano do reinado de Jeoaquim (v. 1; Cf 2 Rs 24.1; 2 Cr 36.6).

³⁷ H. A. Ironside, *Lectures on Daniel the Prophet*, págs. 10, 11. Divisão de parágrafo omitida.

³⁸ Veja John E. Goldingay, *Daniel*, págs. 8-12. Um quiasmo é um recurso literário no qual o escritor apresenta o material num padrão cruzado, conforme visto nesse diagrama, usado normalmente para enfatizar o elemento central ou os elementos centrais, bem como para fornecer ao material um sentido de unidade.

³⁹ D. J. Wiseman, *The Chronicles of the Chaldean King*, as páginas 25, 46-47 e 66-69 validam essa data.

Entretanto, Jeremias escreveu que o primeiro ano do reinado de Nabucodonosor (605 a.C.) foi o quarto ano do reinado de Jeoaquim (Jr 25.1; cf. 46.2). Muitos críticos de Daniel se aproveitaram desta aparente contradição para tentar descredibilizar essa profecia.⁴⁰

Os estudiosos tem proposto inúmeras soluções para este problema.⁴¹ No meu ponto de vista, a melhor delas é que Daniel escreveu da perspectiva babilônica enquanto Jeremias escreveu da perspectiva judaica.⁴² Teria sido natural para Daniel assim proceder pois ele viveu praticamente toda a sua vida na Babilônia. Os babilônicos consideravam o primeiro ano do reinado de seus reis como o ano de ascensão, o ano em que eles se tornavam reis. Aquele “ano” por vezes durava apenas alguns poucos meses. O primeiro ano régio, o primeiro ano completo de reinado, começou com o primeiro dia do novo ano civil. Para os babilônicos, esse era o primeiro de Nisã. O mês de Nisã acontecia entre o final de março e o início de abril. Esse é o sistema de datação do ano de ascensão.⁴³

Jeremias escreveu a partir de uma perspectiva judaica. Durante os reinados de Jeoacaz e Oseias, os judeus também seguiam o sistema de datação do ano de ascensão. Entretanto, os judeus iniciavam seu ano civil no primeiro dia de Tishri, mês que acontecia entre o final de setembro e o início de outubro. Esta explicação harmoniza esta referência.⁴⁴ Outros estudiosos conservadores ofereceram outras formas de resolver esse problema que eles também consideram apenas uma contradição aparente.⁴⁵

“...ele [Jeremias], sem sombra de dúvidas, representa essa data [605 a.C.] como o início do exílio babilônico de setenta anos...”⁴⁶

- 1.2 Daniel escreveu que o Senhor (heb. *adonai*, o Deus soberano) foi responsável pelo domínio exercido por Nabucodonosor sobre Jeoaquim (cf. 2 Rs 24.1; 2 Cr 36.6). Ele considerava que Deus estava controlando soberanamente as questões passadas do Seu povo escolhido (cf. Ef 1.4). Conforme o livro progride, essa apreciação pela soberania de Deus continua à medida que Daniel descreve o lidar futuro de Deus com os judeus e com os gentios.

Daniel usou o nome Sinear para descrever a Babilônia (v. 2). Sinear é o nome bíblico para Babilônia que normalmente traz a conotação de um lugar hostil para com Deus e para com a fé em Deus (cf. Gn 10.10; 11.2; 14.1; Is 11.11; Zc 5.11). Levar os utensílios de um do templo do povo conquistado era uma maneira que os reis do Oriente Próximo

⁴⁰ P. ex.: J. A. Montgomery, *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel*, págs. 113-116.

⁴¹ Veja Longman e Dillard, págs. 376-377.

⁴² Tanner, pág. 128.

⁴³ Veja Jack Finegan, *Handbook of Biblical Chronology*, pág. 202.

⁴⁴ Archer, “Daniel”, págs. 31-32. Cf. Walwoord, págs. 30-31; Leon J. Wood. *The Prophets of Israel*, pág. 344.

⁴⁵ P. ex.: Leupold, págs. 47-56; E. R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, pág. 166; Culver, pág. 772; Pentecost, págs. 1328-1329.

⁴⁶ Keil, pág. 59.

antigo expressavam sua soberania vitoriosa sobre aquela nação, particularmente sobre os seus deuses (cf. 5.3-4). Sendo assim, Daniel inicia o seu livro lembrando seus leitores de que não foi apenas o rei de Israel quem sofreu uma derrota nas mãos de Nabucodonosor, mas também o Deus de Israel que experimentou humilhação. Daniel, então, continua para vindicar Yahweh com o que se segue no livro.

B. O PROGRAMA DE TREINAMENTO DE NABUCODONOSOR PARA JOVENS PROMISSORES 1.3-7

1.3-5 A política iluminada de Nabucodonosor era empregar as melhores mentes em seu reino no serviço do governo, independentemente de sua origem nacional ou étnica.

“Entre os persas, a educação de meninos pelos *paidagogoi basileioi* [pedagogos reais] começava, de acordo com Platão (*alcib.* i. 37), no décimo quarto ano, e de acordo com Xenofonte (*Cyrop.* i. 2), os *epeheboi* [adolescentes] chegavam ao seu décimo sétimo ano capazes de iniciar o serviço aos reis”.⁴⁷

Leon Wood calculou que Daniel e seus três amigos deveriam estar no meio de sua adolescência, uma vez que Daniel viveu até pelo menos 536 a.C.⁴⁸

“A ausência de defeitos e a beleza pessoal eram consideradas características de nobreza moral e intelectual...”.⁴⁹

Não sabemos quantos outros judeus e gentios eram colegas de classe de Daniel e de seus três amigos. Entretanto, eles foram, evidentemente, os únicos que expressaram um desejo de observar as leis da dieta judaica (Ex 34.15; Lv 11; Dt 14; cf. Dt 8.3; Pv 20.1).

“Ao escolher esses jovens para serem educados na corte real na Babilônia, Nabucodonosor estava atingindo uma série de objetivos. Os deportados poderiam servir muito bem como reféns para ajudar a manter a linhagem da família real do reino de Judá. A presença deles na corte do rei também seria um lembrete agradável ao rei da Babilônia de sua vitória e sucesso na batalha. Além disso, o treinamento e preparação cuidadosos desses jovens para serem seus servos seria muito proveitoso para Nabucodonosor mais tarde ao lidar com questões administrativas relacionadas aos judeus”.⁵⁰

Existem questionamentos em relação a Daniel e seu amigos terem sido castrados ou feitos eunucos, por conta de serem oficiais reais. Esta possibilidade parece improvável uma vez que não há evidência direta sobre isso no texto. Josefo parece indicar que eles podem ter sido feitos eunucos:

⁴⁷ Ibid., pág. 73. Platão e Xenofonte eram, obviamente, escritores gregos antigos.

⁴⁸ Leon J. Wood, *A Survey of Israel's History*, pág. 383, no. 23.

⁴⁹ Keil, págs. 73-74.

⁵⁰ Walwoord, pag. 34.

“Ele [Nabucodonosor] também fez de alguns deles [os mais nobres dos filhos judeus] eunucos; medida que ele também tomou com aqueles das outras nações a quem ele levou cativo na flor da idade, e forneceu uma dieta de sua própria mesa, e lhes instruiu nos conhecimentos do país, e ensinados no aprendizado dos Caldeus...”⁵¹

O termo hebraico *saris* (“oficial”, v. 3 NVI) também pode significar “oficial da corte” (cf. Gn 37.36, texto que descreve Potifar, que era casado) e “eunuco” (Is 56.3; cf. 2 Rs 20.18). Esses jovens eram pessoas sem defeito (v. 4). Caso Nabucodonosor quisesse jovens sem defeito, não parece razoável que ele mudasse e impusesse a eles um defeito (cf. Lv 21.17).⁵²

Josefo também escreveu que Daniel e seus três amigos “eram quatro da família de Zedequias”.⁵³ Isto pode ser uma informação precisa ou apenas uma tradição judaica, mas eles seguramente eram ou membros da família real ou filhos de nobres da Judéia (v. 3; cf. Is 39.6-7).

O programa de ensino pelo qual Daniel e seus três amigos passaram continha o estudo da literatura e da linguagem dos caldeus (v. 4). O termo “caldeus” possui um significado duplo no livro de Daniel. Em alguns lugares, incluindo aqui, ele se refere aos babilônicos do Sul, ou aos babilônicos em geral (cf. 3.8; 5.30; 9.1). Em outros lugares, o termo descreve uma classe de astrólogos ou sacerdotes que surgiram a partir dos caldeus étnicos (2.2, 4-5, 10; 4.7; 5.7, 11).⁵⁴

“Os sábios da Babilônia combinavam muitas das funções cumpridas pelos sábios, profetas e sacerdotes em Israel, embora eles devam ser distintos daqueles funcionários cúlticos que estavam mais preocupados com o templo e com os seus rituais. Eles eram guardiões das crenças tradicionais sagradas desenvolvidas e preservadas na Mesopotâmia ao longo dos séculos, cobrindo história natural, astronomia, matemática, medicina, mitos e crônicas. Muito desse aprendizado tinha um propósito prático, sendo projetado para ser aplicado na vida através de astrologia, oneirologia [o estudo dos sonhos], hepatoscopia [o estudo do fígado] e o estudo dos órgãos, rituais de purificação, sacrifício, encantamento, exorcismo e outros formas de adivinhação e mágica”.⁵⁵

Evidentemente, o material estudado por aqueles jovens foi a história e a literatura dessa

⁵¹ Flavio Josefo, *Antiquities of the Jews*, 10:10:1. Veja também Culver, pág. 773.

⁵² Veja *The New Bible Dictionary*, s.v. “Eunuch”, por R. J. A. Sheriffs, págs. 398-399.

⁵³ Josefo, 10:10:1.

⁵⁴ Cf. Keil, pág. 74.

⁵⁵ Goldingay, pág. 16.

parte antiga do mundo (cf. At 7.22). Isto abrangia o acádio antigo e as culturas sumérias antigas a partir das quais a Babilônia surgiu.

“Embora o aramaico tenha começado a substituir o acádio por volta de 600 a.C., os estudiosos babilônicos continuaram a estudar e até mesmo a escrever literatura em seu idioma clássico”.⁵⁶

Aprender a linguagem de um povo é uma das melhores maneiras de se absorver a cosmovisão desse povo. Consequentemente, Nabucodonosor procurava fazer com que esses jovens assimilassem uma cultura diferente tornando-os completamente babilônicos.

“Para poderem testemunhar acerca do seu Deus na corte babilônica, eles tinham de compreender as pressuposições culturais daqueles ao seu redor, assim como o cristão de hoje precisa compreender as religiões e culturas entre as quais vive, caso mundos considerados diferentes se encontrem”.⁵⁷

Entretanto, esta é uma tarefa perigosa pois ela pode levar a pessoa a pecar (cf. Dt 12.30; 1 Co 10.12; Cl 2.8).⁵⁸

“...Daniel não tinha defeito físico e era de aparência agradável. Mentalmente, ele era inteligente, versado e aprendia com rapidez. Socialmente, ele era equilibrado e capaz de viver na corte real sem criar problemas para si nem para os outros”.⁵⁹

Observe a semelhança de experiência e caráter entre Daniel, José e Moisés, ao longo deste capítulo.⁶⁰

1.6-7 O nome de Daniel provavelmente significava “Deus é meu Juiz”. Hananias significava “Yahweh demonstrou graça”, Misael significava “Quem é como Deus?” e Azarias significava “Yahweh ajudou”. Todos os novos nomes designados para esses jovens continham ou faziam referência aos vários deuses babilônicos: Bel, Aku e Nego (uma possível variação de “Nebo”). Beltessazar pode significar “Príncipe de Bel” ou possivelmente “Senhora Proteja o Rei”, fazendo referência à deusa Sarpanitu, a esposa de Marduque. Sadraque pode significar “Ordem de Aku” ou “Tenho Pouca Importância”. Mesaque pode significar “Quem é como Aku?” e Abede-Nego muito provavelmente significa “Servo de Nebo”.

⁵⁶ *The Nelson Study Bible*, pág. 1418.

⁵⁷ Baldwin, págs. 80-81.

⁵⁸ Veja Whitcomb, pág. 32.

⁵⁹ Donald K. Campbell, *Daniel: Decoder of Dreams*, pág. 9.

⁶⁰ Veja Joshua M Philpot, “Was Joseph a Type of Daniel? Typological Correspondence in Genesis 37-50 and Daniel 1-6”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 61:4 (Dezembro 2018): 681-696.

“Parece que o mundo sempre procura obscurecer as marcas distintas do cristão...”⁶¹

A prática da mudança de nomes era uma forma de expressar controle soberano sobre os outros. Esses novos nomes também encorajavam esses jovens a se considerarem como parte da cultura na qual estavam vivendo, em vez de parte da cultura de onde vieram (cf. Gn 41.45).

“Tal como Zorobabel e Mordecai, os quatro podem utilizar seu nome estrangeiro sem se preocupar com ele, quem sabe da mesma forma que Paulo comia carnes sacrificadas a ídolos – pois o ídolo não é nada”.⁶²

O fato de que os nomes daqueles jovens judeus continham alguma referência a Yahweh pode indicar que eles tinham pais piedosos. Quem sabe a criação que receberam desses pais piedosos seja um dos motivos pelos quais eles defenderam o seu Deus na Babilônia.

C. A DECISÃO DE DANIEL DE AGRADAR A YAHWEH 1.8-13

1.8 Evidentemente, Daniel tomou a iniciativa com sua decisão de não se contaminar, e seus três amigos seguiram seus passos (cf. vv. 12-16). Sua decisão não foi a de permanecer moralmente puro, mas de se manter cerimonialmente puro. A pureza cerimonial era algo que interessava apenas o judeu mais fiel. O judeu que tinha o cuidado de se manter cerimonialmente puro seria igualmente cuidadoso em preservar sua pureza moral e ética. Daniel quis agradar a Deus em todos os aspectos, não apenas nos aspectos morais mais importantes de sua vida (cf. 1 Co 10.1-4, 6, 14).

É provável que os alimentos e o vinho recusados por Daniel tivessem sido oferecidos aos deuses babilônicos (Marduque [ou Bel], Nebo, Istar e quem sabe outros), uma vez que vieram da mesa do rei (cf. Ex 34.15; 2 Rs 25.29; 1 Co 10.19-20, 28-29).⁶³ Ele pode ter sido também um alimento proibido na Lei Mosaica (Lv 11; Dt 14.3-21). Esses jovens homens enfrentaram uma situação comum a todo jovem cristão moderno: Eles poderiam fazer parte de uma turma e se submeter à pressão das pessoas para participar. Ou poderiam fazer aquilo que sabem que agradaria ao seu Deus considerando que isso poderia gerar perseguição e lhes custaria oportunidades de crescimento.

“A ordem do rei, de que os jovens deveriam ser alimentados com a comida e o vinho provenientes da mesa do rei, foi para Daniel e seus amigos um teste de sua fidelidade ao Senhor e à Sua Lei, assim como

⁶¹ Feinberg, pág. 19.

⁶² Goldingay, pág. 24.

⁶³ Keil, pág. 80.

ao que José estava sujeito no Egito, correspondendo às situações nas quais ele foi colocado, de sua fidelidade a Deus (Gn xxxix. 7s)".⁶⁴

"Foi dito com muita propriedade que fé não é crer a despeito da evidência – isto é superstição – mas obedecer a despeito das consequências".⁶⁵

"...a única maneira de avançarmos na verdade é mantendo uma boa consciência [cf. 1 Tm 1.19; 1 Pe 3.16; et al.]. Permita que uma coisa que você sabe ser contrária à Palavra de Deus passe batida, ou que seu temor não esteja alinhado com a vontade de Deus para você e você logo perceberá que seus olhos espirituais ficarão escurecidos, suas susceptibilidades espirituais amortecidas e você não fará qualquer progresso real, mas entrará num declínio constante. Mas onde existe fidelidade em separação daquilo que é contrário à mente de Deus; onde Sua Palavra tem a palavra final em todos os nossos caminhos, você perceberá que 'a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito'. A Palavra iluminará cada passo diante de você à medida que você dá outro passo já direcionado por Deus".⁶⁶

1.9-13 Daniel precisou estabelecer um bom relacionamento com os oficiais babilônicos diretamente superiores a ele, especialmente pelo encarregado (v. 11). Ele recebeu uma resposta favorável (hb. *hesed*, amor leal, e *rahamim*, compaixão) quando ele propôs um teste de dez dias. Mas foi Yahweh que moveu o coração do encarregado (cf. 1 Rs 8.50; Sl 106.46), outra indicação da soberania de Deus. Observe que Daniel não se rebelou contra as restrições que seus encarregados colocaram sobre ele. Pelo contrário, ele pediu respeitosamente permissão para se abster, e então, ao receber uma resposta encorajadora, ofereceu um curso de ação alternativamente positivo.

Daniel propôs uma dieta vegetariana. A ciência moderna tem demonstrado que omitir carne e vinho da dieta de alguém nem sempre resulta numa condição de saúde obviamente melhor. É possível que Daniel estivesse dependendo que Deus fizesse com que a sua aparência e a de seus amigos fossem melhores ao final desse período de teste – de maneira milagrosa. Outra possibilidade é que os jovens podem ter recebido alimentos tão ricos que era de se esperar que se eles se abstivessem eles teriam uma aparência melhor. A palavra hebraica traduzida por "legumes" (v. 12, *zero'im*) significa "coisas plantadas (a partir de sementes)", de forma que frutas, grãos e pães provavelmente faziam parte da dieta.⁶⁷

⁶⁴ Ibid.

⁶⁵ Warren W. Wiersbe, "Daniel", em *The Bible Exposition Commentary/Prophets*, pág. 254.

⁶⁶ Ironside, pág. 21.

⁶⁷ Leupold, pág. 70; Young, pág. 46; Montgomery, pág. 132.

D. O SUCESSO DO TESTE 1.14-16

Deus deu aos jovens aparências melhores (“mais robustos”, i.e., mais saudáveis, v. 15), quer por meios naturais ou sobrenaturais. O resultado do teste encorajou o encarregado deles a continuar lhes alimentando a partir dessa dieta de coisas que crescem do solo. Deus abençoou esses quatro jovens pois eles seguiram a Sua vontade, não porque comeram vegetais ao invés de carne. Não devemos utilizar esta passagem para defender uma superioridade intrínseca das dietas vegetarianas. A Bíblia não ordena o cristão a observar dietas vegetarianas (cf. Gn 9.3; 1 Tm 4.3-5).

“Até mesmo um pequeno ato de disciplina pessoal, feito por lealdade, coloca o servo de Deus na linha de Sua aprovação e bênção. Desta forma, as ações atestam a fé e o caráter é fortalecido para enfrentar situações ainda mais difíceis no futuro”.⁶⁸

E. A BENÇÃO DE DEUS PARA DANIEL E SEUS AMIGOS 1.17-21

1.17 Além do favor do seu encarregado, Daniel e seus três amigos receberam de Deus a capacidade de dominar as matérias estudadas, e sabedoria nesses assuntos (cf. Tg 1.5). Eles podem ter achado que Nabucodonosor havia desenvolvido o currículo para eles, mas foi Deus Quem realmente fez isso. Tal como Moisés e Paulo, Daniel tinha um excelente contexto educacional e uma mente singularmente brilhante (cf. At 7.22; Fp 3.4). Daniel também recebeu de Deus a capacidade sobrenatural de compreender sonhos e visões (v. 17).

Visões [revelação quando a pessoa se encontra acordada] e sonhos [revelação quando a pessoa se encontra dormindo] constituíam os meios primários que Deus usava para comunicar Suas revelações aos profetas no Antigo Testamento (Nm 12.6). A partir da perspectiva do escritor, Daniel se qualificou para a bênção de receber esse talento especial ao escolher permanecer fiel à vontade de Deus. Novamente, a similaridade entre Daniel e José é evidente.

“Fica muito claro... que Deus deu a esses quatro ‘filhos’ conhecimento bem como habilidade em toda erudição e sabedoria por causa da separação deles, em coração e vida, da perversidade contaminante ao seu redor... Os alunos dos dias modernos, até mesmo alunos cristãos, frequentemente são traídos no pensamento, que para a aquisição de ‘erudição e sabedoria’ humanas eles dependem de sua própria diligência e capacidade”.⁶⁹

“No hebraico, o uso de termos de sabedoria nesse versículo [v. 4] tem conotações ético-religiosas, pois sem um compromisso pleno com o Senhor e a obediência à Sua vontade é impossível ter sabedoria (Jó 28.28)”.⁷⁰

⁶⁸ Baldwin, pág. 84; Tanner, pág. 147.

⁶⁹ Edward Dennett, *Daniel the Prophet*, pág. 16.

⁷⁰ Baldwin, pág. 79.

1.18-20 Ao final do currículo de três anos, os quatro amigos fiéis fizeram um exame final que incluía uma prova oral com o próprio rei (cf. Pv 22.29). Eles passaram como melhores alunos da turma (cf. 1 Sm 2.30). Eles tinham por volta de 20 anos de idade nessa época.⁷¹ Nabucodonosor, então, lhes conferiu posições de responsabilidades governamentais significativas, para as quais eles estavam equipados por conta dos seus estudos. Nessas posições, eles se mostraram superiores a quaisquer outros oficiais. “Dez vezes mais doutos” (v. 20) parece ser uma expressão hiperbólica para dizer que eles eram muito melhores (cf. Gn 31.7, 41; Nm 14.22; Ne 4.12; Jó 19.3).⁷²

O fato do escritor ter chamado esses oficiais de “magos” (hb. *hartummim*, adivinhos astrológicos) e “encantadores” (hb. *assapim*) levantou dúvidas acerca da possibilidade dos quatro jovens hebreus praticarem ou não artes ocultas. Uma vez que eles recusaram alimentos não *kosher* por conta de convicções religiosas, é bastante provável que eles não tenham participado em adivinhações e magias, algo que a Lei Mosaica proibia expressamente (Dt 18.10-12). O que provavelmente devemos compreender dessa afirmação é que eles se saíram muito bem na questão de oferecer conselhos sábios ao rei.

Daniel também recebeu entendimento vindo do Senhor em relação ao futuro (“visões e sonhos”, v. 17), de forma que ele tinha um conhecimento melhor acerca do futuro do que os astrólogos caldeus. Os capítulos 2, 4, 5 e 7-12 validam essa afirmação. Não lemos nada ali acerca de adivinhação pagã mas de revelação profética direta, algumas delas em direta resposta à oração.⁷³ Daniel era capaz de escrever isso a respeito de si mesmo sem se vangloriar, pois ele creditou a Deus o recebimento das suas capacidades incomuns.

1.21 Daniel foi superior tanto quantitativamente quanto qualitativamente. Os reis a quem serviu reconheceram e continuaram a empregar seus talentos dados por Deus durante vários anos. O primeiro ano de Ciro como rei da Babilônia foi 538 a.C. Este foi o ano no qual Ciro (o Grande) emitiu seu decreto permitindo os judeus retornarem à sua terra.⁷⁴ O primeiro retorno aconteceu no ano seguinte, 537 a.C. Consequentemente, o ministério de Daniel como oficial do governo durou, aproximadamente, 65 anos. Daniel 10.1 esclarece que Daniel continuou recebendo revelações de Deus até mesmo depois do encerramento de sua carreira como oficial do governo.

“... ‘Daniel continuou até ao primeiro ano do rei Ciro’, significa apenas que ele viveu e atuou durante todo o período do exílio na Babilônia, sem referência ao fato de que seu trabalho continuou após o término

⁷¹ Veja Walvoord, pág. 41.

⁷² A hipérbole é uma afirmação ou declaração exagerada que não tem como alvo ser entendida literalmente.

⁷³ A adivinhação é a prática de buscar conhecimento do futuro ou do desconhecido a partir de meios sobrenaturais.

⁷⁴ Veja Jack Finegan, *Light from the Ancient Past*, págs. 230-233.

do exílio”.⁷⁵

Duas datas nos mostram o intervalo de tempo neste primeiro capítulo: o ano em que Daniel foi para a Babilônia como cativo (605 a.C.) e o ano que sua carreira como oficial do governo se encerrou (538 a.C.). O conteúdo deste capítulo concentra-se na carreira memorável de Daniel: Ele se propôs a permanecer fiel à vontade de Deus até mesmo numa questão relativamente pequena. Deus abençoou esse compromisso e deu a esse jovem que já era dotado e diligente talentos adicionais e oportunidades para servi-Lo. O capítulo é uma introdução ao restante do livro, que contém tais revelações surpreendentes que o leitor poderia questionar a validade, sem esta introdução ao próprio profeta.

“Daniel e seus três amigos se tornaram modelos de como os judeus deveriam permanecer fiéis a Deus enquanto sob domínio gentílico”.⁷⁶

II. OS TEMPOS DOS GENTIOS: O PROGRAMA DE DEUS PARA O MUNDO Caps. 2-7

Daniel escreveu 2.4b-7.28 em aramaico. Essa mudança literária fornece ao leitor uma ideia de que essa é uma parte distinta do livro. O conteúdo desta seção também a identifica como especial. A seção diz respeito à história futura dos gentios durante “os tempos dos gentios” (Lc 21.24). O aramaico era o idioma comum do mundo no qual Daniel viveu quando escreveu. Sendo assim, era natural que ele registrasse aquilo que diz respeito ao mundo como um todo no idioma dos gentios.

O escritor construiu esta seção do livro num formato quiástico.

- A Uma profecia de uma imagem acerca de quatro nações gentílicas e o fim delas cap. 2
- B A perseguição sobrenatural e o livramento dos amigos de Daniel cap. 3
- C A revelação de Deus ao rei gentio Nabucodonosor cap. 4
- C' A revelação de Deus ao rei gentio Belsazar cap. 5
- B' A perseguição sobrenatural e o livramento de Daniel cap. 6
- A' Uma profecia de animais acerca de quatro nações gentílicas e o fim delas cap. 7⁷⁷

“Os capítulos 2 e 7 explicam a sucessão de quatro impérios gentílicos que exerceriam controle sobre Jerusalém e os judeus até que o reino de Deus seja estabelecido. Os capítulos 3 e 6 advertiram os judeus a respeito da perseguição que enfrentariam durante esse período e lhes exortaram a que permanecessem fiéis a Deus. Os capítulos 4 e 5 encorajaram o remanescente judeu lembrando-o que viria um tempo em que governantes gentílicos reconheceriam que o Deus de Israel governa sobre as nações”.⁷⁸

A. O PRIMEIRO SONHO DE NABUCODONOSOR: A GRANDE IMAGEM CAP. 2

Este capítulo é importante pois ele registra a mais ampla extensão de história mundial dada por Deus a qualquer profeta. Trata-se de uma grande figura – um panorama da história ainda futura, da perspectiva de Daniel.

⁷⁵ Keil, pág. 83.

⁷⁶ Dyer, pág. 702.

⁷⁷ Veja também A. Lenglet, “La structure littéraire de Daniel 2-7”, *Biblica* 53 (1972):169-190.

⁷⁸ Dyer, pág. 704.

“O segundo capítulo de Daniel tem sido adequadamente chamado de ‘o alfabeto da profecia’. Aquele que deseja compreender as Escrituras proféticas precisa ir até esse capítulo para um esboço amplo do programa futuro de Deus para as nações, para Israel e para o reino glorioso do Messias. Esse esboço é a simples, porém compreensiva estrutura de uma multidão de eventos futuros. Nenhum documento político pode se comparar a ele e sua importância não pode ser exagerada”.⁷⁹

“Em nenhum outro lugar nas Escrituras, exceto em Daniel 7, temos um retrato mais compreensivo da história do mundo à medida que ele se estende desde os tempos de Daniel, 600 anos antes de Cristo, até a consumação na segunda vinda de Cristo. Outra informação interessante é que Daniel não recebeu apenas a ampla revelação do curso daquilo que Cristo chamou de “os tempos dos gentios” (Lc 21.24), como também a cronologia profética da história de Israel a partir da reconstrução de Jerusalém até a segunda vinda de Cristo. Estes dois focos principais de Daniel justificam a descrição geral do livro como esboço da história mundial com referência especial à nação de Israel”.⁸⁰

“Poucos capítulos da Bíblia são mais determinantes no estabelecimento tanto do princípio quanto do conteúdo da profecia do que este capítulo; e o seu estudo apropriado é crucial para qualquer sistema de interpretação profética”.⁸¹

“O Deus de Daniel é a figura central e não o cortesão”.⁸²

“Quando você muda do capítulo 1 para o capítulo 2, a atmosfera no palácio do rei muda radicalmente. O capítulo 1 se encerra com reconhecimento e segurança, mas o capítulo 2 nos apresenta rejeição e perigo”.⁸³

1. O SONHO DO REI 2.1-3

- 2.1 Daniel abriu essa nova seção do seu livro com outra referência cronológica (cf. 1.1; 2.1). Isto indica que seu interesse nesse livro se encontrava na progressão de eventos e nos relacionamentos entre eles. À medida que o livro se desenrola, a cronologia tem um papel importante no que Deus revelou, embora a cronologia nem sempre aconteça sem interrupções.

Os eventos relatados neste capítulo aconteceram no segundo ano do reinado de Nabucodonosor. De acordo com inúmeros estudiosos confiáveis, Nabucodonosor tornou-se rei oficialmente em 7 de setembro de 605 a.C. Em primeiro de Nisã, 604 a.C., na primavera seguinte, começou o seu primeiro ano oficial de reinado. Os meses entre estas datas dizem respeito ao seu ano de ascensão e foram creditados ao reinado de

⁷⁹ Feinberg, pág. 29.

⁸⁰ Walvoord, pág. 44. Cf. Culver, pág. 777.

⁸¹ Walvoord, pág. 45.

⁸² W.L. Humphreys, “A Life-style for Diaspora”, *Journal of Biblical Literature* 92 (1973):221.

⁸³ Wiersbe, pág. 257.

seu pai.

Sendo assim, o primeiro ano do seu reinado terminou em primeiro de Nisã do ano seguinte, 603 a.C. O segundo ano do seu reinado (v. 1) começou em 603 e terminou em 602 a.C.⁸⁴

Daniel chegou, provavelmente, durante o verão de 605 a.C. na Babilônia e iniciou sua educação de três anos (1.4-5) pouco tempo depois, quem sabe no outono. É possível que todo o currículo que aprendeu tenha levado menos de três anos completos; seus estudos podem ter terminado no outono de 602 a.C. Conseqüentemente, Daniel provavelmente já tinha concluído seus estudos e entrado no governo quando os eventos do capítulo 2 se desenrolaram, conforme o texto nos mostra.

O hebraico do versículo 1 diz que Nabucodonosor “sonhou sonhos” que lhe perturbaram. Evidentemente ele teve sonhos recorrentes ou similares que depois foram descritos como um sonho (v. 3). Esses sonhos lhe tiraram o sono, assim como aconteceu com o faraó (Gn 41) e com Assuero (Et 6). Todos estes governantes gentios sofreram insônia como parte do lidar de Deus com eles e com as pessoas que viviam sob a autoridade deles. Outro governante gentílico anterior que recebeu revelações de Deus foi Abimeleque (Gn 20.3). As pessoas antigas consideravam os sonhos como algo com significado e como vislumbres de eventos do porvir.⁸⁵

Porque Deus deu esse sonho a Nabucodonosor, em vez de dar a outro monarca qualquer? Isto evidentemente aconteceu pois foi Nabucodonosor quem encerrou a teocracia israelita – durante muitos anos – e iniciou “os tempos dos gentios” (Lc 21.24).

“O próprio poder mundial precisa aprender em seu representante máximo, que colocou um fim no reino de Deus [a teocracia israelita], qual seria o seu próprio destino final que, em uma virada de jogo, estaria sujeito para sempre ao reino de Deus”.⁸⁶

2.2-3

Nabucodonosor reuniu os seus sábios (v. 12) para interpretar o significado do que ele havia sonhado. Daniel identificou quatro grupos distintos deles aqui. O rei quis se certificar de que alguém seria capaz de ajudá-lo. Os magos (hb. *chartummim*), que eram sacerdotes babilônicos, evidentemente eram estudiosos capazes de ler, escrever e prever o futuro.⁸⁷ Os encantadores (*ashshaphim*) eram evidentemente capazes de se comunicar com o mundo espiritual.⁸⁸ Os feiticeiros (*mekhashshephim*) praticavam magia (magia negra), adivinhação e astrologia (o estudo dos corpos celestes).⁸⁹

⁸⁴ Wiseman, págs. 25-26; Thiele, págs. 159-160; Finegan, *Handbook of...*, pág. 38.

⁸⁵ Young, pág. 56.

⁸⁶ Auberlen, citado por Keil, pág. 85.

⁸⁷ Leupold, pág. 75.

⁸⁸ *Ibid.*, pág. 76.

⁸⁹ *Ibid.*, pág. 83. Veja também Merrill F. Unger, *Demons in the world Today*, págs. 75-96.

O nome “caldeus” (*kasdim*) refere-se aqui à casta sacerdotal que estudava o céu para determinar o futuro (astrólogos), embora este nome também seja referência ao povo que vivia na Mesopotâmia, particularmente na região sul da Mesopotâmia (cf. 1.4; Gn 11.28).⁹⁰ Os astrônomos caldeus eram notavelmente precisos.⁹¹ Os arqueólogos descobriram livros contendo cálculos astronômicos nas ruínas da antiga Mesopotâmia. Daniel preparou o leitor para o fracasso de todos os conselheiros do rei, a seguir, mostrando que havia diferentes grupos deles.

2. O fracasso dos sábios do rei 2.4-13

2.4 Os caldeus começaram a responder ao rei. Eles responderam em aramaico, que era amplamente utilizado nos negócios e no governo ao redor de todo o império.

“O aramaico era a língua franca do Oriente Próximo desde o oitavo século [a.C.], embora o acádio tenha permanecido em uso nos contextos de rituais e de aprendizado”.⁹²

“O aramaico era chamado caldeu até depois da metade do século dezenove”.⁹³

“Desde o surgimento da assiriologia no século dezenove, a ‘língua dos caldeus’ tem sido reconhecida não como o aramaico, mas o acádio”.⁹⁴

Esta referência ao aramaico inicia a seção do livro que Daniel escreveu em aramaico (2.4b-7.28), aparentemente porque ela diz respeito a assuntos mundiais. Críticos do livro de Daniel têm alegado que o aramaico não era usado na época que Daniel supostamente viveu, no século seis a.C., mas há ampla evidência de seu uso no século dois a.C., quando muitos deles acreditam que o livro tenha sido escrito.⁹⁵

Os caldeus se dirigiram ao rei com o respeito apropriado: “Ó rei, vive eternamente!” (cf. 1 Rs 1.31; Ne 2.3; Dn 3.9; 5.10; 6.6, 21).

“Isso representava um desejo ou esperança de que o rei viveria um ano após o outro, sem um término previsível por morte”.⁹⁶

Evidentemente, era comum para os reis babilônicos contar seus sonhos para seus conselheiros que, então, forneciam uma interpretação politicamente correta que

⁹⁰ Leupold, pág. 84.

⁹¹ Veja Whitcomb, págs. 36-37.

⁹² Collins, pág. 156.

⁹³ Young, pág. 59.

⁹⁴ Collins, pág. 138.

⁹⁵ P. ex.: *Ibid.*, pág. 38.

⁹⁶ Archer, “Daniel”, pág. 40.

satisfaria o monarca. Entretanto, Nabucodonosor queria que seus sábios não apenas fornecessem a ele uma interpretação, mas também que dissessem o que ele havia sonhado.

“Os manuais [caldeus] de sonhos, dos quais inúmeros exemplares foram descobertos, consistem... de sonhos históricos e os eventos seguintes a eles, organizados de maneira sistemática para fácil referência. Uma vez que esses manuais tinham de tentar cobrir cada eventualidade possível, eles ficaram incontrolavelmente grandes; somente o especialista era capaz de se orientar neles e até o especialista tinha de saber qual era o sonho antes de poder procurar pelo paralelo mais próximo. As exigências irracionais do rei e o protesto dos intérpretes nos versículos 3-11 estão de acordo com o seu caráter e com os fatos conhecidos nos livros de sonhos”.⁹⁷

2.5-6

Não fica claro, pelo texto, se o rei havia realmente esquecido do seu sonho ou estava apenas omitindo-o para testar seus conselheiros. A versão da língua portuguesa Almeida Corrigida Fiel implica que o rei esqueceu o sonho, traduzindo os versículos 5 e 8 como: “O assunto me tem escapado”. Entretanto, a expressão “uma coisa é certa” sugere que Nabucodonosor estava se referindo à sua ordem e não ao seu sonho.

“O rei era um homem jovem que tinha sido extremamente bem-sucedido em suas conquistas militares. Sem sombra de dúvidas, ele desenvolveu uma grande confiança em si mesmo. É completamente possível que os sábios fossem muito mais velhos do que o rei, e que tenham servido ao seu pai. Seria compreensível que o rei já tivesse se frustrado de alguma maneira com esses conselheiros mais velhos e tivesse um desejo real de se livrar deles em favor dos jovens a quem ele mesmo havia escolhido. Nabucodonosor pode muito bem ter duvidado da honestidade, da sinceridade e da capacidade desses homens e talvez tenha se perguntado se eles eram leais a ele. Ele pode também ter questionado algumas de suas práticas supersticiosas”.⁹⁸

Independentemente do que Nabucodonosor pode ou não ter lembrado, seu desejo de validar a interpretação proposta por seus conselheiros é inquestionável. Eles ofereceram orientação sobrenatural infalível. Se eles falhassem, eles seriam despedaçados e envergonhados (cf. 2 Rs 10.27; Ed 6.11). Se eles tivessem êxito, presentes, uma recompensa especial e grande honra seriam deles (cf. José, Mordecai e Daniel).

⁹⁷ Baldwin, pág. 87. Veja também A. L. Oppenheim, “The Interpretation of dreams in the Ancient Near East”, *Transactions of the American Philosophical Society* 46 (1956): 179-373.

⁹⁸ Walvoord, pág. 50. Cf. Culver, pág. 778.

“A violência e a condição peremptória da punição ameaçada encontra-se de acordo com o que se esperaria nas mãos de um déspota oriental; especialmente, os assírios e os persas eram notórios por conta da barbaridade das suas punições”.⁹⁹

- 2.7 A repetição do pedido dos sábios reforça isso. Essa é frequentemente a intenção dos escritores bíblicos ao repetir algo. A repetição garante ao leitor que algo é muito importante ou absolutamente certo. Isto é especialmente verdade nas revelações proféticas tal como as que temos nesse livro (cf. Gn 41.32).
- 2.8-9 O rei percebeu na demora dos sábios uma tentativa de colocar uma distância entre o sonho e sua interpretação. A esperança deles era que à medida que o tempo passasse, o rei se esqueceria do que ele havia sonhado, caso já não tivesse feito isso. Quem sabe as expectativas acerca deles diminuíssem também. Entretanto, ele quis garantir que a interpretação que eles ofereceram era correta.
- 2.10-11 Os caldeus continuaram explicando, com profusa cortesia e lisonja, que aquilo que o rei pediu era humanamente impossível. Ninguém era capaz de contar o que o rei havia sonhado. Além disso, nenhum rei jamais pediu aos seus conselheiros fazer algo como isso. Apenas os deuses imortais seriam capazes de fornecer tal informação, e a implicação era de que até mesmo estes homens eram incapazes de obter essas informações dos deuses. Todavia, isto era exatamente o que eles alegavam serem capazes de fornecer: informação sobrenatural. A confissão deles prepara o cenário para a capacidade de Daniel fazer exatamente aquilo que eles disseram que nenhuma pessoa era capaz de fazer.
- 2.12-13 A confissão da incapacidade deles juntamente com a reclamação de que o rei estava sendo injusto com eles deixou Nabucodonosor muito irado (cf. Gn 40.2; 41.10; Dn 3.13, 19). O rei deu ordens para executar todos os sábios da Babilônia – especificamente aqueles que eram seus conselheiros. Provavelmente o que temos em vista aqui é a cidade da Babilônia, e não a província ou todo o império (cf. v. 49; 3.1), uma vez que os conselheiros do rei eram o alvo da sua ira. Daniel e seus três amigos estavam no mesmo decreto pois eram conselheiros do rei (1.20) e não porque praticavam adivinhação, o que, pode-se dizer com tranquilidade, eles não faziam. Eles não haviam sido chamados com os outros sábios provavelmente porque eram novatos.¹⁰⁰
- 3. O pedido de Daniel por tempo 2.14-16**
- 2.14-15 Quando Daniel ficou sabendo de sua sentença, ele respondeu com a costumeira discrição e discernimento (cf. 1.8, 12) e não com objeções (cf. vv. 10-11) ou com ira (cf. v. 12). É possível que a decisão do rei, por si só, não tenha surpreendido Daniel, uma vez que o rei certamente percebeu que muitos dos sábios eram charlatões. Entretanto, a

⁹⁹ S. R. Driver, *The Book of Daniel*, pág. 20.

¹⁰⁰ Leupold, pág. 94.

severidade do veredito lhe causou espanto. Certamente os oficiais da corte, incluindo o próprio rei, tinham grande respeito por Daniel, uma vez que lhe ouviram e concederam seu pedido.

- 2.16 Não há outro registro de Deus dando a qualquer pessoa o conhecimento de um sonho tido por um terceiro – sem que a pessoa que sonhou contasse algo. José interpretou os sonhos do faraó e de seus servos depois deles contarem os sonhos. Entretanto, Daniel cria que Deus era capaz de fazer qualquer coisa, até mesmo revelar o próprio sonho a ele, bem como a sua interpretação.

“O cenário estava pronto para revelar a realidade, a sabedoria e o poder do Deus verdadeiro – Yahweh – contra os deuses imaginários impotentes e inarticulados adorados pelos magos. Trata-se do mesmo tema geral que domina o restante do livro e serve para lembrar a nação hebreia que a despeito do seu fracasso, colapso e banimento para o exílio, o Deus de Israel permanece onipotente como sempre foi nos dias de Moisés e que seu amor leal permanece constante para com a semente de Abraão como sempre foi”.¹⁰¹

4. O recebimento da revelação por Daniel e suas ações de graças 2.17-23

- 2.17-18 Daniel informou seus três amigos acerca da situação de forma que pudessem orar juntos a respeito (cf. Sl 50.15; Fp 4.6-7),

“Esse é o primeiro exemplo de uma oração em grupo registrada nas Escrituras, e o fato de que esses filhos do cativo protagonizaram isso, revela a nós o segredo da caminhada santa deles”.¹⁰²

Uma vez que o decreto afetava a todos, eles se juntaram para interceder ao “Deus do céu” (literalmente). Este título para Deus aparece cinco vezes neste capítulo (vv. 18, 19, 28, 37, 44) e também em outros lugares, particularmente nos livros que tem a Babilônia pagã como contexto. O termo aparece em 5.23; nove vezes em Esdras; quatro vezes em Neemias; em Gênesis 24.3, 7; no Salmo 136.26; e em Jonas 1.9. Os babilônicos adoravam os céus, mas Yahweh é o Deus sobre todo os céus, não apenas o Deus do céu. Ele é soberano sobre tudo.

Os quatro homens pediram por compaixão (misericórdia) vinda do Senhor, uma vez que decreto do rei era muito severo (v. 15). Eles pediram pela compaixão de Deus se manifestando por meio de uma revelação do sonho do rei e da sua interpretação (v. 16), de forma que eles não morressem com os outros sábios, que eram dignos de morte (v. 18; cf. Gn 18.22-33). O “mistério” em questão era algo desconhecido pelo qual pediram a revelação de Deus. Nas Escrituras, isto é o significado consistente de um “mistério”.

¹⁰¹ Archer, “Daniel”, pág. 42.

¹⁰² Dennett, pág. 22.

Não se trata de algo assustador, mas algo previamente escondido por Deus, mas agora revelado por Ele.

2.19 O escritor narrou esses eventos para nos ajudar a compreender que Deus revelou um mistério secreto como resposta às orações dos quatro homens (cf. Tg 4.2). A resposta veio de noite, mas em uma visão, em vez de vir num sonho. Conforme observado, em uma visão a pessoa que a recebe está acordada, ao passo que num sonho, ela está dormindo. Ambos os métodos eram veículos comuns de revelação divina naquela época (Nm 12.6). O escritor esperou até mais tarde para revelar ao leitor o que Deus havia revelado. Ele aqui quis dirigir sua atenção para sua resposta ao receber essa revelação.

2.20-22 Os versículos 20-23 tem sido chamados de “Salmo de Daniel”.¹⁰³ Daniel desejou que o povo abençoasse (louvasse) o nome de Deus para sempre por causa de duas de Suas características em particular.

“O *nome* nas Escrituras Sagradas diz respeito à natureza ou ao caráter revelado de Deus e não a um mero rótulo ou título. Ele é encontrado com frequência no Antigo Testamento como sinônimo com o próprio Deus em relação ao homem... No Novo Testamento o mesmo uso é perfeitamente claro”.¹⁰⁴

Daniel mencionou a sabedoria e o poder de Deus no início e ao final do seu louvor (vv. 20, 23), e ilustrou ambas as características no meio.¹⁰⁵ Esse livro inteiro revela a sabedoria e o poder de Deus. A evidência do Seu poder é o Seu controle dos eventos; Ele muda o tempo e as estações (v. 21a), quem sabe uma referência aos dias especiais dos judeus.¹⁰⁶ Ele determina quando na história os eventos ocorrerão e quanto tempo cada processo ou fase da história durará.

“Deus, que ‘controla o curso dos eventos mundiais’ ama a mudança. Por que? Porque isto faz com que confiemos nEle. Não podemos nos apegar a um ano específico pois um novo ano está a caminho. Lideranças mudam, nossas necessidades mudam, e a disponibilidade de recursos muda. Mas se mantivermos nossos olhos fixos nAquele que controla toda mudança, podemos viver com confiança e louvor”.¹⁰⁷

A segunda evidência do poder de Deus é que Ele controla o destino das nações; Ele estabelece reis e depois os remove (v. 21b).

“Quem sabe a maior evidência do senhorio de Yahweh na própria experiência de Daniel esteja... em sua convicção inabalável de que o

¹⁰³ Leupold, pág. 99.

¹⁰⁴ W. H. Griffith Thomas, “The Purpose of the Fourth Gospel”, *Bibliotheca Sacra* 125:499 (Julho-Setembro 1968):262.

¹⁰⁵ Veja o diagrama em Tanner, pág. 179.

¹⁰⁶ J. N. Darby, *Studies on the Book of Daniel*, pág. 82.

¹⁰⁷ Charles R. Swindoll, *The Swindoll Study Bible*, pág. 1002.

seu Deus era aquele que estabelecia e removia os monarcas dos reinos humanos. Uma vez que esses reis e seus subalternos achavam ter sido chamados para o seu ofício e recebido privilégios e responsabilidades de seus próprios deuses,¹⁰⁸ a afirmação de Daniel de que o Deus de Israel era o originador e garantidor da autoridade humana era uma negação tática de qualquer papel inferido para os deuses das nações”.¹⁰⁹

Daniel identificou duas evidências da sabedoria de Deus. Primeira, Ele fornece sabedoria ao sábio (v. 21c, d); Ele é a fonte de toda sabedoria. Em segundo lugar, Ele revela coisas desconhecidas ao ser humano (v. 22a). Ele é capaz de fazer isso pois conhece o que é desconhecido das pessoas (v. 22b) e a luz do conhecimento habita com Ele (v. 22c).

- 2.23 É possível que Daniel tenha mencionado Yahweh como “Deus de meus pais” pois estava experimentando a compaixão de Deus de um modo muito parecido com o que seus pais espirituais experimentaram. Ele deu o crédito da sabedoria e o poder resultante que ele recebeu à Fonte apropriada. Daniel não foi o originador dessas revelações, mas as recebeu de Deus e as comunicou aos outros (cf. 2 Pe 1.21). Ele viu a visão como resposta às suas próprias orações e de seus três amigos (v. 23).

Daniel tinha confiança de que a informação que Deus deu a ele salvaria a vida deles. Esta confiança é testemunho a respeito da fonte sobrenatural óbvia e clara desta revelação. Daniel não precisou planejar uma resposta que ele achava que satisfaria o rei, como faziam os sábios da Babilônia. Ele precisava simplesmente declarar a revelação que o único Deus vivo e verdadeiro deu a ele.

Precisamos nos lembrar deste testemunho de Daniel quando lermos as revelações posteriores que Deus deu a ele nesse livro. Elas são tão confiáveis como esta era, pois elas também vêm do Deus de sabedoria e poder.

5. A aparição de Daniel perante Nabucodonosor 2.24-30

- 2.24 Daniel teve de ir até Arioque para chegar ao rei, uma vez que o rei tinha autorizado Arioque a executar todos os sábios. Daniel poderia ter pedido pela sua vida e de seus amigos apenas. É possível que Daniel tenha pedido também pela vida dos outros conselheiros, bem como pela sua própria, de forma que eles tivessem tempo para crer em Yahweh.

“Ele não estava tão ocupado com suas próprias questões (muito embora ele tivesse acabado de receber a informação relacionada ao sonho) a ponto de não pensar nos outros”.¹¹⁰

¹⁰⁸ Para vários exemplos disso, veja Bertil Albrektson, *History and the Gods*, págs. 42-52.

¹⁰⁹ Merrill, pág. 389.

¹¹⁰ Leon J. Wood, *A Commentary on Daniel*, pág. 62.

2.25 Daniel convenceu Arioque de que ele seria capaz de identificar e interpretar o sonho do rei. Portanto, o comandante de Nabucodonosor introduziu Daniel na presença do rei e o apresentou como alguém que ele, Arioque, havia descoberto – dentre todos os exilados de Judá! É claro que o comandante tinha a esperança de obter o favor do rei e desfrutar parte da recompensa que Daniel receberia. Arioque tinha grande confiança em Daniel. Caso Daniel falhasse, Arioque sofreria a ira do rei. Na realidade, foi Daniel que procurou Arioque e não o contrário.

2.26-27 Arioque se concentrou em Daniel como a solução do problema do rei. Nabucodonosor o enxergava da mesma maneira. Entretanto, Daniel transferiu imediatamente a atenção da pessoa dele para Quem ele deveria olhar, para Deus, que foi Quem revelou o futuro. Nenhum ser humano, nem os sábios da Babilônia, nem ele mesmo, seriam capazes de fornecer o que o rei pediu. Daniel usou um novo nome para um dos grupos de encarregados aqui: “astrólogos” (*gazerim*).¹¹¹ Eles tentaram extrair informação acerca do futuro dos céus, mas “o Deus dos céus” revelou o mistério.

De maneira específica, foi uma informação acerca dos “últimos dias” (lit. “o fim dos últimos dias”) que Deus deu a Daniel para o rei (v. 28). Essa frase ocorreu pela primeira vez em Gênesis 49.1 e sempre é uma referência ao futuro. O contexto determina quanto do futuro está no foco da visão, mas a frase normalmente diz respeito à aparição do Messias.

Essa frase “diz respeito ao lidar de Deus com a humanidade como historicamente consumada e concluída no final dos tempos do Messias”.¹¹²

“No contexto de Daniel 2, os ‘últimos dias’ abrangem todas as visões que Nabucodonosor recebeu e se estende desde o ano 600 a.C. até a segunda vinda do Messias para a terra”.¹¹³

Young, um amilenista, entende essa expressão como equivalente de “os últimos dias”, mencionada pelos escritores do Novo Testamento, como os dias em que vivemos hoje (cf. At 2.16-17; 1 Tm 4.1; 2 Tm 3.1; Hb 1.1; 1 Jo 2.18).¹¹⁴ Isto parece uma visão equivocada, tendo em vista aquilo que o sonho revelou.

2.29-30 Daniel, então, relatou ao rei o seu sonho e a interpretação do mesmo. Ele continuou lembrando Nabucodonosor que antes dele dormir, ele estava pensando a respeito do futuro. O sonho que Deus deu a ele era uma revelação divina acerca do que aconteceria no futuro.

¹¹¹ Veja Leupold, pág. 105.

¹¹² Robert D. Culver, *Daniel and the Latter Days*, pág. 107.

¹¹³ Walvoord, pág. 61. Veja seu estudo extensivo acerca dessa expressão nas págs. 60-61.

¹¹⁴ Young, pág. 70. O amilenista não acredita que haverá um reino de 1.000 anos (milênio) de Cristo na terra após a Sua segunda vinda.

“Nenhum outro sonho [registrado ou mencionado na Bíblia], antes ou desde esse sonho, revelou tanto acerca da história mundial”.¹¹⁵

Daniel novamente reforçou ao rei que ao invés do próprio Daniel, que não era maior do que qualquer outro homem, o Deus verdadeiro foi o responsável por essa revelação. Consequentemente, Daniel deu toda a glória a Deus (cf. José em Gn 41.16). Foi importante para Nabucodonosor receber essa revelação, uma vez que ele foi o primeiro rei gentílico num período significativo da história conhecido como “os tempos dos gentios”. Conforme mencionado, “os tempos dos gentios” é uma expressão que se refere ao período durante o qual as nações gentílicas dominariam a Israel, com uma duração que se estende até o momento em que o Messias derrotará o poder gentílico com o Seu reino.

6. O que Nabucodonosor viu em seu sonho 2.31-35

2.31 A seguir, Daniel descreveu de maneira clara e concisa aquilo que Nabucodonosor havia visto em seu sonho. O rei havia visto uma estátua enorme que estava diante dele. Não há informação no texto para concluirmos que se tratava de um ídolo. A estátua era extremamente esplêndida e de tirar o fôlego por conta da sua aparência. Daniel não disse se era uma estátua de um homem ou de uma mulher, embora possamos presumir ser de um homem, ou que ela representava o rei ou qualquer outra pessoa. O mais importante acerca da estátua tem a ver com os materiais dos quais ela era feita e o que aconteceu com ela.

“A figura de um homem foi empregada aqui, pois Deus desejava tornar conhecido o que aconteceria nos dias do homem, a época em que homens mortais regiam a terra. Aqui, numa visão panorâmica, a história completa da civilização humana nos é mostrada, desde os dias de Nabucodonosor até o final dos tempos”.¹¹⁶

“O poder mundial encontra-se em todas as suas fases, portanto todas essas fases estão unidas na visão de *uma* imagem”.¹¹⁷

2.32-33 A cabeça era de ouro fino. O peito e os braços de prata. O ventre e os quadris de bronze. As pernas eram de ferro, e os pés de uma combinação de ferro e barro. Os arqueólogos descobriram imagens semelhantes feitas de vários tipos de metais preciosos na Babilônia.¹¹⁸

Várias características dessa imagem são dignas de nota: Primeira, a cabeça é o único membro do corpo feito de apenas um único metal. Todas as outras partes tinham mais uma substância, com exceção dos braços. Por exemplo: O peito era de prata, mas o

¹¹⁵ Feinberg, págs. 34-35.

¹¹⁶ Feinberg, pág. 35.

¹¹⁷ Kliefoth, citado por Keil, pág. 102.

¹¹⁸ Veja Baldwin, págs. 96-98.

abdômen era de bronze. O mesmo era verdade acerca das pernas e pés. Segunda, há uma constante diminuição do valor das substâncias começando da cabeça indo até os pés da estátua. Terceira, a estátua era mais pesada na cabeça. A gravidade específica do ouro é 19, da prata cerca de 11, do bronze cerca de 8.5 e o ferro 7.8.¹¹⁹ Quarta, as substâncias progridem do mais macio para o mais rígido, de cima para baixo. Entretanto, os pés são feitos de uma combinação não aderente de algo muito rígido com algo muito frágil. O barro aqui pode ser o barro colocado para secar ao sol, que os babilônicos usavam como tijolos nos projetos de construção.

A Estátua do Sonho de Nabucodonosor					
Cabeça	Ouro	Valioso	Macio	Unidade singular	Muito pesado
Peito e braços	Prata	Menos valioso	Mais rígido	1 unidade & 2 partes	Pesado
Abdômen	Bronze	Ainda menos valioso	Ainda mais rígido	1 unidade & 2 partes diferentes	Menos pesado
Pernas	Ferro	Menos valioso ainda	Mais rígido ainda	2 partes	Menos pesado ainda
Pés e dedos	Ferro & barro	O menos valioso de todos	Muito rígido e muito macio	2 partes & 10 segmentos	O mais leve

2.34-35

Enquanto olhava essa imagem, Nabucodonosor viu uma pedra inteira que veio voando até acertar os pés da estátua, que foi esmiuçada. Essa era uma pedra inteira cortada sem o auxílio de mãos humanas, mas pela poderosa “mão” de Deus. Enquanto o rei observava, a imagem toda desmoronou e se desintegrou, tornando-se pó. Um vento soprou o pó para longe. Então, a pedra que esmiuçou a imagem começou a crescer cada vez mais até cobrir toda a imagem.

“Nada se fala acerca das partes da imagem – a cabeça, o peito, o abdômen, e as coxas – sendo quebrados pela pedra, ‘pois as formas de poder mundial representadas por estas partes passaram faz muito tempo, quando a pedra acerta a última forma de poder mundial representado pelos pés’, mas fala-se apenas dos materiais que compõe essas partes, a prata e o ouro, é a destruição predita; ‘pois o material, as combinações dos povos, dos quais consistiam essas primeiras formas de poder mundial, passaram para as últimas formas, e, conseqüentemente, são todas destruídas quando a pedra destrói a forma final de poder mundial’.”¹²⁰

¹¹⁹ Walvoord, pág. 63.

¹²⁰ Keil, pág. 104, com citações de Kliefoth. Veja também Collins, pág. 165.

7. A interpretação do sonho de Nabucodonosor 2.36-45

2.36 Daniel distinguiu cuidadosamente o sonho (vv. 31-35) da sua interpretação (vv. 36-45) para fornecer mais clareza. A menção que ele faz de “diremos” [nós] a interpretação é provavelmente um plural editorial. Essa forma de discurso permitiu Daniel a se apresentar humildemente ao rei ao mesmo tempo que lembrava a ele que Deus havia dado o sonho e a sua interpretação (cf. 1 Co 2.6).

2.37-38 Nabucodonosor era a autoridade suprema no mundo dos seus dias. Mais cedo na história, Jeremias havia alertado os reis de Edom, Moabe, Amom, Tiro e Sidom de que Deus havia dado a Nabucodonosor a soberania sobre toda a terra, inclusive sobre os animais (Jr 27.6-7, 14). Enquanto a extensão do seu império não era tão grande quanto a dos que lhe sucederam, ele exerceu controle absoluto como ninguém depois dele fez. Além disso, a ideia de impérios mundiais se originou com a Babilônia, lá nos tempos da Torre de Babel. Sendo assim, é apropriado retratar a Babilônia como a “cabeça” dos impérios mundiais.

“Para um déspota como Nabucodonosor, seu governo era o tipo ideal e, portanto, era tão estimado quanto o ouro. Ele exerceu autoridade irrestrita sobre a vida e a morte em toda a Babilônia. Sua palavra era lei; nenhuma lei escrita anterior a ele poderia desafiar a sua vontade (v. 38)”.¹²¹

Num livro interessante escrito por Will e Ariel Durant, esses historiadores renomados concluíram que a monarquia é, provavelmente, a melhor forma de governo.¹²²

O Senhor Yahweh falou de Nabucodonosor como “rei de reis” em Ezequiel 26.7. Contudo, “o Deus dos céus” (cf. vv. 18, 28) deu a esse monarca poderoso a sua posição. O rei governou sob a autoridade de um governante superior e infinitamente mais poderoso.

“No momento da criação, o direito de governar a terra foi dado ao homem que deveria dominar sobre ela e sobre todas as criaturas nela (Gn 1.26). Aqui, por decreto divino, Nabucodonosor estava ajudando a cumprir aquilo que Deus planejou para o homem”.¹²³

Daniel precisou de muita coragem para dizer ao governante mais poderoso da sua época que ele (o governante) respondia para Deus (Elohim). Deus deu a Nabucodonosor soberania (simbolizada pela cabeça da estátua), poder (pelo peso da cabeça), força (a conotação da cabeça em um corpo) e glória (seu valor como ouro).

¹²¹ Archer, “Daniel”, pág. 46.

¹²² Will e Ariel Durant, *The Lessons of History*, págs. 68-69.

¹²³ Pentecost, pág. 1335. Cf. Merrill, pág. 389.

A “cabeça de ouro” descreveu corretamente Nabucodonosor. Ela também simbolizava o reino sobre o qual ele governou (cf. v. 39).¹²⁴ Nabucodonosor governou por cerca de 45 anos (605-560 a.C.), e seu império durou apenas outros 21 anos. Nabopolassar, pai de Nabucodonosor, fundou o império neobabilônico em 627 a.C., e esse império caiu para os persas em 539 a.C. Sendo assim, sua duração foi de aproximadamente 88 anos, embora o antigo império babilônico tivesse suas raízes em Babel (Gn 11.1-9).

- 2.39a O império persa conduzido por Ciro, o Grande, teria sido inferior ao babilônico do ponto de vista de Nabucodonosor, e ele foi exatamente isso (cf. 5.28, 31). Os governantes desse império eram todos persas.¹²⁵ Os monarcas persas não tinham autoridade para anular uma lei, uma vez que esta entrasse em vigor (cf. 6.8, 12). Isso restringia a autoridade absoluta do rei. Entretanto, em alguns aspectos o reino persa era superior ao babilônico. Por exemplo: ele cobria uma área territorial maior, e durou mais tempo (539-331 a.C., cerca de 208 anos). Os braços da estátua evidentemente representavam as duas nações de Média e da Pérsia, que se uniram para derrotar a Babilônia.

Alguns intérpretes compreendem o segundo reino mostrado na imagem como a Média, o terceiro sendo a Pérsia, e o quarto sendo Roma. A maioria dos conservadores asseguram que se trata da Pérsia, da Grécia e de Roma. Entretanto, alguns poucos conservadores defendem quatro reinos sendo Assíria, Média, Pérsia e Grécia.¹²⁶ Pelo menos outros dois grupos defendem os quatro como sendo Babilônia, Pérsia, o império greco-romano e o império do anticristo.¹²⁷

- 2.39b O reino mundial que sucedeu a Pérsia foi a Grécia – sob Alexandre, o Grande (cf. 8.20-21). O seu território foi ainda maior do que o persa. A Grécia dominou o berço antigo da civilização de 331 a 31 a.C., de forma que ele durou mais que o império babilônico e o persa (cerca de 300 anos).

Entretanto, depois que Alexandre, o Grande, morreu em 323 a.C., seu império foi dividido em quatro partes, e cada um dos generais de Alexandre ficou com uma das partes.¹²⁸ Cassandro governou a Grécia e a Macedônia, Lisímaco governou a Trácia e a Ásia Menor, Seleuco foi para a Ásia, e Ptolomeu reinou sobre o Egito, a Cirenaica e a Palestina. A Grécia não tinha a força unificada de Pérsia e da Babilônia. Sua forma de governo democrática deu mais poder às pessoas e menos aos governantes. As duas pernas da estátua evidentemente representavam as duas principais divisões do império grego: o setor ocidental e o setor oriental (Síria e Egito).¹²⁹

¹²⁴ Young, págs. 73-74; Keil, pág. 105.

¹²⁵ Leupold, pág. 117.

¹²⁶ P. ex.: R. Gurney, “The Four Kingdoms of Daniel 2 and 7”, *Themelios* 2 (1977):39-45; John H. Walton, “The Four Kingdoms of Daniel”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 29:1 (Março 1986):25-36. Veja também Collins, págs. 166, 168.

¹²⁷ James F. e Marjorie Matheny, *Gold, Silver, Brass, Iron*. Veja especialmente as págs. 36, 37, 113, 115, 117-118, 132. Para uma refutação da visão dos quatro reinos em questão, veja Baxter, 4:80-83.

¹²⁸ Cf. Josefo, 11:8:7.

¹²⁹ Leupold, pág. 118.

“No desejo de uma unidade interna repousa a fraqueza ou a inferioridade em força desse reino, inferioridade quando comparada ao reino da Babilônia”.¹³⁰

2.40

Roma derrotou o último vestígio do império grego em 31 a.C. e governou por centenas de anos – até 476 A.D. no império romano ocidental, até 1453 A.D. no império romano oriental. As divisões oriental e ocidental desse império mergulharam contra toda oposição com uma força brutal que ultrapassou qualquer um de seus predecessores. Certamente pernas de ferro simbolizavam adequadamente o império romano. Roma também dominou o mapa de maneira mais ampla do que qualquer reino anterior, abrangendo quase toda a Europa, incluindo a Espanha e as ilhas britânicas, bem como a Índia e terra mediterrâneas. Aquelas pernas se mantiveram de pé duante a maior parte do mundo antigo.

“O império romano abrangeu um território muito mais amplo no qual a divisão ocidental ficou tão forte quanto a oriental e isso parece ser retratado pelas duas pernas”.¹³¹

Entretanto, em termos de autoridade absoluta, Roma era, de fato, um poder inferior. As pessoas e o senado tinham papéis principais na definição de leis, e eles controlavam os imperadores mais do que nos impérios anteriores no sonho de Nabucodonosor. Ele era um monarca absoluto, e aqueles governantes depois dele (os soberanos persas, gregos e romanos) eram cada vez menos pessoalmente poderosos.

Muito embora cada império que assumia controlava mais território do que o anterior, a deterioração de um para o seguinte é óbvia. Isso pode ser visto na qualidade dos metais utilizados para descrever cada reino, na gravidade específica desses metais, na posição relativa de cada parte da imagem (p.ex.: a cabeça tinha mais honra do que os pés), na divisão de soberania (um homem e um reino, para dois reinos, o medo-persa, para quatro partes, após a morte de Alexandre, o Grande, para os dez dedos), e na declaração das Escrituras (v. 39).¹³²

2.41-43

Em contraste com as descrições dos impérios anteriores, que foram relativamente breves, Daniel deu uma explicação mais completa a respeito do quarto império. A característica principal dos pés é que eram compostos de dois materiais, e esses dois materiais não aderem um ao outro. Ao passo que Daniel utilizou materiais de metal para descrever os reinos anteriores, ele agora usou o barro, forjado na fornalha, misturado com ferro. A forma final do quarto reino – Daniel não o identificou como um quinto reino – não teria a coesão que os reinos prévios tiveram.

¹³⁰ Keil, pág. 117.

¹³¹ Walvoord, pág. 73.

¹³² J. Vernon McGee, *Thru the Bible with J. Vernon McGee*, 3:540.

Quais elementos estão em foco nas figuras do ferro e do barro? Obviamente uma substância é muito forte e a outra é muito frágil. Aparentemente, os outros metais representam formas de governo que eram mais desejáveis ou menos desejáveis do ponto de vista de Nabucodonosor, e mais ou menos forte no controle da população em termos da autoridade pessoal do soberano. Isso provavelmente também é o foco aqui.

O “ferro” é claramente um governo imperial bem organizado que permitiu que Roma dominasse seu mundo. O “barro” pode ser uma referência a alguma forma de governo que dá ao povo mais participação, quem sabe democracia¹³³ e/ou socialismo. É possível que o barro represente a república romana democrática e o ferro o Império romano imperial.

Enquanto o governo democrático possui inúmeras vantagens óbvias sobre outras formas de governo, particularmente as liberdades que seus cidadãos desfrutam, ele é essencialmente fraco. Seus governantes precisavam operar sobre limites impostos pelo povo a quem servem. Quem sabe o barro represente as massas de pessoas que compõem as diferentes nações dos dez pés.¹³⁴ Uma visão semelhante é a de que a composição misturada de ferro e barro simplesmente representa um governo feito de elementos diversos. Outra visão é que o ferro representa o grupo romano e o barro o grupo germânico.¹³⁵

A fraqueza política da democracia está ficando cada vez mais óbvia nos Estados Unidos, que tem liderado o mundo ao exemplificar e promover essa forma de governo. O interesse pessoal atrapalha a eficiência política. As pessoas conseguem bloquear ações políticas com manifestações e ações judiciais. Num certo sentido, isso é bom, pois as pessoas sempre controlam os poderes do governo. Entretanto, por outro lado, elas tornam o trabalho dos líderes políticos muito mais difícil do que se eles pudessem simplesmente fazer o que quisessem.

O poder imperial atende aos líderes, ao passo que a democracia atende aos liderados. É impossível ter ambos operando de maneira eficaz ao mesmo tempo. Portanto, esse pode ser o foco na visão não misturável da combinação de ferro e barro – não que os Estados Unidos sejam necessariamente o foco nessa profecia.¹³⁶

Outra indicação de que a democracia, ou o socialismo, possam ser o foco da figura de barro, é que as pessoas são, essencialmente, de barro (Gn 2.7). O governo pelas pessoas (i.e., democracia) é um governo de barro. Consequentemente, não deveríamos ficar surpresos pelo fato de que muitos estudantes dessa passagem têm enxergado algum

¹³³ Arno C. Gaebelin, *The Annotated Bible*, 2:3:14.

¹³⁴ McGee, 3:541.

¹³⁵ Leupold, pág. 120.

¹³⁶ Veja o meu comentário em Ap 17.11 em minhas notas bíblicas expositivas do Livro de Apocalipse.

tipo de combinação do governo imperial (ou ditatorial) com a democracia no estágio final do quarto (Romano) império.

“Os governantes dos impérios seguintes tinham seus poderes cada vez mais restritos; até no último estado do império romano encontramos ferro misturado com barro lamacento, ou cerâmica quebradiça – falando de uma tentativa de união entre imperialismo e democracia”.¹³⁷

A referência à semente dos homens (v. 43) parece enfatizar a combinação de pessoas onde todos são iguais, pelo menos na teoria. Outra vez, o foco pode estar na diversidade.

“A figura da mistura pela semente é fruto de plantar um campo com sementes misturadas e denota todos os meios empregados pelos governantes para combinar nacionalidades diferentes, entre as quais o *connubium* [intercasamento] só é mencionado como o meio mais importante e bem-sucedido”.¹³⁸

“A forma final do reino incluiria elementos diversos quer isso seja uma referência à raça, ao idealismo político ou aos interesses seccionais; e isso impedirá que a forma final do reino tenha uma unidade real”.¹³⁹

Se essa interpretação estiver correta, temos outro problema. O império romano nunca teve uma combinação de governo imperial e democracia ao mesmo tempo, muito embora o povo tivesse uma voz crescente no governo à medida que o tempo passava. Ele se manteve imperialista até o seu final. Alguns enxergam a distinção entre o senado e o povo de Roma, os nobres e os plebeus.¹⁴⁰ A maneira por meio da qual muitos estudiosos tem lidado com esse problema é enxerga-lo como o estágio final do império romano nessa visão (vv. 41-43) como ainda futuro do ponto de vista de Daniel.

Alguns estudiosos acreditam que o império romano será revivido nos últimos dias. Eles acreditam que o reino terminou e que ele, de alguma maneira, voltará a existir no futuro. Uma outra visão, que me agrada, é que o império romano existe hoje, embora não na mesma forma que existia nos tempos antigos, e ele continuará existindo até que ele atinja o estágio dos “dez dedos”.¹⁴¹ O fato de que os dedos estavam ligados e eram parte integral dos pés na imagem apoiam essa visão.

¹³⁷ Ironside, págs. 36-37. Cf. Arno C. Gaebelein, *The Prophet Daniel*, pág. 31.

¹³⁸ Keil, pág. 109.

¹³⁹ Walvoord, pág. 71.

¹⁴⁰ P. ex.: Matthew Henry, *Commentary on the Whole Bible*, pág. 1086.

¹⁴¹ Cf René Pache, *The Return of Jesus Christ*, pág. 157.

“Vivemos sob as divisões do império romano que começaram há 1.400 anos e que no momento da Sua vinda serão definitivamente *dez*”.¹⁴²

“O império romano é o último e continuará existindo até os últimos dias. Na realidade, ele existe hoje. Todos esses outros impérios foram destruídos por um inimigo externo, mas nenhum inimigo destruiu Roma. Átila, o huno, veio e saqueou a cidade, mas ele ficou tão impressionado com o que viu que percebeu ser incapaz de vencer. Ele pegou seus bárbaros e deixou a cidade. O império romano desmoronou por dentro – ele não foi destruído por um inimigo. Roma vive nas grandes nações da Europa hoje: Itália, França, Grã-Bretanha, Alemanha e Espanha todas fazem parte de um antigo império romano. As leis de Roma continuam, bem como o seu idioma. Ninguém hoje fala latim, mas ele é fundamental para compreendermos o francês, o espanhol e outras línguas. Seu espírito guerreiro também continua: A Europa tem vivido em guerras desde que o império se desmembrou nesses reinos...

Eu jamais falaria da *ressurreição* do império romano; isso implica que ele morreu... Perceba que o império romano se desmantelou como um ovo que cai no chão. Muitos homens tentaram juntar os pedaços novamente, mas sem êxito. Essa era, inicialmente, uma das missões da igreja católica romana. Carlos Magno também tentou fazer isso. Napoleão também tentou, bem como vários imperadores da Alemanha. Hitler e Mussolini tentaram, mas até agora o homem não encontrou quem irá conseguir fazer isso. Deus ainda não entende que tenha chegado a hora dele aparecer novamente”.¹⁴³

Amilenistas, como Young, acreditam que não haverá um reavivamento ou continuação futura do império romano.¹⁴⁴ Ele creem que Cristo derrotou o império romano por meio da Sua morte e ressurreição em Seu primeiro advento. Young escreveu:

“Esse versículo [42] meramente indica quão completamente composta é a natureza do reino, uma diversidade que se estende até o seus dedos”.¹⁴⁵

“Provavelmente a melhor solução para o problema [de identificar os pés e dedos] é o ensino conhecido de que a profecia de Daniel ignora a era presente, o período entre a primeira e a segunda vinda de Cristo

¹⁴² R, Jamieson, A. R. Fausset, e David Brown, *Commentary Practical and Explanatory on the Whole Bible*, pág. 738.

¹⁴³ McGee, 3:541.

¹⁴⁴ Young, pág. 75.

¹⁴⁵ *Ibid.*, pág. 77.

ou, de maneira mais específica, o período entre o Pentecoste e o arrebatamento da igreja. Não há nada incomum acerca de uma solução à medida que profecias do Antigo Testamento agrupam predições a respeito da primeira e da segunda vinda de Cristo sem considerar os milênios entre elas (Lc 4.17-19; cf. Is 61.1-2). Essa interpretação depende primeiro de toda a evidência que leva à conclusão de que o estágio dos dez pés da imagem não foi cumprido na história e ainda é profético. Essa tentativa conhecida em vários comentários de se encontrar um estágio dos dez dedos da imagem nos séculos quinto e sexto A.D. não correspondem aos fatos reais da história e não cumprem o estágio dos dez dedos. De acordo com a profecia de Daniel, o estágio dos dez dedos é simultâneo, isto é, os reinos existiram lado a lado e foram destruídos por um sopro catastrófico repentino. Nada assim ainda aconteceu na história ainda”.¹⁴⁶

“O versículo 41 lida com um estágio posterior ou um rebento desse quarto império, simbolizado pelos pés e pelos 10 dedos – feitos de ferro e barro, uma base muito frágil para um monumento enorme. O texto deixa claro que essa fase final será marcada por algum tipo de confederação em vez de um único reino poderoso. O ferro possivelmente representa a influência da antiga cultura e tradição romanas, e o barro pode representar a fraqueza inerente numa sociedade socialista que se baseia no relativismo em moralidade e filosofia. A partir dessa mistura de ferro e barro brotam fraqueza e confusão, apontando para o dia vindouro da ruína. Dentro do escopo do v. 43 encontra-se desunião, luta de classes e até mesmo guerra civil, resultando do fracasso de uma sociedade sem esperança e dividida tentando alcançar uma ordem mundial integrada. O ferro e o barro podem coexistir, mas eles são incapazes de combinar numa ordem mundial forte e durável”.¹⁴⁷

Daniel 2 enfatiza Roma em seus dois estágios passados (pernas), mas o capítulo 7 revela mais acerca de Roma em sua forma décupla (dedos).¹⁴⁸ Os dedos provavelmente representam governantes (v. 44), embora alguns intérpretes lhes compreendam como partes desse reino.¹⁴⁹ Leupold acreditava que o número 10 não deveria ser compreendido de maneira literal, mas simbólica, indicando totalidade, e que é assim

¹⁴⁶ Walvoord, págs. 72-73. Divisão de parágrafo omitida. Cf. Tanner, pág. 204.

¹⁴⁷ Archer, “Daniel”, págs. 47-48.

¹⁴⁸ Veja J. Dwight Pentecost, *Things to Come*, págs. 318-324.

¹⁴⁹ Keil, pág. 109.

que devemos interpretar números normalmente em visões em sonhos desse tipo.¹⁵⁰ Todavia, ele interpretou o número dois literalmente: os dois braços como Média e Persa, e as duas pernas como Síria e Egito.¹⁵¹

2.44-45

Os versículos explicam o que “pedra” significa, a pedra que esmagou os pés e dedos da imagem e a destruiu completamente. Trata-se do quinto reino que o próprio Deus estabeleceu, após a fase final do quarto reino (Roma; cf. Sl 2.7-9; Ap 11.15). A “Pedra” ou “Rocha”, um símbolo frequente de Deus e de Jesus Cristo nas Escrituras (cf. Sl 18.2; Is 8.14; 28.16; Zc 3.9; Mt 21.44; 1 Pe 2.6-8), representa evidentemente o Rei vindouro bem como Seu reino terreno (cf. v. 38: “tu és a cabeça de ouro”). Essa figura de uma pedra representa Deus tanto como um justo Juiz (Dt 32.4) e como um Salvador (Dt 32.15) nas Escrituras.

O “monte” (v. 45) de onde a rocha vem é, evidentemente, Deus (cf. Dt 32.18; Sl 18.2; 31.2-3), embora o monte também seja uma figura comum para um reino ou governo na Bíblia (cf. Is 2.2; 27.13; Jr 51.25; Mq 4.1; et al.). “Desses reis” (v. 44) pode ser uma referência aos 10 reis representados pelos 10 dedos. Eles são, claramente, contemporâneos uns com os outros, não governantes sequenciais. Mas essa expressão provavelmente se refere aos reis dos quatro impérios mencionados. O reino de Deus, o monte no versículo 35, encherá a terra e durará para sempre (cf. 2 Sm 7.16). Ele jamais sofrerá destruição ou será sucedido por outro reino, como aconteceu com todos os reinos anteriores. Isso terá início no Milênio e continuará para sempre no Estado Eterno.

“O peso principal do livro de Daniel é a tensão e o conflito entre o reino de Deus e os reinos desse mundo”.¹⁵²

“Embora os diferentes metais na imagem representem quatro reinos cronologicamente sucessivos, a estátua como um todo sugere que esses reinos, embora diversos em sua identidade, constituem uma entidade, um império mundial que se opõe a Deus. Isso explica o motivo pelo qual a estátua toda é retratada como destruída pela pedra com um simples golpe desferido nos pés (vv. 34-35, 44b) e por isso que se diz que esse evento aconteceu “nos tempos desses reis”, isto é, os reis dos quatro reinos simbolizados na visão (v. 44a)”.¹⁵³

Enquanto quase todos os expositores concordam que o reino de Deus é o foco aqui, eles discordam em relação à natureza desse reino. Eles também discordam acerca de como o reino de Deus destruirá os reinos anteriores, e quando essa destruição acontecerá. Os

¹⁵⁰ Leupold, pág. 122.

¹⁵¹ Ibid., págs. 117, 118.

¹⁵² Eugene H. Merrill, “Daniel as a Contribution to Kingdom Theology”, em *Essays in Honor of J. Dwight Pentecost*, pág. 217. Veja também Loudrino A. Yuzon, “The Kingdom of God in Daniel”, *South East Asia Journal of Theology* 19 (1978):23-27.

¹⁵³ Robert B. Chisholm Jr., *Handbook on the Prophets*, pág. 297.

amilenistas, alguns pós-milenistas e alguns pré-milenistas, acreditam que Jesus inaugurou esse reino quando veio à terra. Eles enxergam a igreja como esse reino que derrotou Roma.

“O império corrupto em desintegração desmoronou por meio da podridão interna bem como por meio do impacto das morais sãs e da vida saudável do cristianismo que condenou a Roma lasciva... Num certo sentido, o cristianismo é o juízo de Deus sob uma Roma pecaminosa”.¹⁵⁴

Alguns intérpretes acreditam que o quinto reino será composto dos cristãos de todas as eras, não apenas os cristãos da era da Igreja.¹⁵⁵

O termo “pré-milenista” refere-se à visão de que Jesus retornará para a terra antes de inaugurar Seu governo milenar (de mil anos) na terra. O termo “amilenista” refere-se à visão de que não haverá um governo milenar literal de Cristo na terra. Seu governo presente sobre a Igreja, ou o Seu governo eterno futuro no céu, são os únicos governos que devemos antecipar, de acordo com os que defendem essa posição.

O “pós-milenista” enxerga a presente era da Igreja como o milênio. Aqueles que assim pensam acreditam que Jesus retornará ao final da presente era na qual a igreja está, atual e crescentemente, superando toda impiedade. O amilenista e o pós-milenista acreditam num reino espiritual, mas para ser consistente com a imagem dessa visão, parece que o quinto reino precisa ser um reino terreno – assim como os quatro reinos anteriores foram. Daniel viu que ele “encheu toda a terra” (v. 35).

Muitos estudiosos dessa passagem, incluindo a mim mesmo, entendem que as interpretações do amilenismo e do pós-milenismo não são satisfatórias por uma série de motivos:

Primeiro, Roma não caiu primariamente por conta do cristianismo, mas por conta de sua própria podridão. Eventualmente, os visigodos invadiram pelo Norte e a derrotaram.

Segundo, os efeitos do império romano, os fragmentos das pernas e dedos, permaneceram por centenas de anos depois da primeira vinda de Cristo. Todavia, a visão retrata todos os vestígios desse reino e dos reinos anteriores desaparecendo de maneira rápida (v. 35).

Terceiro, poucas pessoas hoje dizem que o reino de Deus, de alguma maneira não política, conquistou o mundo. O título popular para a nossa era como a “era pós-cristã” testifica em favor disso.

¹⁵⁴ Leupold, pág. 121. Cf. Henry, pág. 1086; Young, pág. 78.

¹⁵⁵ P. ex.: Keil, pág. 110.

Quarto, Deus deu profecias após a ascensão de Jesus Cristo de que Ele retornaria à terra como Rei dos Reis, que julgaria as nações e governaria sobre elas com um cetro de ferro (Ap 19.11-21).

“Nada é mais evidente após dezenove séculos de cristianismo que a pedra, caso reflita a igreja ou o reino espiritual que Cristo formou em Sua primeira vinda, não está, em nenhum sentido desse termo ocupando o centro do palco no qual o poder gentílico foi destruído. A propósito, no século vinte, a igreja tem sido uma maré baixa nas questões do mundo; e não tem havido progresso da igreja ganhando controle no mundo, politicamente falando. Caso a imagem represente o poder político dos gentios, ela continua de pé”.¹⁵⁶

Enxergar a destruição do estágio final do quarto reino como algo futuro parece estar mais em harmonia com os fatos da história e com o restante das Escrituras (cf. 7.24; Ap 17.12). Uma das visões pré-milenistas enxerga o reino que Jesus Cristo estabelecerá na terra, após o Seu segundo advento, como a primeira etapa do Seu reino eterno. Outra visão enxerga o reino messiânico iniciando com o primeiro advento de Jesus. A primeira etapa é o Seu governo do céu (na era da Igreja), a segunda é o Seu governo na terra (durante o Milênio) e a terceira etapa é o Seu governo nos novos céus e novas terras (no estado eterno). Em ambas as visões, a pedra da visão de Nabucodonosor representa Cristo e Seu reino.

Se a pedra dos céus representa o reino terreno de Deus destruindo completamente todos os reinos terrenos quando o Messias vier, como parece ser, então me parece inconsistente para alguém enxergar aquele reino se iniciando com a primeira vinda de Cristo. Ele não destruiu todos os reinos terrenos naquela época. Pelo contrário, a destruição se encaixa melhor com a segunda vinda de Cristo. Se esse for o caso, o estabelecimento do reino de Deus na terra precisa começar com a segunda vinda de Cristo e não com a primeira. Essa é a visão dos dispensacionalistas normativos, em contraste com os dispensacionalistas progressivos e pré-milenistas históricos.¹⁵⁷ Esses dois últimos grupos enxergam a era entre os adventos como o estágio inicial no reino messiânico de Deus, sendo que o segundo estágio é o reino milenar de Cristo na terra.¹⁵⁸

¹⁵⁶ Walvoord, pág. 76.

¹⁵⁷ O dispensacionalista crê que as promessas de Deus acerca do futuro de Israel serão cumpridas pelos descendentes étnicos de Jacó (Israel), ao passo que o não dispensacionalista acredita que elas serão cumpridas pelos judeus e gentios cristãos (i.e., a Igreja). O dispensacionalista progressivo acredita que o reino messiânico começou na primeira vinda de Cristo. O pré-milenista histórico é o pré-milenista que não é dispensacionalista. Ele acredita que Cristo retornará para a terra e, então, estabelecerá Seu reino na terra, mas também acredita que a igreja substituiu Israel no plano de Deus.

¹⁵⁸ Veja Charles C. Ryrie, *Dispensationalism*, págs. 30-31.

Daniel concluiu (v. 45) explicando a Nabucodonosor que o Deus soberano revelou a ele o que aconteceria no futuro. Ele continuou afirmando que o sonho representava a realidade e que a interpretação que Daniel deu era confiável.

“Daniel 2.31-45 indica que o termo aramaico para ‘reino’ pode abranger o conceito de um reino com aspectos tanto terrenos/temporais quanto celestiais/eternos. O contexto de Daniel 2 permite que um reino se inicie na terra e continue no estado eterno. Esse reino é estabelecido por Deus, enche toda a terra após destruir todos os reinos terrenos e jamais será destruído”.¹⁵⁹

Wiersbe notou quatro implicações dessa visão: Deus está no controle da história; os empreendimentos humanos deterioram com o passar do tempo; será difícil para as coisas se manterem inteiras no final dos tempos; e Jesus Cristo retornará, destruirá Seus inimigos, e estabelecerá Seu reino.¹⁶⁰

O SONHO DE NABUCODONOSOR DA ESTÁTUA	
O material	Sua interpretação
Ouro	Nabucodonosor e o império babilônico
Prata	O império persa
Bronze	O império grego
Ferro	O império romano do passado
Ferro e barro	O império romano imediatamente anterior à segunda vinda de Cristo
Pedra	O Reino messiânico de Cristo

8. As consequências da interpretação de Daniel 2.46-49

2.46-47 Obviamente, Daniel fez aquilo que qualquer pessoa consideraria humanamente impossível. Ele contou ao rei o sonho que apenas Nabucodonosor conhecia – e quem sabe tenha até esquecido – e deu a ele uma interpretação do sonho que fez sentido para o rei. Consequentemente, Nabucodonosor concluiu que Daniel deveria ser algum tipo de deus, e começou a trata-lo como um prostrando-se perante ele, apresentando uma oferta a ele e queimando incenso para ele (cf. At 10.25; 14.13).

A ausência de protesto de Daniel não indica que ele se enxergava como um deus. Ele simplesmente não estava em posição de contradizer uma adoração equivocada de um monarca absoluto como Nabucodonosor. Além disso, Nabucodonosor não estava

¹⁵⁹ Kenneth L. Barker, “Evidence from Daniel”, em *A Case for Premillennialism: A New Consensus*, pág. 134.

¹⁶⁰ Wiersbe, págs. 260-261.

dizendo que Daniel era o Deus verdadeiro. Verbalmente falando, Nabucodonosor reconheceu a soberania do Deus de Daniel.

“Precisamos compreender que Nabucodonosor não está confessando uma fé pessoal exclusiva no Deus Yahweh. Como alguém politeísta, ele era capaz de dizer o que disse. Enquanto isso conta como um reconhecimento de que o Deus de Daniel é supremo, isso não é o mesmo que dizer que o Deus dele é a única divindade. Como resultado, Nabucodonosor permaneceu em trevas espirituais e sem a vida eterna”.¹⁶¹

“...Daniel, o escravo de homens e servo de Deus, recebeu uma homenagem de um rei prostrado assim como o Senhor Jesus Cristo, que foi submisso aos homens e servo de Deus, receberá homenagens de todos os homens [cf. Fp 2.10-11]”.¹⁶²

2.48 O rei promoveu Daniel a governador da província da Babilônia e a chefe supremo de todos os sábios. Evidentemente, ele se tornou governador encarregado da província mais importante (cf. 3.2). Normalmente, essa posição teria sido dada a um caldeu, um membro da “raça principal” da sociedade babilônica. O fato de Nabucodonosor dar esse cargo a um judeu cativo demonstra o tremendo respeito que Daniel alcançou com essa revelação.

2.49 A pedido de Daniel, o rei também promoveu os três amigos a posições de autoridade dentro da administração da província (cf. vv. 17-18). O próprio Daniel permaneceu no palácio e ficou à disposição de Nabucodonosor como um conselheiro sempre que o rei precisasse dele. Deus preparou a chegada de milhares de judaítas exilados (em 597 e 586 a.C.) colocando nas posições de autoridade homens que fossem simpáticos às necessidades deles (cf. José).

“Consequentemente, Daniel, o judeu cativo obscuro que poderia ter se perdido na história como tantos outros que cederam no capítulo 1, agora é exaltado à uma posição de grande honra e poder. Assim como José no Egito, ele estava destinado a executar um papel importante na história subsequente de sua geração”.¹⁶³

“Este capítulo, tão básico para a compreensão de todo o lidar de Deus na história e na profecia, revela três verdades importantes: 1. Deus, e não o homem, é soberano nas

¹⁶¹ Tanner, pág. 211.

¹⁶² Feinberg, pág. 40.

¹⁶³ Walvoord, pág. 78.

questões mundiais... 2. Nosso Deus soberano tem um plano para o mundo... 3. Deus faz com que a história aconteça de acordo com o Seu plano”.¹⁶⁴

B. A ESTÁTUA DE OURO DE NABUCODONOSOR CAP. 3

“Entre os capítulos (ii. e vii.), encontram-se inseridos quatro eventos que pertencem aos tempos do primeiro e do segundo reino mundial, que revelam parcialmente as tentativas dos governantes do mundo de obrigar os adoradores do Deus verdadeiro a orarem para seus ídolos e deuses, junto com o fracasso destas tentativas (caps. iii e vi.) e parciais humilhações dos governantes mundiais, que se vangloriaram do seu poder, sob o juízo de Deus (caps. iv. e v.), nos levam à consideração da relação entre os governantes desse mundo com o Deus Todo-Poderoso do céu e da terra e dEle com aqueles que verdadeiramente temem o Seu nome. As narrativas desses quatro eventos seguem uma ordem cronológica, pois estão unidos e, portanto, as ocorrências (caps. v. e vi.) que pertencem ao momento subsequente à visão do cap. vii são colocadas antes dessa visão, de maneira que as duas revelações com respeito ao desenvolvimento do poder mundial formam um molde dentro do qual está contida uma seção histórica que descreve o caráter do poder mundial”.¹⁶⁵

“No primeiro capítulo de Daniel, costumes pagãos são julgados; no segundo capítulo, a filosofia pagã é julgada; e no terceiro, o orgulho pagão é julgado”.¹⁶⁶

Certo escritor enxergou uma revelação das condições morais que caracterizam “os tempos dos gentios” nos capítulos 3 a 6:

“Em outras palavras, temos agora permissão para ver o uso que os gentios farão do poder confiado a eles em responsabilidade”.¹⁶⁷

Há uma conexão lógica entre a imagem que Nabucodonosor viu em seu sonho (cap. 2) e a imagem que ele construiu na planície de Dura (cap. 3). É possível que ele tenha obtido a ideia para a estátua que mandou construir, da estátua que ele viu em seu sonho. Entretanto, ele esqueceu a lição que tinha aprendido a respeito da soberania de Yahweh (2.47). Certamente os pensamentos da sua posição como a cabeça de ouro lhe fizeram orgulhoso.

Sabemos que este capítulo descreve eventos posteriores ao capítulo 2, pois os três amigos de Daniel haviam assumido posições de liderança administrativa na Babilônia (v. 12). Quanto tempo depois é algo incerto, embora a impressão é de que vários anos se passaram. Dyer acreditava que o provável contexto

¹⁶⁴ Campbell, pág. 27.

¹⁶⁵ Keil, pág. 84.

¹⁶⁶ McGee, 3:543.

¹⁶⁷ Dennett, pág. 36.

para esses eventos foi uma tentativa de destronar Nabucodonosor que ocorreu em dezembro de 595 a.C. e janeiro de 594 a.C., registrada nas Crônicas da Babilônia.¹⁶⁸

A tradução da Septuaginta do versículo 1 data esses eventos do décimo oitavo ano de Nabucodonosor (cerca de 587 a.C.), embora isso não seja necessariamente preciso. Whitcomb especulou que esse evento possa ter ocorrido pouco tempo depois que a Babilônia conquistou Jerusalém (cerca de 585 a.C.).¹⁶⁹ Tão ampla demonstração de superioridade dos deuses e do rei da Babilônia teria sido compreensível então. A seguir encontra-se o relato de uma cerimônia pensada para unificar o império sob a liderança de Nabucodonosor, o que normalmente teria acontecido bem cedo no seu reinado (próximo a 605 a.C.).

1. A adoração da estátua de Nabucodonosor 3.1-7

3.1 A estátua que o rei mandou construir era toda de ouro. A cabeça da estátua que Nabucodonosor havia visto em seu sonho também era de ouro. É provável que a imagem que Nabucodonosor viu em seu sonho tenha se tornado o modelo para a estátua que ele mandou construir. Sem sombra de dúvidas, essa estátua teria representado Nabucodonosor como a personificação do império babilônico. De modo semelhante, estátuas enormes de Lenin, que foram erigidas em vários países dentro da antiga União Soviética representavam aquela União.

“Há inúmeros relatos de estátuas enormes no mundo antigo”.¹⁷⁰

“Daniel disse [a Nabucodonosor] que ele era a cabeça de ouro (2.38) mas que ele seria seguido por um ‘outro reino, inferior ao [dele]’ (2.39), feito de prata (2.32). Ao rejeitar agora a ideia de que qualquer reino poderia sucedê-lo, ele pode ter determinado a demonstração da permanência do seu reino dourado tendo uma imagem inteira coberta com ouro”.¹⁷¹

Essa imagem tinha cerca de 27 metros de altura e 2,7 metros de largura. Essa é a altura de um prédio de dez andares e a largura de um quarto de 2,7 por 3,6 metros. O famoso Colosso de Rodas, a mais alta estátua conhecida na antiguidade,¹⁷² tinha 31,5 metros de altura na entrada daquele porto antigo. É interessante que as dimensões dessa estátua, 66 cúbitos e 6 cúbitos (27 metros e 2,7 metros respectivamente), contém o número 6, que aparece também na marca da Besta, 666, um equivalente posterior.¹⁷³

¹⁶⁸ Dyer, pág. 706.

¹⁶⁹ Whitcomb, pág. 53.

¹⁷⁰ Collins, pág. 181.

¹⁷¹ Ibid.

¹⁷² Ibid.

¹⁷³ Veja Ironside, pág. 47.

Caso a estátua seja a figura de um homem, o que parece muito provável, ela provavelmente ficava numa plataforma considerável, uma vez que ela era muito estreita para uma estátua alta.¹⁷⁴ Entretanto, ela poderia ser a representação de um animal, ou uma combinação de um homem e um animal. Arqueólogos descobriram imagens babilônicas desse tipo.¹⁷⁵ Às vezes essas imagens eram bastante estreitas em proporção à sua altura. Normalmente eram estátuas de madeira cobertas com ouro (cf. Is 40.19; 41.7; Jr 10.3-9).¹⁷⁶ Heródoto descreveu uma estátua de ouro sólido com 5,4 metros de altura na Babilônia,¹⁷⁷ mas a imagem de Nabucodonosor teria sido muito mais pesada e mais cara do que essa.

Considerando o ego extraordinário de Nabucodonosor (cf. o cap. 4), a imagem provavelmente era à sua semelhança.¹⁷⁸ Entretanto, não há evidência de que a os mesopotâmios tenham adorado estátuas de seus governantes como se fossem deuses durante a vida daquele governante.¹⁷⁹ Alguns escritores sugeriram que a imagem poderia se assemelhar a um obelisco parecido com aqueles encontrados no Egito.¹⁸⁰ A imagem pode ter representado o deus patrono de Nabucodonosor, Nebo.¹⁸¹

O local mais provável para a planície de Dura parece ser dez quilômetros a sudoeste da Babilônia.¹⁸² O termo aramaico *dura* (“fortificação”) é comum e refere-se a um lugar próximo a um muro ou quem sabe a montanhas.

3.2 Nabucodonosor juntou seus oficiais próximos à estátua para o que provavelmente ele tencionasse ser uma demonstração de lealdade a ele.

“A provável data recente do estabelecimento do império babilônico como o sucessor da Assíria (pelo menos na metade sul) tornou apropriado para Nabucodonosor reunir todos os líderes locais e provinciais de todas as partes do seu domínio e, em essência, exatamente para um voto solene de lealdade...”¹⁸³

A conotação religiosa do ajuntamento é incerta, mas provavelmente não era uma reunião para adorar um ídolo como Deus. Os babilônicos eram politeístas e adoravam inúmeros deuses.

¹⁷⁴ Keil, pág. 118.

¹⁷⁵ Veja Leupold, pág. 137; Young, págs. 83-85.

¹⁷⁶ Montgomery, pág. 195.

¹⁷⁷ Heródoto, *The Histories*, 1.183.

¹⁷⁸ Feinberg, pág. 44; McGee, 3:543.

¹⁷⁹ Archer, “Daniel”, pág. 50.

¹⁸⁰ P. ex.: Pentecost, “Daniel”, pág. 1337; Young, pág. 84; Baldwin, pág. 99.

¹⁸¹ Dyer, pág. 706.

¹⁸² Montgomery, pág. 197. Cf. Keil, págs. 118-119.

¹⁸³ Archer, “Daniel”, pág. 51.

“Recusar prestar homenagem aos deuses do reino era considerado um ato de hostilidade contra o reino e contra o seu monarca, enquanto todos poderiam, ao mesmo tempo, honrar seu próprio deus nacional. Esse reconhecimento, de que os deuses do reino eram os mais poderosos, todo pagão poderia aceitar; e, conseqüentemente, Nabucodonosor não exigiu nada, do ponto de visto religioso, que todos os seus súditos não pudessem aceitar. Portanto, para ele, a recusa dos judeus pareceria, exatamente, uma oposição à grandeza do seu reino”.¹⁸⁴

“O que Nabucodonosor tinha em mente ao mandar fazer essa estátua? Podemos observar três coisas aqui: (1) Fazer essa imagem demonstra a rebelião de Nabucodonosor contra o Deus do céu que deu a ele o domínio mundial. Em vez de ser grato, trata-se de um ato definido de rebelião. (2) Isso também demonstra seu orgulho alardeado ao mandar fazer uma imagem que era, evidentemente, uma deificação pessoal. Os imperadores romanos também tentaram isso mais tarde na história. (3) Obviamente, Nabucodonosor estava procurando um princípio unificador para fundir as tribos, línguas e povos de seu reino num grande governo totalitário. Em outras palavras, ele estava tentando instituir uma religião mundial. Isso não é nada além de uma repetição da torre de Babel – a formação de uma religião para o mundo”.¹⁸⁵

3.3 Alguns dos títulos dos oficiais nomeados no texto são persas e alguns são babilônicos. Daniel pode ter atualizado alguns desses títulos babilônicos com equivalentes persas modernos quando escreveu o livro em sua forma final. Ou quem sabe eles já fossem comuns quando os eventos deste capítulo ocorreram.

Os sátrapas eram os oficiais políticos mais elevados em cada província. Os prefeitos (príncipes) eram os chefes militares. Os governadores (capitães) eram os chefes de seções nas províncias. Os conselheiros (juizes) eram os juizes mais elevados. Os tesoureiros eram os superintendentes do tesouro. Os juizes (conselheiros) eram juizes secundários, e os magistrados (delegados) eram os oficiais legais de menor patente. Os administradores (oficiais) eram os subordinados dos sátrapas.¹⁸⁶ Esses grupos representavam todos os oficiais administrativos do governo desse amplo império, e eles falavam inúmeras línguas diferentes (v. 7)

¹⁸⁴ Keil, pág. 124.

¹⁸⁵ McGee, 3:544.

¹⁸⁶ Keil, pág. 120-121.

3.4-7 Os instrumentos musicais mencionados (vv. 5, 7) também tinham nomes persas.¹⁸⁷ Alguns desses instrumentos também eram gregos. Os gregos tinham uma influência na Babilônia antes da época de Daniel.¹⁸⁸ Tratam-se de vários instrumentos de sopro e de cordas.¹⁸⁹ Os babilônicos parecem ter sido uma cultura praticamente fanática por música (cf. Sl 137.3; Is 14.11).¹⁹⁰

“A história dos três jovens lançados ao fogo porque se recusaram a adorar a imagem (Dn 3), traz à mente as grandes fornalhas para fazer tijolo fora da cidade, onde os tijolos, necessários para certos propósitos nos vastos projetos de construção de Nabucodonosor, eram preparados. Alguns desses grandes fornos foram encontrados em escavações [arqueológicas]. Vale a pena observar essa conexão em uma diretiva judicial salomônica do governante Rim Sin (1.750 a.C.), que aparece num documento recentemente publicado na Yale Babylonian Collection. Esse documento fala a respeito de quatro homens de Larsa: ‘Pois eles lançaram um escravo no forno, joguem um escravo na fornalha’. Isso claramente não era algo novo na Babilônia”.¹⁹¹

Outras autoridades acreditavam que a fornalha tinha o formato de uma colmeia ou de um funil, e era construída de metal.¹⁹²

Na Tribulação, o anticristo ordenará que todos adorem a ele e à sua imagem (Ap 13.3-18).¹⁹³

“O diabo nos tenta para destruir a nossa fé, mas Deus nos prova para desenvolver a nossa fé, pois não se pode confiar numa fé que não pode ser testada”.¹⁹⁴

¹⁸⁷ Archer, *A Survey...*, pág. 375; K. A. Kitchen, “The Aramaic in Daniel”, em *Notes on Some Problems in the Book of Daniel*, pág. 43; T. C. Mitchell e R. Joyce, “The Musical Instruments in Nebuchadnezzar’s Orchestra”, em *Ibid.*, págs. 19-27.

¹⁸⁸ W. F. Albright, *From Stone Age to Christianity*, pág. 259; E. M. Yamauchi, *Greece and Babylon*, pág. 17-24; Leupold, págs. 142-143.

¹⁸⁹ Para uma descrição plena de cada um deles, veja Mitchell e Joyce, págs. 19-27; Leupold, págs. 144-145; Keil, págs. 122-124; Charles H. Dyer, “The Musical Instruments in Daniel 3”, *Bibliotheca Sacra* 147:588 (Outubro-Dezembro 1990):426-436.

¹⁹⁰ Para perspectivas interessantes quanto a música espúria e real na adoração, veja Ironside, págs. 48-50.

¹⁹¹ P. ex.: Kraeling, *Rand McNally Bible Atlas*, pág. 323. Veja também J. B. Alexander, “New Light on the Fiery Furnace”, *Journal of Biblical Literature* 69:4 (Dezembro 1950): 375-376.

¹⁹² Veja Goldingay, pág. 70.

¹⁹³ A Tribulação refere-se ao período futuro de sete anos de tormento extremo na terra, especialmente para os judeus (cf. 9.27; 12.1; Jr 30.7; Mt 24.21; Ap 6-18).

¹⁹⁴ Wiersbe, pág. 262.

2. A acusação contra Sadraque, Mesaque e Abede-Nego 3.8-12

- 3.8-11 Os caldeus que acusaram os três amigos de Daniel eram nobres, e não simplesmente astrólogos. A expressão aramaica *gubrin kasda'in*, usada aqui para descreve-los, deixa isso claro.¹⁹⁵ Eles estavam numa posição de se beneficiarem pessoalmente da execução dos três judeus, quem sabe para entrar no governo nas posições ocupadas por eles.
- 3.12 A acusação era a de desconsideração pela ordem do rei em relação ao voto de compromisso curvando-se perante a imagem. Isso constituía prova de que os três judeus não adoravam os deuses do rei e não eram leais a eles.

“Em situações como essa, nenhum crime é mais sério do que a não conformidade, todavia, isso é exatamente o que Deus pede de nós quando as coisas no mundo caminham contra as coisas de Deus (Rm 12.1-2)”.¹⁹⁶

Muitos israelitas adoravam ídolos na Palestina, e Moisés havia predito que eles adorariam a ídolos durante o exílio (Dt 4.27-28), mas esses jovens eram tão escrupulosos em relação à observância da Lei Mosaica quanto Daniel. Eles preferiam morrer ao invés de desobedecer a Deus. De acordo com o pensamento da Mesopotâmia, os deuses de Nabucodonosor eram responsáveis pelo seu sucesso, e desconsiderá-los era o mesmo que repudiar a Nabucodonosor.

“O ataque dos caldeus e a reação de Nabucodonosor sugerem que eles consideraram a postura dos judeus uma manifestação tanto de deslealdade (em relação ao estatuto do rei) e de impiedade (em relação aos deuses). Qualquer que fosse a natureza da estátua, ela juntava religião e estado”.¹⁹⁷

O termo “judeu” normalmente aparece como um termo depreciativo e de menosprezo, sempre que ele ocorre no Antigo Testamento. Trata-se de um termo que os inimigos dos israelitas usavam para descreve-los (cf. 6.13).

A ausência de Daniel aqui gera questionamentos. Será que ele adorou a imagem? Será que ele estava viajando representando o governo? Será que ele estava ocupado resolvendo questões importantes? Será que ele estava doente e não teve como participar da cerimônia? Ou será que ele desfrutava de uma posição tão exaltada ou de um favor diante do rei a ponto dos caldeus não ousarem acusá-lo? O escritor não explica esse mistério. Ele quis enfatizar a resposta dos três amigos de Daniel. É seguro dizer que,

¹⁹⁵ Archer, “Daniel”, pág. 53.

¹⁹⁶ Feinberg, pág. 44.

¹⁹⁷ Goldingay, pág. 73.

caso Daniel estivesse presente, ele teria reagido tal como os seus três amigos. Outra explicação para a ausência de Daniel é a seguinte:

“Aqueles que se provaram leais à corte real na Babilônia teriam sido isentados da cerimônia. Conseqüentemente, Daniel não teve de aparecer no local de ajuntamento, pois ele estava com Nabucodonosor na corte real”.¹⁹⁸

“Deus não prova todos os Seus filhos ao mesmo tempo e da mesma maneira”.¹⁹⁹

3. A resposta de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego 3.13-18

- 3.13-14 Nabucodonosor reagiu com ira quando ouviu a informação acerca dos três judeus (cf. 2.12; 3.19). Ele certamente considerou a desobediência deles como uma afronta pessoal bem como um ato de insubordinação. Contudo, ele se controlou o suficiente para fornecer uma segunda chance para a obediência deles e reafirmou a punição por conta da desobediência. O rei distinguiu entre servir aos seus deuses e adorar sua imagem de ouro (v. 14). Isto confirma que a adoração da imagem era primariamente uma questão política em vez de religiosa. Entretanto, falhar em adorar refletia uma descrença nos deuses do rei, que significava a falta de cooperação por parte desses judeus nas questões da Babilônia.
- 3.15 Muito embora Nabucodonosor tivesse testemunhado e testificado acerca da soberania de Yahweh (2.47), ele evidentemente não cria que até mesmo Yahweh poderia salvar os acusados (v. 15). Quem sabe ele achasse que fornecer a informação de um sonho fosse uma coisa, mas salvar pessoas da morte no fogo fosse algo que requeria um poder sobrenatural ainda maior (cf. 2 Rs 18.33; Is 36.13-20). De modo semelhante, muitas pessoas hoje acreditam que Deus inspirou a Bíblia, mas não acreditam que Ele é capaz de livrá-las de seus problemas pessoais sérios, muito menos dos problemas mundiais. O rei se colocou acima de todos os deuses; ele disse que nenhum desses deuses seria capaz de livrar os três hebreus dele; ele reivindicou autoridade absoluta nas esferas política e religiosa.
- 3.16 Os três jovens disseram ao rei que eles não precisavam dar a ele qualquer resposta. O uso da 1ª pessoa do plural “necessitamos” é enfático no texto original e implica um contraste com Yahweh. Deus daria a resposta ao rei. Quem sabe eles quiseram dizer que Nabucodonosor não deveria duvidar da lealdade deles ao rei. Eles nada falaram

¹⁹⁸ Dyer, em *The Old...*, pág. 706.

¹⁹⁹ Campbell, pág. 33.

sobre isso. O rei certamente sabia que a fé deles lhes proibia adorar qualquer outro Deus que não Yahweh. As pessoas sabiam que eles eram judeus (1.6-7).

3.17-18

Eles disseram que criam que o Deus deles poderia livrá-los da fornalha ardente e que assim o faria. Entretanto, eles também reconheceram a possibilidade de que poderia ser vontade de Deus não os livrar. Deus nem sempre poupa a vida dos Seus filhos que passam por martírio. Sadraque, Mesaque e Abede-Nego sabiam disso, mas eles não tinham dúvidas da capacidade de Deus de salvá-los (cf. Mt 10.28). Sendo a escolha de Deus livrá-los ou não, eles se recusaram a servir a ídolos ou a se curvarem à imagem do rei (Ex 20.3-5).

“A atitude de fé quieta, modesta e ainda assim muito positiva desses três homens é um dos exemplos mais nobres, nas Escrituras, de uma fé plenamente conformada à vontade de Deus. Esses homens não pediram por milagre; eles não esperavam um milagre. A fé deles é aquela que diz: ‘Embora ele me mate, ainda assim esperarei nele’ (Jó 13.15” [NVI].²⁰⁰

“... Sadraque, Mesaque e Abede-Nego amavam Yahweh mais do que a própria vida. Eles não apenas aprenderam a recitar o Shemá – ‘Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força’ (Dt 6.4-5) – mas eles fizeram dele o centro da sua vida. Para eles, a vontade e a glória de Yahweh significava mais do que fama, posição ou segurança”.²⁰¹

“Eles acreditavam não apenas na onipotência de Deus, mas também na sábia soberania de Deus... e essa é uma grande lição que aprendermos no meio do sofrimento”.²⁰²

“Aquele que acredita que ‘Todo homem tem o seu preço!’ deveria considerar bem a resposta desses homens na crise, quando a vida deles estava por um fio. Eles não podiam ser comprados – qualquer que fosse o preço!”²⁰³

“A recusa educada, mas determinada dos hebreus deveria ser cuidadosamente observada. Eles haviam obedecido ‘os poderes que são’ até onde a consciência deles permitiu. Eles viajaram para a Planície de Dura. E assim que a consciência deles exclamou: ‘Não vá

²⁰⁰ Leupold, pág. 153.

²⁰¹ Archer, “Daniel”, pág. 54. Cf. At 20.24.

²⁰² Stephen J. Bramer, “Suffering in the Writing Prophets (Isaiah to Malachi)”, em *Why, O God? Suffering and Disability in the Bible and the Church*, pág. 158.

²⁰³ Campbell, pág. 35.

adiante!’, eles rejeitaram a tentação de serem arrogantes em sua não conformidade. Assim como Daniel foi cortês antes deles em seu pedido para seguir suas convicções, esses três reconheceram verbalmente Nabucodonosor como rei, enquanto reiteraram sua lealdade somente ao Rei dos reis (cf. At 5.29; Mt 22.21)”.²⁰⁴

4. A execução da ordem do rei 3.19-23

3.19 A determinação de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego em recusar a forma de lealdade exigida por Nabucodonosor provocou a ira máxima do rei. Ele, aparentemente, ordenou que a fornalha fosse aquecida sete vezes mais do que o normal para fazer deles um exemplo. “Sete vezes mais” é uma expressão proverbial e uma hipérbole para “muito mais” em algumas passagens das Escrituras (cf. 24.16; 26.16) e provavelmente significa isso aqui também. A ideia parece ser de “o mais quente possível”.

“A fornalha estava quente, mas ele mesmo estava ainda mais quente! E quando um homem se enche de ira, ele comete tolices. Não há pessoa mais tola no mundo do que aquele que perde a cabeça. E Nabucodonosor fez algo estúpido. Ele deveria ter esfriado a fornalha sete vezes *menos* se quisesse machucá-los [para que eles sofressem por mais tempo]; mas, ao invés disso, em sua fúria ele aqueceu a fornalha sete vezes *mais*”.²⁰⁵

3.20-23 O fato deles estarem completamente vestidos quando foram lançados na fornalha (v. 21) será mencionado mais tarde na história. Os nobres persas tentaram executar Daniel fazendo com que ele fosse jogado aos leões (6.7; cf. Ap 12.10). O fato de que os homens que os lançaram morreram com o fogo é um testemunho da fidelidade da promessa de Deus a Abraão (Gn 12.3). Deus amaldiçoou aqueles que amaldiçoaram Seu povo escolhido. Compare o destino de Hamã (Et 7.10). O destino desses guerreiros babilônicos corajosos deveria ter alertado o rei.

“A julgar pelo baixo-relevo, é provável que as fornalhas de fundição provavelmente tinham um formato parecido com aquelas antigas garrafas de leite, com uma larga abertura para a inserção do minério que seria fundido e uma abertura menor no nível do chão para a inserção de madeira e carvão para o aquecimento da fornalha. É possível que existisse uma ou duas aberturas menores no mesmo nível que permitiriam a inserção de canos conectados aos grandes foles,

²⁰⁴ D. Ford, *Daniel*, pág. 107. Veja Charles C. Ryrie, *Biblical Answers to Tough Questions*, cap. 1: “The Question of Civil Disobedience”, págs. 9-22.

²⁰⁵ G. R. King, *Daniel*, pág. 85.

sempre que se desejava o aumento da temperatura além do que o combustível ou a chaminé produziam. Sem sombra de dúvidas, a própria fornalha era feita de tijolo de argila grosso, resistente ao calor intenso. A grande abertura superior provavelmente passava do nível do fogo de forma que o metal fundido do minério caísse no chão caso o caldeirão fosse virado”.²⁰⁶

5. O livramento vindo de Deus para os Seus servos 3.24-27

3.24-25 À medida que Nabucodonosor viu o que estava acontecendo dentro da fornalha, ele se maravilhou ao ver que os três judeus não morreram instantaneamente. Ao levantar-se do seu trono, ele os viu soltos de suas algemas e andando dentro da fornalha.

“Sadraque, Mesaque e Abede-Nego não foram apenas salvos de conflagração, mas também de asfixia, envenenamento por CO₂ [dióxido de carbono] e possivelmente de outros gases tóxicos gerados no processo de combustão”.²⁰⁷

O que espantou ainda mais Nabucodonosor foi a presença de uma quarta pessoa com os hebreus. A quarta pessoa tinha uma aparência incomum, como “um filho dos deuses” (literalmente). O rei provavelmente quis dizer que essa quarta pessoa tinha a aparência de um super-homem ou de um deus, do seu ponto de vista politeísta pagão.²⁰⁸ Evidentemente, essa quarta pessoa era ou um anjo ou o anjo do Senhor, o Cristo pré-encarnado (cf. Gn 16.13; et al.). Ele estava com os três homens em suas aflições e lhes protegeu do mau na aflição (cf. Ex 3.12; Sl 23.4-5; Is 7.14; 43.1-3; 63.9; Mt 28.20; Hb 13.5-6). Ele não os livrou do fogo, mas em meio ao fogo (cf. Rm 8.37).

3.26-27 Então, Nabucodonosor se aproximou ao máximo que pode da grande porta da fornalha. Ela estava aberta para que as pessoas pudessem enxergar dentro. Ele ordenou que as três pessoas saíssem da fornalha, o que eles prontamente obedeceram dessa vez. A quarta pessoa desapareceu tão misteriosamente quanto tinha aparecido.

O rei descreveu Sadraque, Mesaque e Abede-Nego como servos do “Deus Altíssimo” (v. 26). Esse título para Deus aparece 13 vezes em Daniel, mais do que em qualquer outro livro exceto Salmos. Em sete ocasiões, ou Nabucodonosor usou o título para descrever a Deus (3.36; 4.2, 17, 34), ou Daniel usou para falar de Deus a Nabucodonosor (4.24, 25, 32). Daniel usou duas vezes ao falar a Belsazar a respeito de Nabucodonosor (5.18,21). A expressão ocorreu quatro vezes no capítulo 7, a visão de Daniel dos quatro animais,

²⁰⁶ Archer, “Daniel”, pág. 56.

²⁰⁷ Charles E. Baukal Jr., “The Fiery Furnace”, *Bibliotheca Sacra* 171:682 (Abril-Junho 2014): 170.

²⁰⁸ Leupold, pág. 158; Collins, pág. 190.

três vezes nas palavras do anjo que forneceu a interpretação (7.18, 25, 27), e uma vez nas palavras de Daniel naquele capítulo (7.22).

“ [O título ‘Deus Altíssimo’] sugere um Deus de autoridade universal, mas por outro lado, qualidades pessoais indefinidas. Para um pagão, o título denotaria apenas o mais elevado entre muitos deuses, mas como um epíteto de El, ele era aceito à época do Antigo Testamento, e aplicado a Yahweh, de forma que para um judeu tinha implicações monoteístas (ou mono Yahwético)”.²⁰⁹

Com esse título, o rei atribuiu grande poder ao Deus desses judeus, acima de todos os outros deuses. Deus, obviamente, tinha livrado esses homens, como eles disseram que Deus poderia (v. 17), e os líderes do império babilônico testemunharam o milagre.

Os três judeus escaparam de toda forma de destruição, até mesmo do cheiro da fumaça. As cordas que lhes prendiam, simbólicas acerca do poder de Nabucodonosor sobre eles, se foram, sem sombra de dúvidas queimadas pelo fogo.

“Assim como o reinado de Nabucodonosor é um símbolo de todo o período dos tempos dos gentios, o livramento dos três amigos de Daniel é típico do livramento de Israel durante o período de domínio dos gentios. Particularmente, ao final do período dos gentios, Israel se encontrará em grandiosa aflição, mas, conforme profetizado por Isaías: ‘Mas agora, assim diz o Senhor, que te criou, ó Jacó, e que te formou, ó Israel: Não temas, porque eu te remi; chamei-te pelo teu nome, tu és meu. Quando passares pelas águas, eu serei contigo; quando, pelos rios, eles não te submergirão; quando passares pelo fogo, não te queimarás, nem a chama arderá em ti’ (Is 43.1-2)”.²¹⁰

Os três jovens hebreus encharcaram a fúria das chamas com a sua fé no Deus fiel (Hb 11.34; cf. 1 Macabeus 2.59).

“Os caldeus adoravam o fogo, como espécie de imagem do sol, de forma que, ao restringir o fogo nessa situação, Deus não desprezou apenas o rei deles, mas também os seus deuses”.²¹¹

6. As consequências do livramento vindo de Deus 3.28-30

3.28-29 O reconhecimento que Nabucodonosor fez do poder superior de Yahweh foi um avanço em relação ao tributo que ele fez à capacidade de Yahweh de revelar mistérios (2.47).

²⁰⁹ Goldingay, pág. 72.

²¹⁰ Walvoord, pág. 92.

²¹¹ Henry, pág. 1088.

Os pagãos acreditavam que os deuses usavam mensageiros para executar a sua vontade. Evidentemente, o rei viu a quarta pessoa na fornalha como um mensageiro da parte de Yahweh. Aos olhos de Nabucodonosor, esse livramento tornou o Deus de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego superior a todos os outros. Ele teve de reconhecer a superioridade de Yahweh sobre o seu próprio deus, Nebo, nesse quesito. Portanto, ele emitiu um decreto ordenando que todos respeitassem a Yahweh e não dissessem nada contra Ele.

A capacidade de Nabucodonosor em cancelar uma de suas leis e substituí-la com outra é evidência do poder pessoal dele. Os governantes do império persa, que substituiu o império babilônico (cf. 2.38-39), não tinham o poder para fazer isso; era legalmente impossível para eles passarem por cima de uma lei previamente escrita (cf. 6.8, 12, 15; Et 1.19). Nabucodonosor tornou o judaísmo uma religião reconhecida com direito à tolerância e respeito.²¹² O decreto dele pode ter sido responsável, em parte, pelas condições razoavelmente confortáveis nas quais os israelitas viviam no exílio babilônico.

A vida para os cativos da Judéia era, comparativamente falando, agradável na Babilônia, em contraste com a escravidão que seus ancestrais experimentaram no Egito. Os judaítas foram capazes de manter algumas de suas tradições nacionais, tais como o governo pelos anciãos, e os ministérios de ensino de sacerdotes e profetas. Eles desfrutaram de liberdade de ir e vir na terra da Babilônia; anciãos do povo vieram visitar Ezequiel, que tinha sua própria casa (Ez 8.1). As pessoas conseguiam se comunicar com seus amigos que ficaram em Judá (Jr 29.1, 25). Oportunidades favoráveis de emprego foram abertas para eles (2 Rs 24.14-16), e muitos deles viviam em terras boas e férteis (Ez 1.1, 3; 3.15, 23). Contudo, ser desarraigado da Terra Prometida e suas condições de habitação ali representavam um juízo de Deus.²¹³

Este capítulo começou com Nabucodonosor procurando unir o seu reino sob uma única religião (v. 5), mas ele se encerra com o reconhecimento da soberania de Yahweh e permitindo a adoração a Ele. Claro que isso não significa, necessariamente, que Nabucodonosor tenha abandonado seu politeísmo pagão e tenha se lançado completamente nos braços de Yahweh por meio de uma fé salvífica, embora alguns intérpretes tenham concluído que ele chegou a um relacionamento salvífico com Yahweh.²¹⁴

3.30 Sadraque, Mesaque e Abede-Nego também receberam a bênção do rei.

“...a posição deles se tornou ainda mais fácil e seu trabalho ainda mais bem-sucedido a despeito da oposição daqueles que invejavam o sucesso deles”.²¹⁵

²¹² Goldingay, pág. 75.

²¹³ Wood, *A Survey...*, págs. 385-387.

²¹⁴ P. ex.: Dyer, em *The Old...*, pág. 709.

²¹⁵ Leupold, pág. 163.

Nabucodonosor aprovou a fé dos três jovens em Yahweh, que demonstrou ser tão poderoso como aqueles jovens fiéis afirmaram que Ele era.

“Esse incidente histórico parece ter significado profético também. Na Tribulação vindoura, um governante gentílico (7.8) exigirá para si a adoração que pertence a Deus (2 Ts 2.4; Ap 13.8). Qualquer que se recusar a reconhecer o direito dele de ser adorado será morto (Ap 13.15). Presumindo poder político e religioso, ele oprimirá a Israel (Ap 13.7). A maioria das pessoas no mundo, incluindo muitos em Israel, se submeterão a ele e o adorarão. Mas um pequeno remanescente em Israel, como os três amigos, se recusará a fazê-lo. Muitos dos que não adorarem o anticristo serão severamente punidos; alguns serão martirizados por sua fidelidade a Jesus Cristo. Mas alguns poucos serão livrados daquelas perseguições pelo Senhor Jesus Cristo em Sua segunda vinda [cf. Zc 13.8; Ap 12.10-17]. No período de Tribulação vindoura, Deus fará para esse remanescente fiel o que Ele fez para os três amigos de Daniel. Eles se opuseram ao decreto do rei, e embora não estivessem isentos de sofrimento e opressão, eles foram livrados pelo Deus em Quem confiaram”.²¹⁶

Este capítulo avança na revelação que Deus deu a Daniel nos capítulos anteriores. Previamente, Deus havia Se revelado como o único Deus capaz de revelar mistérios: coisas previamente desconhecidas agora reveladas por Ele. A imagem que Nabucodonosor viu em seu sonho, e que Daniel interpretou (cap. 2), era uma revelação dos reinos mundiais futuros e suas características. O capítulo 3 mostrou que Yahweh é poderoso o suficiente para controlar meticulosamente a história. Ele assim o fez para se manter fiel às Suas promessas ao Seu povo, e para livrar aqueles que nEle confiam. Ele é capaz de revelar o futuro, mas também de fazê-lo acontecer. O capítulo 2 demonstra a sabedoria de Deus, e o capítulo 3 o poder de Deus (cf. 2.20-23). O testemunho dos poderes superiores de Yahweh aconteceram ao ser humano mais poderoso daquela época: o rei Nabucodonosor. Consequentemente, não deveria haver qualquer dúvida a respeito da grandeza de Deus.

C. O ORGULHO E A HUMILHAÇÃO DE NABUCODONOSOR CAP. 4

Vimos, nos três primeiros capítulos de Daniel, que o rei Nabucodonosor chegou a uma apreciação maior acerca da grandeza do Deus dos judeus. Neste capítulo, ele descobriu que Yahweh é soberano sobre os reis, bem como sobre os reinos (cf. cap. 1). Como o cabeça do poder gentílico dos seus dias, a humilhação de Nabucodonosor provavelmente possui significado representativo, sugerindo a destituição do domínio gentílico mundial por uma pedra cortada: Jesus Cristo (2.35, 44-45). Entretanto, a lição principal deste capítulo é a soberania de Yahweh sobre o maior soberano humano que o mundo já viu (cf. vv. 17, 18, 22, 24, 25, 26, 30, 31, 32, 34, 36, 37).

²¹⁶ Pentecost, “Daniel”, pág. 1340. Divisão de parágrafo omitida.

“À luz de outras passagens na Bíblia, falar profeticamente da Babilônia e sua destituição final, do qual Isaías 13 e 14 pode servir de exemplo, deixa claro que a disputa entre Deus e Nabucodonosor é uma ilustração mais ampla do lidar de Deus com toda a raça humana e especialmente com o mundo gentílico em seu orgulho de criatura e seu fracasso em reconhecer a soberania de Deus”.²¹⁷

O fato de que a Babilônia cai no capítulo imediatamente seguinte parece dar apoio a essa conclusão.

“Se a história anterior nos ensina como o Deus Todo-Poderoso protege de forma maravilhosa Seus verdadeiros adoradores contra a hostilidade do poder mundial, essa narrativa pode ser considerada como uma confirmação real da verdade de que esse mesmo Deus é capaz de humilhar os governantes do mundo, caso eles, em orgulho presunçoso, se vangloriem do seu poder, restringindo eles a reconhecerem a Deus como Senhor sobre todos os reis da terra”.²¹⁸

Este capítulo é singular na Bíblia. Trata-se de um decreto que Nabucodonosor emitiu após sua recuperação de uma insanidade temporária. O decreto contém o registro de eventos que resultaram na emissão do decreto. O próprio Daniel pode ter escrito esse relato na forma de decreto, ou pode ter inserido o próprio decreto do rei obtido por uma fonte terceira. Ele é singular nas Escrituras, sendo o único capítulo composto por um pagão – caso Nabucodonosor o tenha escrito, e caso ele fosse um não convertido.

A estrutura do capítulo é essencialmente ABBA: quiástica. Ela começa e termina com louvor a Deus (vv. 1-3, 34-37), e no meio encontra-se a narração do sonho de Nabucodonosor (vv. 4-18), e sua interpretação e cumprimento (vv. 19-33).

“...imagens-chave no sonho de Nabucodonosor em Daniel 4 são semelhantes às aquelas na *Epopéia de Gilgamés*, tendo, conseqüentemente, significado especial para o rei letrado Nabucodonosor e para o seu servo Daniel”.²¹⁹

São estas as imagens: sonhos, a busca por fama, a árvore, os observadores, e os homens não civilizados. Eles ocorrem em ordem reversa nos dois documentos: a *Epopéia de Gilgamés* e o Livro de Daniel.

O momento desse incidente parece ser consideravelmente posterior ao evento registrado no capítulo 3. Nabucodonosor havia concluído grandes projetos de construção (v. 30), possivelmente incluindo os famosos Jardins Suspensos da Babilônia. Ele reinou por 43 anos (605-562 a.C.). Quem sabe esses eventos tenham acontecido mais para o final do seu reinado. Pentecost e Whitcomb estimaram que a data pode ter sido por volta de 570 a.C.²²⁰ Se esse for o caso, Daniel teria, provavelmente por volta de 50 anos de idade. A Septuaginta data o incidente do décimo oitavo ano do reinado de Nabucodonosor, no versículo

²¹⁷ Walvoord, pág. 95.

²¹⁸ Keil, pág. 134.

²¹⁹ Jason A. Garrison, “Nebuchadnezzar’s Dream: An Inversion of Gilgamesh Imagery”, *Bibliotheca Sacra* 169:674 (Abril-Junho 2012): 173.

²²⁰ Pentecost, “Daniel”, pág. 1341; Whitcomb, págs. 62-63.

4 (cerca de 587 a.C.), mas isso parece refletir a opinião dos tradutores ao invés do escritor inspirado. A Septuaginta conectou os versículos 1-3 ao final do capítulo 3, e iniciou o capítulo 4 em 4.4.

“Daniel cap. 4 fornece uma das maiores lições da Bíblia acerca do orgulho, particularmente daqueles que olham para suas próprias realizações e dão a si mesmos todo o crédito”.²²¹

1. A doxologia introdutória de Nabucodonosor 4.1-3

4.1 O fato de Nabucodonosor ter direcionado o que vem a seguir para todos que vivem na terra – muito embora ele não tenha governado a terra toda – não deveria representar um problema. Essa era a linguagem universal costumeiramente utilizada (cf. 3.29). Na realidade, ele governou sobre uma parte grande do mundo antigo. Semelhantemente, a bênção “Paz vos seja multiplicada!” parece ser uma saudação comum (cf. 6.25).

4.2-3 “Sinais” e “maravilhas” são termos bíblicos comuns utilizados para descrever ocorrências sobrenaturais (cf. Dt 6.22; 7.19; 13.1, 2; 26.8; Ne 9.10; Is 8.18; et al.). O termo “sinais” (aram. *’atohi*) refere-se a um “fenômeno natural que, por conta da sua magnitude ou momento, evidenciam decisivamente a intervenção de Deus”.²²² “Maravilhas” (aram. *timhohi*) são “manifestações sobrenaturais de intervenção divina no curso da natureza”.²²³ “Deus, o Altíssimo” trata-se claramente de Yahweh (cf. 3.26). O rei tinha grande respeito por Yahweh, mas isso não significa necessariamente que ele era um monoteísta, muito menos um convertido ao judaísmo. O louvor do rei a Yahweh inicia e encerra o capítulo (cf. v. 37), formando um *inclusio* ao redor da narrativa.²²⁴

O efeito dessa introdução no leitor é torna-lo ávido por descobrir o que acontece com Nabucodonosor. Queremos agora dar bastante atenção para o testemunho a seguir.

2. A frustração do rei a respeito do seu segundo sonho 4.4-9

4.4 Conforme mencionado, a época desse sonho aparentemente aconteceu posteriormente no reinado de Nabucodonosor. Alguns historiadores identificaram um período de sete anos durante o seu reino quando ele não se envolveu em qualquer atividade militar (aproximadamente 582-575 a.C.).²²⁵ Esses podem ter sido os sete anos durante os quais ele ficou temporariamente insano. Se esse for o caso, ele pode ter tido esse sonho em 583 ou 582 a.C. Caso essa seja a data aproximada, Nabucodonosor teria

²²¹ Tanner, pág. 262.

²²² Archer, “Daniel”, pág. 59.

²²³ Ibid.

²²⁴ Um *inclusio* (latim) é um instrumento literário no qual o escritor cria um molde conceitual ao colocar material parecido no início e no fim de uma seção.

²²⁵ Archer, “Daniel”, págs. 59-60.

derrotado os egípcios liderados pelo faraó Hofra (em 588-587 a.C.), e teria destruído Jerusalém (em 586 a.C.) antes de ter esse sonho. Qualquer que seja o caso, ele estava à vontade e descansando em seu palácio quando Deus lhe deu essa revelação.

Nabucodonosor se descreve como estando tranquilo em seu palácio – em termos que, na língua original, a expressão quer dizer florescendo como uma planta verde. Esse rei construiu os famosos Jardins Suspensos da Babilônia, que enriqueceram sua capital naturalmente árida com vegetação cara. Sua descrição acerca de si mesmo antecipa a figura da árvore em seu sonho, que representa a ele mesmo.

4.5-7 Seu sonho, que também foi uma revelação vinda de Deus, lhe aterrorizou, como a língua original deixa claro (cf. 2.1, 3). Ele ainda acreditava em seus sábios, muito embora eles já tivessem lhe decepcionado (2.10-12). Desta vez, o rei lhes contou o sonho e simplesmente pediu que eles interpretassem. Eles fracassaram mais uma vez, de forma que ele chamou aquele que era perito nesse assunto: Daniel.

“Essa escola de charlatões pomposos deveria ter sido encerrada faz tempo”.²²⁶

4.8 É possível que Daniel não estivesse com os outros conselheiros do rei, pois ele ocupava uma posição no governo que exigia sua presença em outro lugar. O rei descreveu a Daniel usando tanto seu nome hebreu quanto o babilônico. Isso teria tido um efeito duplo, fazendo com que os leitores do decreto reconhecessem Daniel pelo seu nome babilônico comum, e honrassem o Deus de Daniel (cf. v. 37).

Nabucodonosor provavelmente quis dizer com “no qual há o espírito dos deuses santos” (cf. v.17) – de forma pagã – que esses espíritos habitavam em Daniel, uma vez que ele usou um adjetivo plural (traduzido por “santos”) para descrever o substantivo (“deuses”).²²⁷ Entretanto, provavelmente não devemos ser dogmáticos à essa altura, uma vez que “santos” pode significar divino, em vez de moralmente puro.²²⁸ Nesse caso, o rei pode querer ter dito “o Espírito do Deus Santo”.

A verdadeira interpretação repousa sobre a compreensão teológica de Nabucodonosor, que o texto não deixa claro. Suspeito que Nabucodonosor estivesse falando como um politeísta em vez de um crente monoteísta em Yahweh.

“Vendo que Nabucodonosor reconheceu outro como ‘meu deus’, é improvável que ele tenha considerado Jeová com o único Deus santo”.²²⁹

²²⁶ Culver, “Daniel”, pág. 783.

²²⁷ Veja Leupold, pág. 176; Driver, pág. 48.

²²⁸ Young, pág. 99.

²²⁹ Culver, “Daniel”, pág. 783.

“Muitas perguntas surgem com este versículo. Porque Daniel aparece apenas depois que os sábios fracassam em sua interpretação do sonho? Porque, se Daniel era tão bem conhecido por sua capacidade de interpretar sonhos e se ele ocupava uma posição de proeminência sobre os sábios, ele não foi o primeiro a ser chamado?...

O rei... não havia se esquecido de Daniel. Ao contrário, seu sonho aparentemente fez com que ele sofresse humilhação, e provavelmente essa humilhação estaria nas mãos do Deus de Daniel. Com esse Deus, Nabucodonosor não quis, até então, qualquer envolvimento. Se outros são capazes de interpretar sonhos, ele irá para essas pessoas antes de ir até Daniel”.²³⁰

- 4.9 Nabucodonosor chamou Daniel de chefe dos magos. Ele provavelmente quis dizer com isso que Daniel era o principal intérprete do futuro, e não que ele era o chefe de um grupo de ilusionistas.²³¹ A fama de Daniel, neste sentido, evidentemente tornou-se algo bem conhecido (cf. Ez 28.3).

3. O relato de Nabucodonosor acerca do seu sonho 4.10-18

- 4.10-12 O rei descreveu o que ele viu em linguagem poética. Portanto, suas palavras parecem um oráculo profético. Os antepassados frequentemente usavam árvores para descrever os governantes das nações (cf. Is 2.12-13; 10.34; Ez 31.3-17).²³² Consequentemente, Nabucodonosor pode ter antecipado que a árvore em seu sonho representava ele mesmo. O que aconteceu com a árvore em seu sonho pode ter sido responsável pelo seu temor (v. 5). Essa árvore era parecida com Nabucodonosor e seu reino.²³³ Os animais e as aves provavelmente representam os vários tipos de pessoas que se beneficiaram do reino de Nabucodonosor (cf. Ez 31.6; Mt 13.32).

- 4.13-15 O “vigilante” que desceu do céu (v. 13) era provavelmente um agente divino, um anjo, embora Nabucodonosor o tenha descrito usando uma terminologia do seu contexto (cf. v. 17).²³⁴ Reis terrenos tinham vigilantes que serviam como seus olhos e ouvidos e que executavam as convocações do seus senhores. A cepa atada (v. 15) dá a ideia de uma restauração da vida da árvore e seu crescimento após uma poda. Afinal de contas, a cepa poderia ter sido removida.

O significado das cadeias de ferro e bronze que ataram a cepa é obscura. Elas impediram a cepa de desintegrar-se, e quem sabe simbolizava a loucura que ataria

²³⁰ Young, pág. 100.

²³¹ Leupold, pág. 178.

²³² Young, págs. 101-102.

²³³ Veja Paul Ferguson, “Nebuchadnezzar, Gilgamesh, and the ‘Babylon Job’”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 37:3 (Setembro 1994):321-331.

²³⁴ Keil, pág. 150; Goldingay, pág. 88.

Nabucodonosor,²³⁵ ou o fato de que ele seria protegido enquanto em estado de demência.²³⁶ Outra visão é que elas representam a enfermidade do rei, que o mantiveram preso.²³⁷ Conforme a descrição continua, fica cada vez mais evidente que a árvore representa um homem. O “ele” agora, está relacionado a uma pessoa (v. 15, NVI).

4.16 O homem, retratado como uma árvore cortada, estaria louco (*levav*, lit. coração, incluindo sentimentos, emoções e afeições) por sete períodos de tempo (cf. vv. 23, 25, 32; 7.25). O termo aramaico traduzido por “períodos [de tempo]” (*iddanin*, NVT) é indefinido; ele não indica a duração desses períodos de tempo.²³⁸ O termo significa anos em 7.25, e esse pode ser o significado aqui também.²³⁹ Sete horas, sete dias ou sete semanas teria sido um tempo muito curto para que o cabelo de Nabucodonosor crescesse até o comprimento de penas (v. 33), embora isso fosse possível em sete meses. Leupold acreditava que o número sete não deveria ser tomado literalmente, mas que ele simplesmente marca uma atividade divina.²⁴⁰ Enquanto o número sete normalmente está ligado com a atividade divina nas Escrituras, o texto especifica “sete períodos [de tempo]” (NVT).

4.17 Deus também revelou o propósito do juízo dessa “árvore”. Ensinar a todas as pessoas que o Deus Altíssimo (cf. 3.26) é soberano sobre todas as questões da humanidade (v. 17; cf. vv. 25, 32; 2.21; 1 Sm 2.7-8; Jó 5.11). Ele é capaz, Ele fez isso e Ele colocará no governo quem Ele quiser, até mesmo pessoas de origem humilde, para governar as nações (p.ex.: José, os juízes de Israel, Saul, Davi, et al.). Deus não precisa dos poderosos para fazer a Sua obra. Portanto, é tolice se vangloriar por conta das realizações e sua importância, como Nabucodonosor fez.

Deus buscou gravar Sua soberania universal sobre Nabucodonosor (caps. 2, 3), mas o rei não aprendeu a lição. Sendo assim, Yahweh enviou uma lição ainda mais forte. Normalmente é assim que Ele faz (cf. Jó 33.14-17). A parte final do versículo é um resumo do tema do livro de Daniel, e alguns consideram esse como o versículo-chave do livro.²⁴¹

4.18 O rei concluiu a descrição do que havia no seu sonho pedindo a Daniel que o interpretasse para ele. Parece incrível os profetas babilônicos serem incapazes de oferecer uma interpretação desse sonho, uma vez que seu significado parece bastante claro. É possível que Deus tenha escondido o significado deles, ou quem sabe eles

²³⁵ Walvoord, pág. 103.

²³⁶ Archer, “Daniel”, pág. 64.

²³⁷ Leupold, pág. 184.

²³⁸ Keil, pág. 153.

²³⁹ Pentecost, “Daniel”, pág. 1342.

²⁴⁰ Leupold, pág. 185.

²⁴¹ P. ex.: Hanna, pág. 399.

tenham fingido ignorância acerca do significado, pois o sonho predizia a humilhação de Nabucodonosor, e eles não quiseram lhe contar isso.

4. A interpretação de Daniel 4.19-27

4.19 A relutância inicial de Daniel em contar ao rei a interpretação deve-se ao fato das próprias más notícias, ou às potenciais consequências daninhas para Daniel por contá-las ao rei. A tradução ACF, “por uma hora” (v. 19) descreve um curto período de tempo melhor traduzido por “por algum tempo” (ARA). Daniel não hesitou em interpretar o primeiro sonho do rei (2.27-28). Percebendo o desconforto de Daniel, Nabucodonosor encorajou o profeta a relatar a interpretação sem medo de punição. Este versículo reflete o respeito que um tinha pelo outro.

“Este versículo é o que melhor retrata o coração de Daniel no livro todo. Ele conhecia o significado desse sonho e quão bem Nabucodonosor merecia o que estava por vir para ele. Contudo, o coração de Daniel estava preocupado pelo rei e triste acerca do que ele tinha de contar. Essa era a marca distinta dos verdadeiros profetas de Deus: embora eles frequentemente tivessem que predizer juízos, eles normalmente se entristeciam sempre que uma criatura de Deus era castigada”.²⁴²

4.20-23 Ao repetir os fatos do sonho conforme narrados por Nabucodonosor, Daniel assegurou que ele compreendeu o sonho exatamente e foi interpretando-o precisamente ao rei. Nabucodonosor teria que deixar seu lugar atual na sociedade e teria que viver ao ar livre com os animais do campo. Além disso, ele mesmo se comportaria como um animal – até mesmo comer grama. A zoantropia é uma forma de doença mental que provoca tal comportamento. Nessa situação, a pessoa se imagina como sendo um animal. É possível que Deus tenha usado isso para afligir Nabucodonosor.²⁴³

Outra possibilidade é que o rei tenha sofrido de boantropia. Nessa doença, a pessoa acha que é um touro (cf. 5.21). O comportamento externo é irracional, mas a consciência interna permanece virtualmente inalterada.²⁴⁴ Isso pode responder pela afirmação que, ao final da sua aflição, Nabucodonosor levantou os olhos aos céus (i.e., se arrependeu, v. 34).

²⁴² Feinberg, pág. 56.

²⁴³ Keil, pág. 159; Pentecost, “Daniel”, págs. 1342-1343.

²⁴⁴ Young, pág. 112; Archer, “Daniel”, pág. 66.

R. K. Harrison registrou sua observação pessoal de um paciente mental com boantropia que demonstrou exatamente os sintomas descritos de Nabucodonosor.²⁴⁵ Joyce Baldwin citou um psiquiatra que testemunhou um caso similar.²⁴⁶

4.24-26 A condição do rei, qualquer que fosse, continuaria por sete períodos de tempo (cf. v. 16), até que o rei aprendesse que o Altíssimo é soberano. O número sete nas Escrituras está normalmente ligado à obra perfeita de Deus e aqui ele sugere que o juízo de Deus sobre Nabucodonosor seria perfeito e completo. Então, Nabucodonosor receberia de volta tanto seus sentidos, quanto o seu trono. “O céu domina” (v. 26) é uma figura de linguagem (metonímia) para dizer que Deus governa, uma vez que Deus mora no céu.²⁴⁷ Os judeus normalmente substituíam “céu” pelo nome de Deus por respeito a Ele. Isso é mais óbvio no Evangelho de Mateus, que foi escrito primariamente para judeus, no qual “o reino do céu” normalmente substitui a expressão mais comum “reino de Deus” nos outros Evangelhos. Entretanto, este é o único lugar no Antigo Testamento onde a substituição de “Deus” por “céu” acontece.

4.27 Daniel concluiu com uma corajosa exortação ao rei. O que Deus revelou aconteceria a menos que Nabucodonosor se arrependesse dos seus pecados, praticasse justiça e demonstrasse misericórdia para com o pobre. Fica evidente que Nabucodonosor governava com mão pesada e coração orgulhoso.

“Isso enfatiza o princípio de que qualquer juízo anunciado pode ser evitado em caso de arrependimento (cf. o livro de Jonas)”.²⁴⁸

5. O cumprimento da disciplina ameaçada 4.28-33

4.28 O versículo 28 apresenta o cumprimento do que Deus alertou a Nabucodonosor que aconteceria caso ele não se arrependesse. É possível que ele tenha inicialmente se humilhado, mas depois de 12 meses tenha se tornado orgulhoso novamente.

4.29-30 Arqueólogos descobriram documentos antigos nos quais Nabucodonosor se vangloriou da glória e do esplendor da Babilônia.²⁴⁹

“O palácio a partir do qual ele visualizou a Babilônia era uma das cidadelas no lado norte da cidade. Ele tinha salas amplas, salas de recepção, sala do trono, residências e os famosos jardins suspensos, um arqueado, uma estrutura de terraço com um suprimento de água

²⁴⁵ R. K. Harrison, *Introduction to the Old Testament*, págs. 1116-1117.

²⁴⁶ Baldwin, págs. 109-110.

²⁴⁷ Metonímia é uma figura de linguagem na qual o nome de uma coisa é utilizado no lugar de outra associada com ou sugerida por ela.

²⁴⁸ Pentecost, “Daniel”, pág. 1343. Cf. Jr 18.7-10.

²⁴⁹ Veja Montgomery, págs. 243-244; Archer, “Daniel”, pág. 65; Joseph P. Free, *Archaeology and Bible History*, pág. 228.

elaborado para suas árvores e plantas, aparentemente construído por Nabucodonosor para sua rainha da Média. A partir do palácio ele enxergaria a uma distância de 27 quilômetros para fora do muro duplo, que ele havia construído. Seu palácio ficava dentro do muro duplo da cidade interna, que era ligada por 8 pontes e ao redor de uma área de 3 quilômetros por 1 quilômetro, com o rio Eufrates passando pelo meio dela. Adjunto ao palácio havia uma avenida processional que Nabucodonosor pavimentou com calcário e decorou com figuras de leões, emblemáticas de Istar; essa avenida entrava na cidade através do Portão Istar, que ele decorou com dragões e touros (emblemas de Marduque e Bel). Ela continuava ao sul para os precintos sagrados mais importantes, cujo embelezamento e desenvolvimento Nabucodonosor contribuiu, o zigurate coroado com um templo de Marduque, onde a estátua do deus residia. No templo de Marduque, havia também santuários para outros deuses, e em outros lugares da cidade, templos de outros deuses babilônicos, restaurados ou embelezados por Nabucodonosor”.²⁵⁰

Josefo citou o antigo escritor Berosus, que em seu *Chaldaic History* forneceu uma descrição das atividades de construção de Nabucodonosor.²⁵¹

“A descoberta de inscrições cuneiformes tem confirmado, de maneira notável, a precisão deste versículo. A partir disso, aprendemos que Nabucodonosor era, primeiramente, um construtor, e não um guerreiro”.²⁵²

4.31-33

O rei mal articulou seu orgulho, então ele ouviu uma voz vinda do céu pronunciando a punição acerca do que Daniel havia alertado que viria sobre ele. Imediatamente algo aconteceu em sua mente, e ele se tornou como um animal (cf. Sl 49.20). Cabelos “como as penas da águia” retrata o cabelo que é descuidado e emaranhado, bem como um cabelo longo. Ele não pensava em cortar as unhas dos pés nem das mãos mais.

O juízo de Deus é um lembrete preocupante de que estamos apenas a um sopro ou um batimento cardíaco da insanidade ou da morte, não fosse a Sua graça (cf. Lc 12.16-20). É Deus Quem nos sustenta momento a momento (Jo 15.5; Cl 1.17). A humilhação de governantes orgulhosos é um tema recorrente nas Escrituras (cf. Dt 17.14-20; Sl 92; Pv 16.5-7, 12; Is 10.5-11.10; 14.4-23; Ez 17.23-24; 19.10-14, 28; 31.5-6, 12-13; At 12.23).

²⁵⁰ Goldingay, págs. 89-90.

²⁵¹ Josefo, 10:11:1. Para descrições adicionais, veja também Whitcomb, págs 65-66; e Campbell, pág. 50.

²⁵² Young, pág. 109.

“Aquilo que ele deveria aprender a partir dessa visão da grande imagem e do livramento dos três hebreus da fornalha de fogo ardente seria [agora] inegavelmente impresso sobre ele”.²⁵³

“Se há uma mensagem bastante enfatizada no livro de Daniel é a de que ‘o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens’ (Dn 4.32)”.²⁵⁴

A expressão “o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens” aparece três vezes neste capítulo (vv. 17, 25, 32) e articula o tema do livro de Daniel.

“É possível dizer que a verdadeira insanidade pertence a Nabucodonosor que, mais cedo, falou como se ele fosse o rei eterno e como se Deus não existisse. Sua loucura externa é a expressão externa de uma alucinação da qual ele já era vítima. Somente um louco acha que ele é um rei ou um imperador (Pascal): a política é a regra de um manicômio. Mas as regras são importantes, pois elas tornam a loucura o menos nociva possível”.²⁵⁵

Não teria sido anormal os inimigos de Nabucodonosor na Babilônia o matarem e tomarem o seu lugar. O fato de que isso não aconteceu durante o tempo da pane do rei é outro tributo à soberania de Deus. Ele manteve as questões sob controle, de forma que quando Nabucodonosor se recuperasse, ele continuaria a governar.²⁵⁶ É possível alguém perguntar qual foi o papel exercido por Daniel para proteger o rei e encorajar outros oficiais reais a esperar e planejar para a restauração em Nabucodonosor.

6. A restauração de Nabucodonosor 4.34-37

4.34-35 A narrativa conclui na primeira pessoa, dando força a um testemunho pessoal para a história que o rei estava contando. “Levantei os olhos aos céus” implica que Nabucodonosor finalmente chegou ao fim de si mesmo – e buscou ajuda divina em Yahweh.

“A sanidade começa com uma avaliação pessoal realista”.²⁵⁷

“A capacidade de reconhecer a Deus é a diferença fundamental entre o animal e o homem. Em qualquer era, a glória do homem é

²⁵³ Archer, “Daniel”, pág. 66.

²⁵⁴ Wiersbe, pág. 282.

²⁵⁵ Goldingay, pág. 96.

²⁵⁶ Para apoio extra bíblico para a loucura temporária de Nabucodonosor, veja *ibid.*, págs. 83-84; ou Young, págs. 110-111.

²⁵⁷ Baldwin, pág. 116.

reconhecer a Deus e assumir seu lugar relativo à Soberania do universo”.²⁵⁸

“Nada é mais insano do que o orgulho humano. Nada é mais sóbrio e sensível do que o louvor a Deus”.²⁵⁹

O rei descreveu a Yahweh com termos mais glorificadores nestes versículos.

“O reino universal [de Deus] sempre existe de maneira eficaz [i.e., produzindo de maneira bem-sucedida o resultado tencionado] independentemente da atitude dos seus súditos [cf. Sl 103.19]”.²⁶⁰

É difícil provar, conclusivamente pelo texto, que o monarca colocou sua fé salvadora em Yahweh, mas essa é uma possibilidade distinta considerando-se todos esses títulos e louvores.²⁶¹ Alguns intérpretes sustentam que Nabucodonosor não creu em Yahweh num sentido salvífico.²⁶² Somente Deus sabe se isso aconteceu.

“No capítulo 4, Nabucodonosor alcança uma nova perspicácia espiritual. Antes de sua experiência de insanidade, suas confissões eram as de um pagão cujo politeísmo permitiu a adição de novos deuses, conforme ilustrado em Daniel 2.47 e 3.28-29. Agora, aparentemente, Nabucodonosor adora somente o Deus do céu. Por esse motivo, sua autobiografia é verdadeiramente notável e reflete o benefício da influência de Daniel sobre ele e provavelmente as orações diárias de Daniel em seu favor. Deus certamente não faz acepção de pessoas e é capaz de salvar o grande e poderoso nesse mundo, bem como o pequeno”.²⁶³

O que podemos dizer, com certeza, é que Nabucodonosor partiu do reconhecimento da sua soberania sobre todos os povos para reconhecer a verdadeira soberania de Deus sobre ele.

4.36-37

Quando Nabucodonosor reconheceu a soberania de Deus, Sua existência eterna e governo – e Sua vontade e poder irresistíveis – sua sanidade retornou a ele. O seu decreto público, bem como sua confissão pública de inferioridade para com Deus, demonstram quão genuíno foi o seu arrependimento, bem como a maior bênção subsequente sobre ele (cf. Jó).

²⁵⁸ Feinberg, pág. 58.

²⁵⁹ Culver, “Daniel”, pág. 785.

²⁶⁰ Alva J. McClain, *The Greatness of the Kingdom*, pág. 30.

²⁶¹ Young, págs. 113-114; Dennett, pág. 50; Walvoord, pág. 112; Whitcomb, págs. 68-69; Campbell, págs. 53-54; Ironside, pág. 60.

²⁶² P. ex.: Leupold, pág. 204; Archer, “Daniel”, pág. 58; Baldwin, pág. 116.

²⁶³ Walvoord, pág. 112.

“Não há qualquer outro relato de um rei registrando sua própria inabilidade nas inscrições cuneiformes”.²⁶⁴

“Esse princípio de tremenda importância tinha de ser estabelecido na mente dos judeus, servindo para os seus anos de cativo na Babilônia... os judeus cativos precisavam saber que até mesmo o poder aparentemente ilimitado de Nabucodonosor estava sob o controle do Senhor Deus Todo-Poderoso, que ainda se importava com eles e tinha um grande futuro para eles em sua terra. Portanto, cada episódio registrado nos seis primeiros capítulos conclui com uma demonstração triunfante da soberania e da fidelidade de Deus e de Sua capacidade de destruir o orgulho da humanidade pagã”.²⁶⁵

“Parece haver um significado profético neste incidente, bem como naquele do capítulo 3. Muito embora Deus tenha apontado gentios para um lugar de proeminência em Seu programa durante os tempos dos gentios, ainda assim a maioria das nações e pessoas andam em rebeldia contra Deus... o juízo de Deus sobre Nabucodonosor, projetado para sujeitá-lo à autoridade de Deus, parece prefigurar o juízo de Deus sobre as nações para sujeitá-las à autoridade dAquele que lhes deu o direito de governar”.²⁶⁶

D. O BANQUETE DE BELSAZAR CAP. 5

Belsazar chegou ao trono cerca de nove anos depois da morte de Nabucodonosor.²⁶⁷ Portanto, os eventos desse capítulo ocorreram cerca de 66 anos após os ocorridos no capítulo 1, e cerca de 36 anos após os eventos do capítulo 4. Daniel recebeu a revelação no capítulo 7 no primeiro ano de Belsazar (553 a.C., 7.1), e a revelação do capítulo 8 no terceiro ano de Belsazar (551 a.C., 8.1). Consequentemente, o capítulo 5 segue os capítulos 7 e 8 cronologicamente em 14 e 12 anos respectivamente. Daniel estaria com cerca de 80 anos nessa época.

“..uma característica moral ainda pior da soberania gentílica é exibida [neste capítulo]. Idolatria e orgulho de poder – vanglória – marcaram Nabucodonosor; mas Belsazar é alguém distinto por conta da insolência pública, da impiedade ousada, evidenciada em perversidade e profanação deliberada”.²⁶⁸

²⁶⁴ Jamieson, et al., pág. 742

²⁶⁵ Archer, “Daniel”, págs. 67-68.

²⁶⁶ Pentecost, “Daniel”, pág. 1344.

²⁶⁷ Para uma breve história do império neobabilônico entre os reinos de Nabucodonosor e Belsazar, veja Archer, “Daniel”, págs. 69-70.

²⁶⁸ Dennett, pág. 67; Veja também Leupold, pág. 208.



1. Belsazar desonra a Yahweh 5.1-4

5.1 Alguns estudiosos críticos alegaram que Belsazar jamais foi rei no império neobabilônico.²⁶⁹ Entretanto, descobertas modernas tem demonstrado que Belsazar agiu como rei durante as frequentes e prolongadas ausências de seu pai da Babilônia.²⁷⁰

“O último rei caldeu verdadeiro, ‘confiou a monarquia’ em 539 a.C. para o seu filho Bel-sar-usur durante sua ausência de dez anos da Babilônia, retornando quando a ameaça de Ciro cresceu”.²⁷⁰

Banquetes do tamanho como o descrito neste versículo também têm recebido ataques dos críticos. Todavia, o historiador antigo Ctésias de Cnido escreveu que os reis persas jantavam frequentemente com cerca de 15.000 pessoas (cf. Et 1).²⁷¹

Mais tarde no texto, lemos que Belsazar deu um banquete na noite em que a cidade da Babilônia caiu (vv. 30-31). Os invasores medos e persas, liderados por Gobrias, comandante do exército persa, já teriam tomado os arredores da cidade, e todos na cidade sabiam de suas intenções. Entretanto, a cidade da Babilônia não caiu diante de exércitos invasores durante 1.000 anos por causa de suas fortificações.

²⁶⁹ P. ex.: H. H. Rowley, “The Historicity of the Fifth Chapter of Daniel”, *Journal of Theological Studies* 32 (Outubro 1930):12.

²⁷⁰ Veja A. T. Olmstead, pág.87, para o mesmo costume na Pérsia.

²⁷¹ Goldingay, pág. 106. Veja também Finegan, *Light from...*, págs. 227-228; N. W. Porteous, *Daniel: A Commentary*, pág. 76; Young, págs. 115-119; Keil, págs. 162-179, 222; Leupold, págs. 208-212; Whitcomb, págs. 70-72.

²⁷² Veja Leupold, pág. 214.

“Situada numa planície vasta, a Babilônia tinha o formato de um quadrado medindo 21,5 quilômetros e meio em cada lado, com um perímetro de cerca de 90 quilômetros; isso mostra quão ampla a área urbana da Babilônia era. E ela foi projetada como nenhuma outra cidade conhecida. Em primeiro lugar, ela é cercada por um fosso profundo e largo cheio de água que forma os limites externos da cidade. Em segundo lugar, há um muro de 23 metros de largura, por 90 metros de altura... Nas extremidades do muro, eles construíram câmaras de um andar, voltadas umas para as outras, deixando um espaço que permitia a passagem de uma carruagem de quatro cavalos entre cada um. Em volta do muro eles construíram 100 portões de bronze, incluindo os pilares e lintéis... A cidade possuía dois distritos, pois o rio Eufrates dividia a cidade em dois. Esse rio é amplo, profundo e veloz”.²⁷²

A confiança de Belsazar na segurança da sua cidade fica evidente em seu banquete e sua bebedeira enquanto o inimigo está à sua porta. O seu nome, que significa “Bel [também conhecido como Marduque] Protegeu o Rei”,²⁷³ pode ter aumentado sua sensação de invulnerabilidade. Heródoto também mencionou que havia um festival em andamento quando a cidade caiu.²⁷⁴

“Com os exércitos de um conquistador pressionando a capital, esse governante buscou refúgio numa orgia de vinho”.²⁷⁵

5.2-4 Nabucodonosor era avô de Belsazar e não o seu pai, mas a língua original usava normalmente o termo “pai” no sentido de ancestral.

“Nem no hebraico, nem no caldeu, existe um termo para ‘avô’ ou ‘neto’. Os ancestrais são chamados de ‘pais’ ou ‘pais dos pais’. Mas um avô, ou ancestral, nunca é chamado de ‘pai do pai’, mas sempre ‘pai’ apenas”.²⁷⁶

Esses utensílios evidentemente foram levados de Jerusalém e guardados como troféus de guerra e não tinham sido usados previamente (cf. 1.2).²⁷⁷ A presença deles nos depósitos da Babilônia representavam humilhação suficiente para Yahweh que, na mente dos babilônios, foi incapaz de impedir que estes fossem roubados. Entretanto, o

²⁷² Heródoto, 1.178-80.

²⁷³ Pentecost, “Daniel”, pág. 1344.

²⁷⁴ Heródoto, 1.191.

²⁷⁵ Baldwin, pág. 119.

²⁷⁶ Pusey, pág. 346.

²⁷⁷ Veja Greg Goswell, “The Temple Theme in the Book of Daniel”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 55:3 (Setembro 2012): 509-520.

uso desses utensílios em louvor aos deuses babilônicos era um sacrilégio ainda maior do que simplesmente estar de posse deles.

“... esse foi um ato de provocação deliberada, calculado para insultar o Deus cujo Templo havia sido saqueado em Jerusalém”.²⁷⁸

“A profanação com utensílios de templo era algo repugnante até mesmo para os padrões pagãos”.²⁷⁹

“Você já reparou como, nos últimos anos, o mundo tem entrado no ‘santuário’ da fé e tem colocado suas mãos cruéis em algumas das coisas que consideramos como as mais sagradas? Temos visto, nos nossos dias, esse sacrilégio sendo praticado também em várias outras esferas. Será que Deus não Se importa? Será que Ele não visitará tal ultraje?”²⁸⁰

“A presença das ‘esposas’ e ‘concubinas’ do rei, normalmente não era tolerada nos banquetes. Entretanto, quando a degeneração crescia exponencialmente, a permissão era concedida.”²⁸¹

Assim como nos capítulos 3 e 4, um rei pagão se colocou novamente como superior a Yahweh. É possível que Belsazar tenha feito o que fez para fortalecer o orgulho nacionalista entre os babilônicos também.

A descrição dos deuses da Babilônia como ouro, prata, bronze, ferro, madeira e pedra provavelmente reflete a perspectiva hebraica do escritor (cf. v. 23). Para os israelitas, os deuses honrados por Belsazar nem deuses eram.

2. A revelação de Deus a Belsazar 5.5-9

5.5 Assim como Nabucodonosor, Belsazar recebeu um presságio (um evento considerado como um sinal de bem ou mal vindouro) de Deus. No caso de Nabucodonosor, o presságio veio através de dois sonhos (caps. 2 e 4). No caso de Belsazar, o presságio foi um manuscrito na parede. A noite de folia tornou-se numa noite de revelação.²⁸²

“Nas ruínas do palácio de Nabucodonosor, arqueólogos encontraram uma grande sala do trono de 17 metros de largura por 52 de comprimento, onde provavelmente o banquete aconteceu. Na metade do muro contrário à entrada, há um nicho onde muito

²⁷⁸ Leupold, pág. 215.

²⁷⁹ Collins, pág. 245.

²⁸⁰ Feinberg, págs. 65-66.

²⁸¹ Leupold, pág. 216. Cf. Et 1.10-12.

²⁸² Campbell, pág. 59.

provavelmente o rei se assentou. Interessantemente, o muro atrás do nicho estava coberto com argamassa branca conforme descrito por Daniel, que serviria perfeitamente como um fundo para um manuscrito como aquele”.²⁸³

5.6-7 Os “encantadores” que Belsazar chamou para lhe ajudarem eram magos. Esses “caldeus” eram estudiosos que conheciam as tradições dos babilônicos. Os “feiticeiros” eram os astrólogos. Esses eram apenas três, dos vários grupos de sábios chamados pelo rei (v. 8).

Vestir alguém de púrpura significava dar autoridade real (cf. Et 8.15). O colar de ouro teria um valor tanto simbólico, bem como monetário. Belsazar evidentemente ofereceu a promoção daquele que pudesse interpretar a escrita misteriosa, ao terceiro do reino porque ele mesmo era o segundo, abaixo de seu pai, Nabonido. Consequentemente, essa era a recompensa oficial mais alta que o rei poderia oferecer.

5.8-9 O idioma no qual a escrita misteriosa apareceu permanece desconhecido.²⁸⁴ Ou o escritor a registrou de maneira exata, como se fosse em aramaico, ou registrou como uma tradução para o idioma aramaico. É possível que a dificuldade dos sábios repousasse na compreensão devido à sua interpretação, em vez de simplesmente o significado das palavras (cf. vv. 14-16, 25).

3. O conselho da rainha 5.10-12

5.10 Normalmente, identificaríamos a rainha como a esposa de Belsazar. Entretanto, há uma série de razões para a preferência pela visão de que ela era a rainha-mãe. Ela poderia ser a esposa sobrevivente de Nabucodonosor.²⁸⁵ As esposas de Belsazar estavam participando nesse banquete (v. 2), mas essa mulher entrara na cena, aparentemente, pela primeira vez. Ela também falou com o rei mais como uma mãe do que como uma esposa.²⁸⁶ Além disso, ela falou como alguém que tinha conhecimento pessoal da interpretação anterior de Daniel a respeito do segundo sonho de Nabucodonosor (cf. 4.8, 9, 18).

Provavelmente essa rainha era a mãe de Belsazar, que também era filha de Nabucodonosor.²⁸⁷ A rainha-mãe era normalmente uma figura importante que exercia considerável influência nas cortes do passado (cf. 1 Rs 15.13; 2 Rs 11.1-3; 24.12; Jr

²⁸³ Walvoord, pág. 120. Cf. Montgomery, pág. 253; Kraeling, pág. 327; Leupold, pág. 219; Young, pág. 120.

²⁸⁴ Leupold, pág. 222.

²⁸⁵ Young, pág. 122; Leupold, pág. 224-225.

²⁸⁶ Arthur Jeffery, “The Book of Daniel, Introduction and Exegesis”, em *The Interpreter’s Bible*, 6:426.

²⁸⁷ Archer, “Daniel”, pág. 72.

13.18). Essa mulher fez por Belsazar o que Arioque fez por Nabucodonosor, a saber, chamar a atenção do rei para Daniel (cf. 2.25).

5.11-12 Tal como antes, Daniel não acompanhou os outros sábios a quem o rei chamou (cf. 4.6-8). O motivo para isso não é claro, mas o efeito no evento e na narrativa é de que Daniel é retratado como alguém singular. Evidentemente, Belsazar não conhecia Daniel pessoalmente. É possível que Daniel já tivesse parado com o serviço público à essa altura de sua vida (cf. José, Ex 1.8).

“Difícilmente parecerá estranho notar que Daniel não havia aparecido antes dessa hora, se lembrarmos que com a chegada de um novo rei, especialmente quando os usurpadores surgissem, a regra era a dispensa, por atacado, dos homens que serviam o rei. É possível que Daniel tivesse sido rebaixado até mesmo antes de Belsazar entrar em cena”.²⁸⁸

Quando crises realmente severas aparecem, normalmente as pessoas se voltam para homens e mulheres de Deus em busca de respostas.

4. O pedido de Belsazar a Daniel 5.13-16

O rei havia ouvido a respeito da reputação de Daniel, muito embora não o tivesse conhecido antes (v. 13). Ele reconheceu Daniel como uma pessoa com uma capacidade extraordinária, vinda de algum tipo de fonte divina (cf. 4.8, 18). O motivo de Belsazar não conhecer Daniel pode ter sido pelo fato dele ser judeu. Entretanto, agora o rei estava disposto a dar ao judeu exilado todas as honras que ele previamente prometeu aos sábios.

Ironicamente, temos aqui Daniel, um adorador do Deus a Quem Belsazar estava desonrando em seu banquete, nessa noite singular, podendo se provar superior aos caldeus ao decifrar a escrita misteriosa. A disposição do rei em recompensar um judeu exilado, demonstrava o desespero de Belsazar em descobrir o significado da mensagem enigmática na parede.

“Como nos exemplos anteriores em Daniel 2 e 4, a sabedoria do mundo se provou totalmente incapaz de resolver seus maiores problemas e de compreender tanto o presente quanto o futuro. Daniel, como o profeta de Deus é o canal através do qual a revelação divina viria, e Belsazar de modo extremo, estava disposto a ouvir. Tal como Belsazar, o mundo normalmente não está disposto a buscar a sabedoria de Deus até que sua ruína fique evidente. Então, quando é tarde demais, ele procura ajuda, como no caso de Belsazar, e o pecado cumulativo e a descrença que precipitou a crise tornam-se a ocasião da queda”.²⁸⁹

²⁸⁸ Leupold, pág. 226.

²⁸⁹ Walvoord, pág. 124. Divisão de parágrafo omitida.

5. Daniel repreende a Belsazar 5.17-24

5.17 A resposta de Daniel ao rei foi, em todos os sentidos, um sermão, e um sermão poderoso.²⁹⁰ O profeta iniciou rejeitando os presentes oferecidos. Qualquer que tenha sido o motivo para Daniel fazer isso, sua atitude ajudou Belsazar a perceber que os presentes não influenciaram a interpretação do profeta sobre os manuscritos.

5.18-23 Daniel lembrou Belsazar e, sem sombra de dúvidas, a todos que estava no local, acerca da lição sobre humildade que Deus ensinou ao ancestral do rei, Nabucodonosor (cap. 4). O Deus Altíssimo deu ao avô dele autoridade e lhe ensinou que essa autoridade se encontrava abaixo da soberania ainda maior dEle. O orgulho de Nabucodonosor o levou a se comportar de maneira arrogante, tal como Belsazar bebendo nos utensílios sagrados de Yahweh, o Deus Altíssimo.

Muito embora Belsazar soubesse tudo acerca do orgulho e da humilhação de Nabucodonosor, ele não humilhou o seu coração perante “o Senhor do céu” e não O glorificou. Portanto, esse mesmo Deus, que tinha a vida de Belsazar e o seu governo em Suas mãos, enviou a mão para escrever a instrução na parede.

“Uma das coisas mais impressionantes nesse mundo é quão pouco o homem realmente aproveita dos juízos de Deus”.²⁹¹

Daniel, Esdras e Neemias usaram o título “o Senhor (ou Deus) do céu” para descrever Yahweh pois esse era o título do principal deus sírio e um título que outra pessoa no império persa deu ao seu principal deus (cf. Ed 1.2; 5.11-12; 6.9-10; 7.12, 23; Ne 1.4-5; 2.4, 20; Dn 2.18-19, 34, 44; 5.23). Este título implica a transcendência de Deus sobre tudo.²⁹²

5.24 Nabucodonosor havia ouvido uma voz do céu enquanto ele estava do lado de fora (4.31), mas Belsazar viu uma mão vinda do céu no lado de dentro. Ambas as formas de revelação foram extremamente raras no decorrer da história, mas essas ocasiões no livro de Daniel envolveram líderes da maior nação na terra.

6. Daniel interpreta a inscrição 5.25-28

Estudiosos tem se exaurido tentando descobrir como Daniel obteve sua interpretação dessas aparentes três palavras aramaicas. Eles fracassaram assim como os sábios originais de Belsazar. Parece melhor aceitar o valor nominal da interpretação de Daniel, muito embora não consigamos compreender

²⁹⁰ King, pág. 148.

²⁹¹ Feinberg, pág. 69.

²⁹² Waltke, *An Old...*, pág. 375.

totalmente como ele chegou nela. Tem sido dito que Daniel foi capaz de interpretar essas palavras, pois ele reconhecia a escrita do seu Pai.²⁹³

Isto parece claro. As palavras mencionadas são medidas de peso.²⁹⁴ Daniel interpretou as consoantes ao, em efeito, acrescentar vogais, que são ausentes no aramaico, como no hebraico, e tornou cada palavra um participio passado. O termo aramaico *mene* significa “mena” ou, com diferentes vogais, *menah*, “contados”. Daniel compreendeu que esta palavra significava que o número de anos que Deus havia prescrito para o império neobabilônico havia se encerrado. Sua repetição provavelmente enfatizava a certeza desse significado. José disse ao faraó: “O sonho de Faraó foi dúplice, porque a coisa é estabelecida por Deus, e Deus se apressa a fazê-la” (Gn 41.32).

Tekel (cognato para o termo hebraico “shekel”), quando alterado para *tekal*, significa “pesado”. Deus pesou Belsazar e o encontrou deficiente; ele não era o governante que deveria ter sido por conta da sua recusa flagrante de reconhecer a soberania do Deus Altíssimo (v. 22).

Uparsin significa “e meio-shekels”, e *peras* significa “partido ao meio”, ou “dividido” e diz respeito à divisão do reino de Belsazar em duas partes: uma para os medos e a outra para os persas. Entretanto, *paras* significa “Pérsia”. A Pérsia seria o reino dominante na aliança medo-persa. Consequentemente, o grupo de consoantes *prs* possui um significado triplo. O significado dessas palavras descrevendo várias medidas teria sido não inteligível para os sábios caldeus. Mesmo que eles tivessem recebido as vogais que Daniel recebeu, e obtivessem os termos “contado”, “pesado”, e “dividido” – eles seriam totalmente insignificantes sem um contexto.²⁹⁵

“A importância dessa identificação do império medo-persa como o segundo reino da série de quatro (incorporadas nas quatro partes da imagem do sonho de Nabucodonosor no cap. 2) é que o terceiro reino precisa ser o grego; portanto, o quarto império precisa ser o império romano – que, obviamente, não controlou o Oriente Próximo até 63 a.C., um século após os levantes dos Macabeus. Portanto, essa inscrição na parede desmorona a hipótese de datação dos Macabeus, que insistem que, em Daniel, não se profetiza qualquer evento após a morte de Antíoco Epifânio, em 164 a.C., cem anos antes que Pompeu anexasse a Palestina-Síria ao império romano”.²⁹⁶

“Essa sequência: ‘Medos’ primeiro e então os ‘Persas’, indicam um ponto de precisão histórica que se encaixa perfeitamente com a ideia da autoria do livro por Daniel. A supremacia nesse reino duplo permaneceu apenas por pouco tempo com os medos, enquanto Daniel ainda estava em cena, e então passou permanentemente aos persas, um belo ponto que um escritor, que viveu na era dos Macabeus, dificilmente se

²⁹³ Campbell, pág. 64.

²⁹⁴ Goldingay, págs. 110-111; Baldwin, págs. 123-124.

²⁹⁵ Se quiser ler a explicação de Josefo, veja 10:11:4.

²⁹⁶ Archer, “Daniel”, pág. 74.

importaria em registrar. Todavia, a forma *upharsin*, ‘Persas’, dá ênfase a uma supremacia persa muito mais longa”.²⁹⁷

Ironicamente, enquanto Daniel interpretava o veredito de Deus contra a Babilônia, os medos e persas já estavam invadindo a cidade.

“Assim como Deus julgou o orgulho de Nabucodonosor removendo o rei do trono, assim Ele julgaria o orgulho de Belsazar retirando o reino dele e dando a outro povo”.²⁹⁸

7. A ascensão de Daniel e a queda de Belsazar 5.29-31

5.29 Belsazar manteve sua promessa (v. 16), embora a honra a Daniel tenha durado no máximo algumas horas, típico das honras deste mundo. A resposta do rei é surpreendente. É possível que esperássemos que ele executasse a Daniel por confrontá-lo publicamente. Quem sabe sua resposta indique que ele estava bêbado ou arrependido. Caso tenha se arrependido, seu arrependimento aconteceu tarde demais para impedir a execução do juízo.

“Em sua ascensão ao poder, o império babilônico havia conquistado Jerusalém, feito seus habitantes cativos, saqueado seu lindo templo e destruído completamente a cidade. Todavia, esse império teve, como seu último ato oficial, a honra de um desses cativos que, por meio de revelação divina, predisse não apenas a queda da Babilônia, mas o curso dos tempos dos gentios até que o Filho do homem venha do céu. O homem pode ter a primeira palavra, mas Deus terá a última palavra”.²⁹⁹

5.30 “Naquela mesma noite” era 13 de outubro de 539 a.C.³⁰⁰ Heródoto, Xenofonte, Beroso, as Crônicas da Babilônia, e Ciro (no Cilindro de Ciro), todos descreveram a queda da Babilônia nos escritos como algo que permanece até hoje.³⁰¹ Isaías e Jeremias predisseram a queda da Babilônia (Is 13.17-22; 21.1-10; 47.1-5; Jr 51.33-58). Os persas desviaram as águas do rio Eufrates que corriam ao sul através da Babilônia, para um antigo lago localizado ao norte. Isso permitiu que eles entrassem caminhando na cidade por meio do leito do rio e escalassem as indefesas muralhas que cercavam o rio.³⁰² Heródoto retratou a queda da Babilônia da seguinte forma:

²⁹⁷ Leupold, pág. 235.

²⁹⁸ Pentecost, “Daniel”, pág. 1346.

²⁹⁹ Walvoord, pág. 129.

³⁰⁰ Olmstead, pág. 50.

³⁰¹ Veja Goldingay, págs. 106-107; James B. Pritchard, ed., *Ancient Near Eastern Texts*, págs. 305-306, 315-316; D. W. Thomas, ed., *Documents from Old Testament Times*, págs. 81-83, 92-95; Flávio Josefo, *Contra Apião*, 1:20; J. M. Cook, *The Persian Empire*, pág. 31.

³⁰² Para a planta da cidade, veja qualquer bom dicionário ou enciclopédia bíblicos, ou Kraeling, pág. 322.

“Colocando a parte principal do seu [de Ciro] exército no local onde o rio [Eufrates] corre para a cidade, e outra parte do seu exército do lado oposto, onde o rio sai da cidade, ele deu ordens ao exército para que, no momento em que vissem o leito do rio ficando atravessável, eles deveriam entrar na cidade pelo leito do rio... Pois ele desviou o rio por meio de um canal até um lago, o qual tornou o rio um pântano, e assim tornou o rio atravessável à medida que as águas baixavam. Quando os persas situados nas entradas da cidade viram que o rio Eufrates havia baixado até o nível abaixo da metade da coxa de um homem, eles invadiram a Babilônia, segundo o plano de Ciro”.³⁰³

“A queda da Babilônia é, num certo sentido, a queda do mundo incrédulo [cf. Ap 17-18]. Em muitos aspectos, a civilização moderna é muito parecida com a Babilônia antiga, resplandecente com seus monumentos de triunfo arquitetônico, tão segura quanto as mãos humanas e a sua engenhosidade poderiam torná-la e, ainda assim, totalmente indefesa contra o juízo de Deus no momento certo. A civilização contemporânea é parecida com a Babilônia antiga no sentido de que ela tem muito a estimular o orgulho humano, mas pouca segurança humana a fornecer. Assim como a Babilônia caiu no décimo sexto dia de Tishri (11 ou 12 de outubro) de 539 a.C., conforme indicado na Crônica de Nabonido, também o mundo será tomado por desastre quando o dia do Senhor vier (1 Ts 5.1-3 [cf. Sl 2.4-6; Ap 19.15-16]). Entretanto, o desastre do mundo não destruirá o filho de Deus; Daniel sobrevive ao expurgo e surge triunfante como um dos presidentes do novo reino no capítulo 6”.³⁰⁴

O registro de Nabucodonosor, em Daniel, é a história de um rei autoritário que experimentou juízo temporário, mas a história de Belsazar é a de um rei sacrílego que sofreu juízo permanente. Xenofonte também registrou a morte de Belsazar. A noite de folia, que se tornou a noite da revelação, acabou por ser a noite da retribuição.³⁰⁵

“Altamente centralizada no reino de Nabucodonosor, a Babilônia se desintegrou progressivamente sob o fraco governo de Belsazar”.³⁰⁶

“Historicamente, é possível que Belsazar tenha caído não por ser incapaz de lidar com uma crise política; mas, conforme Daniel enxerga

³⁰³ Heródoto, pág. 1.191.

³⁰⁴ Walvoord, pág. 131. Para a referência à Crônica de Nabonido, veja John C. Whitcomb, *Darius the Mede*, pág. 73.

³⁰⁵ Campbell, pág. 65.

³⁰⁶ Olmstead, pág. 45.

de maneira profunda, ele caiu por sua irresponsabilidade perante Deus...”.³⁰⁷

5.31 Belsazar foi executado naquela mesma noite, e Dario, o Medo, tornou-se governador da Babilônia (cf. 2.21).³⁰⁸ O escritor apresenta Dario em 5.31, que é o primeiro versículo do capítulo 6 na Bíblia hebraica, e ele é o rei proeminente no capítulo 6.

“As referências a Dario, o Medo, no livro de Daniel têm sido reconhecidas, por muito tempo, como as que fornecem os mais sérios problemas históricos no livro”.³⁰⁹

Críticos, incluindo Rowley, afirmam que a história não dá margem para uma pessoa com esse nome. Entretanto, pelo menos dois historiadores antigos, sem contar o livro de Daniel e obras que se basearam nele (p.ex.: Josefo), mencionam Dario.³¹⁰

Archer sugere que “Dario” pode ter sido um título de honra no império persa, tal como “Cesar” era no império romano – ou, posso acrescentar, como “Faraó” era no Egito.³¹¹ Se esse for o caso, “Dario” pode se referir a outro homem conhecido na história por outro nome ou nomes. Creio que este é o caso aqui.

Um visãõ é a de que Dario, o Medo, era Ciro, o Persa.³¹² Isso pode explicar o fato de que Daniel se referiu a Dario como “rei” no capítulo 6, presumindo que os dois Darios, em 5.31 e 6.1, eram a mesma pessoa. Além disso, de acordo com essa visãõ, teria sido muito incomum para um subordinado de Ciro dividir o império inteiro em 120 sátrapas (v. 1). Segundo essa visãõ, Dario era chamado provavelmente de “o Medo” por conta da sua descendência média (9.1).

Outra possibilidade é que Dario seja outro nome para Gubaru (Gobrias), o general que liderou a invasãõ de Ciro contra a Babilônia, e se tornou o governador da Babilônia sob Ciro.³¹³ Sou a favor dessa posiçãõ. Gobrias havia sido um dos principais generais de Nabucodonosor, tendo sido apontado governador de Gútios (o nome babilônico para Elã), mudou para o lado de Ciro, entrou e tomou a Babilônia, juntamente com as tropas de Ciro, sem batalha, em 13 de outubro de 539 a.C.³¹⁴ De acordo com 9.1, Gobrias (Dario) era o filho de Assuero e era de descendência média. É possível que suas

³⁰⁷ Goldingay, pág. 116. Veja também Finegan, *Light from...*, págs. 229-230.

³⁰⁸ Veja *ibid.*, págs. 233-234.

³⁰⁹ H. H. Rowley, *Darius the Mede and the Four World Empires in the Book of Daniel*, pág. 8.

³¹⁰ Veja Seteve D. Anderson e Rodger C. Young, “The Remembrance of Daniel’s Darius the Mede in Berossus and Harpocraton”, *Bibliotheca Sacra* 173:691 (Julho-Setembro 2016):315-323.

³¹¹ Archer, “Daniel”, págs. 18-19, 76.

³¹² D. J. Wiseman, “Some Historical Problems in the Book of Daniel”, em *Notes on Some Problems in the Book of Daniel*, págs. 12-14.

³¹³ Olmstead, pág. 50; Robert Anderson, *The Coming Prince*, pág. xv; Archer, “Daniel”, págs. 76-77; Whitcomb, *Darius the...*, pág. 35; Robert Dick Wilson, *Studies in the Book of Daniel*, págs. 128-129; Leupold, págs. 238-242; *The Nelson...*, pág. 1429. Cf. Wood, *The Prophets...*, pág. 348. Young, pág. 183, acreditava que Dario era um vice-rei sob Ciro.

³¹⁴ Veja Olmstead, págs. 45, 50.

conexões médias o conduziram a se alinhar com os persas contra os babilônicos. O próprio Ciro só conseguiu entrar na Babilônia em 29 de outubro.³¹⁵

“Em seu lidar com os súditos babilônicos, Ciro era o ‘rei da Babilônia, rei das terras’.... Mas era Gobrias, o sátrapa, que representava a autoridade real após a partida [da Babilônia após sua captura] do rei [i.e., de Ciro]”.³¹⁶

Ugbaru e Gubaru podem ser diferentes formas de escrita do nome da mesma pessoa (de Gobrias).³¹⁷

“Mas a sílaba GU é escrita de uma forma bastante diferente de UG na cuneiforme acadiana”.³¹⁸

Uma terceira visão iguala Dario, o Medo, com Cambises, o filho de Ciro, que governou a Pérsia no período entre 530 a 522 a.C.³¹⁹

“Baltasar [Belsazar], que era chamado pelos babilônicos de Naboandelus [Nabonido]: contra ele Ciro, o rei da Pérsia, e Dario, o rei da Média, fizeram guerra”.³²⁰

Uma quarta posição é de que Dario, o Medo, era o nome de trono de Ciaxares II, mencionado pelo historiador grego Xenofonte.³²¹

Entretanto, Belsazar era, evidentemente, filho de Nabonido, o que coloca em dúvida o que Josefo escreveu, acima, a respeito de Ciro e Dario. Em outro lugar, Josefo menciona Dario e Ciro como parentes.³²²

Dario, o Medo, definitivamente não era a mesma pessoa que Dario, o Grande (Dario I, o filho de Histaspes) que era muito mais jovem e governou a Pérsia depois, de 521-486 a.C., e não era também Dario II, que governou ainda depois disso.³²³

“Precisamos enfatizar que não existe fato estabelecido que contradiz uma pessoa pelo nome de Dario, o Medo, reinando sobre a Babilônia,

³¹⁵ Ibid., pág. 50.

³¹⁶ Ibid., pág. 71.

³¹⁷ William H. Shea, "Darius the Mede: An Update", *Andrews University Seminary Studies* 20 (Outono 1982):229-247. Veja também idem, "The Search for Darius the Mede (Concluded)", ou, "The Time of the Answer to Daniel's Prayer and the Date of the Death of Darius the Mede", *Journal of the Adventist Theological Society* 12:1 (Primavera 2001):97-105.

³¹⁸ Archer, "Daniel", pág. 76.

³¹⁹ Keil, págs. 193-200; Charles Boutflower, *In and Around the Book of Daniel*, págs. 142-155; Tanner, p. 58. Veja *ibid.*, p. 357 para um gráfico a respeito das cinco visões da identidade de Dario, o Medo com aqueles que defendem cada uma das posições.

³²⁰ Josefo, *Antiquities of...*, 10:11:2.

³²¹ Veja Rodger C. Young, "Xenophon's Cyaxares: Uncle of Cyrus, Friend of Daniel," *Journal of the Evangelical Theological Society* 64:2 (Junho 2021):265-285.

³²² Josefo, *Antiquities of...*, 10:11:4.

³²³ Veja a discussão do problema em Longman e Dillard, págs. 337-381.

se Dario for um nome alternativo para um governante desconhecido”.³²⁴

O “reino” que Dario recebeu foi o reino da Babilônia, que era uma das 127 províncias no império persa.

Reis Persas durante os Períodos Exílico e Pós-Exílico		
Rei	Reino	Texto bíblico
Ciro	559-530	Ed 1.1; 4.5; Dn 5.31-6.28; 9.1; 11.1
Cambises	530-522	---
Esmérdis	522	---
Dario I	521-486	Ed 5-6; Ageu; Zacarias
Xerxes (Assuero)	486-465	Ed 4.6; Ester
Artaxerxes I (Artaxastra)	465-424	Ed 4.7-23; caps. 7-10; Neemias; Malaquias
Dario II	423-404	Ne 12.22

“Este capítulo ilustra o envolvimento do rei e do reino em um destino. O desrespeito gritante de Belsazar para com o Deus Altíssimo é consistente com o caráter nacional, e com a nossa condição humana, conforme retratado no Salmo 90. Embora os dias do homem estejam contados (versículo 10), poucos contam seus dias para ‘[alcançar] coração sábio’ (versículo 12). Neste capítulo, Belsazar apresenta um retrato vívido do tolo, o ateu prático que, ao final, pode apenas prosseguir com a ajuda do álcool, que obscurece a realidade gritante”.³²⁵

“O capítulo inteiro é uma avaliação simbólica instrutiva dos perigos e limites, as fontes e as responsabilidades, do poder nas questões humanas”.³²⁶

Alexander Hislop afirmou que “o próprio Papa é, verdadeiramente e adequadamente, o representante da linhagem de Belsazar”.³²⁷

³²⁴ Walvoord, pág. 134.

³²⁵ Baldwin, pág. 125.

³²⁶ Paul Lehmann, *The Transfiguration of Politics*, pág. 311, nota de rodapé.

³²⁷ Alexander Hislop, *The Two Babylons*, pág. 3.

E. O ORGULHO DE DARIO E A PRESERVAÇÃO DE DANIEL CAP. 6

Muito embora este seja um dos capítulos mais conhecidos da Bíblia, ele também tem sido alvo de fortes ataques dos críticos, especialmente por conta do problema da identidade de Dario. Este capítulo compartilha os motivos com o Salmo 2 e relembra Daniel 3. A estrutura do capítulo é, basicamente, quiástica, enfatizando o livramento que Deus deu a Daniel (vv. 16-23).³²⁸

- A Introdução: o sucesso de Daniel vv. 1-3
 - B Dario assina um decreto e Daniel se posiciona vv. 4-10
 - C Os colegas de Daniel planejam sua morte vv. 11-15
 - D Dario tem esperança pelo livramento de Daniel vv. 16-18
 - D' Dario testemunha o livramento de Daniel vv. 19-23
 - C' Os colegas de Daniel encontram a morte v. 24
 - B' Dario assina um decreto e se posiciona vv. 25-27
- A' Conclusão: o sucesso de Daniel v. 28

O título adequado que Goldingay deu a este capítulo é “Deus Vindica Seu Poder Quando Daniel Escolhe a Cova dos Leões ao invés da Apostasia”.³²⁹

“A iniquidade dos governantes mundiais durante ‘os tempos dos gentios’ ainda não foi examinada aos últimos detalhes. Esses monarcas patrocinaram a idolatria no passado e o farão novamente no futuro profético. Eles ficaram dementes por conta da sua insensatez e do seu orgulho autoritário no passado e o farão novamente no futuro predito. Eles foram completamente perversos em sua profanação das coisas sagradas no passado e serão novamente no futuro prenunciado... Mas isso não é tudo; ainda temos um toque final. O homem tentará substituir completamente a Deus”.³³⁰

“Se Belsazar... tipificou a impiedade que ousou se exaltar contra o Senhor do céu, Dario apresenta a exaltação do homem e, de fato, a substituição do homem por deus, como objeto de adoração”.³³¹

1. A promoção de Daniel no governo persa 6.1-3

- 6.1-2 Quando a aliança medo-persa derrotou o império neobabilônico, ela conquistou muito território geográfico que foi incorporado ao seu reino. O império persa se tornou o maior império que o mundo já viu até então, eventualmente abrangendo grande parte da Turquia moderna (incluindo o antigo império lídio), o Egito, e parte da Índia e do

³²⁸ Goldingay, pág. 124.

³²⁹ Ibid., pág. 119.

³³⁰ Feinberg, pág.73. Divisão de parágrafo omitida.

³³¹ Dennett, pág.79.

Norte da África, bem como a Babilônia. Dario escolheu 120 sátrapas (“protetores do reino”) sobre o reino da Babilônia, que era uma das 127 províncias do império persa (cf. Et 1.1; 8.9).

“Lembramos novamente que o Dario mencionado aqui é aquele que, ao final do capítulo passado, é identificado como Gobrias de Gutium, tal como é chamado em outros relatos”.³³²

Os 120 sátrapas se reportavam aos três comissários, um deles era Daniel. Dario certamente ouviu acerca dos talentos e feitos singulares de Daniel como administrador da Babilônia, e queria usá-lo em seu gabinete. O “rei” aqui, aparentemente refere-se a Dario. O império persa consistia de 127 províncias (ou reinos), e muitos dos governantes dessas províncias, se não todos deles, eram considerados reis. Ciro, o Grande, que era o cabeça do império e governava sobre todas as províncias, foi chamado de “rei dos reis” em seu túmulo.³³³

6.3 Conforme o tempo passava, Daniel se distinguiu dos outros comissários, muito embora ele estivesse, evidentemente, com cerca de 80 anos de idade. Uma vez que Dario (Gobrias) foi substituído como sátrapa da Babilônia em 520 a.C. por Histanes, os eventos descritos neste capítulo aconteceram antes ou durante aquele ano (cf. Ag 1.1; Zc 1.1).³³⁴

Dario propôs colocar Daniel como encarregado de todos os comissários. “Todo o reino” aqui é uma referência ao reino todo sobre o qual Dario governava (i.e., a província babilônica do império persa).

Estes versículos preparam o cenário para o que está para acontecer, ajudando o leitor a apreciar o que Dario sentia por Daniel. Obviamente, os eventos do capítulo 6 aconteceram na Babilônia.

2. A conspiração contra Daniel 6.4-9

6.4 O texto não diz por qual motivo os outros oficiais queriam se livrar de Daniel. Quem sabe a integridade dele criasse uma dificuldade para que eles conseguissem continuar com a corrupção e a politicagem. É possível que pelo fato de ele ser muito velho, eles quisessem se livrar dele para que uma pessoa mais nova ocupasse o seu lugar. Parte da motivação deles parece ser o anti-semitismo (cf. v. 13; 3.12). O texto enfatiza a impressionante integridade pessoal e a competência profissional de Daniel.

“Sabe-se com antecedência o que um homem honesto fará em certas circunstâncias. Controle as circunstâncias e você o controlará!”³³⁵

³³² Leupold, págs. 243-244.

³³³ Veja Olmstead, págs. 65-66.

³³⁴ Ibid., pág. 133.

³³⁵ Culver, “Daniel”, pág. 787.

6.5 O plano dos acusadores foi parecido com o dos oficiais da Babilônia que tentaram derrubar Sadraque, Mesaque e Abede-Nego (cap. 3). Eles sabiam que Daniel era um homem temente a Deus, que não adorava a ídolos pagãos. Sendo assim, eles armaram uma armadilha para ele, crendo que ele permaneceria fiel à sua fé. Sempre que Daniel tinha de escolher entre obedecer ao seu Deus ou ao seu governo, o seu Deus vinha em primeiro lugar (cf. v. 10; At 5.29).

“O versículo 5 é o tributo mais espetacular que um homem pode receber. Se um mundo hostil, invejoso e atento é incapaz de descobrir algo contra um homem além da sua devoção ao seu Deus, esse homem é, verdadeiramente, alguém semelhante a Cristo”.³³⁶

6.6-7 Seus adversários exageraram em sua alegação de que todos os governantes do reino concordaram com a sua proposta. Daniel certamente não havia concordado. De qualquer maneira, a alegação deles era convincente o suficiente de forma que Dario não se opôs nem consultou a Daniel. Além disso, o plano alimentava a vaidade do rei. O estatuto proposto cobria, evidentemente, petições de natureza religiosa – em vez de pedidos de qualquer tipo – uma vez que uma proibição geral, mesmo que temporária, seria absurda. Tratava-se, claramente, de um estatuto que afetava apenas a província da Babilônia, uma vez que Dario era o governante de apenas uma província dentro do império. É possível que governantes antagonistas também desejassem reforçar aos babilônicos a importância de se manterem leais ao novo rei persa (Dario). Qualquer que seja o caso, eles promoviam o humanismo, a filosofia que coloca o homem no lugar de Deus.

“...Esse rei deveria ser considerado, naquela época, como o único representante da Divindade”.³³⁷

“O *parsismo* [a religião oficial da Pérsia] não exigia, de fato, que os homens considerassem o rei como um deus em sua própria natureza, mas sim que deveria dar a ele a homenagem suprema como o *representante de Ormuz*”.³³⁸

“A probabilidade é que Dario considerou esse ato como um voto de lealdade a ele mesmo e um símbolo do desejo deles por respeito da autoridade do rei ao nível máximo”.³³⁹

Os babilônicos queimavam vivos os criminosos (cap. 4), mas os persas, que adoravam o fogo, os lançavam aos leões.

³³⁶ E. M. Blaiklock, *Today's Handbook of Bible Characters*, pág. 275.

³³⁷ Montgomery, pág. 270.

³³⁸ Moses Stuart, *A Commentary on the Book of Daniel*, pág. 171.

³³⁹ Walvoord, pág. 137.

6.8-9 Sob a lei persa, o rei estava limitado pela autoridade do decreto (vv. 8, 12, 15; Cf. Et 1.19; 8.8). Isso tornava o seu poder menor do que o poder de um ditador absoluto como Nabucodonosor (cf. 2.39).

“A atitude de Dario foi tanto tola quanto perversa. O que o levou a ceder ao pedido dos ministros pode apenas ser conjecturado, mas ele provavelmente foi fortemente influenciado pela reivindicação de divindade que muitos reis persas fizeram”.³⁴⁰

3. A fidelidade de Daniel e o dilema de Dario 6.10-15

6.10 O novo decreto não desencorajou Daniel a continuar orando pelo bem da cidade para onde Deus lhes enviou como exilados, nem pelo retorno dos judeus do exílio. Parece claro que Daniel possuía uma cópia da profecia de Jeremias (9.2; cf. Jr 29.1, 7, 10) por conta do assunto das suas orações, entre outras coisas, incluindo ações de graças (v. 10). Jeremias escreveu que Deus prometeu ouvir orações como essas, caso elas fossem sinceras e de coração, para restaurar a sorte dos judeus, e para a reunião deles na Terra Prometida (Jr 29.12-14).

Ciro emitiu seu decreto permitindo que os judeus retornassem do exílio em 538 a.C. (2 Cr 36.22-23; Ed 1.1-4). Os eventos de Daniel 6 devem ter acontecido pouco antes ou imediatamente após essa grande reviravolta na história de Israel. Os eventos registrados nesse capítulo exercem, sem sombra de dúvidas, grande influência na decisão de Ciro em favor dos judeus. Daniel se recusou a orar para o rei, mas ele orou deliberadamente ao soberano sobre o rei: Yahweh.

“Não se trata de um pecado positivo que ele não cometeria; mas de um dever positivo que ele não omitiria”.³⁴¹

“Sadraque, Mesaque e Abede-Nego se recusaram a homenagear *positivamente* a imagem do poder mundial (cap. 3); Daniel não cederá até mesmo a uma homenagem *negativa*, omitindo por um tempo a adoração a Deus (cap. 6)”.³⁴²

Salomão havia ensinado os judeus a orarem ao SENHOR (Yahweh) direcionados para Jerusalém, uma vez que ali era o lugar onde Ele prometeu estar num sentido especial para eles (2 Cr 6.21, 34-39; cf. Sl 5.7). Tempos depois, Jesus Cristo enfatizou que o lugar de adoração não é tão importante quanto a verdadeira adoração espiritual (Jo 4.20-24). A postura de se ajoelhar de Daniel, semelhante à de Salomão no momento da dedicação

³⁴⁰ Young, pág. 134.

³⁴¹ Driver, pág. 71.

³⁴² Jamieson, et al., pág. 738. Veja tamb[em Ryrie, *Biblical Answers...*, págs. 9-22, acerca da obediência civil.

do templo, indica sua dependência de Yahweh como alguém que suplica. Os judeus normalmente ficam em pé quando oram (cf. 1 Cr 23.30; Ne 9; Mt 6.5; Mc 11.25; Lc 18.11, 13), mas eles se ajoelhavam – e por vezes oravam com o rosto em terra – quando sentiam uma necessidade mais urgente (cf. 1 Rs 8.54; Ed 9.5; Lc 22.41; At 7.60; 9.40; 20.36; 21.5).

A prática da oração três vezes ao dia era, evidentemente, uma prática de judeus piedosos lá do tempo de Davi, se não antes dele (cf. Sl 55.16-17). O fato de que a janela de Daniel estava aberta, simboliza claramente para ele que suas orações eram livres. No Oriente Próximo, as janelas eram normalmente pequenas, altas e tinham uma pequena treliça cobrindo, de forma que Daniel provavelmente não estava orando com sua janela aberta para ser visto pelos outros.³⁴³

“Uma sala superior como essas, *‘ali*, seria construída sobre algum canto do telhado ou até mesmo sobre uma torre especial e, tendo janelas com treliças nos lados, permitiria uma livre circulação de ar e, conseqüentemente, seria um lugar utilizado para descanso e meditação. O acréscimo de uma treliça em nenhum sentido tornava essas janelas à prova de espionagem [cf. 1 Rs 17.19; At 1.13; 10.9]”.³⁴⁴

“Enquanto a consistência de vida e testemunho de Daniel têm sido evidentes ao longo de todo o livro de Daniel, aprendemos aqui o segredo. A despeito das pressões de ser um executivo ocupado com muitas demandas no seu horário, Daniel se retirava três vezes por dia para a sua casa para oferecer suas orações por paz em Jerusalém, bem como por suas necessidades pessoais. Esse não era um ato de uma pessoa que flertava com o martírio, mas a continuação de um ministério fiel em oração que caracterizou sua longa vida”.³⁴⁵

“Foi essa comunhão por meio da oração com Yahweh que protegeu Daniel das influências corruptas da cultura babilônica”.³⁴⁶

“Algo muito comum de se observar é que aqueles que não possuem hábitos de oração raramente oram muito. Faz muito bem para o povo de Deus separar um tempo de maneira deliberada e proposital para aderir fielmente a um calendário de oração. A oração é reconhecida como uma parte importante da vida cristã e recebeu o lugar que merece”.³⁴⁷

³⁴³ Baldwin, pág. 129.

³⁴⁴ Leupold, pág. 261.

³⁴⁵ Walvoord, pág. 138.

³⁴⁶ Archer, “Daniel”, pág. 79.

³⁴⁷ D. Edmond Hiebert, *Working with God: Scriptural Studies in Intercession*, pág. 110.

“Em momentos de provação, o cristão precisa se manter fiel a Deus. Por vezes, isso exigirá:

- *Sabedoria* para buscar um compromisso criativo que permita a ele satisfazer as expectativas da sociedade sem violar suas crenças (1.8-14).
- *Coragem* para ter disposição em se colocar pela sua convicção quando nenhum tipo de acomodação pode ser feita (3.15-18).
- *Disciplina pessoal* para desenvolver um estilo de vida de fidelidade para que a resposta correta a um teste aconteça ‘naturalmente’ (6.10).³⁴⁸

6.11 Os colegas de Daniel sabiam de seus hábitos de oração (cf. Fp 4.6). Eles conseguiram, de alguma maneira observá-lo orando em sua própria casa, para conseguirem testemunho ocular de que ele havia violado a ordem do rei. Será que eles achavam que Daniel negaria estar orando? Eles esperavam que o decreto não desencorajasse Daniel de seu hábito devocional regular, muito embora isso pudesse lhe custar a vida. Impressionante o testemunho que Daniel tinha perante seus colegas!

6.12-13 Depois de lembrar Dario acerca do seu decreto, os oficiais hostis informaram o rei de que seu primeiro ministro eleito havia violado esse decreto e, assim sendo, era passível de morte. Observe que eles descrevem Daniel como “dos exilados de Judá” (cf. 2.25; 5.13), em vez de ser descrito como um ministro do gabinete real. Eles certamente tinham a esperança de que a nacionalidade judaica de Daniel bem como a sua religião contribuíssem para que Dario o desprezasse. Entretanto, esse não foi o resultado. Eles também usaram as mesmas palavras que os acusadores de Sadraque, Mesaque e Abede-Nego usaram, quando acusaram Daniel de menosprezar o rei (cf. 3.12). Para eles, orar para Yahweh constituía desrespeito ao rei, em vez de respeito ao Deus Altíssimo. É impressionante a velocidade com a qual a humanidade persistentemente retorna ao humanismo.

6.14-15 Daniel havia ganhado o favor do rei, que Dario começou a tentar imediata e energeticamente resgatar o seu amigo. Nabucodonosor ficou irado com os três amigos de Daniel quando estes se recusaram a idolatrá-lo (3.19), mas Dario ficou irado consigo mesmo por ter assinado o decreto (cf. 2.1; 3.13; 5.6, 9). Isso mostra o quanto ele respeitava e valorizava a Daniel.

“Quão frequentemente estamos cegos para a natureza de nossas ações até encontrarmos suas irrevogáveis consequências!”³⁴⁹

³⁴⁸ Dyer, em *The Old...*, pág. 703.

³⁴⁹ Dennett, pág. 85.

4. Daniel na cova dos leões 6.16-18

6.16 As palavras de despedida de Dario para Daniel são significativas. Podemos traduzi-las da seguinte maneira: “Que o seu Deus, a Quem você serve continuamente, o livre”.³⁵⁰ A ideia é que Dario havia tentado salvar Daniel e havia fracassado. Agora Yahweh precisaria salvá-lo. Obviamente, não sabemos se Dario conhecia a história do livramento dos três amigos de Daniel por Yahweh. Vemos novamente que Deus não preservou o Seu servo da dificuldade, mas o fez passar por ela em segurança – Sua forma normal de lidar com os Seus.

“Algo observável nessa segurança de Dario é o profundo impacto que a piedade e fidelidade pessoal de Daniel a Deus tiveram no rei e que esse impacto trouxe ao próprio Dario, a convicção de que o Deus de Daniel viria ao seu auxílio na dificuldade de Daniel”.³⁵¹

“Embora completamente imaculado, Daniel foi lançado na cova dos leões. Ele sofreu por causa da inveja dos outros”.³⁵²

6.17 A cova dos leões parece ser um grande buraco no chão com uma abertura superior que uma pedra selava, provavelmente para que as pessoas não caíssem nela. Covas como essas eram utilizadas como cisternas para armazenar água ou ainda como prisões.³⁵³ Daniel teve de ser tirado dela (v. 23), e outros foram lançados nela até o seu fundo (v. 24). A cova possivelmente tinha uma entrada lateral ou uma espécie de dreno pois se não tivesse, a chuva poderia encher a cova e mataria os leões. Keil resumiu uma descrição de uma moderna cova dos leões em Marrocos, escrita por Höst.³⁵⁴ Entretanto, declarações no texto eliminam o tipo de cova dos leões retratada nessa descrição em questão. O rei e seus nobres selaram a pedra que cobria a abertura para se certificar de que ninguém libertaria a Daniel (cf. o selar da tumba de Cristo).

6.18 Em contraste com Nabucodonosor, que não demonstrou qualquer compaixão para com os três amigos de Daniel, Dario passou a noite inteira sem alimento, entretenimento ou sono. A oração normalmente acompanhava o jejum entre os israelitas. É possível que Dario também tenha orado, mas o ponto dessa descrição que ele se sentiu extremamente ansioso pelo bem-estar do seu amigo.

³⁵⁰ Franz Rosenthal, *A Grammar of Biblical Aramaic*, págs. 54-55.

³⁵¹ Walvoord, pág. 140.

³⁵² Bramer, pág. 158.

³⁵³ Goldingay, pág. 128.

³⁵⁴ Keil, pág. 216. Ele citou Ge. Höst, *Fez and Morocco*, pág. 77.

5. O livramento de Daniel e a destruição de seus inimigos 6.19-24

6.19-20 Certamente uma noite na cova dos leões era a sentença mínima que a lei exigia, pois na manhã seguinte Dario correu para libertar Daniel – caso ele tivesse sobrevivido. Incerto a respeito do destino do profeta, o rei chamou por Daniel, a quem ele não conseguia ver, na esperança de que ele ainda estivesse vivo. Aparentemente, Daniel contou a Dario que ele adorava o Deus vivo. Agora, Dario quis saber se esse Deus tinha sido capaz de salvar Seu servo dos leões (cf. v. 16; 3.17).

6.21-23 A voz de Daniel não estava trêmula. Ele até pregou um pouco de dentro da sua improvável capela em meio aos seus companheiros animais subjugados. Após saudar o rei de maneira cortês, ele explicou que o seu Deus enviou o Seu anjo que havia fechado as bocas dos leões (cf. Hb 11.33). Esse pode ter sido o mesmo anjo, ou o anjo do SENHOR, que visitou Sadraque, Mesaque e Abede-Nego na fornalha de fogo ardente (3.28).

Daniel cria que Deus teve misericórdia dele, pois ele não havia pecado contra Deus ou contra Dario em tudo o que ele fez. Embora ele tenha violado o decreto do rei, ele não havia feito nada que, realmente, tenha ferido ao rei. Deus recompensou a confiança de Daniel (v. 23), na qual Daniel demonstrou obedecendo à vontade de Deus. Dario fez com que Daniel fosse retirado da cova e, sem sombra de dúvidas, ficou maravilhado que Deus havia sustentado Daniel sem qualquer ferimento (cf. 3.27). Compare os relatos de Pedro e Paulo sendo libertados da prisão em Atos 12 e 16. Alguns enxergam o livramento de Daniel como típico livramento do remanescente fiel durante os dias futuros de influência do anticristo.³⁵⁵

“A fidelidade de Daniel lhe colocou em apuros (v. 10); sua fé lhe livrou dos apuros (veja Hb 11.33)”.³⁵⁶

6.24 Então, o rei aplicou a *lex talionis* (lei de retaliação) e lançou os acusadores na mesma cova na qual eles colocaram Daniel (cf. Gn 12.3; Et 7.9-10; Gl 6.7). Antes deles alcançarem o fundo da cova, os leões destroçaram eles.³⁵⁷

“Entre os persas, toda a família estava envolvida na culpa do acusado”.³⁵⁸

“O que Dario fez parece injusto e arbitrário. Mas os antigos déspotas pagãos não tinham qualquer consideração pela provisão da Lei Mosaica (Dt 24.16): ‘Os pais não serão mortos em lugar dos filhos, nem os filhos, em lugar dos pais; cada qual será morto pelo seu pecado’ (Até mesmo em Israel essa regra humanitária havia sido

³⁵⁵ P. ex.: Dennett, pág. 90.

³⁵⁶ *The Nelson...*, pág. 1431.

³⁵⁷ Veja Josefo, *Antiquities of...*, 10:11:6.

³⁵⁸ Jamieson, et al., pág. 745.

desconsiderada, quando Abimeleque, filho de Gideão, quase executou todos os filhos de seu pai, ou quando a rainha Atalia quase exterminou a linhagem real davídica e Jeú decapitou todos os filhos de Acabe).³⁵⁹

Os efeitos dos pecados das pessoas alcançam outros além delas mesmas. A execução dos familiares dos malfeitores parece injusta e cruel, mas ela reflete o princípio da solidariedade corporativa que era comum no mundo bíblico.³⁶⁰

6. O decreto de Dario e o louvor a Yahweh 6.25-28

6.25-27 Esta história termina como as anteriores desse livro, com o rei louvando a Yahweh. Entretanto, a expressão de louvor de Dario ultrapassa as anteriores (cf. 3.28-29; 4.3, 34-35, 37). Dario não somente louva pessoalmente a Deus, mas ele ordena que seus súditos façam o mesmo (cf. 3.29; 4.1).

“Mas, embora esse decreto vá longe, ele não vai longe o suficiente; se ele [Dario] realmente fizesse valer suas convicções presentes, ele não teria ordenado apenas que todos os homens temessem diante de Deus, mas ordenaria também que todos O amassem e confiassem nEle, que abandonassem o serviço aos seus ídolos e que adorassem a Ele somente”.³⁶¹

Neste episódio é como se Deus tivesse dado duas testemunhas ao Seu povo Israel: Nabucodonosor e Dario. Ambos os monarcas testemunharam acerca da inabalável soberania, graça e poder no céu e na terra do Deus vivo e eterno (cf. 4.3, 34-35). Esses testemunhos teriam certamente encorajado os israelitas a confiar nEle a despeito das circunstâncias do exílio.

“Novamente, durante esse tempo de impotência de Israel, com sua sobrevivência em dúvida, o Senhor dos Exércitos age de maneira redentiva para fortalecer, nEle, a fé do Seu povo. Na noite anterior ao seu retorno para a Terra Prometida, sob a liderança de Zorobabel, Deus lhes assegurou que Ele ainda era o mesmo dos dias de Moisés e era capaz de leva-los de volta a Canaã, onde eles poderiam estabelecer uma nova nação em comunhão de aliança com Ele”.³⁶²

6.28 O último versículo deste capítulo observa que Daniel continuou desfrutando de sucesso durante o reinado de Dario (sobre a província da Babilônia) e o reinado de Ciro (sobre o império persa). O primeiro ano completo de Ciro como governante sobre a Babilônia

³⁵⁹ Archer, “Daniel”, pág. 82.

³⁶⁰ Veja Joel S. Kaminsky, *Corporate Responsibility in the Hebrew Bible*.

³⁶¹ Henry, pág. 1093.

³⁶² Archer, “Daniel”, pág. 83.

aconteceu em 538 a.C., e foi exatamente nesse momento que a carreira de Daniel, servindo ao governo, terminou (1.21). Esse foi o mesmo ano em que Ciro emitiu seu decreto permitindo que os judeus retornassem à sua terra natal. Daniel recebeu as revelações dos capítulos 10-12 no terceiro ano do reinado de Ciro (10.1), mas ele aparentemente não estava mais servindo ao governo nessa época.

“Embora seja histórico e deva ser aceito em seu retrato literal de um evento, esse capítulo também é parabólico, assim como o capítulo 3, e é um vislumbre do livramento final do povo de Israel de seus perseguidores no momento da grande tribulação ao final dos tempos dos gentios. Quando o poder de Deus for finalmente demonstrado na segunda vinda de Cristo, os perseguidores de Israel e os inimigos de Deus serão julgados e destruídos de maneira muito parecida como os inimigos de Daniel. Entretanto, assim como Daniel, o povo de Deus, na perseguição, deve permanecer fiel ao Senhor, independentemente do custo”.³⁶³

Os primeiros seis capítulos de Daniel contêm “histórias da corte”. Os críticos racionalistas do livro estão mais prontos a reconhecer uma data de composição do sexto século a.C. para esses primeiros capítulos do que aos seis capítulos finais, que são explicitamente mais proféticos. Os estudiosos conservadores afirmam que há ampla evidência histórica, linguística e literária para uma data do sexto século a.C. para esses capítulos.³⁶⁴

“Na primeira parte do seu livro, o escritor apresenta as situações a partir das quais a sua teologia floresce e as lições são visíveis a todos. Mas, a partir do fato de que o seu Deus está no controle do tempo e das circunstâncias, tanto no céu quanto na terra, qualquer experiência dos Seus feitos, quando quer que tenham acontecido, é válida para todas as eras e até para a eternidade (6.26). É justamente sob essa compreensão teológica firme que as revelações da segunda metade do livro são feitas”.³⁶⁵

F. A VISÃO DE DANIEL ACERCA DA FUTURA HISTÓRIA MUNDIAL CAP. 7

“Conforme interpretado por expositores conservadores, a visão que Daniel tem [no capítulo 7] fornece a mais compreensiva e detalhada profecia de eventos futuros encontrados no Antigo Testamento”.³⁶⁶

“O cenário da visão no livro de Daniel faz dela a dobradiça central do livro. Em linguagem [i.e., aramaico], ela pertence aos capítulos anteriores, enquanto estruturalmente ela encerra um quiasmo que se iniciou no capítulo 2:

³⁶³ Walvoord, pág. 144.

³⁶⁴ Baldwin, pág. 37; Richard D. Patterson, “Holding on to Daniel’s Court Tale”, *Journal of the Evangelical Theological Society* 36:4 (Dezembro 1993):445-454. Para uma discussão acerca da unidade do livro, veja também Longman e Dillard, págs. 391-392.

³⁶⁵ Baldwin, pág. 135, que dividiu o livro em duas partes: 1-6 e 7-12.

³⁶⁶ Walvoord, pág. 145.

- 2 Uma visão de quatro reinos e o fim deles (Nabucodonosor)
 - 3 Fidelidade e um livramento maravilhoso (os três amigos)
 - 4 Juízo predito e experimentado (Nabucodonosor)
 - 5 Juízo predito e experimentado (Belsazar)
 - 6 Fidelidade e um livramento maravilhoso (Daniel)
- 7 Uma visão de quatro reinos e o fim deles (Daniel)...³⁶⁷

Goldingay registrou inúmeras comparações e contrastes excelentes entre os capítulos 7 e os capítulos 2-6.³⁶⁸

Essa é a primeira das quatro visões que Daniel registrou nos capítulos 7-12 (cf. caps. 8; 9; 10-12). Neste grande capítulo, Daniel revelou a história consecutiva dos quatro principais impérios mundiais, concluindo com a vinda de Jesus Cristo do céu e o estabelecimento do Seu reino – um quinto reino (cf. cap. 2). Consequentemente, o capítulo fornece uma estrutura para uma revelação mais detalhada desses reinos indicados no livro de Daniel e no Novo Testamento, especialmente no livro de Apocalipse. O capítulo 7 fornece mais informações acerca dos primeiros quatro reinos que Daniel já havia revelado no capítulo 2 (cf. Sl 2; 110).

“No capítulo 2, os quatro reinos terrenos e o reino celestial de Cristo foram vistos em sua aparência política superficial; em contraste, o capítulo 7 apresenta a opinião de Deus acerca das características moral e espiritual mais íntimas. No capítulo 2, os símbolos foram extraídos de objetos inanimados; aqui no capítulo 7, eles foram extraídos daquilo que é animado. No capítulo 2, o rei Nabucodonosor viu o esplendor dos impérios mundiais retratado na deslumbrante estátua de um homem, enquanto o reino de Deus foi simbolizado por uma pedra. Em contraste, no capítulo 7, a visão de Daniel revela personagens animados dos impérios mundiais e o fato de que é apenas no reino de Deus que a dignidade do homem é percebida – no Filho do Homem”.³⁶⁹

“Praticamente todos os intérpretes entendem que essas duas visões devem ser interpretadas da mesma maneira... Segundo a interpretação comumente recebida na igreja, esses quatro reinos são, o babilônico, o medo-persa, o grego-macedônio e o romano. Lutero observa que: ‘Nessa interpretação e opinião todo o mundo está de acordo, e a história e os fatos comprovam isso’. Essa opinião prevaleceu até cerca do fim do século dezessete, pois a opinião contrária de intérpretes individuais mais antigos não encontrava receptividade. Mas, a partir daquele momento, quando a fé na origem sobrenatural e o caráter da profecia bíblica foram abalados pelo deísmo e pelo

³⁶⁷ Goldingay, págs. 157-158. Veja J. Paul Tanner, "The Literary Structure of the Book of Daniel," *Bibliotheca Sacra* 160:639 (Julho-Setembro 2003):269-282, que também defendeu o capítulo 7 como a dobradiça do livro.

³⁶⁸ Goldingay, págs. 158-159.

³⁶⁹ Feinberg, págs. 83-84. Divisão de parágrafo omitida. Veja também Jamieson, et al., pág. 746; e Whitcomb, págs. 92-93.

racionalismo, então, como consequência, com a rejeição de genuinidade do livro de Daniel, a referência do quarto reino à monarquia romana também foi negada”.³⁷⁰

Em contraste com os que acreditam no sobrenatural, os deístas e os racionalistas acreditam que não existe algo como profecia preditiva. Portanto, alguém deve ter escrito o livro de Daniel depois que os eventos nele registrados ocorreram.

“Críticos sustentam que o autor verdadeiro do livro de Daniel viveu na época da perseguição de Antíoco Epifânio (175-163 a.C.), e que, a partir de um ponto de vista do segundo século a.C., ele olhou para trás na história, para os quatro séculos anteriores, organizou a história de uma maneira significativa para ele, e fez dela a base para antecipar um clímax para a perseguição dos Macabeus que acontecia naquele momento. Consequentemente, o pseudo-Daniel considerou Antíoco como símbolo da perversidade dos poderes desse mundo, que o autor acreditava que logo seriam julgados por Deus, que deveria intervir e substituir o governo de tirania, sob Antíoco, pelo governo dos santos do Altíssimo”.³⁷¹

Muitos desses críticos acreditam que os quatro impérios relatados nos capítulos 2 e 7 não são Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma, mas Babilônia, Média, Pérsia e Grécia. Os comentaristas representantes que sustentam essa posição são Rowley e Montgomery. De acordo com eles, Roma não era um poder suficientemente significativo no mundo no segundo século a.C. para garantir sua identificação como o quarto reino. Entretanto, Jesus Cristo falou acerca de um aspecto do quarto reino como ainda futuro (Mt 24.15; cf. Dn 12.11).

Josefo reconheceu que Daniel escreveu acerca de Antíoco Epifânio e do governo romano antes que eles existissem.³⁷² O livro do Apocalipse, escrito perto do final do primeiro século A.D., semelhantemente, prediz o cumprimento dos aspectos desse reino no futuro (p. ex.: Ap 13). Além disso, Daniel 9.26 predisse a morte do Messias e a destruição de Jerusalém, ambas as coisas que aconteceram no primeiro século A.D.

Os críticos apoiam a sua identificação dos impérios com dois pontos principais: Primeiro, referências a Dario, o Medo, no capítulo 6 indicam para eles que o império medo era significativo o suficiente para ser destacado em separado pelo autor. Entretanto, o mesmo capítulo afirma que foi a junção dos reinos dos medos e dos persas que estava no poder (6.8, 12, 15). Segundo, a Grécia seria o poder dominante no mundo quando o pseudo-Daniel escreveu no segundo século a.C. Esse argumento presume a hipótese dos críticos de que alguém escreveu Daniel no segundo século a.C., e lê o texto de acordo com essa estrutura.

Uma abordagem mais apropriada é respeitar o texto como ele se apresenta, e procurar harmonizá-lo com o restante das Escrituras e com os fatos da história. Isso leva à conclusão mais natural de que Daniel

³⁷⁰ Keil, págs. 245-246. Para uma defesa da genuinidade do livro, veja também as págs. 19-57.

³⁷¹ Walvoord, pág. 147.

³⁷² Josefo, *Antiquities of...*, 10:11:7.

recebeu revelações acerca do futuro – a partir de uma perspectiva do sexto século a.C. – vindas de Deus. A história mostrou que houve um império medo-persa e que aquilo que Daniel escreveu a respeito do terceiro e do quarto impérios se encaixa melhor com a Grécia e Roma do que com a Pérsia e a Grécia. Ela também mostrou que aquilo que Daniel predisse acerca desses primeiros três reinos, bem como aquilo que ele escreveu a respeito do quarto reino, se cumpriram. As Escrituras indicam que algumas revelações acerca do quarto reino, e toda a revelação a respeito do quinto reino, descrevem algo ainda futuro, da nossa perspectiva da história.

1. Os quatro animais 7.1-8

7.1 Já lemos acerca dos dois sonhos de Nabucodonosor (2.1; 4.5). Agora, Deus deu uma visão a Daniel. Trata-se da visão, vinda de Deus, que veio a Daniel enquanto ele estava deitado em sua cama.

“Ao mencionar a experiência como ‘um sonho’ (no singular), Daniel estava enfatizando a unidade da revelação, e referindo-se a isso como ‘visões’ (plural), ele enfatiza os estágios sucessivos nos quais as revelações foram dadas... O sonho refere-se a ele estando dormindo, e as visões referem-se ao que ele viu enquanto sonhava”.³⁷³

Essa revelação veio a Daniel no primeiro ano do reino de Belsazar como co-regente da Babilônia juntamente com seu pai, Nabonido, a saber, em 553 a.C.³⁷⁴ É adequado que essa visão da queda dos impérios mundiais viesse ao profeta durante o reino do último rei da Babilônia. Deus deu a imagem a ele, 50 anos após a revelação similar da grande imagem no capítulo 2 (cf. Gn 41.25, 32).

“... Nabucodonosor, o fundador do poder mundial, viu esse poder em sua grandeza e glória imponente [cap. 2]; que Daniel, o profeta de Deus, viu em sua oposição a Deus na forma de animais vorazes [cap. 7]”³⁷⁵

Daniel teria por volta de 68 anos quando recebeu essa visão. Cronologicamente, podemos colocar este capítulo entre os capítulos 4 e 5.

³⁷³ Pentecost, “Daniel”, pág. 1350.

³⁷⁴ Wood, *A Commentary...*, pág. 179; Archer, “Daniel”, págs. 84-85; Whitcomb, pág. 91; Chisholm, pág. 304. *The New Bible Dictionary*, s.v. “Belshazzar”, por D. J. Wiseman, pág. 139, alegaram que o ano era 556 a.C.

³⁷⁵ Keil, pág. 221.

Cronologia das visões em Daniel 7-12 ³⁷⁶			
Capítulo 7	Capítulo 8	Capítulo 9	Capítulos 10-12
1ª visão	2ª visão	3ª visão	4ª visão
Primeiro ano de Belsazar	Terceiro ano de Belsazar	Primeiro ano de Dario	Terceiro ano de Dario
553 a.C.	550 a.C.	539-538 a.C.	536-535 a.C.

“Deus não revela todas as Suas verdades de uma vez, até mesmo para o sábio, mas reserva muito para os mais velhos e mais experientes”.³⁷⁷

Ao acordar, Daniel registrou o que ele viu. O que vem a seguir neste capítulo, segundo ele, é apenas um resumo do que ele viu.

“Pela primeira vez no livro, uma visão é anotada. Antes disso, as profecias do AT eram colocadas na forma escrita como um estágio em sua implementação e, como evidência de que ela foi recebida antes dos eventos acerca do qual falavam, e então, elas eram, de fato, as palavras de Deus, mesmo que fossem desacreditadas. (veja Is 8.1, 16; 30.8; Jr 36; Hc 2.2)”.³⁷⁸

7.2 Daniel mencionava a si mesmo nos primeiros seis capítulos na terceira pessoa, mas nos últimos seis, ele usou a primeira pessoa. Ele pode ter feito essa mudança para tornar suas visões mais impressionantes e persuasivas ao leitor.

Daniel viu “o mar Grande”, provavelmente o Mar Mediterrâneo (cf. Nm 34.6-7; Js 1.4; 9.1; Ez 47.10; et al.), agitado pelos quatro ventos (ou espíritos) do céu (v. 2; cf. Jr 23.19; 49.36; Zc 6.1-6; Ap 7.1-3; et al.). O mar nas Escrituras, e no pensamento do Oriente Próximo antigo, representava um grupo desorganizado da humanidade, a população da terra (v. 17; cf. Is 8.6-8; 17.12-13; 57.20; 60.5; Jr 6.23; 46.7-8; 47.2; Mt 13.47; Lc 21.25; Ap 13.1; 17.1, 15; 21.1; et al.). O mundo mediterrâneo parece ser o foco aqui, uma vez que o mar era o Mar Mediterrâneo. O vento representa o poder de Deus expresso em juízo, usando forças terrenas e celestiais de todas as direções, para influenciar as nações conforme a Sua vontade (cf. Ap 7.1; 9.14-15).³⁷⁹

³⁷⁶ Tanner, pág. 396.

³⁷⁷ Baldwin, pág. 138.

³⁷⁸ Goldingay, pág. 184.

³⁷⁹ Cf. Keil, págs. 222-223.

“Deus usava com frequência o vento como meio para realizar a Sua vontade (Gn 8.1; Ex 10.13-19; 14.21; 15.10; Nm 11.31; 1 Rs 18.45; 19.11). ...Das mais de 120 referências bíblicas ao vento (mais de 90 no AT e cerca de 30 no NT), mais da metade está relacionada aos eventos e ideias que refletem a soberania e o poder de Deus. Em Daniel, o vento é uniformemente utilizado para representar o poder soberano de Deus, que é o ponto de vista do livro”.³⁸⁰

- 7.3 Os quatro animais que surgem do mar representam quatro reis (v. 17). Eles personificam as nações sobre as quais governam, o que se torna mais claro na revelação seguinte. Eles são anormais, como são os outros animais apresentados, e suas anormalidades têm significado.

“A visão da monarquia de Nabucodonosor (cap. 2) cobre a mesma ordem de cumprimento da visão dos animais de Daniel, mas com a seguinte diferença: Nabucodonosor viu o poder e esplendor externos imponentes dos ‘tempos dos gentios’ (Lc 21.24; cf. Ap 16.19...), ao passo que Daniel viu o verdadeiro caráter dos governos mundiais como gananciosos e hostís, estabelecidos e mantidos por meio da força. É notável que a insígnia heráldica das nações gentílicas são os animais ou as aves de rapina”.³⁸¹

- 7.4 O primeiro animal parecia-se com um leão, mas também tinha as asas de uma águia. Era comum, na arte do Oriente Próximo antigo, combinar características notáveis de vários animais, numa figura composta de um animal, para enfatizar as principais características num objeto simbólico. Os animais, normalmente, representavam nações, como fazem até hoje (cf. a águia como o símbolo dos Estados Unidos da América, o urso com símbolo da Rússia, o dragão como símbolo da China etc.).

Outros escritores bíblicos compararam Nabucodonosor a um leão e a uma águia (cf. Jr 4.7; 49-19; 50.17, 44; 49.22; Lm 4.19; Ez 17.3, 12; Hc 1.8). Enquanto Daniel observava, algo arrancou as asas do animal, fazendo-o ficar de pé como um homem, e lhe deu uma mente humana (lit. coração).

Muitas nações utilizavam o leão como um símbolo de poder real, pois ele é tradicionalmente o rei dos animais (cf. 1 Rs 10.20; 2 Cr 9.19). De modo semelhante, a águia tem sido representada ao longo da história como o rei dos pássaros (cf. Ez 17.3, 7). Praticamente todos os intérpretes, sejam conservadores ou críticos, acreditam que esse leão representa o império neobabilônico. Leões com asas imensas protegiam os portões dos palácios reais babilônicos.³⁸² A Babilônia utilizava tanto o leão, quanto a

³⁸⁰ Walvoord, pág. 152. Cf. Gn 1.2.

³⁸¹ *The New Scofield Reference Bible*, pág. 907.

³⁸² Walvoord, pág. 153.

águia como emblemas nacionais (cf. Jr. 4.7, 13; Ez 17.3). O arrancar das asas do leão podem aludir à humilhação de Nabucodonosor (cap. 4),³⁸³ ou quem sabe à deterioração do seu reino após a sua morte.³⁸⁴ Depois que Nabucodonosor foi humilhado por Deus, ele se tornou mais humano.³⁸⁵

“Qualquer que tenha sido a atitude dos reis que sucederam a Nabucodonosor ela não é considerada, pois todos os seus sucessores foram homens de calibre inferior e a história da Babilônia praticamente se encerra com ele”.³⁸⁶

7.5 O segundo animal se assemelha a um urso. Os escritores do Antigo Testamento falavam do urso como o animal mais espetacular na Palestina, depois do leão (cf. 1 Sm 17.34; Am 5.19; cf. 2 Rs 2.24; Os 13.8).³⁸⁷ O urso que Daniel viu parecia ter um lado mais forte do que o outro. Isso provavelmente reflete a força superior da parte persa do império medo-persa (cf. 8.3, 20).

As três costelas na boca do urso provavelmente dizem respeito a três nações, ou três partes de uma nação, que a Pérsia devorou, ou estava devorando, ou que devoraria. Quando Daniel teve essa visão, a Pérsia ainda não havia derrotado a Babilônia, de forma que, talvez, essas fossem as nações de menor proeminência que ela já havia conquistado. Alguns estudiosos acreditam que as costelas se referem aos impérios da Babilônia, Lídia e Egito, todos que acabaram por ser conquistados pela Pérsia.³⁸⁸ Outros sugerem que ele pode ser uma referência à Média, à Pérsia e à Babilônia, os três maiores componentes do império persa.³⁸⁹

Daniel ouviu vozes (angelicais?) encorajando o urso a devorar muita carne. Isso provavelmente indica que ele ainda subjugaria muitas nações. A Pérsia devorou mais territórios e pessoas do que a Babilônia; ela era voraz. A Pérsia governou durante 208 anos antes de Alexandre, o Grande, a derrotar, em 331 a.C., e sua extensão foi muito mais abrangente do que a babilônica. A liderança no Oriente Próximo passou da Assíria para a Babilônia em 612 a.C., da Babilônia para a Pérsia em 539 a.C., e da Pérsia para a Grécia em 331 a.C.

³⁸³ Leupold, págs. 289-290; Archer, “Daniel”, pág. 85.

³⁸⁴ Feinberg, pág. 86. Dyer, em *The Old...*, pág. 713, acreditava que Nabucodonosor (cap. 4) e Belsazar (cap. 5) são as duas asas que aparecem.

³⁸⁵ Para estudos adicionais de profecias a respeito da Babilônia, veja John F. Walvoord, *The Nations in Prophecy*, págs. 61-69.

³⁸⁶ Leupold, pág. 290.

³⁸⁷ See Driver, pág. 82.

³⁸⁸ Keil, pág. 226; Young, pág. 145; Leupold, pág. 292; McGee, 3:570; Archer, “Daniel”, p. 86; Whitcomb, pág. 95; Wiersbe, pág. 282; *The Nelson...*, pág. 1431.

³⁸⁹ P. ex.: Walvoord, *Daniel...*, pág. 156.

“...quando o livro de Daniel foi mostrado para ele [Alexandre], onde Daniel declarou que um dos gregos deveria destruir o império dos persas, ele entendeu que ele mesmo era a pessoa mencionada...”³⁹⁰

7.6

A maior parte dos estudiosos conservadores de Bíblia identifica o terceiro reino com a Grécia, pois a Grécia superou a Pérsia (“foi lhe dado domínio”) e ela trazia as características do animal descrito aqui. Os leopardos (ou panteras³⁹¹) são menos majestosos e ponderosos do que leões e ursos. Suas principais características são a velocidade, a força e a esperteza (cf. Jr 5.6; Os 13.7; Hc 1.8). As quatro asas nas costas desse leopardo o tornou ainda mais ágil.

“Com a rapidez de um leopardo, Alexandre, o Grande, conquistou a maioria do mundo civilizado desde a Macedônia, até a África e o leste da Índia [334-331 a.C.]. O caráter rápido de suas conquistas é algo sem precedente no mundo antigo, e isso está plenamente de acordo com a imagem da velocidade incorporada no próprio leopardo e nas quatro asas em suas costas”³⁹²

“Alexandre tinha vinte anos de idade quando ele começou a guerrear. Quando ele tinha vinte e seis anos, ele conquistou Dario, e tornou-se o mestre de todo o império persa. Mas quando ele tinha trinta e dois anos de idade, em seu auge, ele foi derrotado. Ele morreu como um beberrão em excesso ou, conforme alguns suspeitam, envenenado, e morreu sem deixar filhos vivos”³⁹³

Alexandre teve dois filhos, Hércules e Alexandre, mas Olímpias, a mãe de Alexandre, o Grande, lhes envenenou, bem como ao irmão de Alexandre, o Grande, Arrideu, que havia sido feito rei na Macedônia.³⁹⁴

Aparentemente, cada uma das asas tinha alguma conexão com cada uma das quatro cabeças do animal. A cabeça sugere a direção inteligente. A Grécia teve quatro divisões com uma pessoa cuidando de cada divisão. Após a derrota da Grécia em Ipsi na Frígia, em 301 a.C., o império grego foi dividido de modo irreversível em quatro partes sob quatro generais de Alexandre.

Existe alguma dúvida acerca de quem eram esses quatro homens. Jerônimo e Calvino acreditaram ser Ptolomeu, Seleuco, Filipe e Antígono.³⁹⁵ Josefo escreveu que eram cinco homens: Antígono (Ásia), Seleuco (Babilônia), Lisímaco (o Helesponto), Cassandro

³⁹⁰ Josefo, *Antiquities of...*, 11:8:5.

³⁹¹ Young, págs. 145-146.

³⁹² Walvoord, *Daniel...*, pág. 157. Veja também Finegan, *Light from...*, pág. 244.

³⁹³ Henry, pág. 1096.

³⁹⁴ *Ibid.*, pág. 1101.

³⁹⁵ Jerome, *Commentary on Daniel*, pág. 75; João Calvino, *Commentaries on the Book of the Prophet Daniel*, 2:18-19.

(Macedônia) e Ptolomeu (Egito).³⁹⁶ A maioria dos comentaristas modernos acreditam que foram Lisímaco (que governou a Trácia e a Bitínia), Cassandro (Macedônia e Grécia), Seleuco (Síria, Babilônia e os territórios orientais) e Ptolomeu (Egito, Palestina e Arábia Petreia).³⁹⁷

Cada um dos sucessores governou um dos segmentos geográficos do império de Alexandre: Grécia, Ásia Ocidental, Egito e Pérsia. A identidade exata dos governantes é discutível pois levou 20 anos para o reino ser dividido com êxito. Ainda assim, não há dúvida de que a Grécia foi dividida em quatro partes principais depois da morte de Alexandre (cf. 8.8, 22).

Uma terceira visão conservadora, que não creio ser tão forte, é que as quatro asas e cabeças representam os quatro cantos da terra.³⁹⁸

Archer escreveu a seguinte resposta à alegação crítica de que o terceiro animal representa a Pérsia:

“...não há como um personagem quadripartido surgir a partir do império persa, quer por Ciro ou sob qualquer um dos seus sucessores”.³⁹⁹

7.7 A maioria dos estudiosos conservadores acredita que o quarto animal representa o império romano, mas estudiosos críticos interpretam esse animal como uma referência à Grécia. Walvoord chamou a identificação do quarto animal no capítulo 7 “a questão crucial na interpretação do livro inteiro de Daniel”.⁴⁰⁰

Em contraste com a Grécia, o surgimento e a queda do império romano foram lentos. Ele começou em 241 a.C. com a ocupação da Sicília. O império, gradualmente, expandiu ao longo de todo o mundo Mediterrâneo: Europa ocidental, incluindo Britânia, Gália (França e Alemanha modernas), e Espanha; e Ásia ocidental, até o leste do Mar Cáspio e o Golfo Pérsico. Ele terminou formalmente, no império romano ocidental, em 410 A.D., quando os visigodos saquearam Roma.⁴⁰¹ Entretanto, sua influência governamental persistiu até 1453 A.D., quando o último governante romano morreu na batalha em Constantinopla.⁴⁰²

³⁹⁶ Josefo, *Antiquities of...*, 12:1:1.

³⁹⁷ P. ex.: Keil, pág. 293; Feinberg, págs. 87-88; Whitcomb, pág. 95. CF. Finegan, *Light from...*, págs. 244-246.

³⁹⁸ Young, pág. 146.

³⁹⁹ Archer, “Daniel”, pág. 86. Para respostas adicionais para a visão dos críticos, veja Leupold, págs. 287-288, ou Walvoord, *Daniel...*, págs. 158-159.

⁴⁰⁰ *Ibid.*, pág. 159.

⁴⁰¹ Jamieson, et al., pág. 747, colocou a queda do império ocidental em 731 A.D.

⁴⁰² Para uma breve história de Roma, veja Walvoord, *The Nations...*, págs. 83-87. Se quiser um material mais denso, veja C. E. Van Sickle, *A Political and Cultural History of the Ancient World*, vol. 2. A história antiga mais exaustiva e comum é o material de 12 volumes *Cambridge Ancient History*, editado por Bury, Cook e Adcock.

“...pode ser corretamente defendido que, o padrão do desenvolvimento imperial adotado pelos romanos foi seguido por praticamente todos os poderes mundiais posteriores. A lei romana continua sendo o padrão da jurisprudência. A literatura clássica romana domina a literatura produzida desde aquela época. Na realidade, todos os poderes que possuem qualquer coisa parecida com domínio mundial são segmentos do antigo império romano e, assim sendo, o quarto animal ainda é, num certo sentido, vivo embora Roma tenha sido destruída”.⁴⁰³

Daniel não comparou o quarto animal que ele viu com qualquer animal conhecido. Trata-se de um animal singular. Ele era assustador, aterrorizante e extremamente forte. Seus grandes dentes de ferro engoliam tudo o que atacava, e seus pés esmagavam e pisavam em tudo o que foi deixado pelos animais anteriores.

“...o império romano era brutal na destruição de civilizações e povos, matando cativos aos milhares e vendendo cativos às centenas dos milhares”.⁴⁰⁴

“Roma não tinha qualquer interesse em elevar as nações conquistadas a qualquer nível de desenvolvimento. Todos os seus projetos eram imperiais; que as nações sejam destruídas e pisadas”.⁴⁰⁵

A identificação dos 10 chifres desse animal é mais difícil. Existem, obviamente, algumas similaridades entre esses 10 chifres e os dedos dos pés da imagem do capítulo 2. Eles, aparentemente, representam 10 governantes contemporâneos (v. 17). Os chifres representavam força e governos na iconografia do Oriente Próximo (as imagens e símbolos visuais utilizados nas obras de arte), todavia, os estudiosos não têm conseguido chegar a um acordo com respeito à identificação dos 10 impressionantes governantes do império romano que governaram simultaneamente.

Há, basicamente, duas posições acerca da identidade dos 10 chifres: Primeira, alguns estudiosos espiritualizam o número 10 bem como o número 3 (v. 8). Ou seja, eles não consideram esse número literalmente. Praticamente todos os intérpretes, nesse campo, são amilenistas. O “amilenismo” é a crença de que Jesus Cristo não reinará na terra por mil anos em qualquer sentido literal.

Falando desses intérpretes, alguns acreditam que esses números, 10 e 3, são referências a governantes passados, muito embora não sejamos capazes de identificá-los. Young e Leupold atribuem um significado figurado para o número 10 indicando algo

⁴⁰³ Leupold, pág. 314.

⁴⁰⁴ Walvoord, *Daniel...*, pág. 161.

⁴⁰⁵ Leupold, págs. 297-298.

completo.⁴⁰⁶ Outros acreditam que o número seja uma referência genérica aos que reinarão com Cristo futuramente no céu.

Segunda, alguns estudiosos acreditam que temos de entender os números 10 e 3 de maneira literal, uma vez que essa é a forma que entendem a maioria dos outros números no livro.⁴⁰⁷ Não há qualquer pista no texto de que devemos interpretar esses números de maneira não literal. Esse método, mais consistente de interpretação, é o que caracteriza o premilenismo. O pré-milenista acredita que a profecia, se interpretada de maneira literal, ensina que Jesus Cristo governará na terra por 1.000 anos após a Sua Segunda Vinda.

Até mesmo o amilenista reconhece que, se uma pessoa interpreta consistentemente a profecia de maneira literal, ela acabará se tornando um pré-milenista. Entretanto, eles não fazem isso porque acreditam que tal interpretação literal dá espaço para resultados extravagantes. Consequentemente, defendem eles, devemos adotar uma hermenêutica (método de interpretação) diferente sempre que lendo uma profecia, a saber, uma hermenêutica menos literal.

A maioria dos pré-milenistas acredita que os 10 chifres descrevem 10 governantes, que aparecerão no futuro e reinarão simultaneamente. Isso parece improvável para muitos, uma vez que o império romano não existe mais – pelo menos na forma em que existiu no passado. Entretanto, parece haver indicações em Daniel e em outras passagens da Bíblia, das quais falarei depois, que Deus remodelará ou reviverá o império romano no futuro. Ele pode não ser chamado de “o Império Romano”, mas ele terá conexões com o antigo Império Romano. Darby chamou isso de “Europa”.⁴⁰⁸ Conforme mencionado, os elementos essenciais do antigo império romano continuaram marcando civilizações desde que Roma caiu. Assim sendo, num certo sentido, o império romano ainda existe.

7.8 Daniel observou um décimo primeiro chifre surgindo dentre os 10, que substituiu três dos 10 chifres. Esse chifre tinha olhos humanos, provavelmente, um símbolo de inteligência, e uma boca que fala insolências (cf. vv. 11, 20, 25). Outra visão é que a menção de “[olhos], como os de homem” indica que ele era apenas humano.⁴⁰⁹ Esse é, evidentemente, o anticristo (cf. Is 27.1; Mt 24.5, 15; 2 Ts 2.3-4; 1 Jo 2.18; 4.3; Ap 13; 17; 19). Leupold interpretou os três chifres de maneira figurada:

“Para o presente, que seja observado que nenhum significado *especial* está relacionado aos *três* chifres. Eles não devem ser considerados de maneira literal; eles não têm qualquer relação aos três governantes dos três reinos. Os três aqui são, como no v. 5, meramente um número

⁴⁰⁶ Young, págs. 148-150; Leupold, pág. 322.

⁴⁰⁷ P. ex.: Walvoord, Archer, Pentecost, Wood, Feinberg, Campbell, Ironside e Culver. Veja também Anderson, pág. 148.

⁴⁰⁸ Darby, *Studies in...*, pág. 38.

⁴⁰⁹ Keil, pág. 229.

conveniente para transmitir a ideia de uma medida suficientemente grande de sucesso”.⁴¹⁰

Daniel viu um pequeno chifre diferente em outra visão posterior que ele testemunhou (8.9-11). Entretanto, as diferenças entre esses dois pequenos chifres favorecem a ideia de que são diferentes governantes, conforme meu comentário em 8.9-11 demonstrarão. Governantes representam as nações que eles lideraram, bem como os próprios governantes (cf. vv. 17, 23).

2. O Ancião de Dias e a destruição do quarto animal 7.9-12

“Essa seção é uma das cenas de juízo gloriosas das Escrituras”.⁴¹¹

7.9 Em algumas versões, esse versículo, e alguns dos seguintes (vv. 10, 13-14), estão na forma poética. Isso indica um estilo diferente na língua original (aramaico), o que define esses versículos como distintos e mais elevados em forma literária, na opinião de tradutores.

A partir do que Daniel registrou, parece claro que agora ele viu algo acontecendo na corte do céu. Ele viu tronos arrumados. A tradução “foram postos uns tronos” (ACF) não é precisa.

Mais tarde na história, o apóstolo João viu tronos no céu também (Ap 1.4; 4.4; 20.4; et al.). O Ancião de Dias parece ser uma referência a Deus o Pai (cf. vv. 13, 22; Is 43.13; 57.15), ao passo que, em 7.13, Deus o Filho é o foco do versículo. Gaebelein entendeu o Ancião de Dias como uma referência a Jesus Cristo aqui (cf. Jo 5.22; Ap 1.12-14), mas isso parece menos provável (cf. v. 13).⁴¹² Daniel, então, viu Deus tomar o Seu lugar em Seu trono celestial.

O título Ancião de Dias enfatiza a eternalidade de Deus. Suas puras vestes brancas retratam Sua pureza e santidade, e Seu cabelo como a lã pura sugere Sua pureza e Seu juízo maduro. Daniel viu Seu trono em chamas (lit. queimando), símbolo de conhecimento, pureza e juízo nas Escrituras (cf. Ex 3.2; Dt 4.24; 1 Tm 6.16; Hb 12.29; Ap 1.14-15). As rodas, provavelmente, implicam que o trono e Deus podem ir em qualquer direção e que Ele pode, portanto, fazer o que quiser (Sua onipresença e onipotência; cf. Ez 1.13-21).⁴¹³

⁴¹⁰ Leupold, págs. 298-299.

⁴¹¹ Ibid., pág. 300.

⁴¹² Gaebelein, *The Prophet...*, pág. 77.

⁴¹³ Para descrições parecidas acerca do panteão cananita no mito cananita, veja John Day, *Yahweh and the Gods and Goddesses of Canaan*, pág. 106.

- 7.10 Um rio de fogo fluía do trono de Deus o Pai, provavelmente simbolizando juízo que flui dEle. Aqueles que O serviam eram, claramente, anjos (cf. Dt 33.2). A corte (cf. v. 26) parece ser um local celestial no qual Deus exerce juízo sobre os governantes e suas nações baseado em suas ações (Jó 1-2; Is 65.6; MI 3.16; Ap 20.21; cf. Mt 25.31-46).
- 7.11 O retorno à linguagem de conversa sinaliza a mudança na observação do céu para a terra, e o conteúdo da revelação confirma essa mudança.
- As palavras insolentes do chifre (v. 8) continuaram atraindo a atenção de Daniel. Deus julgou o quarto animal e o destruiu com todos os seus chifres (cf. Lc 21.24-27; Ap 19.20). Do modo semelhante, a pedra cortada, sem o auxílio das mãos, destruiu os dedos da imagem no capítulo 2 – de maneira repentina e violenta.
- 7.12 O fim dos três impérios anteriores contrasta aqui com o final desse quarto império. Deus removeu o domínio de cada um dos três reinos anteriores um por um, mas eles continuaram existindo, como domínios do reino que lhes derrotou, durante algum tempo. Entretanto, Deus removerá o quarto império completamente, e ele não existirá mais (v. 11). Consequentemente, o fim do quarto reino resultará numa condição totalmente nova na terra: O reino milenar do Messias (cf. Ap 19.19-20.6).

3. O reino do Filho do Homem 7.13-14

- 7.13 Daniel viu novamente algo acontecendo no céu (cf. Ap 5.1-10). Um, como um filho do homem, foi levado perante o Ancião de Dias. Os servos angelicais na corte celestial, provavelmente, O levaram até Deus. Essa descrição glorifica o Ancião de Dias que, então, deu à essa Pessoa autoridade para governar sobre a terra (cf. Sl 2.6; 110.1-2). Aquele, semelhante ao filho do homem, tem similaridades com seres humanos, conforme sugere o título Filho de Homem. Entretanto, Ele vem com as nuvens do céu, o que em outras passagens das Escrituras descrevem como Deus veio à terra (cf. Ex 13.21-22; 19.9, 16; 1 Rs 8.10-11; Sl 18.10; Is 19.1; Jr 4.13; Ez 10.4; et al.). Consequentemente, Esse como um filho de homem parece ser um Deus-homem (cf. Fp 2.6-7).
- A maioria dos intérpretes, judeus e cristãos, tem compreendido essa figura como sendo o Messias.⁴¹⁴ O fato de que essa figura refere-se ao Filho de Deus, Jesus Cristo, torna-se claro, mais tarde nos Evangelhos, onde Jesus utilizou o título Filho do Homem a respeito de Si mesmo mais do que qualquer outro título (cf. Mc 8.31; Jo 1.51; et al.). Outras passagens também descrevem Jesus Cristo vindo futuramente nas nuvens (cf. Mt 24.30; 26.64; Mc 13.26; At 1.9; 1 Ts 4.17; Ap 1.7).

⁴¹⁴ Veja Keil, pág. 234. Veja os comentários para refutações acerca das posições de que esse filho de homem era um anjo, ou os israelitas, ou simplesmente um homem comum.

Uma vez que Jesus comumente utilizava o título Filho do Homem para descrever a Si mesmo, este é o versículo mais citado, de Daniel, no Novo Testamento. O fato de Jesus ter utilizado esse título acerca de Si mesmo mais do que qualquer outro título é significativo – 31 vezes no Evangelho de Mateus apenas.

“Embora o Messias já tenha sido nomeado como ‘Filho’ de Deus, em declarações proféticas anteriores (cf. [2 Sm 7.14]; Sl 2.7, 12; Pv 30.4), Ele, agora, recebe um nome que enfatiza Sua identificação verdadeira e total com a humanidade”.⁴¹⁵

Os contemporâneos de Jesus usaram o título “Messias” para descrever um mero líder humano que eles criam que daria a eles uma libertação militar de seus opressores romanos. Essa compreensão limitada do papel do Messias tornou aquele título indesejável do ponto de vista de Cristo, de forma que Ele, normalmente, não fazia referências a Si como o Messias. O título Filho do Homem, provavelmente, direcionava aqueles que o ouviam para Daniel 7.13, onde temos um Deus-homem, claramente, em vista.

Muitos dos contemporâneos de Jesus estavam dispostos a confiar em Jesus como seu Messias, mas poucos estavam dispostos a reconhecê-Lo como o divino Filho do Homem (cf. Mt 16.16; Jo 6.69). Jesus queria que eles cressem que Ele era Deus – bem como era homem – e, então, preferiu o título Filho do Homem.

Esse título, também, era aquele pelo qual Deus normalmente chamou o profeta Ezequiel. Mas, Ezequiel obviamente não era o Filho do Homem predito aqui. Quando utilizado acerca de Ezequiel, esse título enfatizava sua humanidade em contraste com os seres mais gloriosos, especialmente Deus.

“Não seria exagero dizer que nenhum outro conceito no Antigo Testamento, nem mesmo o Servo do Senhor, tem provocado uma literatura mais prolífica. De todas as figuras utilizadas no Antigo Testamento para falar de um salvador vindouro; rei, sacerdote, ramo, servo, semente – nenhuma é mais profunda do que ‘Filho de Homem’. Temos aqui uma visão de homem como Ele seria, incorporando perfeitamente todo o seu potencial em obediência ao seu Criador”.⁴¹⁶

“Conseqüentemente, o Messias vindouro não seria apenas o verdadeiro Davi, mas Ele também seria o verdadeiro Filho de homem, combinando em Sua pessoa o chamado elevado da humanidade e a posição reservada apenas para Deus”.⁴¹⁷

⁴¹⁵ Whitcomb, pág. 99.

⁴¹⁶ Baldwin, pág. 154.

⁴¹⁷ Walter C. Kaiser Jr., *Toward an Old Testament Theology*, pág. 246.

7.14 À essa altura, o Filho do Homem torna-se a Pessoa proeminente na visão de Daniel. Ele recebeu domínio e glória e um reino do Ancião de Dias.

“Isso não se refere à Sua soberania inerente sobre o universo como Deus Filho (como co-substancial e co-eterno com o Pai e com o Espírito Santo), mas à Sua nomeação como Senhor e Juiz absoluto pela virtude de Seu ministério de expiação como Deus encarnado – aquele que viveu uma vida sem pecado (Is 53.9), pagou o preço pela redenção do homem (Is 53.5-6), e foi vindicado pela Sua ressurreição corporal como Juiz de toda a raça humana (At 17.31; Rm 2.16)”.⁴¹⁸

A intenção de Deus, ao dar ao Filho do Homem essa autoridade (cf. Mt 28.18), era que todos os povos, nações e línguas devem servi-lo; Ele deverá reinar sobre todos. Além disso, o Seu reino durará para sempre – em comparação aos quatro reinos anteriores. Reinos atuais suplantaram reinos anteriores, mas nenhum reino destruirá o Seu reino (cf. Sl 2.6-9; 72.11; Is 11; Ap 19.15-16; 20.1-6). Esse é um quinto reino, correspondente à pedra retirada sem a ajuda de mãos no capítulo 2, que destrói o quarto reino e todos os reinos anteriores.

Será que a vinda de Jesus à terra no primeiro século destruiu o império romano? Podemos dizer “sim” apenas se interpretarmos a destruição do quarto reino num sentido não literal. Prefiro não fazer isso porque a destruição dos reinos anteriores foi literal. Me parece que também devemos esperar que a destruição do quarto reino, pelo quinto, será literal. Portanto, a segunda vinda de Cristo deve ser a iniciação do quinto reino e a destruição final do quarto. Se assim for, então a figura profética que Daniel viu, não inclui a era presente na qual vivemos (cf. Is 61.1-2; Lc 4.18-19). Essa conclusão tem parecido razoável para alguns amilenistas, bem como para os pré-milenistas.⁴¹⁹

4. A interpretação dos quatro animais 7.15-18

7.15-16 Muito embora Daniel tenha compreendido todas as visões e sonhos (1.17), muito do que ele acabou de ver, o alarmou e o deixou perplexo (cf. 7.28). Ele, agora, se viu participando dos eventos da sua visão. Ele claramente direcionou sua pergunta a um anjo (cf. 8.16; 9.21). O quarto animal, e particularmente o pequeno chifre, eram partes da visão que ele não conseguia compreender e que mais lhe interessaram.

7.17 Seu intérprete deu uma resposta geral à sua pergunta. Ele enfatizou que cada um dos quatro animais representava um rei (ou reino, cf. v. 23). Eles vinham da população da terra, que é o que o mar simbolizava (v. 2; cf. Is 17.12-13; 57.20-21; Jr 46.7-8).

⁴¹⁸ Archer, “Daniel”, pág. 91.

⁴¹⁹ Veja Leupold, págs. 313-314.

“Os ‘quatro reis’, obviamente, referem-se a quatro reinos, assim como os animais representam tanto um rei e um reino”.⁴²⁰

7.18 Os “santos do Altíssimo” (vv. 22, 25, 27) provavelmente referem-se aos crentes de todas as eras (v. 27).⁴²¹ J. Dwight Pentecost escreveu que se trata de judeus crentes vivos na ocasião do retorno de Cristo, “e não os cristãos da era da igreja”, uma vez que Deus não revelou a existência da igreja no Antigo Testamento.⁴²² Esses santos, quem quer que sejam, receberão o (quinto) reino e possuirão o reino para sempre.

O cristão terá uma porção no reino eterno do Filho do Homem depois que ele for estabelecido. Isso envolve reinar com Cristo (cf. Mt 25.14-30; Lc 19.11-27; 2 Tm 2.12; Ap 5.10; 20.4, 6; 22.5). Esse reino se iniciará com o retorno de Cristo à terra, continuará por mil anos na terra, e então continuará nos novos céus e nova terra para sempre. Esse cenário corrige a objeção de alguns de que esse reino não pode ser milenar, uma vez que o anjo disse que ele seria eterno.⁴²³

“O motivo para se enfatizar a participação do povo de Deus no reino final parece ser de que ele é um reino literal e terreno, que substitui os impérios anteriores do homem, em vez de uma esfera espiritual, uma espécie de reino ideal de Deus que consiste apenas do próprio Senhor”.⁴²⁴

5. O pedido de Daniel pela interpretação do quarto animal 7.19-22

Daniel repetiu as descrições do quarto animal e do pequeno chifre, e ao fazê-lo, mencionou quatro detalhes previamente não revelados a respeito deles. O animal tinha garras de bronze, enfatizando sua natureza voraz (v. 19). O pequeno chifre era mais proeminente do que os outros chifres, com sua capacidade de surgir e tomar o lugar de outros três chifres (v. 20). O pequeno chifre entrou em guerra com os santos e os venceu, o que explica o motivo para o juízo final de Deus sobre ele (v. 21; cf. Ap 11.7; 12.13-17; 13.7; 17.17). Daniel parece ter ficado preocupado com o destino dos santos a quem o pequeno chifre venceu. Por fim, Deus executa juízo em favor dos Seus santos, indicando mais ainda, a importância dos santos nas ações de Deus. Ancião de Dias e Altíssimo parecem ser dois títulos para Deus Pai, enfatizando Sua eternidade e soberania, respectivamente.

⁴²⁰ Walvoord, *Daniel...*, pág. 172.

⁴²¹ *Ibid.*; Campbell, pág. 85.

⁴²² Pentecost, “Daniel”, pág. 1352.

⁴²³ P. ex.: Young, pág. 157.

⁴²⁴ Archer, “Daniel”, pág. 93.

6. A interpretação do quarto animal 7.23-25

7.23 O anjo intérprete, agora, fornece ao profeta mais entendimento a respeito do quarto animal e, particularmente, a respeito do pequeno chifre. Aqui, a dupla identificação dos animais com reis e reinos, se torna indiscutível. O quarto animal não representa apenas um rei (v. 17), mas também um reino. O anjo repetiu fatos já revelados (v. 7), mas esclareceu que a descrição anterior dizia respeito a um reino.

A expressão “toda a terra” não significa, necessariamente, o planeta inteiro (cf. Lc 2.1). O Antigo Testamento normalmente utiliza esse termo como uma referência “ao território completo do Orientes Próximo e Médio que, de alguma maneira, estão relacionados à Terra Santa”.⁴²⁵

Outra visão é a de que “um governo mundial único, sob um ditador mundial” é o foco da passagem.⁴²⁶ A revelação posterior parece fornecer apoio à essa segunda visão (Ap 13).

7.24-25 Uma diferença entre a descrição do pequeno chifre aqui e mais cedo (v. 8), é que aqui o pequeno chifre é um rei, e não um reino. Outra diferença é que ele será diferente dos 10 reis anteriores (cf. Ap 13.1; 17.12). As palavras insolentes desse décimo primeiro rei serão proferidas contra o Altíssimo e contra os Seus santos (v. 25). Ele oprimirá os santos, evidentemente por meio de perseguição (cf. 2 Ts 2.8-9; Ap 12.13-17; 13.1-10, 16-17). Ele também procurará fazer mudanças nos tempos (no calendário?) e na lei. Archer registrou um relato interessante de uma tentativa fracassada durante a Revolução Francesa de substituir o calendário cristão (gregoriano) por um calendário Revolucionário.⁴²⁷ Tentativas similares dos russos nos tempos mais atuais também se provaram ineficientes.⁴²⁸

Alguém, certamente o Deus soberano, permitirá que esse governante governe por “um tempo, dois tempos e metade de um tempo” (cf. 12.7). Os santos “lhes serão entregues nas mãos” por Deus. Até mesmo alguns intérpretes liberais entendem que a duração desse período é de três anos e meio (cf. 4.16; Ap 11.2-3; 12.6; 13.5).⁴²⁹ Young defende que esse será um período de provação e juízo num sentido metafórico sem especificar sua duração.⁴³⁰ Leupold explicou esse período como “um início lento com sucesso modesto; então uma aparente explosão de empenho bem-sucedido; então, um colapso visível”.⁴³¹

⁴²⁵ Ibid.

⁴²⁶ Pentecost, “Daniel”, pág. 1354.

⁴²⁷ Archer, “Daniel”, pág. 94.

⁴²⁸ Leupold, pág. 324.

⁴²⁹ P. ex.: Montgomery, pág. 312.

⁴³⁰ Young, pág. 162. Veja também Keil, págs. 242-243.

⁴³¹ Leupold, pág. 326.

Esse período de três anos e meio obviamente se refere aos últimos três anos e meio antes da destruição do pequeno chifre e do retorno de Jesus Cristo. Isto corresponde à “Grande Tribulação”, a expressão que Jesus utilizou para descrever a última metade (três anos e meio) da Tribulação de sete anos (Mt 24.21).⁴³² Enquanto os três anos e meio iniciais da Tribulação serão ruins, os três anos e meio finais serão ainda piores.

“Quando as hordas do Norte conquistaram o império romano no século quinto A.D., elas não se uniram para formar um novo império. Ao contrário, nações individuais surgiram a partir do antigo império romano. Algumas dessas nações e outras ramificações delas continuam até o dia de hoje. Sendo assim, a Era presente, é a era de dez chifres do quarto animal. (Entretanto, outros pré-milenistas [bem como alguns amilenistas]⁴³³ defendem que o tempo dos 10 chifres ainda é futuro, que a era presente da igreja não está contemplada nessa visão e que 10 reis coexistirão num império romano revivido [ou evoluído]).”⁴³⁴

“A confederação de dez nações do futuro, antecipada nessas profecias, seria naturalmente considerada um ressurgimento do império romano, se não por outro motivo do que o retratado como parte integral do quarto império”.⁴³⁵

“Nosso Senhor ministrou na terra por três anos e meio, e o anticristo decretará seu ministério satânico pela mesma duração de tempo”.⁴³⁶

Young também acreditava no foco dessa passagem num anticristo literal.⁴³⁷ Leupold fez o mesmo, embora sua identificação do anticristo seja um pouco confusa:

“...o chifre representa tanto o reino do anticristo quanto um anticristo pessoal em quem todas as manifestações culminarão. Também defendemos que, ao afirmar que o papa é o anticristo, as confissões luteranas estavam corretas por mais que alguns homens zombem ou diminuam essa visão... Embora o papado possa ser a principal manifestação do anticristo atualmente, isso não exclui outras possibilidade de cumprimento dessa passagem”.⁴³⁸

⁴³² Veja Tanner, págs. 458-459.

⁴³³ P. ex.: Keil, pág. 268.

⁴³⁴ Pentecost, “Daniel”, pág. 1354.

⁴³⁵ John F. Walvoord, “Revival of Rome”, *Bibliotheca Sacra* 126:504 (Outubro-Dezembro 1969): 317-328.

⁴³⁶ Joseph A. Seiss, *Voices from Babylon: Or the Records of Daniel the Prophet*, pág. 311.

⁴³⁷ Young, pág. 163.

⁴³⁸ Leupold, pág. 323.

7. O fim do quarto animal e o início do reino eterno 7.26-28

7.26 O anjo continuou explicando que a corte celestial (v. 10) julgará o pequeno chifre, e que Deus removerá seu domínio e o destruirá para sempre (v. 11; 2 Ts 2.8; Ap 19.20).

7.27 Terá, então, início o quinto reino, que acontecerá sob a liderança do Filho do Homem (v. 14). Esse fato argumenta a favor da interpretação dispensacionalista normativa, que entende o reino messiânico de Deus na terra como iniciando com a segunda vinda de Cristo, em vez de iniciado a partir da Sua primeira vinda (cf. 2.44). O reino universal de Deus é algo diferente: trata-se de um reino celestial – Deus governa a partir do céu – que é eterno e completamente abrangente.

“‘Debaixo de todo o céu’ mostra que ele é um reino *na terra*, e não no céu”.⁴³⁹

O anjo enfatizou novamente o papel que os santos terão nesse reino. A frase “[o] povo dos santos do Altíssimo” é incomum. Ela pode indicar um grupo particular de santos (i.e., cristãos), provavelmente judeus que, de acordo com outras passagens das Escrituras, serão foco das bênçãos de Deus durante Seu reino terreno. Entretanto, a tradução: “[os] santos, o povo do Altíssimo” (NVI) é uma boa tradução. Nesse caso, o texto estaria falando dos santos em geral aqui, e não a respeito de um grupo especial dentre eles.⁴⁴⁰

O reino do Filho do Homem não terá fim e será mundial.⁴⁴¹ Não se trata de um reino dos santos apenas; trata-se do governo do Altíssimo no qual os santos participam. Observe que o reino é descrito como pertencente ao Filho do Homem (v. 14) e ao Altíssimo. Isso significa que eles são um.

“Não é difícil enxergar que Daniel, mais do que qualquer outro autor, interessa-se pelo tema do reino aqui”.⁴⁴²

7.28 Daniel marcou o final da sua visão e acrescentou que o que ele viu o deixou aterrorizado e perturbado. O fato do seu rosto ter ficado pálido é um resultado do seu temor, à medida que ele contemplava as provações e as perseguições que aconteceriam com o seu povo. Originalmente, ele guardou essa revelação consigo, possivelmente porque ele percebeu que ela causaria tremendo estrago, caso fosse relatada imediatamente.

Parece haver dois conjuntos específicos de profecias a respeito do futuro no capítulo 7, além do que aconteceria dentro do período de vida de Daniel. Primeiro, temos as profecias que lidam com impérios mundiais vindouros que pareciam para Daniel como nações comuns. Temos, então, as predições acerca do fim do quarto reino e o início do quinto reino, que ainda são eventos futuros do nosso ponto de vista

⁴³⁹ Jamieson, et al., pág. 750.

⁴⁴⁰ Cf. Barker, págs. 139-143.

⁴⁴¹ Veja McClain, cap. 17: “The Government in the Kingdom of Old Testament Prophecy”, págs. 206-216.

⁴⁴² Merrill, “Daniel as...”, pág. 225.

da história. Sem sombra de dúvidas, o intervalo entre esses dois momentos, era incerto para Daniel (cf. Is 61.1-2; 1 Pe 1.10-11).

No cristianismo atual, é comum ouvir as pessoas falando que o cristão se encontra no reino de Deus, avançando o reino de Deus e referências similares à forma presente do reino de Deus. Isso é algo legítimo, caso ao usar “o reino”, a pessoa esteja falando do reino universal sobre o qual Deus governa agora e tem governado eternamente do céu. Mas é incorreto equiparar o governo atual de Deus no céu com o Seu governo futuro na terra através do Filho do Homem. Cremos que esse reino messiânico se iniciará quando Jesus Cristo retornar à terra, e trata-se do reino descrito em Daniel 2, por meio da pedra cortada sem ajuda humana, e em Daniel 7, pelo quinto reino que esmagará todos os reinos terrenos anteriores. Um dos reinos de Deus já é presente; o outro ainda não: ele ainda está por vir.

Culver resumiu a evidência para a compreensão pré-milenista do capítulo 7 da seguinte maneira:

“(1) O reino do Messias acontece depois da aparição (descrita aqui em termos pessoais em vez de termos institucionais) e da destruição do anticristo. A pessoa ainda não apareceu. Isso parece tornar os esquemas pós-milenista e amilenista, que identificam a Igreja com o Reino improvável. (2) O reino do Messias, aqui, acontece após reinos gentílicos; ele nunca é contemporâneo com eles. Portanto, ele precisa ser algo ainda futuro. (3) O reino de Cristo triunfa sobre uma forma final de domínio gentílico que ainda não apareceu. (4) O reino do Messias é externo em aspecto aqui, e não um reino no coração do homem, como a teologia da Igreja-Reino exige. (5) Esse reino é, em algum sentido, israelita (cf. vv. 7, 22, 25, 27 com 8.24). Os ‘santos’ ou povo santo mencionado aqui é Israel e nenhum outro. A Igreja não é um reino judaico”.⁴⁴³

COMPARAÇÕES ENTRE DANIEL 2 E 7	
Capítulo 2	Capítulo 7
Imagem de Nabucodonosor	Os quatro animais
Dada a Nabucodonosor	Dada a Daniel
Foco em 4 reinos + 1	Foco em 4 reinos + 1
Uma imagem de 4 partes + uma pedra	4 animais + o Filho do Homem
Mais geral	Mais detalhada
Daniel foi o intérprete	Um anjo foi o intérprete
Ponto de vista do homem	Ponto de vista de Deus

⁴⁴³ Culver, “Daniel”, pág. 791.

III. ISRAEL EM RELAÇÃO AOS GENTIOS: O PROGRAMA DE DEUS PARA ISRAEL CAPS. 8-12

Duas coisas marcam o início de uma nova seção no livro. Estas duas coisas são: um retorno ao idioma hebraico no texto original (cf. 1.1-2.3), e uma ênfase colocada sobre a nação de Israel. Daniel evidentemente escreveu o restante do livro em hebraico, pois a revelação nele dizia respeito ao seu povo em particular. O livro de Apocalipse, embora escrito em uma única linguagem originalmente, revela uma estrutura parecida. Depois de uma introdução (Ap 1-3; cf. Dn 1), uma seção que lida com julgamentos mundiais (Ap 4-11; cf. Dn 2-7). Por fim, profecias relacionadas mais especificamente com Israel (Ap 12-20; cf. Dn 8-12).

A. A VISÃO DE DANIEL DO CARNEIRO E DO BODE CAP. 8

O capítulo 7 registrou a história geral dos “tempos dos gentios”, desde que Nabucodonosor levou os judeus cativos até o retorno do Filho do Homem para a terra. O capítulo 8 revela mais detalhes acerca do segundo (persa) e do terceiro (grego) reinos, especificamente falando de sua relação com Israel.

“O capítulo 8 é a última das visões simbólicas do livro; as revelações seguintes são mais verbais que visuais e ainda oculta, mas não simbólica”.⁴⁴⁴

1. O contexto da visão 8.1

O terceiro ano de Belsazar era por volta de 551 a.C., dois anos após Daniel receber a visão no capítulo 7 e cerca de 12 anos antes dos eventos ocorridos no capítulo 5. Nessa época, Daniel vivia dentro do reino neobabilônico, o primeiro animal do capítulo 7. Aparentemente esse não foi um sonho combinado com uma visão (7.1), mas apenas uma visão. Ela, provavelmente, veio a Daniel durante o dia. A visão que apareceu a Daniel antes, observada aqui, diz respeito àquela no capítulo 7.

2. O carneiro 8.2-4

8.2 Daniel, evidentemente, estava na Babilônia quando teve essa visão, mas o que ele viu, incluindo ele mesmo, aconteceu em Susã (cf. Ne 1.1; Et 1.2, 5, 2.3, 5; Ez 8.3; 40.1).⁴⁴⁵ Entretanto, alguns comentaristas acreditam que ele estava fisicamente presente em Susã. Daniel, provavelmente, sabia onde ele estava em sua visão, pois ele havia visitado Susã. É razoável presumir que um homem, na posição de Daniel, no governo neobabilônico teria visitado Susã antes. Susã ficava a cerca de 320 quilômetros a leste da Babilônia e aproximadamente 240 quilômetros ao norte do topo do Golfo Pérsico. Arqueólogos descobriram o Código de Hamurabi ali, em 1901.⁴⁴⁶ O local de Susã

⁴⁴⁴ Goldingay, pág. 208.

⁴⁴⁵ Montgomery, págs. 325-326; Leupold, pág. 336.

⁴⁴⁶ Veja o *Unger's Bible Dictionary*, s.v. “Shushan”, por Merrill F. Unger, págs. 1022-1023.

corresponde ao Irã dos nossos dias, ao passo que o local da Babilônia corresponde ao atual Iraque.

Elão era o nome da província persa na qual Susã se encontrava. Depois que a Pérsia derrotou os neobabilônicos, Susã, a antiga capital do reino elamita, tornou-se uma das capitais do império persa. Oitenta anos depois que Daniel teve essa visão, Susã tornou-se o lar de Ester. Cento e sete anos mais tarde, ela era a cidade da qual Neemias partiu para retornar a Canaã (Et 1.2; Ne 1.1). A cidadela era o palácio, que abrigava a residência real, e era fortemente protegida.

“O Ulai [um canal] pode ser melhor identificado como um canal artificial que conectava os rios Choastes [ou Choaspes, moderno Karkheh] e Coprates [moderno Abdizful] e passava próximo a Susã”.⁴⁴⁷

- 8.3 O carneiro (ovelha macho) que Daniel viu diante do canal, representava a Pérsia (v. 20). Ele corresponde ao urso assimétrico na visão do capítulo 7 (7.5). Os dois chifres, representando poder, simbolizavam a Média e a Pérsia, os dois reinos que formaram uma aliança para criar o império persa. O chifre maior era a Pérsia, que se tornou mais poderosa na aliança, e levantou para substituir a Média na liderança depois que as duas nações se mesclaram.⁴⁴⁸

O carneiro era um símbolo de grande importância para os persas. O espírito guardião do império persa era retratado como um carneiro. Quando o rei persa ia para a batalha, ele carregava a cabeça de um carneiro.⁴⁴⁹ No mundo antigo, diferentes sinais do zodíaco representavam várias nações. Aries, o carneiro, era a Pérsia, e Capricórnio (do latim *caper*, cabra, e *cornu*, chifre) era a Grécia.⁴⁵⁰

- 8.4 Historicamente, o império persa aumentou suas fronteiras, primeiramente, em três direções. Ela foi para o oeste (para Lídia, Jônia, Trácia e Macedônia), para o norte (na direção dos Cárpatos, o Vale de Oxo e a Cítia), e para o sul (para a Babilônia, a Palestina e o Egito). Compare as três costelas na boca do urso (7.5). Esses avanços ocorreram, principalmente, sob a liderança de Ciro e Cambises.⁴⁵¹ De fato, a Pérsia fez o que quis durante muitos anos, e se engrandeceu.

“Não há nada inerentemente errado sobre ‘fazer grandes coisas’... mas a expressão é utilizada inequivocamente apenas, num sentido positivo, falando de Deus (1 Sm 12.24; Sl 126.2, 3); quando a expressão é falada em relação aos seres humanos, ela tende a sugerir arrogância

⁴⁴⁷ Montgomery, pág. 327;

⁴⁴⁸ Veja Walvoord, *The Nations...*, págs. 70-71, para uma breve história Media-Persa, ou Siegfried J. Schwantes, *A Short History of the Ancient Near East*, págs. 140-151.

⁴⁴⁹ Keil, pág. 290.

⁴⁵⁰ F. Cumont, “La Plus Ancienne geographie astrologique”, *Klio* 9 (1909):263-273.

⁴⁵¹ Driver, pág. 113.

(Jr 48.26; Jl 2.20; Sf 2.10; Sl 35.26; Sl 55.13 [12]), ou pelo menos algo que foi feito às custas dos outros (Sf 2.8; Lm 1.9) – temos aqui um feito que antecedeu calamidade. A expressão possui a ambiguidade de presságio da boca que fala grandes coisas em 7.8, 20”.⁴⁵²

3. O bode 8.5-8

8.5 O texto também identifica o macho da cabra – as cabras são parentes das ovelhas – nessa visão, representando a Grécia (v. 21). A história confirmou a identificação. Alexandre, o Grande, é claramente o chifre notável. O bode normalmente tem dois chifres, de forma que esse bode era incomum. Sob a liderança de Alexandre, os exércitos gregos avançaram rapidamente do ocidente contra a Pérsia.

“A conquista de Alexandre de todo Ocidente Próximo e Médio, num período de três anos, permanece como um feito singular na história militar e é corretamente retratado por sua velocidade assustadora nesse bode com apenas um chifre. A despeito da imensa superioridade numérica das forças imperiais persas e do seu aparato militar como elefantes, a genialidade tática do jovem Alexandre, juntamente com a disciplinada falange macedônia, provaram-se decisivas”.⁴⁵³

8.6-7 Por conta dos ataques anteriores pelos persas, os gregos retaliaram contra esses inimigos com uma vingança incomum. Alexandre venceu duas batalhas significativas na Ásia Menor em 334 a.C. e em 333 a.C., primeiro no Rio Grânico, e então em Isso, na Frígia. Alexandre, finalmente, derrotou a Pérsia com uma vitória em Gaugamela, próximo a Nínive, em 331 a.C.⁴⁵⁴

8.8 Essa descrição corresponde claramente àquela do terceiro animal em 7.6. Alexandre se engrandeceu sobremaneira de duas formas. Ele estendeu as fronteiras de seu império depois de conquistar a Pérsia ainda mais para o oriente, até o atual Afeganistão e para o Vale do Indo. O império de Alexandre cobriu, aproximadamente, uma extensão de três milhões e oitocentos mil quilômetros quadrados.⁴⁵⁵ Ele também se tornou extremamente arrogante. Ele se considerou como um deus e fez com que seus soldados se prostrassem perante ele. Isso levou à rebelião de suas tropas.⁴⁵⁶

⁴⁵² Goldingay, pág. 209.

⁴⁵³ Archer, “Daniel”, pág. 97.

⁴⁵⁴ Walvoord, *Daniel...*, pág. 183. Veja o mapa na introdução desse comentário bíblico para as localizações.

⁴⁵⁵ Whitcomb, pág. 111.

⁴⁵⁶ Archer, “Daniel”, pág. 97.

“Os expositores, tanto os liberais quanto os conservadores, interpretaram este versículo como uma representação da morte prematura de Alexandre e da divisão do seu império em quatro partes principais. Alexandre, que conquistou mais do que qualquer governante mundial que veio antes dele, foi incapaz de conquistar a si mesmo. Parcialmente devido ao seu grande empenho, sua vida libertina, e uma febre violenta, Alexandre morreu como um bêbado na Babilônia, com menos de trinta e três anos de idade completos. Sua morte deixou uma grande conquista sem um único líder eficaz, e levou cerca de vinte anos para que o império fosse apropriadamente dividido”.⁴⁵⁷

É interessante ver que o álcool teve um papel fundamental na queda babilônica, persa e greco-macedônia. O álcool continua sendo um problema enorme nos dias de hoje.⁴⁵⁸ Conforme mencionado em meu comentário de 7.6, as identificações mais prováveis dos quatro chifres são Lisímaco, Cassandro, Seleuco e Ptolomeu (cf. 11.4).⁴⁵⁹ Lisímaco governou a parte norte do império de Alexandre, Cassandro a parte ocidental, Seleuco a parte oriental e Ptolomeu a parte sul.

4. O pequeno chifre do bode 8.9-14

8.9 A seguir, Daniel viu um chifre pequeno (rei, v. 23) crescer a partir de um dos quatro chifres (reinos, v. 22) que havia substituído o chifre simples (o primeiro rei, Alexandre, v. 21) no bode (Grécia, v. 21). Este chifre é bastante diferente do pequeno chifre que surgiu de entre os 10 chifres no quarto animal da visão anterior (cf. 7.8, 11, 24-26).

“...o pequeno chifre que surge do terceiro reino serve como um protótipo do pequeno chifre do quarto reino. A crise destinada a confrontar o povo de Deus no tempo do pequeno chifre anterior, Antíoco Epifânio, terá grande similaridade com a crise que cairá sobre ele na fase escatológica e final do quarto reino nos últimos dias (como o próprio Cristo previu no Sermão Profético [Mt 24.15])”.⁴⁶⁰

Este pequeno chifre cresceu muito ao sul, ao oriente e à “terra gloriosa”. O primeiro problema com essa descrição é: Qual é o ponto de referência para essas direções? A história tem identificado esse pequeno chifre como Antíoco IV (Epifânio), o oitavo rei da dinastia selêucida.⁴⁶¹ Ele governou a Síria de 175 a 164 a.C. (cf. 1 Macabeus 1.10; 6.16)

⁴⁵⁷ Walvoord, *Daniel...*, pág. 184.

⁴⁵⁸ Veja McGee, 3:579.

⁴⁵⁹ Keil, pág. 293; Young, pág. 169; Leupold, pág. 344; Montgomery, págs. 332-333; Walvoord, *Daniel...*, pág. 184.

⁴⁶⁰ Archer, “Daniel”, pág. 99. Cf. Keil, pág. 308.

⁴⁶¹ Veja Josefo, *Antiquities of...*, 10:11:7.

e conduziu campanhas militares em todas essas direções (cf. 1 Macabeus 1:20).⁴⁶² Portanto, o ponto de referência deve ser a Síria.

O segundo problema é a identificação da “terra gloriosa”. Isto é praticamente uma referência a Canaã (cf. 11.16, 41, 45; Jr 3.19; Ez 20.6, 15). Aqui a visão começa a se concentrar no futuro de Israel e dos judeus. Antíoco foi muito vingativo com os judeus, a quem ele perseguiu brutalmente.

“Ele é... um dos maiores perseguidores que Israel já conheceu”.⁴⁶³

“Num ataque a Jerusalém, 40.000 judeus foram mortos em três dias e mais 10.000 foram levados cativos”.⁴⁶⁴

“Essa repressão chegou ao ápice em dezembro de 168 a.C., quando Antíoco retornou frustrado de Alexandria, onde ele havia sido preterido pelo comandante romano Popílio Lenas, e vingou sua frustração nos judeus. Ele enviou seu general, Apolonio, com vinte mil soldados com ordens para sitiar Jerusalém num Sábado. Ali, ele edificou um ídolo de Zeus e profanou o altar oferecendo uma porca nele. Esse ídolo tornou-se conhecido entre os judeus como ‘a abominação da desolação’ (*hassiqqus mesomem*, 11.31), que serviu como um tipo de uma futura abominação que acontecerá no santuário de Jerusalém que será construído nos últimos dias (cf. a predição de Cristo em Mt 24.15)”.⁴⁶⁵

Quatro anos depois, dia 25 de dezembro de 164 a.C., Judas Macabeus, um judeu nacionalista, conduziu os judeus numa nova dedicação do templo a Yahweh. Esse é o evento que os judeus celebram com o Hanukkah desde então.

8.10 Esse pequeno chifre cresceu até atingir o exército (“luzes”) dos céus, fez com que parte do exército, também chamados de estrelas, caíssem para a terra e pisou nelas. As estrelas, provavelmente, são uma referência aos filhos de Israel a quem Deus predisse que seriam numerosos como as estrelas do céu (Gn 15.5; 22.17; 37.9-10; cf. Dn 12.3; Mt 13.43; Enoque 46.7).⁴⁶⁶ Eles constituem um dos Seus exércitos (cf. Ex 7.4; 12.17, 51; Nm 33.1), outro sendo um exército de anjos.

“Se o mundo chama, homens e mulheres que se distinguem em uma ou em outra área da atividade humana, de estrelas, porque não uma

⁴⁶² Walvoord, *Daniel...*, pág. 185.

⁴⁶³ Whitcomb, pág. 111. Cf. Hb 11.35-38.

⁴⁶⁴ Campbell, pág. 95. As fontes antigas de informação acerca das perseguições de Antíoco são 1 e 2 Macabeus e Josefo.

⁴⁶⁵ Archer, “Daniel”, pág. 98.

⁴⁶⁶ Walvoord, *Daniel...*, pág. 185; Driver, pág. 116.

declaração semelhante não pode ser ainda mais apropriada como referência ao povo de Deus?”⁴⁶⁷

Muitos estudiosos consideram as estrelas e o exército dos céus como sinônimos: “do exército e das estrelas” (v. 13; Ex 12.41).⁴⁶⁸ Esse é o uso apositivo de “e”, algo muito comum no hebraico. De modo alternativo, o exército do céu pode ser anjos que têm alguma conexão com os judeus (as estrelas). A queda do exército para a terra, então, retrataria a vitória de Antíoco sobre esses anjos e o seu pisar nas estrelas significaria sua perseguição aos judeus. Entretanto, o versículo 12 parece indicar que o chifre realmente controlou o exército, o que seria impossível caso eles fossem anjos.

8.11 Ao profanar o templo, Antíoco Epifânio (ou Antíoco, o Ilustre) efetivamente se exaltou a uma posição de superioridade a Yahweh, o Comandante (ou Príncipe, cf. v. 25) do exército (os judeus). Pentecost interpretou este versículo indicando que o chifre se chamou de príncipe do exército.⁴⁶⁹ É possível que tenhamos algum tipo de confirmação disso na história, mas até agora não consegui encontrá-lo. Os judeus mudaram levemente o nome de Antíoco para Epimanes, que significa “louco”.

“Um ataque no lugar separado para a adoração a Deus equivale a um ataque ao próprio Deus”.⁴⁷⁰

Antíoco parou, temporariamente, com os sacrifícios contínuos (hb. *tamid*) no templo, incluindo os sacrifícios da manhã e da tarde, dessa forma privando Yahweh da adoração do Seu povo (cf. 1 Macabeus 1.44-49).⁴⁷¹

“Aparentemente, Antíoco não arruinou o templo, embora a profanação que ele fez, levou o templo ao ponto de dificilmente estar adequado para uso [cf. 1 Macabeus 4.48]”.⁴⁷²

“Sua destruição consiste em impedi-lo de funcionar como um lugar de adoração do Deus verdadeiro”.⁴⁷³

Alguns intérpretes acreditam que esse versículo também prevê outro cumprimento literal da destruição do templo do Milênio que ainda é futuro (cf. 9.27).⁴⁷⁴ As ações de Antíoco anteciparam o que o anticristo, o pequeno chifre do capítulo 7, fará no futuro (cf. 7.8, 20).

⁴⁶⁷ Leupold, pág. 346.

⁴⁶⁸ P. ex.: *ibid.*; Pentecost, “Daniel”, pág. 1355; Archer, “Daniel”, pág. 99.

⁴⁶⁹ Pentecost, “Daniel”, pág. 1356.

⁴⁷⁰ Baldwin, pág. 157.

⁴⁷¹ Montgomery, págs. 335-336; Young, pág. 172.

⁴⁷² *Ibid.*

⁴⁷³ Goldingay, pág. 211.

⁴⁷⁴ P. ex.: Walvoord, *Daniel...*, págs. 186-188.

8.12 Deus daria o controle do exército (os judeus) para o pequeno chifre (Antíoco) por causa da transgressão. Sem sombra de dúvidas, este versículo identifica o exército com os judeus – e não com os anjos.

Este versículo pode significar que Deus usaria Antíoco como Seu instrumento de disciplina – como Ele usou muitos outros líderes e nações no passado de Israel – por causa da transgressão de Israel (cf. 1 Macabeus 1.44-49).⁴⁷⁵ Outra visão é a de que Deus daria controle a ele dos sacrifícios para que ele pudesse transgredir contra Deus.⁴⁷⁶ Essa segunda visão tem, em seu favor, o fato de que a transgressão em questão no versículo 13 é de Antíoco e não dos judeus. Antíoco encerraria os sacrifícios, desconsideraria a verdade (ele destruiu os rolos da Torá, 1 Macabeus 1.56), faria o que quisesse e teria êxito.

“Ataques ao povo de Israel não são a mesma coisa que ataques a outros povos. O anti-semitismo possui uma dimensão extra”.⁴⁷⁷

8.13 Os santos (hb. *qados*) que Daniel ouviu conversando eram, evidentemente, anjos (cf. 4.17). Aqui a transgressão em questão parece ser a de Antíoco, e não dos judeus (cf. v. 12). Ela causa horror entre os judeus, pois envolve a profanação do santuário (v. 11). O lugar santo é o templo e o exército diz respeito aos judeus. O anjo quis saber quanto tempo duraria a profanação do santuário e a perseguição aos judeus.

8.14 Outro anjo respondeu, mas ele respondeu para Daniel. A resposta foi, primariamente, para o seu conforto e para o conforto do seu povo, os judeus. O anjo disse que a profanação duraria (apenas) 2.300 tardes e manhãs. Muitos comentaristas dizem que o significado é de 2.300 dias (i.e., seis anos, quatro meses e 20 dias) uma vez que os judeus descreviam um período de 24 horas como tarde e manhã (Gn 1.5-31).⁴⁷⁸ Outros acreditam que se trata de 2.300 tardes e manhãs (1.150 cada), a saber, 1.150 dias de 24 horas (i.e., três anos, dois meses e 10 dias). Nesse caso, 2.300 tardes e manhãs podem significar 2.300 sacrifícios de tardes e manhãs. Outros intérpretes têm procurado explicar esses dias como anos, mas a conexão com tardes e manhãs, provavelmente, os limitam a dias.⁴⁷⁹

Os adventistas do sétimo dia entendem os dias como anos, e acreditam que Jesus não entrou no santo lugar no céu até 1844, 2.300 anos após Ciro ter emitido seu decreto

⁴⁷⁵ Archer, “Daniel”, págs. 100-101.

⁴⁷⁶ Walvoord, *Daniel...*, pág. 188; Pentecost, “Daniel”, pág. 1356.

⁴⁷⁷ Goldingay, pág. 220.

⁴⁷⁸ P. ex.: Walvoord, pág. 190; Feinberg, pág. 107; Whitcomb, pág. 11; Campbell, pág. 96; Young, pág. 174; Leupold, pág. 357; Goldingay, pág. 213; Ironside, pág. 152.

⁴⁷⁹ Veja Keil, págs. 302-308.

para a reconstrução do templo.⁴⁸⁰ William Miller, o fundador do adventismo do sétimo dia, predisse que Jesus retornaria à terra em 22 de outubro de 1844.⁴⁸¹

Esse período pode ser a descrição da duração do período quando Antíoco fez o pior ao templo e aos judeus (dentro dos anos 167-164 a.C.).⁴⁸² Eu creio que 2.300 dias são o foco – a primeira visão. Quem sabe a figura esteja em dias, em vez de meses ou anos, para enfatizar a longa e difícil duração.

Os judeus seguiam um calendário que consistia de meses de 30 dias. Obviamente, isso resulta num ano de 360 dias, o que significa pouco mais de 5 dias mais curto do que o ano lunar. Esses dias que sobravam eram usados para inserir um novo mês.⁴⁸³

Alguns intérpretes enxergam 2.300 como um número simbólico.⁴⁸⁴ Os problemas com essa abordagem são essencialmente três: Primeiro, os outros números similares em Daniel parecem ser literais. Segundo, chegar a esse significado simbólico do número é extremamente difícil e beira a adivinhação. Terceiro, não há identificação no livro que esses números devam ser compreendidos de outra maneira que não a literal.

O templo seria restaurado depois de 2.300 dias.

“Incontáveis explicações foram tentadas para fazer com que os dois mil e trezentos dias coincidisse com a história de Antíoco Epifânio”.⁴⁸⁵

Uma maneira de explicar o cumprimento é identificar o final dos 2.300 dias e, então, trabalhar o caminho de volta com os números. Mas será que o anjo quis dizer que esse período terminaria com a restauração do santo lugar, ou que a restauração do santo lugar aconteceria em algum momento depois do fim dos 2.300 dias? O texto não nos fornece uma resposta, mas o primeiro Hanukkah, em dezembro de 164 a.C., pode ser a nova consagração predita pelo anjo. De maneira alternativa, a restauração completa de todos os sacrifícios, e a independência religiosa dos judeus que veio alguns meses depois, podem ser o foco aqui. Qualquer que seja o caso, o ano da restauração foi, provavelmente, 164 a.C., ou pouco depois disso.

Uma visão literal é a de que os 2.300 dias terminara com a morte de Antíoco em novembro-dezembro de 164 a.C.⁴⁸⁶ Entretanto, o texto parece identificar os 2.300 dias especificamente com a profanação do templo e com a perseguição dos judeus. Até onde

⁴⁸⁰ Veja Ironside, págs. 152-153.

⁴⁸¹ Jan Karel Van Baalan, *The Chaos of Cults*, pág. 205; John H. Gerstner, *The Theology of the Major Sects*, pág. 21.

⁴⁸² Archer, “Daniel”, pág. 103; Pentecost, “Daniel”, pág. 1358; Baldwin, pág. 158; G. C. Aalders, *Daniel*, pág. 165; Dyer, em *The Old...*, pág. 175; Culver, “Daniel”, pág. 792.

⁴⁸³ Veja *The New Bible Dictionary*, “Calendar (in the OT)”, por D. J. Wiseman, págs. 176-179.

⁴⁸⁴ P. ex.: Keil, págs. 306-307; Leupold, pág. 356.

⁴⁸⁵ Walvoord, *Daniel...*, pág. 189.

⁴⁸⁶ *Ibid.*, pág. 190; Keil, pág. 304; Wood, *A Commentary...*, pág. 219.

sabemos, Antíoco não levou seis anos para fazer tudo isso. Antíoco iniciou seu reinado em 175 a.C., e em 169 a.C. entrou no templo pela primeira vez.

Alguns dos que defendem essa visão, identificam o início desse período como a entrada inicial de Antíoco em Jerusalém, em 170 a.C. Outros o identificam com o assassinato do sumo sacerdote judeu Onias III, em 171 a.C. Entretanto, não há uma limitação no funcionamento do templo em nenhuma dessas datas. Antíoco saqueou o templo em 170 a.C., mas a abolição dos sacrifícios não começou até 167 a.C. O primeiro livro dos Macabeus, em 6.8-13, registra os comentários de Antíoco, pouco antes da sua morte, acerca do seu fracasso em destruir os judeus.

Walvoord considerou 2.300 “obviamente um número arredondado”.⁴⁸⁷ Isto é, ele entende que foi arredondado. Mas outros estudiosos têm questionado esta hipótese.

Independentemente de como alguém resolve o problema das 2.300 tardes e manhãs, há um consenso geral entre os estudiosos de que Antíoco cumpriu essa profecia. Creio que os 2.300 dias foi um período de perseguição durante seu domínio sobre os judeus.

“Um perseguidor de judeus na Rússia perguntou a um judeu qual ele acha que seria o resultado caso a onda de perseguição aos judeus continuasse. O judeu respondeu: ‘O resultado será uma festa! O faraó tentou destruir os judeus, mas o resultado foi a Páscoa. Hamã tentou destruir os judeus, mas o resultado foi a Festa do Purim. Antíoco Epifânio tentou destruir os judeus, mas o resultado foi a Festa da Dedicção’”.⁴⁸⁸

5. A interpretação dessa visão 8.15-26

8.15-16

Assim como na visão anterior (7.16), Daniel precisou de ajuda para compreender o que acabara de ver. Ele viu alguém que parecia um homem na sua frente. Evidentemente, tratava-se de um anjo. Daniel também ouviu uma voz que ele conseguia compreender, possivelmente a voz de Deus, instruindo o anjo nominalmente a que desse a Daniel a compreensão dessa visão.

Gabriel (lit. “Deus Se Mostrou Forte”, “Homem Forte de Deus”, ou “Homem de Deus”) é um dos únicos dois anjos, e o primeiro, que a Bíblia identifica por nome, o outro sendo Miguel (cf. 9.21; 10.13, 21; 12.1; Lc 1.19, 26). Daniel é o único livro do Antigo Testamento que identifica anjos pelo nome (mas veja Lc 1.19, 26, e Jd 9). O uso do nome próprio de Gabriel reflete, provavelmente, a importância dessa visão e sua interpretação.

⁴⁸⁷ Walvoord, *Daniel...*, pág. 190.

⁴⁸⁸ Campbell, pág. 96.

8.17-18 A aproximação de Gabriel deixou Daniel tão temeroso que ele caiu com o rosto em terra (cf. 2.46; 10.9-10, 15; Ez 1.28; 3.23; 44.4; Ap 1.17). O título “filho do homem” enfatiza a humanidade da pessoa e aqui, em contraste com Gabriel, ele enfatiza a fraqueza humana de Daniel (cf. 7.13; Ez 2.1; et al.).

“A atitude de Daniel sugere, de maneira solene e encorajadora, a maravilha e a honra de um ser humano comum ouvir esse homem de Deus falando a ele...”⁴⁸⁹

Gabriel apresentou sua interpretação explicando que ela dizia respeito “ao tempo do fim” ou ao final dos tempos (cf. v. 19). A visão lidava com eventos ainda futuros do ponto de vista de Daniel na história. O “tempo do fim”, em Daniel, é parecido com referências futuras ao “dia do SENHOR” em outros profetas. Ela pode ser uma referência a um dia futuro mais imediato, ou a um dia escatológico (final dos tempos), dependendo do contexto.

A reação de Daniel à presença maravilhosa e às palavras do anjo Gabriel foi desmaiar.⁴⁹⁰ A palavra hebraica “denota um estado semelhante a um coma de sono profundo ocasionado por uma ação sobrenatural, especialmente em conexão com experiências de visão...”⁴⁹¹ Gabriel, então, levanta o profeta e o prepara para receber o restante da interpretação acerca da visão que ele teve.

8.19 Gabriel continuou dizendo que aquilo que ele iria explicar dizia respeito ao “último tempo da ira” e ao “tempo determinado do fim”. Isso claramente era futuro, do ponto de vista de Daniel na história. Todavia, será que ele se refere apenas ao tempo de Antíoco Epifânio exclusivamente,⁴⁹² ou será que ele se refere ao final dos tempos antes do retorno de Jesus Cristo,⁴⁹³ ou a ambos? A maioria dos intérpretes pré-milenistas acreditam ser uma referência a ambos num certo sentido, seja com um duplo cumprimento⁴⁹⁴ ou como um tipo e um antítipo.⁴⁹⁵

Pessoalmente falando, a diferença entre a visão do duplo cumprimento e do tipo e antítipo é apenas semântica. Ambas as visões enxergam algum cumprimento em Antíoco e algum cumprimento no anticristo. A conclusão de que a profecia está relacionada a ambos os tempos repousa sobre o que vem a seguir nos versículos 23-25,

⁴⁸⁹ Goldingay, pág. 214.

⁴⁹⁰ Montgomery, pág. 345.

⁴⁹¹ Goldingay, págs. 214-215. Cf. 10.9.

⁴⁹² Driver, págs. 99, 121; Young, pág. 288.

⁴⁹³ G. H. Pember, *The Great Prophecies of the Centuries Concerning Israel and the Gentiles*, págs. 289-290; Clarence Larkin, *The Book of Daniel*, pág. 165; S. P. Tregelles, *Remarks on the Prophetic Visions in the Book of Daniel*, págs. 82-83.

⁴⁹⁴ Louis T. Talbot, *The Prophecies of Daniel*, pág. 143; William Kelly, *Lectures on the Book of Daniel*, pág. 132; Nathaniel West, *Daniel's Great Prophecy*, pág. 103; Seiss, pág. 221; Pentecost, "Daniel," pág. 1359; idem, *Prophecy for Today*, págs. 82-83; idem, *Things to Come*, págs. 332-334; *The New Scofield ...*, pág. 911; Campbell, pág. 97.

⁴⁹⁵ Walvoord, *Daniel...*, págs. 196-200; Archer, "Daniel", págs. 104-105.

e em outros usos da expressão “o fim” em Daniel (9.26; 11.6, 27, 35, 40, 45; 12.4, 6, 9, 13). Outros exemplos desse cumprimento duplo, tipológico, são o de Jesus cumprindo o que estava profetizado a Seu respeito – cumprido, em alguma medida, antes por Moisés, pelos israelitas e por Davi.

8.20-22 Gabriel identificou o carneiro com os dois chifres como Média e Pérsia (cf. vv. 3-4), não apenas a Média, como muitos intérpretes liberais insistem por causa das suas hipóteses da composição no segundo século. O bode, daqui em diante, descrito como peludo, representa a Grécia (cf. vv. 5-7), e não a Pérsia, como defendem muitos liberais. O grande chifre no bode é o primeiro rei da Grécia, Alexandre, o Grande. Os quatro reinos que surgiram para substituir Alexandre, quando ele morreu, eram Macedônia e Grécia, Trácia e Ásia Menor, Egito e Palestina, Síria e Pérsia (cf. v. 8).

“A maioria dos expositores [conservadores] concorda que os versículos 20-22 foram cumpridos plenamente na história em conexão com os impérios medo-persa e grego e as quatro divisões após Alexandre, o Grande. Os problemas exegéticos surgem na passagem a seguir”.⁴⁹⁶

8.23 Praticamente todos os estudiosos reconhecem que Antíoco Epifânio cumpriu o que Gabriel predisse nesses versículos (cf. 1 Macabeus 1.10).⁴⁹⁷ Ele surgiu no período final do Diádocos: os quatro reinos que vieram a existir após a morte de Alexandre. Isso aconteceria “quando malfeitores seguem seu caminho”. Evidentemente, um período de perversidade precedeu a aparição de Antíoco em Canaã. Antíoco Epifânio era audacioso e enganoso.

8.24 Ele era poderoso porque Deus assim o permitiu: “Grande é o seu poder, mas não por sua própria força”. Ele causou muito estrago (“causará estupendas destruições”), especialmente a Jerusalém e ao templo. Ele se tornou próspero e cumpriu seus objetivos (“prosperará e fará o que lhe aprouver”). Antíoco também destruiu povos poderosos (“destruirá os poderosos e o povo santo”), incluindo o sumo sacerdote judaico, bem como a muitos judeus.

8.25 Ele enganou a muitos com sua sagacidade, muitos que nem desconfiavam. Ele enganou muitos povos prosperamente. Ele se exaltou (“no seu coração se engrandecerá”), ao ponto de cunhar moedas que levavam sua imagem e a seguinte inscrição: “Deus manifesto” (gr. *theos epiphanes*). Ele se opôs a Deus, o “Príncipe dos príncipes”.

Muitos estudiosos dos versículos 23 a 25 observaram evidentes similaridades entre Antíoco Epifânio, conforme descrito aqui, e outro líder político predito para aparecer no futuro (cf. 7.8, 11, 21-22, 24-26; 9.27; 11.36-45; 12.11; Mt 24.5, 23-24, 26; Mc 13.6, 21-

⁴⁹⁶ Walvoord, *Daniel...*, pág. 197.

⁴⁹⁷ Pentecost, “Daniel”, pág. 1359.

22; Lc 21.8; 2 Ts 2.3-12; 1 Jo 2.18, 22; 4.3; 2 Jo 7; Ap 13.1-10; 19.20; 20.10). Portanto, eles e eu, concluímos que esses versículos são proféticos acerca do anticristo, assim como, de Antíoco Epifânio.

Outra interpretação é que essa é uma profecia a respeito do anticristo apenas, sem qualquer referência a Antíoco. Whitcomb defendia o cumprimento no fim dos tempos como sendo o rei do norte (11.45) ao invés do anticristo.⁴⁹⁸ Parece que Antíoco fez, numa escala menor, o que o anticristo fará numa escala muito maior. Aparentemente, no período posterior do governo desses reis, a saber, o final dos tempos, os perversos agirão de maneira mais completa. O anticristo se oporá ao Príncipe dos príncipes, Deus o Filho, que o destruirá sem ação humana (v. 25; Sl 2; Ap 19.19-20).

8.26 Outro título para essa visão que Gabriel usou é “A visão das tardes e das manhãs” (cf. v. 14). A frase descreve o período particular quando essa predição terá seu cumprimento, quem sabe entre 167-164 a.C. Daniel precisou selar a visão no sentido de registrá-la, completá-la e preservá-la, e não no sentido de torná-la secreta (cf. 7.28; 12.9). Ela se refere a muitos dias no futuro, a saber, quatro séculos mais tarde e até depois disso. A tradução da NVI, “futuro distante”, infelizmente dá a ideia de que ela pertence apenas a um futuro muito distante do nosso ponto na história.

6. O resultado dessa visão 8.27

Assim como, às vezes, nos sentimos exaustos após uma noite de sono na qual ficamos muito ativos num sonho, Daniel se sentiu exaurido pelo que viu em sua visão. Esta experiência esgotou sua energia de maneira que ele ficou doente por vários dias e não conseguiu trabalhar. Possivelmente, saber que uma severa perseguição estava guardada para “o povo santo” (v. 24) tenha o atormentado grandemente.

“Há um preço a ser pago fisicamente pela revelação espiritual”.⁴⁹⁹

A despeito da interpretação de Gabriel, ainda houve coisas que Daniel não compreendeu a respeito dessa visão (cf. 1 Pe 1.10-12; Lc 18.34). Ele teve de conviver com respostas não dadas, uma vez que Deus não forneceu ajuda futura a ele. O progresso da história e a revelação posterior têm colocado mais luz sobre essa revelação.

O foco, neste capítulo, repousa sobre o pequeno chifre, tal como a ênfase no capítulo 7 repousava sobre o pequeno chifre, embora estejamos falando de dois indivíduos diferentes. O pequeno chifre do capítulo 7 é o anticristo, e o pequeno chifre do capítulo 8 é Antíoco, no curto prazo, e o anticristo, a longo prazo. O capítulo 8 se concentra nos judeus como o alvo do antagonismo de Antíoco, no curto prazo. O capítulo 7 se concentra nos cristãos, em geral, como o alvo da oposição do anticristo. Entretanto, há alguma pista em ambos os capítulos que, no curto prazo, os judeus serão objeto de perseguição especial.

⁴⁹⁸ Whitcomb, pág. 118.

⁴⁹⁹ Baldwin, pág. 161.

“Os tempos dos gentios, embora não sejam completamente um período de perseguição de Israel, normalmente resultam em grandes dificuldades para eles. Dos quatro grandes impérios mundiais antecipados por Daniel, apenas o império persa foi relativamente bondoso para com os judeus. Conforme o próprio Cristo indicou em Lc 21.24, os tempos dos gentios são caracterizados por pisotear Jerusalém, subjugar e perseguir o povo de Israel”.⁵⁰⁰

As Visões de Daniel 2, 7 e 8			
Capítulo 2	Capítulo 7	Capítulo 8	
<i>Metais</i>	<i>Animais</i>	<i>Animais</i>	<i>Nações</i>
Ouro	Leão com asas	--	Neo-babilônia
Prata	Urso assimétrico	Carneiro	Pérsia
Bronze	Leopardo com asas	Bode	Grécia
Ferro Ferro com barro	Animal singular	--	Roma

B. A VISÃO DE DANIEL DAS 70 SEMANAS CAP. 9

Este capítulo registra a terceira visão que Daniel recebeu (cf. caps. 7 e 8). A visão, em si, ocupa apenas uma pequena parte desse capítulo (vv. 24-27), mas os versículos que a precedem, preparam para a mesma e estão ligados com ela.

“Em muitos aspectos, esse é o ponto alto do livro de Daniel. Embora a história gentílica e a profecia previamente registrada no livro estejam relacionadas com o povo de Israel, o nono capítulo pega, especificamente, a profecia e a aplica ao povo escolhido”.⁵⁰¹

“A menos que o nono capítulo do livro de Daniel seja corretamente compreendido, o grande discurso profético de Jesus em Mateus 24-25, Marcos 13 e Lucas 21 será mal compreendido, bem como será a maior parte do livro de Apocalipse”.⁵⁰²

⁵⁰⁰ Walvoord, *Daniel...*, págs. 199-200.

⁵⁰¹ *Ibid.*, pág. 201.

⁵⁰² Feinberg, pág. 117.

“Essa profecia é singular nas Escrituras no sentido de que ela estabelece um calendário para os eventos vindouros. A abordagem mais próxima dessa, é a profecia de Jeremias a respeito dos setenta anos...”⁵⁰³

1. A profecia de Jeremias acerca da restauração de Jerusalém e a reação de Daniel 9.1-3

9.1 Aquilo que Daniel viu e fez nesse capítulo data de 539 a.C., o primeiro ano do governo de Dario, o medo (Gobrias) como rei sobre a província persa da Babilônia (cf. 5.31; 6.1).⁵⁰⁴ O banquete de Belsazar e a queda da Babilônia para Ciro, no capítulo 5, ocorreram mais cedo, no mesmo ano. A visão de Daniel acerca do carneiro e do bode, no capítulo 8, aconteceu 12 anos antes, em 551 a.C. Não temos como precisar a data da experiência de Daniel na cova dos leões (cap. 6). Ela pode ter acontecido antes ou depois dos eventos aqui registrados.

O pai (ou ancestral) de Dario, o medo, Assuero, não pode ser a mesma pessoa que o Assuero que sucedeu a Ciro, o Grande, no trono do império persa (Et 1.1). Aquele Assuero governou entre 486 a 464 a.C.

9.2 De alguma maneira, Daniel obteve uma cópia da predição de Jeremias acerca da duração da desolação de Jerusalém (cf. Jr 36.23, 28). Jeremias revelou que a cidade permaneceria em ruínas por 70 anos e, então, Deus destruiria a Babilônia (Jr 25.11-12; 29.10-14; cf. 2 Cr 36.21). Daniel recebeu essa visão cerca de 52 anos após Nabucodonosor deportar o primeiro grupo de exilados, incluindo ele mesmo, em 605 a.C. Nabucodonosor destruiu o templo e Jerusalém em 586 a.C.

Apenas de passagem, é interessante que aqueles intérpretes que acreditam que os números profetizados no livro de Daniel devem ser considerados simbolicamente e não literalmente, pegam o número de anos profetizados no livro de Jeremias de maneira literal. Eles têm que agir assim, considerando-se que o cativo babilônico durou 70 anos literais.

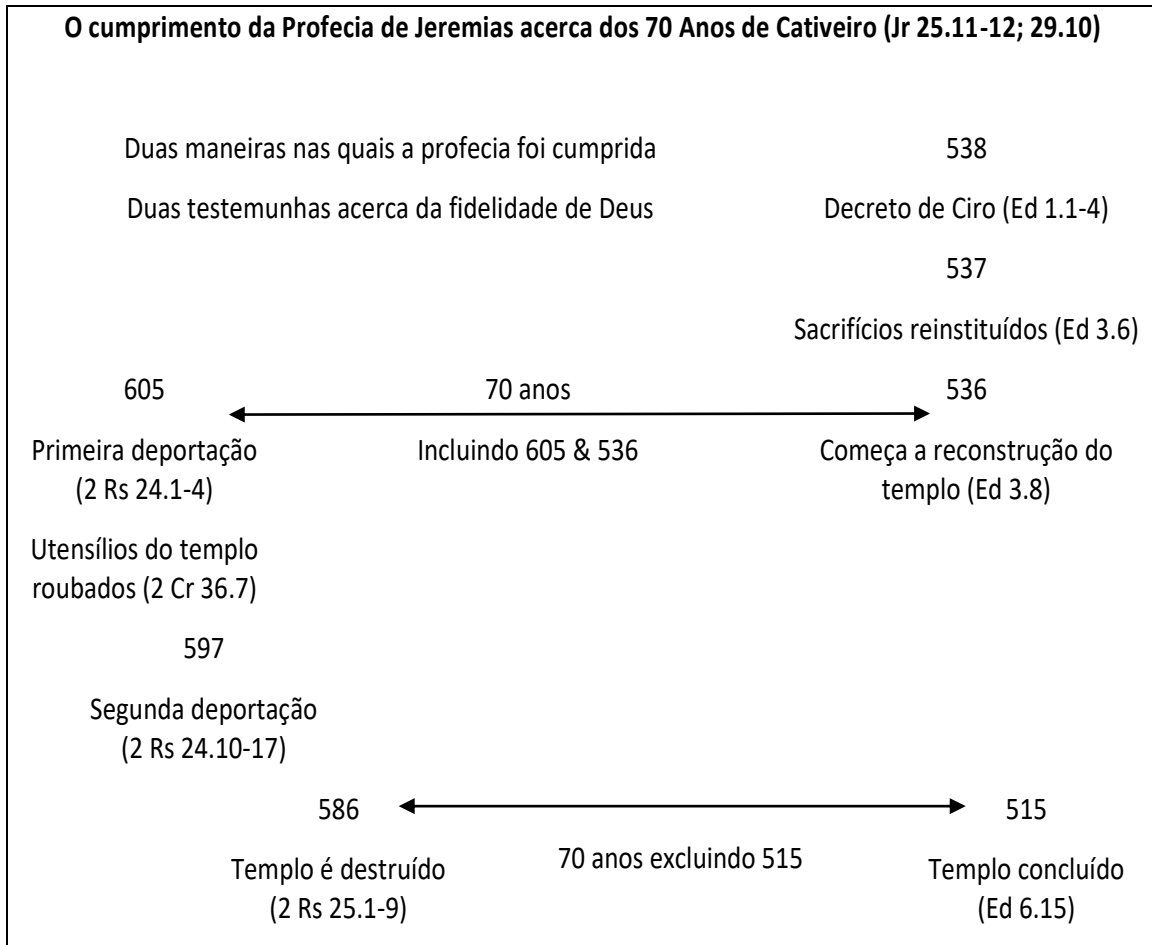
O período específico de desolação no versículo 2 provavelmente refere-se a 586-515 a.C., uma vez que “as assolações de Jerusalém” são o foco. É possível que Daniel também tivesse ciência da profecia de Isaías de que Deus levantaria um rei chamado Ciro, que ordenaria a reconstrução de Jerusalém e do templo (Is 44.28; cf. 45.1-2, 4, 13). Entretanto, não existe qualquer menção disso no livro de Daniel.

Daniel interpretou literalmente os 70 anos que Jeremias predisse. À medida que ele viu o fim desse período se aproximando, ele orou pela restauração do seu povo. A

⁵⁰³ Culver, “Daniel”, pág. 792.

⁵⁰⁴ Veja meus comentários em 5.31 e 6.1 para uma explicação acerca da identidade de Dario, o medo.

compreensão de Daniel acerca de um cumprimento literal de números, em profecia, nos ajuda a saber como devemos compreender, pelo menos, alguns deles. Observe, também, que ele considerou a profecia de Jeremias como “fala do SENHOR” ao profeta.



- 9.3 Jeremias havia revelado que Deus restauraria Seu povo à sua terra quando eles orassem a Deus de todo o coração (Jr 29.12-14). Essa revelação levou Daniel a orar a oração que vem a seguir (vv. 3-19). A oração de Daniel cumpre o que Salomão antecipou em sua oração na dedicação do templo (cf. 1 Rs 8.33-36). Daniel não considerava a oração como algo desnecessário em vista da certeza do cumprimento da profecia de Jeremias. Ele tinha um conceito apropriado da oração, como um meio que Deus usa para cumprir a Sua vontade na história humana (cf. 6.10). Através da oração nos tornamos parceiros com Deus em realizar Sua vontade no mundo. O comportamento de Daniel, bem como suas palavras, expressaram a genuinidade da sua contrição.

“Esses versículos mostram Daniel como um aluno diligente das Escrituras que construiu sua vida de oração a partir da Palavra de Deus”.⁵⁰⁵

“Esse versículo ensina que a profecia bíblica deve nos colocar de joelhos, como fez com Daniel”.⁵⁰⁶

“Enquanto Deus honra as orações mais curtas, como a experiência de Neemias 2.4 indica, oração efetiva exige fé na Palavra de Deus, atitude adequada de mente e coração, privacidade, confissão e petição sem pressa. A humildade, reverência e seriedade de Daniel são as marcas da oração eficaz”.⁵⁰⁷

2. A oração de confissão de Daniel 9.4-14

A oração de Daniel (vv. 4-19) começa com confissão de pecado e culpa (vv. 4-14) e termina com um clamor por misericórdia e restauração (vv. 15-19). A parte da oração que envolve confissão (vv. 4-14) pode ser dividida em duas partes: o pecado do povo (vv. 4-10) e a punição de Deus (vv. 11-14).

O pecado do povo 9.4-10

9.4 Essa é apenas a segunda vez no livro que Daniel usou o nome “Yahweh” para Deus (cf. vv. 2, 8, 10, 13, 14, 20). Ele também chamou Deus de “Adonai” (Senhor) nos versículos 4 e 7. É natural que ele agisse assim, uma vez que esse capítulo descreve o contato mais íntimo que Daniel desfrutava com o seu Deus, a saber, através de estudo bíblico e da oração. Ele dirigiu sua petição ao Deus de Israel que mantém Suas alianças: Yahweh.

9.5-6 Daniel enfatizou a transcendência de Deus e Sua fidelidade (amor leal, hb. *hesed*) para com Israel no início da oração (v. 4). Ele, então, continuou dizendo que, em comparação com a fidelidade de Yahweh para com Israel, a nação havia sido infiel para com Ele. O profeta se identificou com o seu povo. Ele pessoalmente havia sido fiel a Deus. Todavia, uma vez que ele era um israelita, ele compartilhava das bênçãos e das maldições que Deus enviou a Israel por sua obediência e por sua desobediência (cf. Dt 28.48-57, 64-68).

“O que fez de Daniel um dos maiores santos de Deus na história não foi sua pureza plena, mas sua sensibilidade à verdadeira profundidade do seu pecado”.⁵⁰⁸

Daniel listou, primeiramente, uma série de pecados de Israel: transgressões positivas (v. 5) e então, omissões negativas (v. 6). Repare a progressão na descrição do pecado no

⁵⁰⁵ Archer, “Daniel”, pág. 107.

⁵⁰⁶ Feinberg, pág. 119.

⁵⁰⁷ Walvoord, *Daniel...*, pág. 206.

⁵⁰⁸ Whitcomb, pág. 123.

versículo 5. Evidentemente, Daniel quis confessar todos os pecados da nação, de todos os tipos, ao máximo.⁵⁰⁹ Algo especificamente pecaminoso foi o fato de que todas as classes dentro de Israel desconsideraram as palavras de Deus a elas por meio dos profetas (2 Cr 30.10). Desconsiderar a Palavra de Deus é “o princípio de toda bagunça moral”.⁵¹⁰

9.7-10 Daniel continuou ao comparar a justiça que pertence a Deus, juntamente com a culpa e a vergonha que pertenciam ao Seu povo por causa da sua desobediência contra o Senhor (vv. 7-8). Ele, também, contrastou o perdão e a compaixão de Deus com a rebeldia de Israel (v. 9). Daniel concentrou-se, novamente, no grande pecado de Israel ao desconsiderar as palavras de Deus (v. 10).

“De fato, nada exhibe de maneira mais clara o Espírito de Cristo do que essa completa identificação com a triste condição do povo de Deus através do seu pecado”.⁵¹¹

A punição aplicada por Deus 9.11-14

9.11-14 Todo esse pecado resultou na humilhação de Israel entre as nações gentílicas. Deus derramou maldições em Seu povo por causa do seu pecado (v. 11b). Ele fez o que prometeu que faria, caso Israel se distanciasse dEle (v. 12; cf. Dt 28.15-68). Moisés advertiu os israelitas acerca de abandonar a Deus, todavia, o Seu povo não buscou o Seu favor por meio do arrependimento (v. 13). Portanto, a calamidade veio sobre eles, uma vez que Yahweh é justo em tudo que faz. Em contraste, Israel desobedeceu a Sua voz (v. 14). Nessa seção de sua oração, o profeta glorificou a Deus por lidar justamente com o Seu povo que, Daniel reconhece, merecia toda a punição que recebeu.

“O sofrimento pode conter punição, mas ele normalmente diz respeito a aprender as lições que Deus tem para o Seu povo”.⁵¹²

“A oração só pode ser aceita quando combinada com o desejo de *desviar-se* do pecado em direção a Deus (Sl 66.18; Pv 28.9)”.⁵¹³

3. O pedido de restauração de Daniel 9.15-19

Depois de estabelecer o fundamento para o pedido com sua confissão (vv. 4-14), Daniel continuou ao pedir que Deus restaurasse Seu povo à Terra Prometida.

9.15 Ele primeiro mencionou o Êxodo, como uma demonstração passada do poder e da fidelidade de Deus para como Seu povo, quando eles se encontravam numa situação

⁵⁰⁹ Stuart, pág. 258.

⁵¹⁰ Leupold, pág. 384.

⁵¹¹ Dennett, pág. 137.

⁵¹² Bramer, pág. 158.

⁵¹³ Jamieson, et al., pág. 754.

parecida à que estavam os exilados na Babilônia. Daniel enfatizou novamente a reputação de Deus e a indignidade de Israel, esclarecendo a base para o seu pedido (cf. vv. 4-5).

“O livramento do povo de Israel do Egito é, em vários aspectos, a ilustração-padrão do Antigo Testamento a respeito do poder de Deus e da Sua capacidade em livrar o Seu povo. Como contraste no Novo Testamento, a ressurreição de Jesus Cristo é o padrão de poder de Deus (Ef 1.19-20). No reino milenar futuro de Cristo, o padrão de poder será a reunião de Israel e a sua restauração à terra (Jr 16.14-15)”.⁵¹⁴

- 9.16-17 Agora o profeta apela a Deus como Adonai, enfatizando Sua soberania sobre o Seu povo, e como Elohim, o Aquele que é forte. Já que Deus trouxe corretamente a disciplina sobre Israel pelos pecados passados da nação, Daniel pediu que Ele trouxesse restauração também, algo que Ele também havia prometido. A resposta glorificaria primeiramente a Deus, e secundariamente, ela abençoaria o Seu povo.
- 9.18-19 Daniel pediu repetidas vezes para que Deus ouvisse e respondesse a sua oração, não porque os israelitas mereciam isso, mas porque Deus é compassivo (cf. Ex 32.12-14). É interessante observar que Daniel não disse a Deus o que fazer. Ao contrário, ele pediu a Deus que ouvisse, olhasse e agisse. Esta é uma abordagem humilde que não dá ordens a Deus, mas deixa a resposta com Ele. Esta oração maravilhosa conduz a um clímax emocional, positivo e lógico no versículo 19.

4. A resposta de Deus à oração de Daniel 9.20-23

Deus começou a responder a oração de Daniel tão logo ele começou a orar (cf. v. 19; Lc 11.10-13). Obviamente, a oração registrada nos versículos anterior é apenas um resumo daquilo que o profeta orou, uma vez que sua oração foi difícil e extensa (v. 21).

- 9.20-21 Daniel viu novamente a Gabriel, com quem ele tinha se encontrado em 8.16. Obviamente, Gabriel era um anjo, de forma que a descrição “o homem Gabriel” é um jogo de palavras e provavelmente significa “o servo, o forte servo do forte Deus”. A palavra hebraica *ish* (homem) normalmente aparece como uma descrição de um servo.⁵¹⁵

“Observe que o termo *há'is* ('o homem') não significa 'homem' em contradição com anjos ou outros seres espirituais que residem no céu; os termos utilizados seriam *'adam* ou *'enos* em Hebraico. Ao contrário, o termo indica que este arcanjo poderoso apareceu na forma humana

⁵¹⁴ Walvoord, *Daniel...*, pág. 211.

⁵¹⁵ Leupold, pág. 400.

e falou com Daniel de modo inteligível como um homem fala com outro [cf. Lc 24.4; At 1.10]”.⁵¹⁶

Daniel ficou evidentemente exausto por causa da sua oração e do jejum. O horário do sacrifício da tarde era às 15h. Os judeus não podiam mais oferecer os sacrifícios regulares da manhã e da tarde depois que os babilônicos destruíram o seu templo. Entretanto, judeus piedosos, como Daniel, ainda oravam nesse horário costumeiro (cf. 6.10).

9.22-23 A preocupação de Daniel com a reputação de Deus (vv. 4-14), sem sombra de dúvidas, o tornou especial para Deus (v. 23). A visão que Deus enviou para a transmissão de Gabriel, constituiu uma resposta à oração de Daniel. Ela revelou o que aconteceria aos judeus.

“Pela primeira vez no livro a iniciativa de Daniel ocasiona uma revelação”.⁵¹⁷

“Assim como o profeta apocalíptico do Novo Testamento era ‘o discípulo a quem Jesus amava’, assim o profeta apocalíptico do Antigo Testamento era ‘mui amado’ por Deus”.⁵¹⁸

5. A revelação do futuro de Israel nas 70 semanas 9.24-27

“Temos, nos quatro versículos finais de Daniel 9, uma das profecias mais importantes do Antigo Testamento. A profecia, como um todo, é apresentada no versículo 24. As primeiras sessenta e nove semanas são descritas no versículo 25. Os eventos entre a sexagésima nona semana e a septuagésima semana são detalhados no versículo 26. O período final da septuagésima semana é descrito no versículo 27”.⁵¹⁹

“As interpretações podem ser divididas em três classes principais. 1. A maioria dos pais da igreja e os intérpretes ortodoxos mais velhos encontram profetizado aqui a aparição de Cristo em carne, Sua morte, e a destruição de Jerusalém pelos romanos. 2. Por outro lado, a maioria dos intérpretes modernos, remetem essa passagem ao tempo de Antíoco Epifânio. 3. Por fim, alguns dos pais da igreja e vários teólogos modernos interpretaram a profecia de maneira escatológica, como um anúncio do desenvolvimento do reino de Deus a partir do final do exílio até o aperfeiçoamento do reino por meio da segunda vinda de Cristo nos últimos dias”.⁵²⁰

⁵¹⁶ Archer, *Daniel...*, pág. 211.

⁵¹⁷ Baldwin, pág. 162.

⁵¹⁸ Jamieson, et al., pág. 754.

⁵¹⁹ Walvoord, *Daniel...*, pág. 216.

⁵²⁰ Keil, pág. 336. Numa nota de rodapé, ele citou alguns defensores dessa visão. Para um panorama das sete visões com relação às setenta semanas, veja Tanner, págs. 560-571.

Creio que a terceira, dessas visões, é a correta – com uma alteração. Eu encerraria a citação com “segunda vinda de Cristo”, pois ela não acontecerá nos últimos dias. Um milênio ocorre entre esses eventos. Renald Showers demonstrou que esses versículos implicam num Arrebatamento pretribulacionista da igreja.⁵²¹

“A profecia de Daniel acerca das setenta semanas (vv. 24-27) fornece o molde cronológico para a predição messiânica de Daniel para o estabelecimento do reino na terra e também, uma chave para a sua interpretação”.⁵²²

“Provavelmente nenhuma declaração profética singular é mais crucial no campo da interpretação, apologética e escatologia bíblica”.⁵²³

9.24 A palavra hebraica traduzida por “semanas” (*shabu'im*) significa literalmente “unidades de sete”. Ela pode ser uma referência aos sete dias (Gn 29.27-28) ou sete anos, como os versículos 26 e 27 irão mostrar. Os judeus observavam uma celebração de sete anos (o ano sabático), bem como uma celebração de sete dias (o Sábado). A maioria dos estudiosos acredita que essa palavra (“semanas”, “setes”, “unidades de sete”) aqui representa períodos de sete anos.

Daniel tem pensado acerca do programa de Deus para Israel em termos de anos. Ele leu a profecia de Jeremias de que o exílio duraria 70 anos (vv. 1-2). Seria normal, então, ele interpretar esses setes como anos.⁵²⁴ Além disso, o cumprimento das primeiras 69 semanas demonstra que esses “setes” são anos. Ademais, a última metade do septuagésimo sete é descrita, em outro lugar, como sendo de três anos e meio, ou 42 meses, ou 1.260 dias.⁵²⁵

Setenta períodos de sete anos equivalem a 490 anos. Assim como Jerusalém estava sofrendo nas mãos dos gentios por 70 anos (v. 2), assim os judeus e Jerusalém sofreriam nas mãos dos gentios durante 490 anos. “O Teu povo” e “a Tua santa cidade” são referências óbvias aos judeus e a Jerusalém (cf. vv. 7, 11, 20). As expressões não se referem à Igreja, que é uma entidade distinta de Israel (cf. 1 Co 10.32). Entretanto, como fica claro a partir dos versículos a seguir, não serão anos ininterruptos. De modo similar, o governo de Israel, por monarcas davídicos, sofreu uma interrupção: o último rei sendo Zedequias – e o próximo, o Messias.

Deus havia decretado esses anos. Ele lhes ordenou, e eles certamente aconteceriam, como qualquer outra coisa que Deus preordenou. Esses versículos afirmam que o propósito de Deus em decretar esse período tenha seis aspectos: Primeiro, ele encerrará a rebelião contra Ele. Segundo, ele encerrará o fracasso do homem em

⁵²¹ Renald E. Showers, *Maranatha: Our Lord, Come! A Definitive Study of the Rapture of the Church*, págs. 230-244. Veja também Alva J. McClain, *Daniel's Prophecies of the Seventy Weeks*, págs. 53-55.

⁵²² *The New Scofield...*, pág. 913.

⁵²³ McClain, *Daniel's Prophecies...*, pág. 9.

⁵²⁴ Para uma defesa dessa visão baseada na evidência interna adicional no livro de Daniel, veja Otto Zöckler, "The Book of the Prophet Daniel," em *Lange's Commentary on the Holy Scriptures*, 7:2:194. Veja também Pentecost, "Daniel," pág. 1361; e *The New Scofield ...*, pág. 913.

⁵²⁵ Para um exemplo de como interpretar os números nessa passagem tanto como simbólicos como literais leva à confusão, veja Waltke, *An Old...*, págs. 549-550.

obedecer a Deus. Terceiro, ele fornecerá um tempo para expiação que cobrirá a perversidade humana. Quarto, ele inaugurará uma nova sociedade na qual a justiça prevalecerá. Quinto, ele trará o cumprimento da visão que Deus tem para a terra. Sexto, ele resultará na unção do santíssimo, provavelmente uma referência ao novo e mais glorioso templo (cf. Ez 40-48).

Deus já atingiu alguns desses alvos: especificamente, o terceiro e, em alguma medida, os dois primeiros. Entretanto, outros alvos ainda não viram seu cumprimento. Portanto, é razoável procurar por um cumprimento futuro da nossa perspectiva na história.⁵²⁶

“No momento em que esses 490 anos tiverem terminado, Deus terá completado seis coisas para Israel. As primeiras três tem a ver com o pecado, e as últimas três com o reino. A base para as primeiras três foi fornecida na obra de Cristo na cruz, mas todas as seis serão realizadas por Israel na Segunda Vinda de Cristo”.⁵²⁷

Young acreditava que Cristo completaria todas as seis coisas para a igreja em Sua primeira vinda.⁵²⁸ Leupold acreditava que elas seriam completas pelo retorno de Cristo, o que ele acreditava ser o fim do mundo.⁵²⁹

“Precisamos observar que essa profecia diz respeito a três livramentos. Daniel estava grandemente perturbado com um livramento mais cedo dos judeus da Babilônia de volta para Jerusalém. Deus também se interessava em seu livramento da escravidão do pecado (no primeiro advento de Cristo) e no livramento final dos judeus da opressão (na segunda vinda de Cristo)...”.⁵³⁰

“Esse versículo é uma revelação divina do fato de que foi decretado um período de tempo definido para o cumprimento de tudo o que é necessário para a verdadeira restauração do povo de Deus da escravidão”.⁵³¹

9.25 Há quatro decretos relacionados à reconstrução de Jerusalém registrados nas Escrituras: O primeiro foi o de Ciro para a reconstrução do templo, em 538 a.C. (2 Cr 36.22-23; Ed 1.1-4; 6.2-5). O segundo foi o de Dario I, em 512 a.C., confirmando o primeiro anterior de Ciro (Ed 6.1, 6-12). O terceiro foi o de Artaxerxes, em 457 a.C. (Ed 7.11-26).⁵³² O quarto foi o de Artaxerxes autorizando Neemias a reconstruir Jerusalém, em 444 a.C. (Ne 2.1-8). Chisholm sugere uma quinta possibilidade, a saber, que o decreto em foco era a profecia de Jeremias, em algum momento entre 597 e 586 a.C.,

⁵²⁶ Cf. Barker, págs. 143-146.

⁵²⁷ Pentecost, “Daniel”, pág. 1361.

⁵²⁸ Young, pág. 201.

⁵²⁹ Leupold, pág. 413.

⁵³⁰ Campbell, pág. 108. Veja também Wood, *A Commentary...*, pág. 244.

⁵³¹ Young, pág. 195.

⁵³² Veja William H. Shea, “Supplementary Evidence in Support of 457 B.C. as the Starting Date for the 2300 Day-Years of Daniel 8:14,” *Journal of the Adventist Theological Society* 12:1 (Primavera 2001):89-96.

que Jerusalém seria reconstruída (Jr 30.18). Ele entendia as setenta semanas como um símbolo de completude.⁵³³

Os primeiros dois decretos autorizaram a reconstrução do templo, e o terceiro autorizou os sacrifícios de animais no templo. Somente o quarto, em 444 a.C., deu aos judeus a permissão para reconstruir Jerusalém e parece que este é o mencionado aqui. Os judeus encontraram oposição à medida que buscavam reconstruir e refortificar sua antiga capital, conforme registra o livro de Neemias. Sendo assim, a data de 444 a.C. provavelmente marca o início do período de 490 anos.⁵³⁴

Sete setes mais sessenta e dois setes equivalem a 483 setes ou anos. Gabriel predisse que, após 483 anos, o Messias seria morto. Estudos cronológicos detalhados têm sido feitos para mostrar que a morte de Jesus Cristo ocorreu nessa data. Se alguém calcular 483 anos a partir de 444 a.C., essa pessoa pode chegar à conclusão de que o Messias morreu em 39 A.D. Entretanto, tanto os judeus quanto os babilônicos observavam calendários de 360 dias, ao invés de 365 por ano. Se alguém calcular o número de dias envolvido no calendário anual judaico e babilônico, o ano em que o Messias morreria seria 33 A.D.

Muitos estudiosos calcularam que o dia em que Jesus entrou em Jerusalém, em Sua entrada triunfal, foi precisamente o último dia desse longo período.⁵³⁵ A Entrada Triunfal foi significativa, pois ela foi o último evento público durante o primeiro advento de Cristo que demonstrou uma reação popular positiva a ele. Depois dele, a nação de Israel O rejeitou. Quer a cronologia esteja exata assim ou não, quase todo expositor conservador concorda que a morte de Cristo é o foco e que ela ocorreu ao final da sexagésima nona semana. Tanner demonstrou que há um forte consenso entre os pais da igreja de que essa passagem é messiânica, embora eles variassem grandemente em seu entendimento acerca dos detalhes.⁵³⁶

Até mesmo Young, um amilenista de respeito, apoiou essa cronologia básica, embora ele defenda que os números (sete e 62) eram números simbólicos e não literais.⁵³⁷ Ele acreditava que o decreto, no versículo 24, era o de Ciro, de 538 a.C., que a destruição de Jerusalém em 70 A.D. aconteceu perto do final da 70ª semana e que o príncipe por vir (v. 26) era o general romano Tito.

“Consequentemente, na profecia de Daniel, enquanto a chegada do rei é definitivamente cronometrada, o estabelecimento do Seu Reino é cronologicamente incerto”.⁵³⁸

⁵³³ Chisholm, págs. 314-317.

⁵³⁴ Anderson, pág. 66, datou esse decreto de 445 a.C.

⁵³⁵ Ibid., págs. 127-128; McClain, *Daniel's Prophecies...*, págs. 25-26; H. W. Hoehner, “Daniel's Seventy Weeks and New Testament Chronology”, *Bibliotheca Sacra* 132:525 (Janeiro-Março 1975): 64. Veja também Baxter, 4:83-86.

⁵³⁶ J. Paul Tanner, “Is Daniel's Seventy-Weeks Prophecy Messianic?” *Bibliotheca Sacra* 166:662 (Abril-Junho 2009): 181-200.

⁵³⁷ Young, págs. 191-206, 220-221.

⁵³⁸ McClain, *The Greatness...* pág. 174.

O que aconteceu depois de 49 anos que justifica dividir o período de 69 semanas em duas partes? Quem sabe tenha sido o final da revelação do Antigo Testamento através dos escritos dos profetas.⁵³⁹ Outra posição, mais provável, é que levou sete semanas (49 anos) para limparem todos os entulhos de Jerusalém, e para restaura-la completamente como uma cidade próspera com ruas e fossos.⁵⁴⁰

“Isso descreve perfeitamente a obra de Neemias e, sob quais circunstâncias difíceis, ele realizou suas tarefas”.⁵⁴¹

A referência a Jerusalém sendo reconstruída “com ruas e muros” (NVI), ou “com ruas e fortes defesas” (NVT), confundiu alguns leitores, uma vez que Jerusalém nunca teve um muro ou muralha típico ao seu redor. Entretanto, os vales de Hinom e Cedrom, dos lados leste, sul e oeste de Jerusalém, lembram um muro ou fossos ao redor da maior parte da cidade. Quando a chuva forte cai na região, eles conduzem a água e funcionavam como fossos. Eles são fossos secos bem como fossos úmidos.

9.26 A maioria dos intérpretes cristãos entende a expressão “será cortado o Messias” (ACF) como uma referência à morte de Jesus Cristo (NVI, ARA, NVT). Ele não tinha nada naquele momento, num sentido muito real.

O “príncipe que há de vir” parece ser uma pessoa diferente do Messias. Uma tradução legítima seria “o povo de *um* príncipe que há de vir”.⁵⁴² O povo do príncipe, não ele mesmo, destruiria a cidade. Isso aconteceu em 70 A.D. quando o exército romano, sob a liderança de Tito, arrasou Jerusalém.

Entretanto, o “príncipe que há de vir”, obviamente, não é Tito, mas um governante futuro, a saber, o anticristo (7.8). Tito não fez qualquer aliança com os judeus (v. 27). Todavia, Tito fez, inicialmente, o que esse príncipe fará no futuro. Jerusalém não foi arruinada por causa de uma enchente literal nos dias de Tito, mas os soldados romanos a destruíram como se fosse uma enchente (cf. 11.10, 22, 26, 40; Is 8.8). A guerra veio antes da destruição. Gabriel anunciou que Deus tinha determinado a desolação da cidade (cf. Mt 24.7-22).

Alguns intérpretes acreditam que o final desse versículo descreve condições que se seguiram após a destruição provocada por Tito e que continuam até hoje.⁵⁴³ Outros entendem que ele descreve apenas o que Tito fez.⁵⁴⁴

⁵³⁹ McGee, 3:588.

⁵⁴⁰ J. N. Darby, *Synopsis of the Books of the Bible*, 2:493; Dennett, pág. 148; Walvoord, *Daniel ...*, pág. 227; Pentecost, “Daniel,” pág. 1363; Campbell, pág. 110; Ironside, pág. 165; J. Randall Price, “Prophetic Postponement in Daniel 9 and Other Texts,” em *Issues in Dispensationalism*, págs. 151-152.

⁵⁴¹ Feinberg, pág. 130.

⁵⁴² Archer, “Daniel”, pág. 116.

⁵⁴³ P. ex.: Pentecost, “Daniel”, pág. 1364; Archer, “Daniel”, pág. 117.

⁵⁴⁴ P. ex.: Walvoord, *Daniel...*, pág. 231.

9.27

“Ao contrário do cumprimento bastante claro dos versículos 25-26, o versículo 27 é um enigma com relação à história; e apenas a interpretação futurista permite qualquer cumprimento literal”.⁵⁴⁵

“Entre a sexagésima nona e a septuagésima semana, temos um Grande Parêntesis que dura agora mais de mil e novecentos anos”.⁵⁴⁶

O antecedente mais próximo de “ele” é “o príncipe que há de vir” (v. 26). Tito não fez qualquer aliança com Israel, então quem é o foco dessa passagem? Aparentemente, um governante futuro do recuperado e evoluído império romano, o pequeno chifre do capítulo 7, é o foco desta passagem. Parece preferível escolher essa opção do que associar o “ele” ao Messias, uma vez que Jesus Cristo não fez as coisas preditas acerca do príncipe aqui. Young defende que Cristo é o príncipe e que Ele cumpriu aquilo que Daniel predisse, no sentido que Ele colocou a aliança de graça em funcionamento no momento da Sua morte, e aboliu os sacrifícios da antiga dispensação mosaica.⁵⁴⁷

Se o pequeno chifre do capítulo 7 é o foco aqui, como melhor parece, isso significa que a septuagésima semana não acontece imediatamente após a sexagésima nona semana. Um intervalo como esse na cronologia profética, possui precedentes nas predições acerca da primeira e da segunda vinda do Messias (p.ex.: Is 61.1-2). Outra evidência de um intervalo entre a sexagésima nona semana e a septuagésima semana é o fato de que houve um intervalo de 37 anos entre a morte do Messias em 33 A.D. e a destruição de Jerusalém em 70 A.D. Todavia, Daniel apresentou ambos os eventos como acontecendo depois da sexagésima nona semana e antes da septuagésima. Consequentemente, deve haver um intervalo na cronologia após a sexagésima nona semana.⁵⁴⁸

De acordo com Gabriel, esse futuro governante, fará uma aliança “com muitos” por uma semana (sete anos). Os “muitos” referem-se, evidentemente, ao povo de Daniel (v. 24), judeus étnicos (cf. 11.39; 12.2). Depois de três anos e meio, esse anticristo encerrará os sacrifícios e ofertas que ele permitiu que esses judeus oferecessem. A capacidade deles de oferecer esses sacrifícios, indica que os judeus estarão de volta na terra adorando num templo reconstruído.⁵⁴⁹

“A asa das abominações” (coisas detestáveis) pode ser uma referência a uma asa do templo que é particularmente abominável por causa de idolatria, possivelmente o pináculo ou o cume do templo.⁵⁵⁰ Outra interpretação entende “asa” de maneira figurada, e enxerga o anticristo descendo como um abutre sobre a sua presa.⁵⁵¹ Quem sabe a explicação mais simples seja considerar “sobre a asa das” no sentido de “com”.

⁵⁴⁵ Ibid.

⁵⁴⁶ Harry A. Ironside, *The Great Parenthesis*, pág. 23.

⁵⁴⁷ Young, págs. 213-217, 220-221.

⁵⁴⁸ Para provas adicionais acerca de um intervalo, veja McClain, *Daniel's Prophecies...*, págs. 31-45.

⁵⁴⁹ Veja Charles H. Dyer, *World News and Bible Prophecy*, cap. 5: “The Third Temple”, págs. 71-84.

⁵⁵⁰ Young, pág. 218; Whitcomb, pág. 134.

⁵⁵¹ Archer, “Daniel”, pág. 118.

Aparentemente, o príncipe aparecerá no templo de Jerusalém quando ele encerrar os sacrifícios.

Daniel 12.11 refere-se ao cessar futuro dos sacrifícios dos judeus, quarenta e dois meses antes do Messias retornar à terra. Apocalipse 13.4-7, também, descreve esse governante futuro em harmonia como o que Gabriel revelou aqui. Jesus também falou dele, em Mateus 24.15-18, bem como fez o apóstolo Paulo, em 2 Tessalonicenses 2.3-4, e o apóstolo João, em 1 João 2.18. De acordo com essas passagens, a destruição completa decretada por Deus e derramada sobre esse príncipe acontecerá quando o Messias retornar à terra.⁵⁵²

Estudiosos desta passagem, que não entendem que esse versículo prediz eventos futuros, normalmente adotam uma das seguintes interpretações.⁵⁵³ Comentaristas liberais acreditam que os eventos na septuagésima semana, bem como aqueles nas sessenta e nove semanas anteriores, aconteceram num sentido bem livre depois da perseguição dos Macabeus, no segundo século a.C.⁵⁵⁴ Estudiosos judeus ortodoxos, normalmente, entendem a destruição de Jerusalém, em 70 A.D., como o cumprimento deste versículo.

Muitos intérpretes amilenistas entendem que a septuagésima semana representa o que aconteceu desde o primeiro advento de Jesus, e o que acontecerá até o Seu segundo advento.⁵⁵⁵ Alguns amilenistas entendem o septuagésimo sete como sete anos literais que começaram com o ministério público de Jesus e terminaram cerca de três anos e meio após a Sua morte.⁵⁵⁶ Dwight Pentecost articulou a interpretação-padrão pré-milenista e pretribulacionista:

“Esse período de sete anos começará após o Arrebatamento da igreja (que consumará o programa de Deus nessa Era atual). O 70º “sete” continuará até o retorno de Jesus Cristo à terra. Uma vez que Jesus disse que este será um tempo de ‘angústia tão grande’ (Mt 24.21, NVT), esse período é normalmente chamado de Tribulação”.⁵⁵⁷

“Daniel enxerga toda essa septuagésima semana como um tempo de ira (cf. Dn 12.7)”.⁵⁵⁸

O mais forte argumento para um cumprimento literal dos eventos preditos no versículo 27, é que os eventos preditos nos versículos 24-26 se cumpriram literalmente. A

⁵⁵² Veja Craig A. Blasing, “The Day of the Lord and the Seventieth Week of Daniel”, *Bibliotheca Sacra* 169:674 (Abril-Junho 2012): 131-142.

⁵⁵³ Veja também a nota adicional de Baldwin acerca de algumas interpretações dos setenta setes, págs. 172-178.

⁵⁵⁴ P. ex.: Montgomery, págs. 400-401; Collins, págs. 357-358.

⁵⁵⁵ P. ex.: Young, págs. 208-209; Leupold, págs. 431-440.

⁵⁵⁶ P. ex.: Philip Mauro, *The Seventy Weeks and the Great Tribulation*, págs. 70-71. Cf. Henry, pág. 1099.

⁵⁵⁷ Pentecost, “Daniel”, pág. 1364. Veja também *The New Scofield...*, pág. 913.

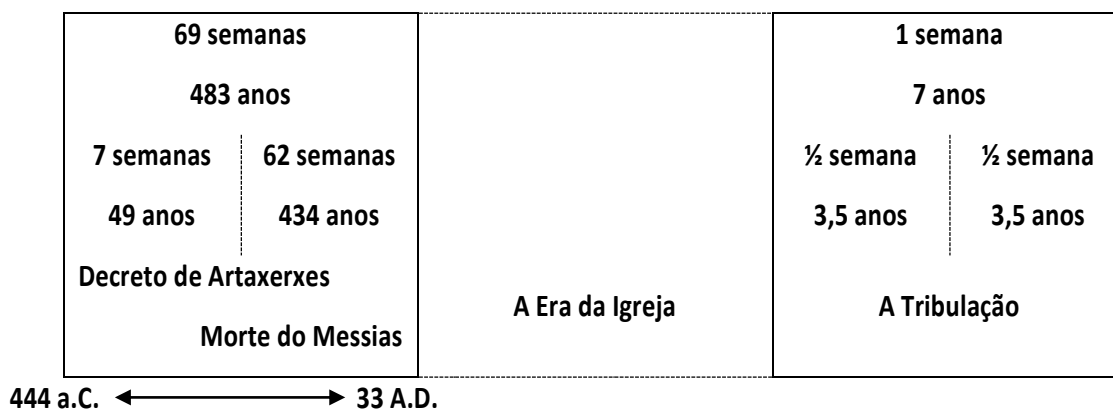
⁵⁵⁸ J. Randall Price, “Old Testament Tribulation Terms”, em *When the Trumpet Sounds*, pág. 77.

predição de Jeremias acerca da duração do cativeiro (v. 2) também se cumpriu literalmente.

“A ‘abominação da desolação’ feita por Antíoco *não* é o cumprimento final de Daniel 9.27 pois, (a) Antíoco não se encaixa na sequência de tempo fornecida pelo versículo, e (b) muito tempo depois da época de Antíoco, Jesus disse que a profecia de Daniel acerca da abominação da desolação *ainda* era futura (Mt 24.15-16)”.⁵⁵⁹

“O texto principal acerca da tribulação, citado por Jesus no discurso no Monte das Oliveiras (Mt 24.15; Mc 13.14) e mencionado por Paulo em seu discurso a respeito do Dia do Senhor (2 Ts 2.4), é Daniel 9.27. Ao detalhar os eventos dessa tribulação de sete anos, essa passagem determina singularmente o início, o meio e o fim da Tribulação”.⁵⁶⁰

As Setenta Semanas de Daniel (Dn 9.24-27)



C. A VISÃO MAIS DETALHADA DE DANIEL ACERCA DO FUTURO CAPS. 10-12

Temos observado que o método de Deus de revelar o que Ele quis que Daniel soubesse e comunicasse acerca do futuro segue uma boa pedagogia (o método e a prática do ensino). Primeiramente, Deus deu ao profeta um retrato geral acerca do futuro, primeiro sobre a humanidade e depois a respeito de Israel. Então, depois que Daniel teve tempo para pensar acerca do que Deus lhe disse, Deus lhe forneceu mais detalhes. Em outras palavras, Deus foi do conhecido para o desconhecido ao ensinar Daniel a respeito dessas coisas. Nessa visão final do livro, temos ainda mais detalhes acerca do futuro, particularmente no que concerne o futuro de Israel.

⁵⁵⁹ Dyer, em *The Old...*, pág. 719.

⁵⁶⁰ Price, "Old Testament ...," pág. 76. Para uma discussão completa dessa passagem, veja Charles H. Ray, "Daniel 9:24-27 Considered, Part I" e "Daniel 9:24-27 Considered, Part II," em *Dispensationalism Tomorrow & Beyond*, págs. 293-320 e 323-341.

“Difícilmente temos qualquer coisa na Bíblia toda semelhante a esses capítulos, especialmente como o capítulo 11. A palavra, a visão e a predição minuciosas estão combinadas de uma maneira inigualável nas Escrituras”.⁵⁶¹

O primeiro capítulo (cap. 10) e o versículo 1 do capítulo 11 apresentam a visão que virá a seguir. Esta visão está dividida em duas partes: o futuro imediato de Dario até Antíoco (11.2-35); e o futuro distante, a saber, o septuagésimo “sete” (9.27), ou Período da Tribulação (11.36-12.4). O restante do capítulo 12 fornece a conclusão para esta revelação.

1. A preparação de Daniel para receber a visão 10.1-11.1

Esta seção pode ser dividida em sete partes.

O contexto da visão 10.1

O terceiro ano do governo de Ciro como rei sobre a Babilônia era 536 a.C. Ciro havia começado a governar sobre a Pérsia em 558 a.C., mas o interesse de Daniel e de outros escritores bíblicos em Ciro diz respeito ao seu governo sobre a Babilônia, que ele conquistou em 539 a.C. Ciro emitiu seu decreto permitindo que os judeus retornassem para a sua terra e reconstruíssem seu templo em 538 a.C. Alguns deles partiram naquele mesmo ano sob a liderança de Zorobabel.

Os exilados que retornaram reinstituíram os sacrifícios em 537 a.C. (Ed 3.6) e em 536 a.C. eles começaram a reconstruir o templo (Ed 3.8). Daniel teria por volta de 80 anos em 536 a.C., e sua idade pode ter sido responsável para que ele não retornasse à Terra Prometida. Daniel permaneceu a serviço do governo até o primeiro ano de Ciro (538 a.C., 1.21), mas permaneceu na Babilônia por mais tempo, quem sabe como alguém “aposentado”.

Os críticos atacaram o livro de Daniel pois, dizem eles, o título “Ciro, rei da Pérsia” não era uma maneira contemporânea de falar do rei.⁵⁶² Entretanto, isso teria sido uma maneira perfeitamente legítima de mencionar o rei de maneira não oficial, se não oficial.⁵⁶³

Quem sabe o nome babilônico de Daniel apareça novamente aqui para garantir ao leitor que esse era o mesmo Daniel com quem estiveram nos capítulos anteriores (cf. 1.7). Ele era o Daniel que tinha a capacidade incomum de compreender visões e sonhos (1.17).

A mensagem que veio a Daniel era uma revelação de Deus que incluiu uma visão. A ênfase em “mensagem” nesse versículo pode indicar que, em comparação com as visões anteriores, essa veio primariamente como uma mensagem falada, evidentemente por um anjo. Daniel afirmou que a mensagem era verdadeira e que envolvia uma revelação de um grande conflito por vir. A tradução “trata de uma guerra prolongada” (ARC) possui menos apoio linguístico, mas a mensagem envolvia sim, a profecia num futuro distante. Daniel, aparentemente, entendeu essa visão melhor do que as visões

⁵⁶¹ Leupold, pág. 441.

⁵⁶² P. ex.: Montgomery, pág. 405.

⁵⁶³ Young, pág. 223. Veja também R. D. Wilson, “The Title ‘King of Persia’ in the Scriptures,” *Princeton Theological Review* 15 (1917): 90-145.

anteriores (p.ex.: 8.27). Este versículo como um todo, prepara o leitor para a própria revelação, que era de grande importância.

“A revelação, na visão dada a Daniel, foi uma revelação que acabou com qualquer esperança que o profeta tivesse de que Israel desfrutaria de sua nova liberdade e paz por bastante tempo”.⁵⁶⁴

A preparação pessoal de Daniel 10.2-3

A visão no capítulo 9 veio depois que Daniel esteve orando e jejuando (9.3). A visão a seguir nesse capítulo também veio a ele depois que ele pranteou, jejuou e, sem sombra de dúvidas, orou durante três semanas (cf. 1.11-13). Obviamente, essas foram semanas literais de dias. É possível que tenham sido os dias nos quais a Páscoa judaica e a Festa dos Pães Asmos eram celebradas.⁵⁶⁵ Evidentemente, as revelações prévias de Deus, e o bem-estar dos judeus – que retornaram para a Palestina, mas enfrentavam oposição – eram os motivos para a grande preocupação de Daniel (cf. Ed 4.1-5, 24; Fp 4.6-7). Embora muitos israelitas tivessem retornado para a Palestina, Deus já havia revelado que eles experimentaríamos dificuldades lá.

A visão que Daniel teve do homem no rio Tigre 10.4-9

10.4 Daniel foi para o rio Tigre (*Hiddekel*; cf. Gn 2.14), talvez para orar pelos exilados que haviam retornado e provavelmente tenha ido para lá com outros judeus piedosos. A Páscoa e a Festa dos Pães Asmos caíam entre os dias catorze e vinte um do primeiro mês. Os judeus não observaram essas festas no cativeiro, como eles faziam em sua própria terra. Três dias depois desses importantes dias memoriais, Deus deu a Daniel uma visão que só ele viu (cf. 12.5).

10.5-6 O homem que Daniel viu nessa visão pode ter sido o Filho de Deus.⁵⁶⁶ Intérpretes judeus e alguns estudiosos cristãos modernos preferem a visão de que era um anjo.⁵⁶⁷ As similaridades entre esse homem, e aquele que Ezequiel e o apóstolo João viram, argumenta em favor de um ser divino (cf. Ez 1.26-28; Ap 1.13-16; 2.18). Entretanto, o que esse homem disse (especialmente o v. 13) levou alguns a preferirem a visão de que ele era um anjo.

Vestidos caros de linho eram o que os sacerdotes em Israel vestiam, e isso os distinguia para o serviço especial de Deus. Semelhantemente, o cinto ao redor da cintura do homem, evidentemente bordado com ou feito completamente do melhor ouro, o identificaria como uma pessoa especial. O significado de “Ufaz” é incerto. Pode ser o

⁵⁶⁴ Pentecost, “Daniel”, pág. 1365.

⁵⁶⁵ *The Nelson...*, pág. 1438.

⁵⁶⁶ Keil, pág. 409; Young, pág. 225; McGee, 3:591; Walvoord, *Daniel ...*, pág. 243; Feinberg, pág. 141; Whitcomb, pág. 138; Campbell, pág. 118; Merrill, “A Theology ...”, pág. 388; Wiersbe, pág. 297; Culver, “Daniel”, pág. 796.

⁵⁶⁷ P. ex.: Leupold, págs. 447-448; Archer, “Daniel”, pág. 123; Pentecost, “Daniel”, págs. 1365-1366; Baldwin, pág. 180; Ironside, pág. 174.

mesmo que “Ofir”, uma vez que os tradutores da versão siríaca de Jeremias substituíram “Ofir” por “Ufaz” em Jeremias 10.9.

A localização de Ofir também é incerta. Ela poderia ser ao sudoeste ou sudeste da Arábia, ou a nordeste da costa africana, ou na Índia.⁵⁶⁸ De modo alternativo, Ufaz poder ser um termo técnico para ouro refinado.⁵⁶⁹ As descrições pessoais desse homem se assemelham ao que o apóstolo João viu na ilha de Patmos, a saber, o Filho de Deus (Ap 1.13-16; cf. Ez 1.13-14). Todas essas características retratam uma pessoa de grande glória e esplendor.

“A impressão passada a Daniel era de que o corpo inteiro do homem na visão se assemelhava a uma jóia transparente gigantesca refletindo a glória do restante da visão”.⁵⁷⁰

10.7-9 Os companheiros de Daniel, vendo que algo maravilhoso estava acontecendo (cf At 9.7; 22.9), se esconderam enquanto Daniel viu o que Deus mostrou a ele (v. 7). Sua reação pessoal à essa visão foi semelhante à do apóstolo João (v. 8; cf. 8.27; Ap 1.17). As palavras da pessoa a quem Daniel viu, juntamente com sua aparência gloriosa, fizeram com que o profeta desmaiasse (v. 9).

O assunto da revelação 10.10-14

10.10-11 O “homem” que tocou Daniel e que falou com ele pode ter sido o mesmo que o profeta viu na visão (vv. 5-6). Walvoord defende, penso eu que corretamente, que a pessoa nos versículos 5-6 era Deus, mas a pessoa nos versículos 10-21 era um anjo.⁵⁷¹ Ele pode ter sido Gabriel, uma vez que Deus enviou Gabriel para Daniel em outras ocasiões (8.16; 9.21), mas isso é apenas especulação.⁵⁷²

O anjo descreveu Daniel como “homem muito amado” (cf. 9.23; 10.19). Sabemos que Daniel desfrutava de uma boa reputação entre seus contemporâneos, mas esse título provavelmente se refere ao carinho de Deus por ele. As palavras hebraicas (*‘ish hemudot*) literalmente significam “homem precioso”. Daniel era precioso para Deus, não apenas porque ele era um dos que fazem parte do povo escolhido de Deus, mas também porque Deus era precioso para ele.

“...a posição privilegiada de Daniel, como alguém especial para Deus, resultou de sua completa absorção na vontade e na glória do Senhor, a Quem ele se entregou de coração”.⁵⁷³

⁵⁶⁸ *The New Bible Dictionary*, s.v. “Ophir”, por D. J. Wiseman, pág. 911.

⁵⁶⁹ *Ibid.*, s.v. “Uphaz”, por D. J. Wiseman, pág. 1304.

⁵⁷⁰ Walvoord, *Daniel...*, pág. 243.

⁵⁷¹ *Ibid.*, págs. 243, 245.

⁵⁷² McGee, 3:592.

⁵⁷³ Archer, “Daniel”, pág. 124.

Era completamente apropriado para Daniel ficar em pé para receber uma mensagem vinda desse impressionante mensageiro de Deus.

- 10.12 Ainda assim, foi uma experiência preocupante para Daniel ficar em pé diante da presença de uma pessoa tão gloriosa. O “homem” percebeu como Daniel se sentiu e o encorajou a não temer. Ele informou o profeta de que Deus ouviu a sua oração pedindo por entendimento, e que o que estava por vir, aconteceria como resposta ao seu pedido (cf. 9.23). A humilhação de Daniel perante Deus envolvia assumir o papel de aprendiz perante Ele.

“Este versículo constitui grande encorajamento para aqueles cujas orações não são respondidas imediatamente. A causa da demora pode ser algo completamente desconhecido para nós; todavia, embora a resposta possa demorar, a oração é sempre ouvida imediatamente”.⁵⁷⁴

- 10.13 Alguém retardou a chegada da resposta de Deus à oração de Daniel. Ele era o “príncipe do reino da Pérsia”, evidentemente um anjo caído que, sob a autoridade de Satanás, tinha uma responsabilidade especial para com a Pérsia (cf. v. 20; Ef 2.2). “Príncipe” aqui, provavelmente, refere-se a um anjo, uma vez que Miguel também é chamado de “príncipe” (vv. 13, 21).⁵⁷⁵ O príncipe da Pérsia precisa ter sido um anjo perverso, uma vez que ele se opôs ao propósito de Deus. A hostilidade angelical, no mundo invisível, resultou na demora de 21 dias da chegada de Miguel com a mensagem de Deus (cf. v. 2).

“As forças do mal têm, aparentemente, a capacidade de produzir empecilhos e atrasos, até mesmo quanto à entrega de respostas aos cristãos, cujos pedidos Deus se importa em responder...

Obviamente, enquanto Deus pode ignorar a resistência unida de todas as forças do inferno se Ele assim quiser, Ele concede aos demônios alguns poderes limitados de obstrução e rebeldia como algo parecido que Ele concede aos humanos. Em ambos os casos, o exercício do livre arbítrio em oposição ao Senhor do céu tem dEle a permissão sempre que Ele ache adequado. Mas, conforme indicam Jó 1.12 e 2.6, a malignidade de Satanás nunca tem permissão de ir além do limite estabelecido por Deus, que jamais permitirá que o cristão seja tentado além das suas forças (1 Co 10.13)”.⁵⁷⁶

Me parece improvável que o príncipe da Pérsia poderia resistir o Filho de Deus dessa maneira, caso Ele fosse a pessoa falando com Daniel. Além disso, o mensageiro de Deus recebeu a ajuda de Miguel, um dos principais príncipes (anjos), de forma que parece

⁵⁷⁴ Feinberg, pág. 141.

⁵⁷⁵ Para mais apoio à essa visão, veja Zöckler, 7:2:228, no comentário de Lange.

⁵⁷⁶ Archer, “Daniel”, págs. 124, 125.

muito improvável que tenha sido o próprio Deus. Alguns anjos têm mais autoridade e poder do que outros (Ef 1.21).

É possível que uma situação na vida política da Pérsia tenha sido a ocasião humana para esse retardo. Quem sabe governantes humanos na corte persa estivessem se opondo a legislação que favorecia os judeus.⁵⁷⁷

“Embora o assunto todo da batalha invisível entre os anjos santos e os anjos caídos não esteja claramente revelado nas Escrituras, dos pequenos vislumbres que não são concedidos, como nesse caso, fica claro que por trás das condições políticas e sociais do mundo existe influência angelical – boa, por parte dos anjos santos, e perversa, por parte dos anjos sob o controle de Satanás. Essa é a batalha à qual se referiu Paulo em Efésios 6.10-18”.⁵⁷⁸

“O que temos aqui são os anjos perversos, chamados de demônios no Novo Testamento. Ao longo do tempo, esses poderes demoníacos ganharam uma influência muito grande sobre algumas nações e governos dessas nações. Eles se tornaram o poder controlador. Eles utilizaram todos os recursos que puderam reunir para atrasar a obra de Deus e frustrar Seus propósitos”.⁵⁷⁹

Evidentemente, o anjo bom que falou com Daniel, executou alguma tarefa na Pérsia que envolveu os reis ou governantes daquela terra. Entretanto, ao receber uma ordem de Deus para visitar a Daniel, ele não foi capaz de se desvencilhar da situação para entregar a mensagem a Daniel, por causa do anjo mau que exercia forte influência sobre a Pérsia. Miguel visitou o anjo bom e lhe ajudou a se desvencilhar do poder do anjo perverso e, então, pôde visitar a Daniel.

Keil projeta ainda mais essa ideia. Sua visão é uma especulação:

“O plural [reis da Pérsia] denota que, por opressão do demônio sobre o reino persa, sua influência, não meramente sobre Ciro, mas sobre todos os reis seguintes da Pérsia, chegou a um fim, de forma que todos os reis da Pérsia se tornaram acessíveis à influência do espírito vindo de Deus para propagar o bem-estar de Israel”.⁵⁸⁰

O interesse pelo tema da batalha espiritual tem crescido muito entre os cristãos profanos ultimamente.⁵⁸¹ A batalha espiritual certamente é uma revelação bíblica e precisamos estar cientes dela e viver adequadamente. Entretanto, muito do que tem sido ensinado a respeito de batalha espiritual, e particularmente acerca de “demônios

⁵⁷⁷ Darby, *Studies in...*, pág. 75.

⁵⁷⁸ Walvoord, *Daniel...*, pág. 247.

⁵⁷⁹ Leupold, págs. 457-458.

⁵⁸⁰ Keil, pág. 419.

⁵⁸¹ Veja a bibliografia ao final desse comentário bíblico expositivo para alguns títulos.

territoriais”, vai além do que as Escrituras ensinam.⁵⁸² (A ideia de que existem “demônios territoriais” baseia-se primariamente em Daniel 10.13).

Por exemplo: não há instrução bíblica ou qualquer precedente que justifique orar contra, reivindicar vitória sobre certos demônios por nome, como alguns fazem e advogam hoje. Parece claro que Daniel desconhecia esse conflito celestial entre esses anjos. O sucesso de Miguel não dependeu da oração de Daniel, a favor ou contra, certos anjos ou demônios.

“Daniel, enquanto apoia a ideia de identificação territorial de alguns anjos, especificamente no capítulo 10, não apoia qualquer tipo de envolvimento humano na batalha angelical”.⁵⁸³

Podemos ter empecilhos para a nossa oração – acerca do qual nada sabemos – à medida que nos perguntamos porque a resposta para a nossa oração não chega. Entretanto, devemos continuar orando (Lc 18.1-8). Esse incidente nos lembra acerca da importância de persistirmos em oração. Se Daniel tivesse parado de orar no vigésimo dia, ele talvez não tivesse recebido a grande revelação do capítulo 11 no vigésimo primeiro dia.

- 10.14 O anjo bom veio explicar a Daniel o que aconteceria aos judeus nos últimos dias no futuro. Daniel já havia recebido alguma revelação acerca do que aguardava os judeus (8.23-26; 9.24-27). Essa revelação evidentemente lhe deixou perplexo e o levou a orar pedindo por entendimento (vv. 2, 12). O que temos a seguir em 11.2-12.4 é mais informação acerca desse assunto a respeito do futuro dos judeus. Como em 8.23-26 e 9.24-27, 11.2-12.4 contém informação acerca do destino de Israel relativo a Antíoco Epifânio, num futuro próximo, e informação acerca do destino de Israel relativo ao anticristo, num futuro distante.

A fraqueza sucessiva de Daniel 10.15-17

- 10.15 Aparentemente, a explicação do anjo acerca do conflito angelical era algo sobre o qual Daniel nada sabia. A reação de Daniel a essa informação, juntamente com a visão que ele acabara de ver, foi de baixar a cabeça e silenciosamente aceitar essa revelação.
- 10.16-17 Aquele em “semelhança dos filhos dos homens” era, provavelmente, um anjo que tocou os lábios de Daniel capacitando-o assim a falar (cf. 7.16; 8.15-19; 9.21-22; Is 6.7; Jr 1.9). O profeta, então, explicou ao anjo que a visão lhe deixou angustiado e lhe roubou as forças (cf. Is 6.5). Ele disse se sentir tão inferior ao anjo que se considerava indigno de falar com ele.⁵⁸⁴ Além disso, ele se sentiu sem força suficiente e sem fôlego.

⁵⁸² Veja Robert P. Lightner, *Angles, Satan, and Demons*, págs. 155-158.

⁵⁸³ Gerry Breshears, “The Body of Christ: Prophet, Priest, or King?” *Journal of the Evangelical Theological Society* 37:1 (Março 1994): 14.

⁵⁸⁴ R. H. Charles, *The Book of Daniel*, pág. 116.

O fortalecimento adicional de Daniel 10.18-19

10.18 Esta é a terceira vez neste capítulo que Daniel recebe força de um anjo que lhe tocou (vv. 10, 16; cf. Hb 1.14). Compare o relato de Lucas de um anjo fortalecendo a Jesus no Jardim do Getsêmani (Lc 22.39-44). Esse anjo com aparência humana, provavelmente, foi o mesmo que tocou os lábios de Daniel (v. 16), mas ele, talvez, seja diferente do anjo que lhe sacudiu (i.e., “me pôs sobre os meus joelhos e as palmas das minhas mãos”, v. 10).

10.19 O anjo repetiu a descrição elogiosa “muito amado” (cf. v. 11; 9.23), que tranquilizou Daniel. Ele também lhe encorajou a não temer, a ficar em paz e a ter coragem (v. 19; cf. Js 1.9). Essas palavras fortaleceram o profeta idoso (cf. 2 Co 12.7-10) e ele pediu ao anjo que lhe desse o restante da revelação.

O efeito total desses muitos versículos que repousa na fraqueza sentida por Daniel, e a força que um anjo ou anjos lhe deram, existem para fazer o leitor antecipar a revelação a seguir. Trata-se de algo muito importante.

“Essa visão [em 11.2-12.4] contém a revelação profética mais detalhada no livro de Daniel”.⁵⁸⁵

A explicação do anjo a respeito da sua atividade 10.20-11.1

10.20 O anjo perguntou se Daniel sabia porque tinha vindo a ele. Ele, aparentemente, fez isso para dirigir a atenção do profeta para a visão que viria a seguir e também considerando que Daniel se sentiu muito fraco.

O anjo informou a Daniel que ele tinha de voltar para concluir sua batalha contra o demônio que estava influenciando a Pérsia (v. 13) e, depois, aquele que influenciaria a Grécia. Feinberg entendeu “o príncipe da Grécia” como uma referência a Alexandre, o Grande.⁵⁸⁶ Obviamente, Pérsia e Grécia são dois dos reinos que têm sido o foco da profecia nesse livro (caps. 2; 7; 8; 9; 11.2-4, 5-35).

“A partir disso podemos aprender que, por trás dos vários detalhes de profecia relacionados à história desse período, há uma batalha invisível entre forças angelicais para que a vontade de Deus possa ser realizada”.⁵⁸⁷

10.21 “[A] escritura da verdade” parece ser uma referência a tudo o que Deus registrou como sendo verdade. O anjo faria parte no que Deus estabeleceu como verdade conhecida para Daniel. O anjo quis que essa revelação encorajasse a Daniel, considerando o fato de que ele deixou o profeta para voltar para a sua batalha espiritual.

⁵⁸⁵ Pentecost, “Daniel”, pág. 1366.

⁵⁸⁶ Feinberg, pág. 145.

⁵⁸⁷ Walvoord, *Daniel...*, pág. 250.

Semelhantemente, o fato de que Miguel permaneceu com esse anjo em sua batalha teria encorajado a Daniel, muito embora Miguel era, aparentemente, o único companheiro desse anjo na batalha. “Vosso príncipe” liga Miguel a Daniel, e identifica Miguel como o anjo bom a quem Deus comissionou para ajudar o profeta e seus irmãos judeus (12.1; cf. Ap 12.7; 20.2).

“É encorajador para o povo de Deus saber que ele possui poderosos anjos, entre seus anjos santos, cuja tarefa é defender os santos dos ataques do maligno”.⁵⁸⁸

11.1

Na realidade, esse versículo conclui o décimo capítulo. Algumas versões procuraram esclarecer esse fato, colocando este versículo como a parte final do parágrafo que se iniciou no versículo 18. Se não observarmos essa conexão, corremos o risco de concluir que outra referência a um rei apresenta um incidente diferente daquele já apresentado em 10.1 (cf. 1.1; 2.1; 3.1; 4.1; 5.1; 6.1; 7.1; 8.1; 9.1).

O anjo concluiu seu encorajamento a Daniel acrescentando que ele havia sido responsável por encorajar e proteger Dario, o medo, durante o início do seu reinado sobre a Babilônia, em 539 a.C. Outra interpretação, menos possível, é que o antecedente de “o” é Miguel e não Dario. Creio que essa é uma visão mais improvável do ponto de vista aparente do versículo explicado abaixo.

Conforme mencionado (veja meu comentário em 5.31), esse Dario era provavelmente outro nome para Gobrias. O primeiro ano de Dario em vista era o primeiro ano do seu reino como rei da Babilônia, ou seja, 539 a.C. O ministério desse anjo, certamente, foi efetivo e resultou na benção dos judeus. Dario havia emitido um decreto ordenando a todos em seu reino que honrassem a Yahweh (6.26-27), supondo que aquele incidente ocorreu antes dos eventos registrados nos capítulos 10-12.

Consequentemente, o ponto deste versículo é que a tranquilidade que os israelitas experimentaram agora, sob Dario, tinham sido resultado de uma batalha espiritual bem-sucedida na esfera celestial. Essa mudança para melhor, encorajaria Daniel à medida que ele considerava a revelação futura da sorte de Israel que ele estava prestes a receber. Três antagonistas de Israel buscariam implementar o plano de Satanás e seus anjos para eliminar os judeus: Hamã, Antíoco e o anticristo. Todavia, os anjos santos, embora invisíveis, resistiriam a eles eficazmente.

⁵⁸⁸ Archer, “Daniel”, pág. 127. Cf. Hb 1.14.

Eventos Datados em Daniel na Ordem Cronológica		
Evento	Data	Referência
Daniel é levado cativo à Babilônia	605 a.C.	1.1
O sonho de Nabucodonosor de uma estátua	603-602 a.C.	2.1
O sonho de Daniel dos quatro animais	553 a.C.	7.1
A visão de Daniel do carneiro e do bode	551 a.C.	8.1
O banquete de Belsazar	539 a.C.	5.30-31
A visão de Daniel das 70 semanas	539 a.C.	9.1
Um anjo ajuda Dario, o medo	539 a.C.	11.1
A visão de Daniel dos dois anticristos	536 a.C.	10.1

2. O futuro próximo 11.2-35

O anjo que interpretou, agora, explicou a tão esperada – desde 10.1 – revelação acerca do futuro que envolvia o povo de Daniel, os judeus. A primeira parte dessa revelação diz respeito aos eventos que precediam o primeiro advento do Messias (vv. 2-35), e a segunda parte diz respeito aos eventos que precediam o segundo advento do Messias (11.36-12.4).⁵⁸⁹

Quatro futuros reis persas 11.2

Essa revelação começa no mesmo lugar que a visão do carneiro e do bode no capítulo 8. Ela começa com o segundo reino da imagem de Nabucodonosor (cap. 2) e com o segundo dos quatro animais (cap. 7), ou seja, a Pérsia.

Daniel descobriu que os três reis persas adicionais surgiriam na Pérsia. Historicamente, esses foram Cambises, Esmérdis (também conhecido como Gaumata e Bardiya), e Dario I. O quarto rei persa que surgiu, de fato, se tornou mais poderoso do que seus antecessores e atacou a Grécia – tal como predito. Ele era Xerxes I (Assuero). Alguns estudiosos conservadores não contam Esmérdis, mas identificam o terceiro rei como Xerxes, e o quarto como Artaxerxes I (465-424; Ed 7.11-16).⁵⁹⁰ Entretanto, Artaxerxes não guerreou contra a Grécia como Xerxes. Xerxes atacou a Grécia em 480 a.C. com um exército

⁵⁸⁹ As fontes primárias de informação acerca dos eventos que precederam o primeiro advento do Messias (vv. 2-35), tirando o próprio Daniel, são do segundo século a.C. O historiador grego Políbio, os livros apócrifos de 1 e 2 Macabeus, o escritor do primeiro século a.C. Diodoro Sículo, o historiador romano Tito Lívio (ca. 59 a.C.-17 A.D.), Josefo, o escritor do segundo século A.D. Apião, o historiador Porfírio, a quem Jerônimo citou. Veja Goldingay, pág. 293; Baldwin, pág. 190.

⁵⁹⁰ P. ex.: Collins, pág. 377.

gigantesco, mas ele sofreu uma derrota da qual jamais se recuperou. Essa campanha provavelmente aconteceu entre os capítulos 1 e 2 de Ester.⁵⁹¹

“Depois que o seu [de Xerxes] grande exército (estimado por Heródoto em um milhão de homens [cf. Herodotus, 7.60]) conteve, virtualmente, toda a Grécia até o Istmo de Corinto e a cidade de Atenas foi reduzida a cinzas, a marinha de Xerxes foi completamente dizimada pela frota grega unida, na batalha de Salamina, em 480 a.C. Esse contratempo inesperado fez com que ele batesse em retirada para a Ásia. O exército terrestre de cem mil homens, que ele deixou sob o comando de Mardônio, foi completamente devastado no ano seguinte pelas forças aliadas dos gregos na batalha de Plateias”.⁵⁹²

A ascensão e a queda de Alexandre, o Grande 11.3-4

11.3 O poderoso rei que surgiu e fez o que quis, conforme predito aqui, provou ser Alexandre, o Grande (cf. 2.32, 39b; 7.6; 8.5-8, 21). Ele, obviamente, era grego. Sua invasão ao império persa foi, em grande medida, uma retaliação pelos ataques de Xerxes contra o seu povo. Ele atacou os persas, primeiro, no Rio Grânico, próximo a Constantinopla, em 334 a.C., e finalmente livrou o jugo persa em Gaugamela, próximo a Nínive, em 331 a.C. sua conquista do mundo antigo levou apenas cinco anos (334-330 a.C.).

11.4 Depois de conquistar a maioria do mundo antigo, mais longe a leste do que o império persa foi, Alexandre morreu prematuramente na Babilônia, sua capital imperial, em 323 a.C. Seus dois filhos, Hércules e Alexandre, foram ambos assassinados quando eram muito jovens, bem como o seu tio, Filipe III da Macedônia.

Consequentemente, o reino de Alexandre foi eventualmente dividido entre seus quatro principais generais (cf. 7.6; 8.8, 22). Cassandro governou Macedônia-Grécia, Lisímaco governou a Trácia-Ásia Menor, Seleuco ficou com o restante da Ásia, exceto a Síria inferior e a Palestina, e Ptolomeu reino sobre o Egito e a Palestina. Esse império grego, após a morte de Alexandre, nunca reteve a força que tinha sob a autoridade de Alexandre.

Os conflitos entre os Ptolomeus e os Selêucidas 11.5-20

O anjo, agora, começou a descrever as questões dos dois reinos cujos reis são chamados de “rei do Sul” e “rei do Norte”. Essas direções, norte e sul, são em relação à Palestina, à terra de Daniel e ao seu povo. A nação do Sul era o Egito (v. 8), que Ptolomeu I e seus descendentes governaram. O reino do Norte era o que mais tarde se tornou a Síria, que Seleuco I e seus herdeiros governaram. Pouco depois da divisão do reino de Alexandre em quatro partes, o reino sírio incluía muito da Ásia Menor no Oeste, e se estendeu

⁵⁹¹ Veja o gráfico dos reis persas do Período da Restauração em 5.31 acima.

⁵⁹² Archer, “Daniel”, pág. 128.

até a Índia, no Leste. A Terra Santa ficava entre esses dois grandes poderes, Egito e Síria, e ela se tornou território que cada um cobiçou e tentou possuir.

É importante reconhecer que “o rei do Sul” e o “rei do Norte” são títulos (como “Faraó”) para os governantes do Sul e do Norte. Esses títulos nem sempre se referem aos mesmos indivíduos na profecia. Houve inúmeros reis diferentes do Sul e inúmeros reis diferentes do Norte.

“Daniel não está tentando escrever a história do Egito e a história da Síria, no entanto elas nos ajudam a compreender as coisas que são relevantes no bem-estar do povo de Deus”.⁵⁹³

11.5 O rei, que é descrito neste versículo, é comprovadamente, Ptolomeu I Sóter (323-285 a.C.), um dos generais mais poderosos de Alexandre, que se proclamou rei do Egito em 304 a.C. Trata-se de um monarca ambicioso que procurou estender suas fronteiras ao norte até Chipre, Ásia Menor e Grécia. Sua dinastia governou o Egito até 30 a.C.

O “príncipe” sob o reino do Sul, que ganharia ascendência sobre o rei do Sul, era Seleuco I Nicátor (312-281 a.C.), outro dos mais proeminentes generais de Alexandre. Ele obteve autoridade para governar a Babilônia em 321 a.C. Entretanto, em 316 a.C., outro dos generais de Alexandre, Antígono, atacou a Babilônia. Seleuco buscou ajuda de Ptolomeu I, e com o patrocínio de Ptolomeu, e sua força superior, foi capaz de manter o controle da Babilônia. Nesse sentido ele era o príncipe de Ptolomeu: ele se submeteu a ele para obter seu apoio militar contra Antígono.

Seleuco I, eventualmente, governou toda a Babilônia, a Média, a Síria, um território muito maior do que o de Ptolomeu. Ele assumiu o título de “rei” em 305 a.C., e foi “o rei do Norte” mencionado nesse versículo. Sua dinastia durou até 64 a.C.

11.6 No Sul, Ptolomeu I acabou morrendo em 285 a.C., deixando seu trono para o seu filho, Ptolomeu II Filadelfo (285-246 a.C.).⁵⁹⁴ Filadelfo era simpático aos judeus e patrocinou a tradução da Septuaginta do hebraico bíblico para o grego.⁵⁹⁵

No Norte, Seleuco I foi assassinado em 281 a.C., e seu filho, Antíoco I Sóter (281-262 a.C.) começou a reinar em seu lugar. Antíoco I morreu em 262 a.C. e deixou seu filho, Antíoco II, no poder.

Ptolomeu II do Egito e Antíoco II da Síria foram contemporâneos. Eles também eram inimigos ferrenhos. Entretanto, eles finalmente acabaram fazendo uma aliança em 250 a.C., que eles selaram com o casamento da filha de Ptolomeu II, Berenice, com Antíoco II. Quando Ptolomeu II morreu, em 246 a.C., Antíoco II tomou de volta sua primeira esposa, Laódice, a quem Antíoco havia se divorciado para se casar com Berenice. Laódice é a mulher a partir de quem a cidade de Laodicéia, na Ásia Menor, recebeu o nome (Ap 3.14; et al.). De modo semelhante, as cidades de Antioquia, na Síria e na Ásia

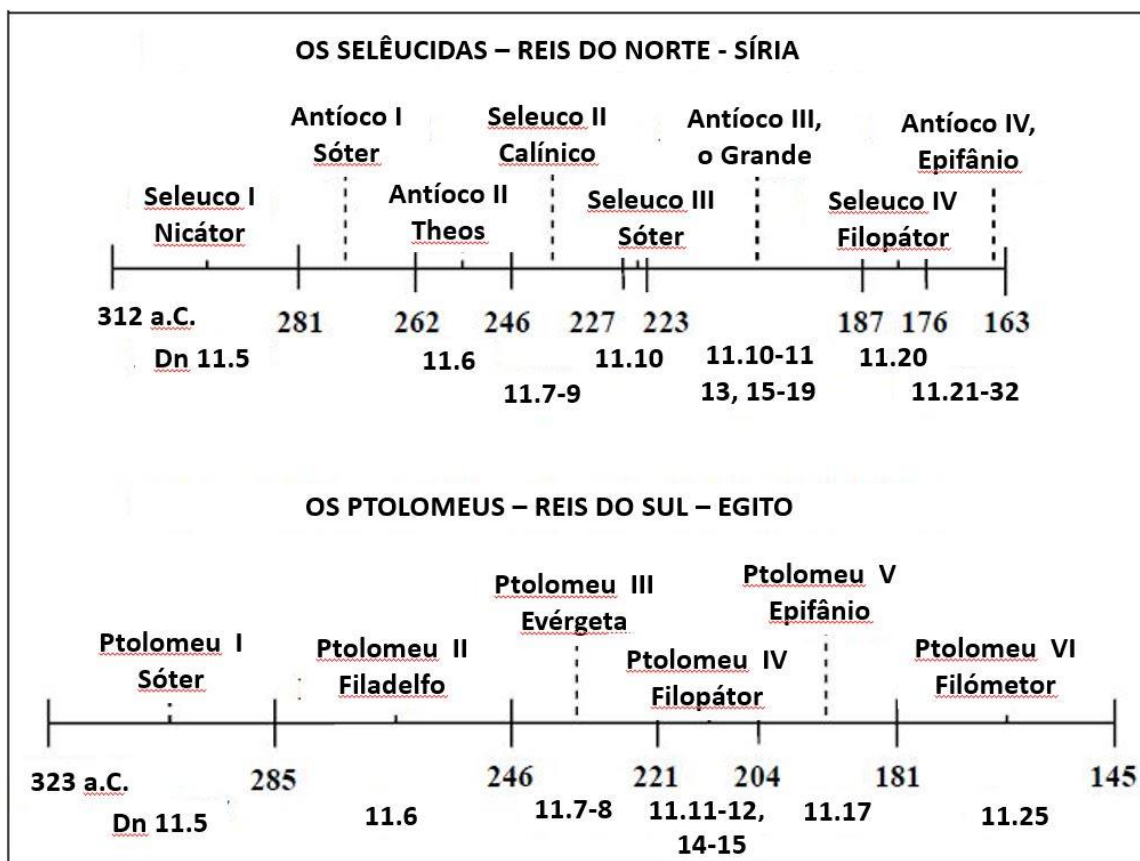
⁵⁹³ Leupold, pág. 479.

⁵⁹⁴ Josefo, *Antiquities of...*, 12:2:1.

⁵⁹⁵ Veja *ibid.*, 12:2:6, 13.

Menor, receberam seus nomes a partir desse Antíoco. A Antioquia da Síria foi a capital da Síria durante a dinastia selêucida.

Para se vingar, uma vez que Antíoco tomou de volta sua primeira esposa, a sua segunda esposa, Laódice, mandou assassinar a Berenice e ao seu filho pequeno. Laódice também envenenou Antíoco e governou em seu lugar brevemente. Seu filho, Seleuco II, então sucedeu seu pai, Antíoco II, e governou a Síria a partir de 246 a.C. Berenice é a mulher acerca de quem o anjo falou neste versículo.



A versão ARA diz: “...Ela [Berenice], porém, não conservará a força do seu braço [como rainha do Norte]... ela será entregue [por seu marido, Antíoco II], e bem assim os que a trouxeram [quem sabe os diplomatas que arranjaram seu casamento], e seu pai [Ptolomeu II], e o que a tomou por sua naqueles tempos [quem sabe seu financiador]”.

11.7 O irmão de Berenice, Ptolomeu III (264-222 a.C.), cujo outro nome, Evérgeta, significa “benfeitor”, sucedeu seu pai e determinou se vingar pela morte de Berenice. Ele atacou Seleuco II na Antioquia da Síria e matou Laódice. Ele, também, conquistou muito território adjacente e permaneceu sendo a principal força, na região, pelo restante do seu reino.

11.8 Ptolomeu III retornou ao Egito, da Antioquia, com muitos despojos, incluindo ídolos e utensílios preciosos dos templos e da casa do tesouro da Síria. Ele, também, assinou um tratado com Seleuco II, em 240 a.C., que resultou em paz entre as duas nações.

- 11.9 Seleuco II, evidentemente, invadiu sem sucesso o Egito mais tarde, embora eu desconheça qualquer registro disso na história secular.
- 11.10 O filho de Seleuco II, Seleuco III Cerauno (por vezes chamado de Sóter, 226-223 a.C.), sucedeu seu pai no trono depois de sua morte em 227 a.C. Entretanto, o próprio Seleuco III morreu não muito tempo depois, em 223 a.C., e seu irmão, Antíoco III, “o Grande”, (223-187 a.C.), tornou-se rei do Norte. Ambos os filhos de Seleuco II, procuraram restaurar a glória da Síria. Seleuco III invadiu a Ásia Menor e mais tarde Antíoco III atacou o Egito.
- Embora Antíoco III não tenha derrotado o Egito, ele foi bem-sucedido em obter controle de Israel durante a sua campanha de 219-217 a.C. A fronteira norte do Egito tinha, até então, sido a Síria, mas Antíoco III conduziu os egípcios, então liderados por Ptolomeu IV, de volta para as fronteiras do sul de Israel. Ele recebeu o epíteto “o Grande” por causa de seus sucessos militares.
- Toda essa predição não prova apenas que Deus é capaz de antecipar a história com antecedência de centenas de anos, um fato surpreendente por si só. Ela, também, prepara o cenário para os eventos na Terra Santa, que foi a preocupação maior dessa revelação a Daniel.
- 11.11 Numa tentativa de recapturar seu território perdido para o norte, Ptolomeu IV Filopátor (222-203 a.C.) atacou Antíoco III nas fronteiras do sul de Israel, especificamente em Ráfia, em 217 a.C.. Inicialmente ele teve êxito.
- “Antíoco perdeu todo o seu exército e quase foi capturado à medida que fugia para o deserto”.⁵⁹⁶
- 11.12 Ptolomeu IV estava orgulhoso, mas não se aproveitou da sua vantagem, muito embora ele tenha matado vários sírios. Entretanto, ele conquistou toda a Palestina.
- 11.13 Antíoco III, em seguida, seguiu para outras direções de conquista, especificamente para o seu leste e norte. Ao redor de 203 a.C., Antíoco III retornou com um exército muito maior e expulsou os egípcios, que ali estavam sob o governo de um rei criança, Ptolomeu V Epifânio (203-181 a.C.). Antíoco foi capaz de retomar a Palestina até o sul de Gaza.
- 11.14 Os macedônios, sob Filipe V da Macedônia, e os judeus vivendo em Israel, se juntaram a Antíoco III em oposição aos egípcios. Evidentemente alguns dos judeus politicamente zelosos creram que poderiam obter mais liberdade se Antíoco III tivesse êxito, mas isso não aconteceu.
- 11.15 A cidade fortificada que Antíoco III sitiou e conquistou foi Sidom, que ele derrotou ao redor de 200 a.C. Ali, ele foçou o general egípcio Escopas, a quem ele havia acabado de derrotar em Baniás (a Dã bíblica), próxima à nascente do Rio Jordão, a se render. Três outros comandantes egípcios tentaram libertar Escopas de Sidom, mas todos fracassaram. O rei do Norte nessa situação era Seleuco IV Filopátor (187-175 a.C.).

⁵⁹⁶ Jerome, pág.124.

- 11.16 Antíoco III continuou a solidificar o controle sírio sobre a Palestina, sem uma oposição bem-sucedida dos egípcios.

“Quando Escopas finalmente se rendeu a Antíoco III em Sidom, a Terra Santa foi permanentemente adquirida pelo governo sírio da Antioquia, pela exclusão o Egito”.⁵⁹⁷

Quando Antíoco III entrou em Jerusalém, a população o recebeu como um libertador e como um benfeitor.

- 11.17 Antíoco III, sob ameaça de Roma, então buscou paz com o Egito e ofereceu sua filha Cleópatra a Ptolomeu V, em casamento, para solidificar sua aliança.⁵⁹⁸ Ele esperava que Cleópatra continuasse pró Síria e que a lealdade dela a ele lhe desse o controle do Egito. Entretanto, essa tentativa falhou. Cleópatra, consistentemente, se posicionou ao lado de seu marido contra o seu pai, muito embora Ptolomeu V fosse apenas um menino.

- 11.18 Antíoco III, então, voltou sua atenção para a costa egeia e procurou conquistar a Ásia Menor e a Grécia. Ele havia desdenhado a autoridade romana na Grécia e havia dito que os romanos não tinham qualquer autoridade ali. Antíoco não teve sucesso completo por causa de um comandante romano, Cláudio Cipião, que lhe resistiu com êxito. Ele é o comandante que cumpriu a profecia nesse versículo.

- 11.19 Antíoco III retornou para a Antioquia onde morreu um ano mais tarde, em 187 a.C. Ele havia tentado reunir o império de Alexandre, o Grande, sob sua própria autoridade, mas fracassou, em grande parte por subestimar o poder do império romano que surgia. Todavia, Antíoco III, “o Grande”, foi um líder militar brilhante e bem-sucedido.

- 11.20 O filho mais velho de Antíoco, Seleuco IV, sucedeu seu pai. Ele cobrou impostos do seu povo, incluindo os judeus, de maneira tão pesada, para que pudesse pagar Roma, que seu coletor de impostos, Heliodoro (2 Macabeus 3.7), o envenenou. Ele foi, evidentemente, o opressor que Seleuco enviou através da “Jóia (ou esplendor) do seu reino” – provavelmente Israel, especialmente Jerusalém e seu templo – coletando impostos. Esse assassinato preparou o cenário para perseguições posteriores terríveis aos judeus. Consequentemente, Seleuco IV não morreu por causa de violência organizada contra ele, como seu pai morreu, ou numa batalha, mas por envenenamento, conforme este versículo predisse.

A grande perseguição sob Antíoco Epifânio 11.21-35

Deus forneceu mais informação a respeito desse indivíduo, do que acerca de todos os outros que lhe precederam, nessa profecia, juntos. O motivo é sua influência devastadora nos judeus. Durante seu mandato como rei, a Síria estava em decadência e Roma ganhou poder. Antíoco IV corresponde ao

⁵⁹⁷ Archer, “Daniel”, pág. 132.

⁵⁹⁸ Cf. Josefo, *Antiquities of...*, 12:4:1.

pequeno chifre do capítulo 8 (8.9-12, 23-25), e ele prenuncia o pequeno chifre do capítulo 7 (7.8), o anticristo.

“Os reis anteriores são descritos para fornecer um contexto para Antíoco Epifânio (175-164 a.C.), e ele recebe ampla atenção, pois ele prenuncia o anticristo do fim dos tempos. O movimento desse capítulo vai na direção desses dois personagens importantes que afetam de maneira dramática o destino dos judeus”.⁵⁹⁹

11.21 O rei selêucida que sucedeu Seleuco IV, foi o filho mais jovem de Antíoco III, Antíoco IV Epifânio (175-164 a.C.).⁶⁰⁰ Antíoco IV honrou a si mesmo assumindo o nome de Epifânio. Ele ligou “Epifânio” com “Theos” nas moedas que ele cunhou e se chamou de “Deus Manifesto”. Entretanto, ele se provou tão não confiável que muitas pessoas fizeram uma brincadeira com o seu nome e o chamaram de Epimanes (“O louco”).

O trono do reino selêucida era por direito de um dos filhos de Seleuco IV, o rei anterior e irmão de Antíoco IV. Mas Antíoco IV tomou-o para si e se proclamou rei. Ele persuadiu os líderes da Síria a lhe permitirem reinar, uma vez que Demétrio, o filho mais velho de Seleuco IV, era mantido cativo em Roma. Dessa maneira, através de maquinacões para obter poder, ele garantiu o trono para si mesmo. Ele era “desprezível” no sentido que o seu contexto não lhe qualificava completamente para o reinado.⁶⁰¹

11.22 Antíoco IV foi, inicialmente, bem-sucedido na batalha contra os egípcios, o que esse versículo descreve como inundando as forças que se lhe opuseram. O rei egípcio agora era Ptolomeu VI, a quem Antíoco enganou e depois derrotou.

“A política de Epifânio era pegar suas vítimas de guarda baixa oferecendo amizade e aliança. Então, ele se movia para uma posição vantajosa até que pudesse pegá-las de surpresa”.⁶⁰²

Observe a estratégia semelhante do anticristo (9.27). Antíoco, também, eliminou o sumo sacerdote judeu, Onias III, chamado aqui de “o príncipe da aliança”, por volta de 172 a.C.. Outra visão é de que Ptolomeu VI era “o príncipe da aliança”, uma vez que Antíoco fez um tratado com ele posteriormente. Entretanto, o termo “aliança” neste capítulo parece ser uma menção ao estado judaico (cf. vv. 28, 30, 32).

11.23 Este versículo provavelmente se refere à aliança que Antíoco fez com Ptolomeu VI em 170 a.C. Esse tratado era parte de um complô para avançar seu próprio poder no Egito, aliando-se com Ptolomeu VI, contra o seu rival em busca do trono egípcio. Compare o anticristo permitindo que os judeus retornem para a Palestina (9.27).

11.24 Antíoco saqueou habilidosamente os tesouros de suas províncias, mas não para enriquecer, como aqueles que vieram antes fizeram. Ele usou essa riqueza para

⁵⁹⁹ Campbell, pág. 127.

⁶⁰⁰ Cf. Josefo, *Antiquities of...*, 12:4:11.

⁶⁰¹ Leupold, pág. 494.

⁶⁰² Archer, “Daniel”, pág. 136.

subornar e manipular outros líderes, de forma que eles cooperassem com ele. Dessa maneira, ele aumentou sua base de apoio (cf. 1 Macabeus 3.30).

11.25 Depois que Antíoco ficou poderoso o suficiente, ele marchou seu exército contra Ptolomeu VI, em 170 a.C.⁶⁰³ Essa foi a sua primeira campanha contra o Egito. Ele conseguiu chegar até o Delta do Nilo antes que os egípcios descobrissem que ele estava se aproximando. Ele exerceu muita influência no Egito, normalmente fingindo ser um aliado, e então utilizando esse inimigo para a sua própria vantagem. Observe como o texto enfatiza a desonestidade de Antíoco. É possível vermos, novamente, como ele era um precursor do futuro anticristo.

11.26 Aqueles que comeram a comida da mesa de Ptolomeu, seus apoiadores, que deveriam ter lhe ajudado, conspiraram para destruí-lo. Eventualmente, seu exército sofreu uma derrota e muitos dos seus soldados morreram (cf. 1 Macabeus 1.16-19).

11.27 Essa batalha foi bem-sucedida, em parte, porque Antíoco afirmou estar lutando em favor de Ptolomeu contra um usurpador dentro do Egito. Quando a batalha terminou, Antíoco e Ptolomeu sentaram-se juntos num banquete, fingindo querer paz. Na realidade, cada um dos governantes estava tentando se aproveitar ao máximo da situação para benefício próprio.

11.28 Como resultado dessa “conferência de paz”, Antíoco retornou para casa com muitos espólios. Então, seu interesse mudou do Egito para Israel.

Um judeu chamado Jason quis se tornar sumo sacerdote. Sabedor da reputação de Antíoco, Jason ofereceu ao rei um suborno para que esse depusesse o atual sumo sacerdote à época, Onias III. Antíoco cooperou. Essa situação encorajou outro pretendente ao cargo de sumo sacerdote, Menelau, a tentar usar da mesma tática contra Jason. Antíoco cooperou novamente. Onias, a quem os judeus respeitavam, se opôs e perdeu sua vida por causa disso.

Antíoco executou algumas pessoas por seus supostos papéis nessas manobras. Entretanto, ele não puniu a Jason ou Menelau, mas usou como bode expiatório o povo de Jerusalém – novamente em resposta aos subornos. Depois que Jason tentou uma revolta, achando que Antíoco estava morto, Antíoco entrou em Jerusalém, matou 80.000 homens, e, acompanhado de Menelau, profanou o templo. Isso aconteceu em 168 a.C.⁶⁰⁴

11.29 No mesmo ano, Antíoco decidiu atacar novamente o Egito. Quando ele chegou com o seu exército, o cônsul romano, Popílio Lenas, lhe encontrou em Alexandria e lhe impediu de invadir o Egito. Consequentemente, ele não foi capaz de fazer aquilo que quis com o Egito como tinha feito anteriormente. O “tempo determinado” neste versículo, refere-se ao tempo pré-ordenado de Deus.

⁶⁰³ Cf. Josefo, *Antiquities of...*, 12:5:2.

⁶⁰⁴ *Ibid.*, 12:5:3.

11.30 Os navios de Quitim (Chipre) que vieram contra Antíoco pertenciam a Popílio Lenas e a Roma. Antíoco teve que voltar para casa, uma vez que fazer o contrário, significaria uma declaração de guerra a Roma, um inimigo que ele era incapaz de derrotar. Ele voltou para a Síria desapontado.

Novamente, ele descontou sua frustração nos judeus em Jerusalém que observavam a “santa aliança” (i.e., a Lei Mosaica; cf. v. 28). Ele favoreceu os judeus renegados que tinham abandonado a Lei Mosaica (cf. 1 Macabeus 2.18; 2 Macabeus 6.1). Por exemplo: Menelau e seus capangas abandonaram deliberadamente seus escrúpulos religiosos, ao invés de se opor a Antíoco, que havia os colocado no poder.

11.31 Antíoco ordenou que seu general, Apolônio, e um contingente de 22.000 soldados, fossem para Jerusalém, no que ele alegou ser uma missão pacífica. Entretanto, quando eles estavam dentro da cidade, eles atacaram os judeus no Sábado, quando os judeus relutavam em se defender. Apolônio matou muitos judeus, levou muitas mulheres e crianças judias cativas como escravos, saqueou o templo e queimou a cidade. O objetivo de Antíoco era exterminar o judaísmo e helenizar a Palestina. Consequentemente, ele proibiu os judeus de seguirem a Lei Mosaica, e eliminou os sacrifícios, festivais e circuncisão judaicos (1 Macabeus 1.44-54).⁶⁰⁵ Ele, até mesmo, queimou cópias da Lei deles. Como um insulto máximo, ele colocou a imagem de Zeus, um deus grego, no templo e erigiu um altar a Zeus no altar de sacrifícios queimados (cf. 2 Macabeus 6.2).

Essa não foi a primeira vez que tal sacrilégio foi cometido. O rei Acáz edificou um altar idólatra (2 Rs 16.10-16), e o rei Manassés colocou imagens de deuses pagãos (2 Rs 21.3-5) no templo de Salomão.

Então, Antíoco Epifânio sacrificou uma porca, um animal impuro para os judeus, no altar e ordenou que judeus sacrificassem carne de porco no altar.⁶⁰⁶ Isso aconteceu em 16 de dezembro de 168 a.C. Os judeus chamavam esse ato de “a abominação desoladora” (cf. 12.11), uma vez que ele poluiu o seu altar e, consequentemente, tornou impossíveis os sacrifícios a Yahweh (cf. 8.23-25). Antíoco depois ordenou que seus súditos judeus celebrassem seus aniversários seguintes oferecendo um porco a Zeus no altar deles.

Jesus Cristo indicou que outra atrocidade similar cairia sobre os judeus no futuro (Mt 24.15; Mc 13.14). Aliás, a referência explícita de Jesus Cristo ao “profeta Daniel” como sendo o escritor da profecia nesses versículos, deveria ser prova suficiente que Daniel, ao invés de um escritor do século dois a.C., escreveu o livro. Jesus mencionou a atrocidade vindoura literalmente como “o abominável da desolação”, as palavras exatas usadas na versão da Septuaginta do versículo de Daniel.

Consequentemente, as ações de Antíoco eram uma prévia de atrocidades similares que ainda estão por cair sobre os judeus. A destruição de Jerusalém em 70 A.D. pelo general romano Tito parecia, para alguns intérpretes, o cumprimento da predição de Jesus. Entretanto, Tito não ameaçou os judeus como Antíoco fez. Além disso, no livro de

⁶⁰⁵ Cf. idem, *The Wars...*, 1:1:1.

⁶⁰⁶ Cf. idem, *Antiquities of...*, 12:5:4; 12:7:6; idem, *The Wars...*, 1:1:2.

Apocalipse, que data depois da destruição de Jerusalém, prediz a vinda de uma “besta” que agirá como Antíoco agiu, só que em escala muito maior (Ap 13).⁶⁰⁷

“Assim sendo, Antíoco torna-se um tipo de um futuro homem de pecado e suas atividades prenunciam a blasfema perseguição final de Israel e a profanação do seu templo”.⁶⁰⁸

“Assim como o Salvador tinha Salomão e outros santos como tipos do Seu advento, assim também devemos acreditar que o anticristo, de maneira muito apropriada, tinha um tipo de si, o rei completamente perverso, Antíoco, que perseguiu os santos e profanou o Templo”.⁶⁰⁹

11.32 Antíoco enganou muitos judeus com suas lisonjas e promessas (cf. 1 Macabeus 1.11-15). Eles participaram na adoração a Zeus.

“Esse tirano era mestre em manipular os líderes judeus que estavam divididos em sua lealdade, ganhando-os para a sua causa por meio de promessas reluzentes de promoção e recompensa. A propósito, Antíoco já tinha como parceiros de causa, um número considerável de líderes influentes na sociedade de Jerusalém e políticos que foram convencidos da conveniência de uma política pró helenização...

“Em certa medida, essa deserção dos ‘progressistas’ entre os próprios judeus era uma ameaça ainda mais séria para a sobrevivência de Israel como nação, do que as medidas tiranas de Antíoco. Pois ela era o mesmo tipo de traição imensa das suas obrigações da aliança para com o Senhor, que tornaram inevitáveis a primeira destruição de Jerusalém e o cativeiro babilônico nos dias de Jeremias”.⁶¹⁰

Esse mais repulsivo dos insultos aos judeus provocou a revolta dos Macabeus, na qual milhares de judeus se rebelaram contra Antíoco. Iniciada por um sacerdote chamado Matatias, da cidade de Modein (Moden), em Efraim, e liderada por seus três filhos, Judas, Jônatas e Simão (cf. 1 Macabeus 2.23-28), esse movimento nacionalista eventualmente derrotou os selêucidas na Palestina.⁶¹¹

A palavra “Macabeu” é a forma grega do sobrenome de Judas, o filho de Matatias (1 Macabeus 2.4). Os judeus aplicaram esse nome a toda a família de Matatias e ao partido dentro de Israel que seus filhos lideraram. A palavra em si, também significa “Martelo” ou “Erradicador”, como em “o Exterminador”. Judas Macabeus assassinou o general de

⁶⁰⁷ Veja Mark L. Hitchcock, “A Defense of the Domitianic Date of the Book of Revelations” (dissertação de Ph. D., Dallas Theological Seminary), 2005.

⁶⁰⁸ Walvoord, *Daniel...*, pág. 268.

⁶⁰⁹ Jerome, pág. 130.

⁶¹⁰ Archer, “Daniel”, pág. 140.

⁶¹¹ Cf. Josefo, *Antiquities of...*, 12:6:1; 13.1-2, 4-7.

Antíoco, Apolônio, em batalha.⁶¹² Depois disso, ele e seus irmãos alcançaram vitórias importantes que libertaram os judeus do domínio sírio.⁶¹³

11.33 As perseguições de Antíoco deram ímpeto ao movimento do chassidismo (“Os Piedosos, os Leais”) que já estava em funcionamento em Israel. Esse movimento advogava uma aderência estrita à Lei Mosaica e às tradições do judaísmo. Até hoje, os judeus ortodoxos mais estritos referem-se a si mesmos como os Hasidim. Semelhantemente, a revolta dos Macabeus alimentou esse movimento, uma vez que ele foi uma manifestação política e militar da filosofia conversadora do Chassidim. O movimento Chassidim, de fato, resultou na sobrevivência espiritual de Israel até os dias de Jesus.

Alguns dos chassidim tornaram-se a seita dos fariseus (“os Separados”), que apareceram nos evangelhos. Mais tarde, um grupo menor dos chassidim tornou-se a comunidade isolada dos essênios que viveram em Qumran perto do Mar Morto. Os essênios repudiaram o nacionalismo dos saduceus e o materialismo dos fariseus. Todos esses grupos tinham suas raízes naqueles que “conhece[m] ao seu Deus” (v. 32).

Antíoco retaliou com força brutal e matou dezenas de milhares dos israelitas durante os poucos anos que seguiram sua profanação do templo. Ele morreu insano, na Pérsia, em 163 a.C.

11.34 Inicialmente, os piedosos em Israel receberam pouco encorajamento de seus irmãos apóstatas helenistas. Até mesmo a revolta dos Macabeus começou bem pequena. À medida que o tempo passava e a efetividade dos Macabeus tornava-se aparente, mais judeus se juntaram a eles, mas muitos deles o fizeram sem abandonar suas convicções helenistas. Eles se juntaram, hipocritamente, aos nacionalistas. Eventualmente, os Macabeus tiveram de expurgar seus próprios membros. Eles executaram muitos dos seus colegas judeus.

11.35 Muito embora vários judeus piedosos tenham morrido, a luta contra a Síria (os gregos) purificou os judeus. João Hircano, o filho de Simão Macabeus, acabou fundando um forte reino judaico. Seu filho, Alexandre Janeu, expandiu esse reino à máxima extensão na última parte do primeiro século a.C.⁶¹⁴

Daniel recebeu a garantia de que a perseguição predita iria até o final. A purificação do seu povo aconteceu eventualmente, embora não completamente, através das dificuldades descritas. Haveria um final no futuro.

A menção de “ao tempo do fim” (v. 35) prepara para a revelação que viria, que diz respeito aos eventos ainda não cumpridos na história. O “tempo determinado” (vv. 27, 29, 35; 12.7) relembra o leitor que todos esses eventos preditos seriam o desenrolar do controle e do propósito divinos, muito embora eles envolvessem sofrimento para os israelitas.

⁶¹² Cf. *ibid.*, 12:7:1; *idem*, *The Wars...*, 1:1:3.

⁶¹³ Cf. *idem*, *Antiquities of...*, 12:7-11; *idem*, *The Wars...*, 1:1:4; 1:2:2.

⁶¹⁴ Para maiores detalhes acerca do Período do Segundo templo (da reconstrução do templo liderada por Esdras até a sua destruição pelos romanos em 70 A.D.), veja Anthony J. Tomasino, *Judaism Before Jesus*.

“As profecias surpreendentemente detalhadas dos primeiros trinta e cinco versículos deste capítulo, contendo aproximadamente cento e trinta e cinco afirmações proféticas, todas já cumpridas, constituem uma introdução impressionante aos eventos ainda futuros, começando no versículo 36... O fato é que não existe qualquer evidência apoiada capaz de contradizer qualquer afirmação feita nesses trinta e cinco versículos... do ponto de vista divino, a precisão dessa palavra profética consiste em evidência apoiada de que a profecia ainda não cumprida, terá exatamente o mesmo cumprimento preciso no futuro”.⁶¹⁵

É possível compreender porque os críticos que negam a possibilidade da profecia preditiva acreditem que esses versículos têm de ter sido escritos após sua ocorrência. O cumprimento deles é inquestionável.

3. O futuro distante 11.36-12.4

Na revelação dada a Daniel a respeito dos 70 setes (9.24-27), observamos que aquilo que Gabriel disse ao profeta, nos versículos 24-26, já aconteceu. Aqueles versículos descreveram o que aconteceria nos primeiros 69 setes. O versículo 27 prediz coisas que ainda não aconteceram. Ele revela o que acontecerá no septuagésimo sete. Há um intervalo similar entre os versículos 35 e 36 do capítulo 11. Aquilo predito nos versículos 2-35 já aconteceu. O que vem a seguir ainda não aconteceu.⁶¹⁶

Muitos estudiosos amilenistas conservadores, também, acreditam que os versículos anteriores descrevem Antíoco Epifânio, mas que no versículo 36, o anticristo se torna o sujeito.⁶¹⁷ Até mesmo alguns estudiosos liberais, que acreditam que um escritor do século dois a.C. escreveu o livro como história em vez de uma profecia, admitem que tudo o que vem a seguir ainda não foi, literalmente, cumprido no passado.⁶¹⁸ Alguns poucos estudiosos, liberais e conservadores, acreditam que Antíoco Epifânio cumpriu uma parte das predições a seguir, especialmente aquelas nos versículos 36-39.⁶¹⁹ John Collins acredita que o restante do capítulo descreve Antíoco Epifânio.⁶²⁰ Entretanto, não estou ciente de qualquer um que acredite que ele cumpriu todas essas predições literalmente, tal como ele cumpriu profecias anteriores.

“Nenhum comentarista reivindica encontrar um cumprimento preciso no restante desse capítulo”.⁶²¹

Considerando a última revelação, no Discurso no Monte das Oliveiras e o livro de Apocalipse particularmente, o que o anjo disse a Daniel nesses versículos deve ser uma referência à última das setenta semanas de Daniel. Trata-se do último período de sete anos antes que Jesus Cristo retorne para estabelecer Seu reino terreno. Jesus chamou esse final de “grande tribulação” (Mt 24.21), e o anjo de

⁶¹⁵ Walvoord, *Daniel...*, págs. 269-270. Para uma história política do judaísmo palestino de 332 a.C. a 73 A.D., veja Pfeiffer, págs. 5-45.

⁶¹⁶ Veja Andrew E. Steinmann, “Is the Antichrist in Daniel 11?” *Bibliotheca Sacra* 162:646 (Abril-Junho 2005): 195-209.

⁶¹⁷ P. ex.: Keil, págs. 461, 469; Young, págs. 246-249; Leupold, págs. 473, 510-511.

⁶¹⁸ P. ex.: Montgomery, pág. 465.

⁶¹⁹ P. ex.: *ibid.*, pág. 461; Henry, pág. 1102; Jamieson, et al., págs. 762-763; Goldingay, pág. 304; Baldwin, pág. 197; Chisholm, pág. 326.

⁶²⁰ Collins, págs. 386-390.

⁶²¹ Walvoord, *Daniel...*, pág. 270.

Daniel o chamou de o pior período de tribulação que os judeus veriam (12.1; cf. Jr 30.7). Portanto, parece razoável concluir que o que vem a seguir ocorrerá nesse período de sete anos: a Tribulação.⁶²²

O governante futuro 11.36-39

11.36 “Até que” abre a porta para um salto de tempo para o futuro distante, e o contexto fornece apoio para isso.

O rei, predito neste versículo, terá o poder para fazer o que ele quiser. Aparentemente, ele não estará sujeito a nenhuma autoridade humana (cf. 7.23; Ap 13.1-10; 17.12). Ele se exaltará acima de qualquer outro deus, o que significa que ele exigirá adoração (cf. 2 Ts 2.4; Ap 13.11-18; 17.12-13). Ele também repudiará o Deus verdadeiro (cf. 7.25; Ap 17.14). Ele será bem-sucedido por um tempo, até que a indignação de Deus contra o Seu povo, os judeus, tiver terminado (cf. 8.19; Is 10.25; 26.20; Ap 17.15-17). Entretanto, tudo isso acontecerá debaixo da permissão soberana de Deus.

11.37 Este versículo fornece mais informação a respeito das convicções religiosas do governante. A frase “deuses de seus pais” é semelhante à que ocorre em outros lugares das Escrituras descrevendo o Deus dos judeus (cf. 2.23; Ex 3.15-16; 4.5; et al.). Isso levou alguns intérpretes a concluir que esse rei será judeu.⁶²³ Entretanto, a frase não requer essa interpretação. O nome “Deus” é Elohim, a palavra geral para Deus, em lugar do nome Yahweh, que Deus normalmente usa quando enfatiza Seu relacionamento com o Seu povo escolhido.

Essa palavra Elohim pode ter uma tradução plural (deuses) ou uma interpretação singular (Deus). Além disso, à luz de outra revelação acerca desse homem, ele parece ser um romano (i.e., alguém do Ocidente; 7.8, 24; Ap 13.1-10). Obviamente, ele poderia ser um judeu romano, mas a descrição dele nesse versículo não o identifica claramente como um judeu. O anjo, provavelmente, quis dizer que esse rei abandonará a religião do seu passado (ou dos seus ancestrais), qualquer religião que fosse. Ele fará isso pois ele se colocará como o objeto da adoração no lugar de todos os outros.

A identidade de “ao desejo de mulheres” também é algo problemático. Ela pode ser uma referência ao Messias.⁶²⁴ Supostamente falando, o desejo supremo de toda mulher judia piedosa nos dias de Daniel era ser a mãe do Messias. Outra visão é que essa é uma referência ao Tammuz (gr. Adonis), que era um deus pagão nos dias de Daniel que as mulheres achavam muito atraente.⁶²⁵ Outros acreditam que o significado é que esse rei não terá desejo por mulher. Alguns ainda especulam que ele será abusivo para com as

⁶²² Culver, “Daniel”, pág. 797, deu sete razões para acreditar que a profecia muda o foco de Antíoco para o anticristo no versículo 36.

⁶²³ P. ex.: Darby, *Studies in...*, págs. 107-114; Gaebelin, *The Prophet...*, págs. 180-195; Young, pág. 249; Ironside, pág. 218; Culver, “Daniel”, pág. 797.

⁶²⁴ Pentecost, “Daniel”, pág. 1371; Gaebelin, *The Prophet...*, pág. 188; McGee, 3:600-601; Walvoord, *Daniel...*, pág. 274; Feinberg, pág. 175; Ironside, pág. 221; Wiersbe, pág. 304.

⁶²⁵ Montgomery, págs. 461-462; A. A. Bevan, *A Short Commentary on the Book of Daniel*, págs. 196-197.

mulheres. Em outras palavras, ele será desprovido de afeição natural.⁶²⁶ Minha tendência é favorecer essa última visão.

11.38 Esse rei irá realmente confiar num “deus” que ele acredita que lhe dará sucesso militar. Evidentemente, esse não é um deus no sentido religioso. Ele provavelmente será um ídola do poder. Seus antepassados tipicamente reconheceram algum ser supremo ou algum ou alguns deus(es) pagão(s). Ele honrará o seu “deus” gastando dinheiro para o seu arsenal militar. Em outras palavras, ele será um materialista.

McGee acreditava que esse deus será Satanás, que controla os reinos do mundo.⁶²⁷ Feinberg e Ironside acreditavam que o deus em vista aqui é o animal de Roma (o líder político), que eles distinguem do anticristo.⁶²⁸ Eles identificaram o anticristo com o líder religioso em Jerusalém. Esta é uma visão minoritária entre os pré-milenistas.

11.39 O deus estrangeiro mencionado neste versículo pode ser o deus do poder militar mencionado no versículo 38. De forma alternativa, poder ser algum outro deus estrangeiro que ele usa para os seus fins, ou até ele mesmo. Como Antíoco, esse governante recompensará aqueles que forem leais a ele, e fornecerá apoio a eles, concedendo honras e posições de autoridade a eles. É possível que ele também aceite suborno, como Antíoco fez, e dará terras para aqueles que o subornarem. Outra possibilidade é que ele recompensará, com terras, aqueles que forem fiéis a ele.

O ataque contra o governante 11.40-45

11.40 Finalmente, a última etapa da septuagésima semana chegará (cf. vv. 27, 35; 12.4, 9). Então, esse rei dirigirá seu ataque ao rei do Sul (cf. vv. 42-43), um poder do sul da Palestina, e o rei do Norte, uma força ao seu Norte. Evidentemente, esses dois governantes lhe atacarão simultaneamente.

Aparentemente, esse outro rei (anticristo) não é nem o rei do Sul, nem o rei do Norte.⁶²⁹ Considerando 9.26, ele provavelmente será um governante ocidental: o pequeno chifre surgindo do império romano (7.8, 24).⁶³⁰ Outros intérpretes acreditam que o rei do Norte é o anticristo.⁶³¹ Outros ainda defendem que esse rei não era o anticristo, mas um governador menor.⁶³² McGee acreditava que ele será um governante russo.⁶³³

O conflito será grande, mas ele, aparentemente o governante descrito nos versículos 36-39 (i.e., anticristo), invadirá inúmeros países, os derrotará, e continuará

⁶²⁶ Keil, págs. 464-465; Young, pág. 249; Archer, “Daniel”, pág. 144; Whitcomb, pág. 155. Cf. Leupold, pág. 515.

⁶²⁷ McGee, 3:601.

⁶²⁸ Feinberg, págs. 175-176; Ironside, págs. 221-222.

⁶²⁹ Para uma discussão acerca da identidade do rei do Norte, veja Tanner, págs. 711-714.

⁶³⁰ Walvoord, *Daniel...*, pág. 279; Pentecost, “Daniel”, pág. 1372; Leupold, pág. 521.

⁶³¹ Archer, “Daniel”, pág. 148; Young, pág. 251.

⁶³² P. ex.: Ironside, págs. 222-223.

⁶³³ McGee, 3:602.

conquistando mais. Os nazistas foram capazes de fazer isso na Segunda Guerra Mundial, assim como Alexandre, o Grande, fez mais cedo.

“Aparentemente, o conflito será executado por veículos armados e mísseis, tais como os utilizados nas guerras modernas – embora para se comunicar com a geração de Daniel, equivalentes antigos dos mesmos, são utilizados aqui. Semelhantemente, os nomes antigos dos países ou estados ocupando a região onde o conflito final será realizado são utilizados na predição, embora a maioria das unidades políticas não terá mais esses nomes nos últimos dias”.⁶³⁴

Ezequiel descreveu uma grande força militar descendo a Israel, do extremo norte no futuro (Ez 38-39; 38.15). Ezequiel não mencionou um poder do Sul. Parte do cumprimento da profecia de Ezequiel é, provavelmente, a mesma invasão que Daniel registrou aqui. Eu creio que parte daquilo que Ezequiel profetizou que aconteceria, em sua descrição da batalha de Gogue e Magogue, terá seu cumprimento no fim da Tribulação, e parte disso ao final do Milênio. O aspecto do cumprimento descrito no versículo presente, provavelmente, ocorrerá na segunda metade da Tribulação, quando Israel estiver sofrendo intensa perseguição.

Certo escritor defendeu que esse rei do Norte será um governante da área que a Assíria ocupou, e não alguém do extremo norte na área da Rússia. Creio que “Gogue” é um codinome (significando “Trevas”) descrevendo dois invasores similares que descerão a Israel em dois momentos diferentes: ao final da Tribulação e ao final do Milênio. O primeiro desses invasores é chamado de Rei do Norte aqui.⁶³⁵

11.41 O anticristo também entrará na Palestina (cf. 8.9) e muitos ali cairão diante de suas forças. E ele também derrotará outros países, além de Israel. Ele, provavelmente, entrará na Palestina depois de romper sua aliança com Israel (cf. 9.27), o que confirmaria que esses eventos acontecerão na última metade da Tribulação.

Entretanto, o anticristo não dominará algumas áreas, especificamente os antigos territórios de Edom, Moabe e Amom. Essas nações ficavam a leste e ao sul de Israel. Hoje, a Jordânia ocupa esse território. As “primícias” dos filhos de Amom provavelmente referem-se à melhor parte deles.⁶³⁶ Young acreditava que os nomes dessas nações são simbólicos, mas ele confessou ignorância em relação ao significado desses símbolos.⁶³⁷ Leupold acreditava que a “terra gloriosa” diz respeito à “igreja de Deus”.⁶³⁸

11.42-43 Esse governante, então, intensificará seu ataque e invadirá outros países, particularmente o Egito, que ficará sob o controle dele. Ele saqueará os tesouros do

⁶³⁴ Archer, “Daniel”, pág. 147.

⁶³⁵ Carl Armerding, “Russia and the King of the North”, *Bibliotheca Sacra* 120:477 (Janeiro-Março 1963): 50-55.

⁶³⁶ Baldwin, pág. 203.

⁶³⁷ Young, pág. 253.

⁶³⁸ Leupold, pág. 521.

Egito e colocará aqueles que vivem nos antigos territórios da Líbia e da Etiópia sob o seu controle. Líbia fica a oeste do Egito e a Etiópia fica ao sul.

11.44-45 Rumores de exércitos inimigos do Oriente (cf. Ap 9.13-21; 16.12) e do Norte (cf. v. 40) irritarão esse governante, resultando, nele matando a “muitos” (cf. Zc 13.8). Compare a sequência de invasão com Senaqueribe (Is 37.7-8). Ele, também, retornará para a Palestina. O seu quartel general, evidentemente, ficará em Jerusalém. Esta cidade fica entre o Mar Mediterrâneo e o Mar Morto.

A tradução “no belo monte santo” (NVI) confirma essa localização, uma vez que Jerusalém fica num monte. Evidentemente é ali que o anticristo encontrará seu inimigo e sofrerá sua derrota. Revelações posteriores dizem que Jesus Cristo retornará ao Monte das Oliveiras dos céus e o destruirá (At 1; Ap 19.19-20; cf. Zc 14.1-4).

Certo escritor resumiu a revelação acerca do anticristo nos versículos 36-45 da seguinte maneira: Ele agirá por teimosia (v. 36), ele se exaltará (v. 36), e ele se engrandecerá acima de qualquer deus (v. 36). Ele blasfemar o Deus verdadeiro (v. 36), ele será bem-sucedido durante um período limitado de tempo (v. 36) e ele será uma pessoa não religiosa (v. 37). Ele, também, colocará sua confiança em seu poderio militar (vv. 38-39), seu poderio militar será desafiado (v. 40), e ele, inicialmente, sairá vitorioso na batalha (vv. 40-43). Entretanto, ele enfrentará um conflito renovado (v. 44), ele estabelecerá seu quartel general em Jerusalém (v. 45) e finalmente será derrotado (v. 45).⁶³⁹

O livramento de Israel 12.1-3

Enquanto os versículos anteriores se concentraram no anticristo, estes nessa perícopa (seção de versículos), dizem respeito a Israel. Descobrimos, aqui, que “nesse tempo” será, certamente, um momento de intensa perseguição dos judeus. Essa seção constitui o clímax dessa revelação (caps. 10-12), bem como o clímax de toda a série de profecias que esse livro registra. Ela enfatiza a fidelidade de Deus às Suas promessas ao Seu povo Israel.

“Iniciar um capítulo nesse momento é uma das divisões de material mais infelizes que temos. Esses três versículos pertencem à revelação anterior... Na realidade, sem essa conclusão o tratamento da questão no capítulo onze, daria uma importância inadequada ao anticristo”.⁶⁴⁰

12.1 No momento do fim (11.40), Miguel, o anjo responsável por proteger a Israel (cf. 10.13, 21), aparecerá em defesa dessa nação. Essa revelação concentra a atenção do leitor, novamente, na dimensão invisível e sobrenatural dos eventos que acontecerão. “Nesse tempo” apresenta informação adicional desse tempo do fim; a expressão não apresenta um evento cronologicamente subsequente.

Esse período será um tempo de extremo tormento generalizado, para os judeus, pior do que qualquer outro tempo em sua história nacional (cf. Dt 4.30; Jr 30.7; Mt 24.21;

⁶³⁹ Campbell, págs. 132-134.

⁶⁴⁰ Leupold, pág. 526.

Ap 6-19). Essa é uma grande predição, considerando o que todos os judeus tiveram que suportar ao longo da sua história.

Showers defendeu que “o Dia do SENHOR”, o “Tempo da Angústia de Jacó”, e a “Grande Tribulação” são todos termos que as Escrituras utilizam para descrever um período de três anos e meio de problemas intensos ainda futuros, especificamente falando, a última metade da septuagésima semana de Daniel.⁶⁴¹ Eu concordo com essa identificação, exceto pelo fato de que a expressão “o Dia do SENHOR” refere-se, também, a outros períodos (i.e., à Tribulação de sete anos, ao Milênio, ambos os períodos juntos, e outros tempos nos quais Deus interfere dramaticamente na história).

A repetição de “seu povo”, neste versículo, identifica claramente os judeus, e não todos os cristãos. Eles serão o foco de intensa perseguição, embora muitos não judeus também sofrerão, e a terra de Israel será um campo de batalha internacional (cf. Mt 24.22).

Independentemente disso, todos aqueles judeus cujos nomes estão “no livro” experimentarão um resgate (cf. 7.18, 27). Essa não é uma promessa de regeneração espiritual; algo que vem apenas por meio da fé em Jesus Cristo, até mesmo aos judeus dessa época. Pelo contrário, ela é uma promessa de livramento nacional dos inimigos humanos (cf. Zc 12.10; 13.8-9; Rm 11.26). Entretanto, Archer e Ironside, entenderam isso como um livramento espiritual da segunda morte.⁶⁴²

O “livro”, provavelmente, contém os nomes de todos os judeus vivendo naquela região naquela época, que experimentarão livramento físico (cf. Ap 12.13-17). A figura de um livro conota um registro divino, escritos de antemão, que é a base para esse resgate. Deus tem uma série de livros em Sua posse (Ap 20.12; cf. Ex 32.33; Sl 69.28; Mt 3.16; Lc 10.20; Ap 20.15; et al.).⁶⁴³ Uma vez que Deus é onisciente e conhece todas as coisas, Ele não precisa de livros para guardar registros. Esses livros são metáforas para registros daquilo que Deus sabe.

12.2 Porque o anjo falou que “muitos” ressuscitarão e não “todos”? Aparentemente, ele fez isso para enfatizar o fato de aqueles judeus que morreram em decorrência das perseguições do anticristo experimentarão a ressurreição ao final desse período (i.e., a Tribulação; cf. Ap 20.4-6).⁶⁴⁴ Ele se referia à esperança daqueles judeus, em particular. Além disso, a expressão utilizada esclarece que nem todos ressuscitarão. Alguns experimentarão a ressurreição em outros momentos na história (p.ex.: 1 Ts 4.13-17; Ap 24.4-6).⁶⁴⁵

O anjo falou de uma ressurreição física e não de uma renovação da alma (cf. Is 26.19; Os 13.14). Isso parece claro uma vez que ele explicou “muitos dos que estão mortos e

⁶⁴¹ Showers, págs. 40-43.

⁶⁴² Archer, “Daniel”, pág. 151; Ironside, pág. 231.

⁶⁴³ Veja Charles R. Smith, “The Book of Life”, *Grace Theological Journal* 6:2 (Outono 1985):219-230.

⁶⁴⁴ Young, pág. 256.

⁶⁴⁵ Bevan, pág. 201.

enterrados” (NVT) ressuscitarão. Alguns escritores entendem essa descrição como figurado para o renascimento de Israel naquele dia, evidentemente para não confundir essa ressurreição com a que ocorrerá no Arrebatamento.⁶⁴⁶ Young entendeu “dos que dormem do pó” como figurado para túmulo.⁶⁴⁷ Eu concordo com Young nesse ponto.

“A maneira padrão do Antigo Testamento considerar a morte e a volta à vida é falando da pessoa deitada e dormindo, então acordando e se levantando. A primeira expressão é uma expressão extrema da segunda, que, assim fornece uma metáfora para a primeira (2 Rs 4.31; 13.21; Is 26.19; Jr 51.39, 57; Jó 14.12). Além disso, morrer significa deitar/descansar com o ancestral no túmulo da família, com o seu equivalente não material, Sheol; sendo assim, voltar para a vida significaria deixar tal ‘porção de terra’ (cf. também Sl 49; 73). A imagem pressupõe uma restauração de vida da pessoa completa, com seus aspectos espiritual e material”.⁶⁴⁸

“A Bíblia nunca fala de dormir em referência à alma, pois dormir não é uma atividade da alma. Pelo contrário, a Bíblia sempre fala de dormir como uma atividade do corpo (veja Mt 9.18-25; Mc 5.35-42)”.⁶⁴⁹

O Adventismo do Sétimo Dia e a seita da Ciência Cristã ensinam que a alma dorme.⁶⁵⁰

Alguns dos judeus entrarão na vida eterna, a saber, aqueles que serão cristãos. Outros experimentarão desgraça e desprezo eternos, porque não creram em Cristo (cf. Mt 25.46; Jo 5.28-29). Evidentemente, aqueles martirizados durante a Tribulação e ressurretos nesse momento reinarão com Cristo durante Seu reino milenar, que começará com o Seu retorno à terra ao final da Tribulação (Ap 20.4).

Enquanto este versículo ensina que haverá uma ressurreição do ímpio, ele não diz que ela ocorrerá ao final da Tribulação, como crê o amilenista.⁶⁵¹ Ele apenas diz que outros ressuscitarão para desgraça e desprezo eternos. Apocalipse 20.12-14 deixa claro que a ressurreição do perverso ocorrerá ao final do Milênio e não ao final da Tribulação. No contexto de Daniel 12.2, a ênfase está na esperança do judeu que morrerá na Tribulação. O destino do perverso é apresentado, simplesmente, para esclarecer que ele também será ressuscitado, não para especificar quando.

Essa é a primeira menção no Antigo Testamento de uma ressurreição dupla. Por esse motivo, e uma vez que esse versículo identifica o momento da ressurreição física do

⁶⁴⁶ P. ex.: Dennett, pág. 199; Gaebelien, *The Prophet...*, pág. 200, idem, *The Annotated...*, 2:3:39; Kelly, págs. 225-226, Ironside, págs. 231-232.

⁶⁴⁷ Young, pág. 256.

⁶⁴⁸ Goldingay, pág. 307.

⁶⁴⁹ Feinberg, pág. 181.

⁶⁵⁰ Veja Gerstner, págs. 27, 186.

⁶⁵¹ P. ex.: Leupold, pág. 529.

judeu salvo (que vive fora da Era da Igreja, cf. 1 Ts 4.13-16), trata-se de um versículo de extrema importância.

“Aquele que argumenta simplesmente com base no conceito de ‘existência’ ou ‘era’ em favor de somente uma punição de uma era no inferno, em vez de uma punição de duração eterna, precisa levar em conta as inúmeras passagens do AT que aplicam *’olam* [eterno] à vida eterna e à soberania do próprio Deus. Em outras palavras, se o inferno não é eterno, Deus também não é; pois as mesmas palavras, tanto no hebraico quanto no grego, são utilizadas para ambas as coisas na Bíblia (cf. Ap 4.10; 20.10; 21.8). O termo grego correspondente *aion* é o paralelo de *’olam* no desenvolvimento semântico e de conotação”.⁶⁵²

Essa é a primeira ocorrência da expressão “vida eterna” no Antigo Testamento.⁶⁵³

12.3 A ênfase na esperança para o judeu que vive nesse momento continua nesse versículo. Após a ressurreição se seguirão recompensas. Aquele judeu que tiver discernimento acerca da importância de se manter fiel a Deus, e que assim fizer, receberá glória (cf. 11.33, 35). Aqueles que conduzem outros a agirem corretamente, também, receberão glória. A glória deles será semelhante à glória do alto céu acima, e às estrelas (cf. Mt 13.43). O anjo expressou essa bênção através de um belo paralelismo. A glória deles envolverá o privilégio de reinar com Jesus Cristo durante Seu reino milenar e dali para frente – eternamente, no estado eterno (cf. Mt 25.14-30; Lc 19.11-27; Ap 20.4).

“Sendo assim, os versículos 2-3 afirmam claramente as doutrinas da ressurreição e da eternidade além do túmulo. Até mesmo os estudiosos mais céticos do AT reconhecem a presença dessas doutrinas aqui...”.⁶⁵⁴

Outros versículos do Antigo Testamento que ensinam essas doutrinas são Jó 19.26; Sl 16.11; 17.15; 73.23-24; e Isaías 25.8 e 26.19.

O fim da visão 12.4

Ao concluir, o anjo instruiu Daniel a fechar o registro dessa revelação. No Oriente Próximo antigo, as pessoas escreviam documentos oficiais e então, depois de fazerem uma cópia para referência, colocavam o original num lugar seguro. A expressão “encerra as palavras e sela o livro” não significa que Daniel devia mantê-las para si mesmo, mas que ele deveria preservar essa revelação pois ela era importante (cf. 8.26).

Além disso, era comum para o escriba que escrevia documentos importantes, tais como promessas contratuais, passar seu selo em forma de cilindro na parte inferior para garantir sua autenticidade.⁶⁵⁵ Foi isso que o anjo instruiu Daniel a fazer com essa promessa contratual. Ao selá-lo, Daniel estava se

⁶⁵² Archer, “Daniel”, pág. 152.

⁶⁵³ Young, pág. 256.

⁶⁵⁴ Archer, “Daniel”, pág. 153. P. ex.: Collins, págs. 391-392, 394.

⁶⁵⁵ Archer, “Daniel”, págs. 153-154.

certificando de que aquilo que permaneceria escrito era exatamente o que Deus revelou a ele e tinha prometido que aconteceria (cf. Ap 22.18-19).

Daniel deveria preservar essa revelação (i.e., o livro de Daniel⁶⁵⁶) até “ao tempo do fim” (ou o tempo do fim, a última metade da Tribulação⁶⁵⁷), pois muito do que Deus tinha revelado para ele dizia respeito ao futuro distante. Ele confessou que não entendeu muito da revelação (v. 8), como podemos apreciar, uma vez que a maioria das coisas preditas ainda eram futuras, do seu ponto de vista, na história.

A última parte deste versículo, provavelmente, refere-se às tentativas das pessoas no futuro de compreender essa revelação, em vista do contexto (cf. Am 8.12).⁶⁵⁸ Em suas tentativas de compreender essas profecias, as pessoas buscariam ao seu redor e procurariam descobrir o seu significado (cf. Mt 24.15). À medida que o tempo passou e o conhecimento aumentou, elas compreenderiam essas coisas melhor do que Daniel.

“...as tentativas de compreender a verdade exigirão um esforço considerável”.⁶⁵⁹

Embora Daniel e seu povo não compreenderam as profecias desse livro melhor do que nós compreendemos, simplesmente porque já vimos várias delas cumpridas, essas predições os confortaram. Elas garantiram a eles que Yahweh acabaria livrando Israel dos gentios hostis e, conseqüentemente, cumpriu Suas promessas da aliança.

4. O fim das provações de Israel 12.5-13

Daniel continuou vendo coisas na visão que ele começou a descrever em 10.5. O livro termina com uma sessão de perguntas e respostas (cf. 1 Pe 1.10-11).

Primeira pergunta 12.5-6

Daniel agora viu dois outros indivíduos, sem sombra de dúvidas anjos, além daquele que havia falado com ele desde 10.11, de pé e cada um de cada lado do Rio Tigre (cf. 10.4). Um desses anjos fez uma pergunta para o homem vestido em linho (o Filho do Homem, cf. 10.5-6) que estava acima do rio. Ele quis saber quanto tempo levaria até o fim dos eventos relatados (cf. 1 Pe 1.10-12), especificamente, as coisas relacionadas à perseguição e ao livramento final (11.36-12.3).

Primeira resposta 12.7

O “homem” acima do rio jurou, pelo Deus eterno, que aquilo que ele estava prestes a dizer era verdadeiro. Normalmente, as pessoas que juravam por Deus levantavam uma mão aos céus (cf. Dt 32.40). Essa Pessoa levantou ambas as mãos, enfatizando assim a veracidade do que Ele estava prestes a revelar.

⁶⁵⁶ Keil, pág. 485.

⁶⁵⁷ *The New Scofield...*, pág. 918.

⁶⁵⁸ Calvino, 2:379; Leupold, pág. 534.

⁶⁵⁹ Walvoord, *Daniel...*, pág. 292. Cf. Young, pág. 258.

“Deve haver uma razão para a escolha da palavra traduzida por *águas*. Conforme indicado, essa é a designação comum para o rio Nilo. Possivelmente, ela é deliberadamente empregada aqui para lembrar Daniel que assim como o Senhor ficou em pé sobre o Egito, a nação mundial que foi hostil ao povo de Deus, agora Ele está em pé sobre o reino mundial, representado simbolicamente pelas águas do Nilo, na realidade o Tigre, pronto novamente para libertar o Seu povo”.⁶⁶⁰

O significado de “tempo, dois tempos e metade de um tempo” é obviamente três anos e meio (cf. 7.25).⁶⁶¹

“A palavra ‘tempo’ pode, originalmente, ter sido tencionada como uma dupla (*mo’adayim*, ‘dois anos’).⁶⁶²

“Destruição” do poder “do povo santo” refere-se à terrível perseguição dos judeus nos últimos tempos previamente revelados (11.36-45). Muito embora o inimigo futuro dos judeus estivesse no controle por uma semana (sete anos, 9.27), a parte da perseguição intensa aos judeus se daria apenas na última metade daquele período (cf. Zc 14.2-3). Isso era uma boa notícia para Daniel e para o seu povo.

Segunda pergunta 12.8

Daniel continuou tendo dificuldades em compreender essa revelação, de forma que ele perguntou respeitosamente ao mensageiro como tudo terminaria. É possível que ele estivesse interessado em receber mais informação acerca da ressurreição e das recompensas que foram brevemente mencionadas (vv. 1-3).

Segunda resposta 12.9-13

12.9 O Senhor lembrou Daniel que muito do que ele ouviu permaneceria obscuro até o fim do tempo (cf. v. 4). As pessoas serão capazes de olhar para trás, se maravilharão com o cumprimento total da profecia e glorificarão o Deus Altíssimo.

“Deus, em Sua infinita sabedoria revelou a nós apenas aquilo que é necessário para que saibamos o que Ele deseja de nós. Ele não revela aquilo que não contribui diretamente para esse fim. A Bíblia não é um corpo de mistério exotérico dado para satisfazer curiosidade ociosa. A informação nos é dada “para não pecar[mos] contra Ti’ (Sl 119.11b). Ela é um Livro completamente prático”.⁶⁶³

12.10 Os problemas vindos à terra, especialmente sobre os judeus, farão com que muitos se voltem para Deus e experimentem purificação espiritual por meio da fé. Entretanto, “os perversos” continuarão agindo “perversamente” e não compreenderão o que está

⁶⁶⁰ Ibid., pág. 259

⁶⁶¹ Montgomery, pág. 475; et al.

⁶⁶² Archer, “Daniel”, pág. 155.

⁶⁶³ Young, págs. 260-261. Cf. 2 Tm 3.16-17.

acontecendo (cf. 1 Co 2.14; Ap 13.10). O sábio, que presta atenção à revelação divina, compreenderá o que está acontecendo.

No Antigo Testamento e nas Escrituras em geral uma pessoa sábia é aquela que vive à luz da revelação divina e o tolo é aquele que a ignora. Este versículo fornece motivação para prestarmos atenção ao que Deus revelou e para estudarmos a revelação cuidadosamente. Este versículo também deveria nos ajudar a evitar de pensarmos, inocentemente, que com o passar do tempo o cumprimento da profecia fará com que pessoas perversas mudem de conduta. A humanidade não irá melhorar, a despeito do que os pós-milenistas e os evolucionistas sociais acreditam (2 Tm 3.13).

12.11 Agora o mensageiro divino respondeu ao pedido de Daniel e forneceu um pouco mais de informação. Entretanto, assim como essas coisas não estavam claras para Daniel, muitas delas não estão claras para a maioria dos intérpretes hoje, incluindo para mim.

O SENHOR mediu o tempo entre o fim, presumidamente o fim da tribulação, e o tempo que o anticristo terminará com os sacrifícios judaicos e profanará o templo (cf. Mt 24.15). O total será de 1.290 dias. Isso dá 30 dias a mais do que três anos e meio previamente mencionados (v. 7; cf. 7.25; Ap 11.12; 12.6, 14; 13.5). Consequentemente, o mês adicional deve abranger um tempo antes dos três anos e meio, após ele, ou ambas as coisas.

É possível que o anticristo terminará os sacrifícios e profanará o templo 30 dias antes da metade da septuagésima semana. Essa interpretação neste versículo seria mais específica e a em 9.27, seria uma descrição geral.⁶⁶⁴ Uma visão parecida é a de que o anticristo pode anunciar o término dos sacrifícios e o configurar da abominação 30 dias antes que executá-los.⁶⁶⁵

Outra opção é que haverá um período de 30 dias entre o tempo em que o anticristo vai abolir o sacrifício regular e o tempo quando ele estabelecer a abominação da desolação. Uma quarta possibilidade é que os 30 dias irão além dos três anos e meio.⁶⁶⁶ Isso abrangerá a purificação do templo e possivelmente os julgamentos de Israel e das nações que Cristo executará quando retornar à terra (Ez 20.34-38; Mt 25.31-46).

Alguns intérpretes acreditaram que esse período de três anos e meio começou quando Antíoco Epifânio encerrou o sacrifício diário em Jerusalém, e ele terminou quando o sacrifício foi retomado.⁶⁶⁷ Entretanto, o contexto parece exigir um cumprimento ainda futuro.

Um escritor, que considerou números como esses no livro como sendo apenas simbólicos, interpretou esses dias como “um tempo de aflição que é pouco menos que

⁶⁶⁴ Cf. Archer, “Daniel”, pág. 156.

⁶⁶⁵ Pentecost, “Daniel”, pág. 1374.

⁶⁶⁶ Darby, *Studies in ...*, pág. 86; Gaebelien, *The Annotated ...*, 2:3:40; Walvoord, *Daniel ...*, pág. 295; Showers, págs. 57-58; Feinberg, págs. 186-187; Whitcomb, pág. 168; Campbell, pág. 142; Ironside, págs. 235-236; Dyer, *in The Old ...*, pág. 720; Culver, “Daniel,” pág. 799.

⁶⁶⁷ P. ex.: Henry, pág. 1104.

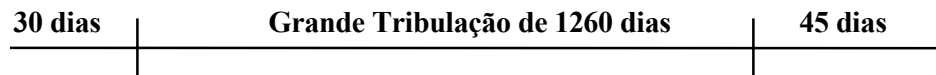
meia temporada de aflição divina e, podemos concluir, portanto praticamente suportável – não ultrapassando a capacidade humana de suportar”.⁶⁶⁸ Outro erudito acreditava que se tratavam de “cálculo[s] variante[s]” ou que o escritor “revisa (presumidamente de maneira mais precisa) cálculo[s]” feitos após o fato.⁶⁶⁹

12.12 O Senhor disse que aquelas pessoas que esperam, presumidamente pelo resgate de Deus (v. 1), serão abençoadas e alcançarão os 1.335 dias. Por que ele mencionou esse número particular de dias, e quando esse período terminará?

O período de 1.335 dias é 45 dias (um mês e meio) mais longo do que o período de 1.290 que acaba de ser mencionado (v. 11). Evidentemente esse período terminará depois do final da Tribulação, especificamente, depois que o reino milenar de Cristo tiver começado, ou pelo menos depois que Ele tiver retornado à terra.

Podemos apenas especular a respeito do que esses 45 dias após a Tribulação reservarão para as pessoas que vivem na terra naquele momento. Uma visão é que Jesus Cristo aparecerá nas nuvens ao final da Tribulação (Mt 24.30), e 45 dias depois Ele descerá para a terra.⁶⁷⁰ Creio que uma opção melhor é que pode levar 45 dias para que Jesus Cristo complete os juízos necessários e estabeleça Seu reino após seu retorno à terra.⁶⁷¹

Alguns intérpretes favorecem a visão de que esses períodos de 30 e 45 dias refletem o uso de calendários diferentes daquele que prescreveu antes a duração dos três anos e meio como um período de 1.260 dias.⁶⁷² Keil e Young interpretam os números simbolicamente retratando um período limitado de dificuldades.⁶⁷³ Qualquer que seja a explicação, este versículo, obviamente, encorajará cristãos que vivem durante a Tribulação a permanecerem fiéis ao Senhor Jesus. Ele nos encoraja da mesma maneira.



12.13 O Senhor, então, despediu o profeta idoso. Ele deveria seguir o seu caminho até “ao fim”. O fim pode ser uma referência ao final da vida de Daniel. Ou ele pode ser uma referência ao “fim dos tempos”.

A primeira opção me parece melhor, uma vez que o SENHOR parece estar vendo a vida de Daniel em sequência. Primeiro, Daniel “descansará”, em morte, e então ele “levantará” (cf. v. 2) e ele finalmente receberá a sua recompensa (“a porção destinada”) de Deus (cf. v. 3). Em outras palavras, há dois “fins” diferentes descritos neste versículo: o primeiro “fim” sendo a vida terrena de Daniel e a segunda sendo “o final da era”,

⁶⁶⁸ Leupold, pág. 547.

⁶⁶⁹ Collins, págs. 400, 401.

⁶⁷⁰ Pentecost, “Daniel”, pág. 1374.

⁶⁷¹ Darby, *Studies in ...*, págs. 86, 131; Dennett, pág. 205; Archer, “Daniel,” pág. 156; Walvoord, *Daniel ...*, págs. 295-296; Showers, pág. 58; Feinberg, pág. 187; Whitcomb, pág. 168; Campbell, pág. 143; Wood, *A Commentary ...*, págs. 328-329; Culver, “Daniel,” pág. 799.

⁶⁷² Goldingay, págs. 309-310.

⁶⁷³ Keil, pág. 502; Young, pág. 263. Veja Tanner, págs. 763-766 para uma discussão acerca das três visões.

quando os crentes do Antigo Testamento forem ressuscitados. A ressurreição de Daniel e seu reconhecimento ocorreria ao final da era, especificamente, o fim dos tempos dos gentios.

Consequentemente, esse grande livro se encerra com um lembrete de que a era presente de domínio gentio não é tudo o que Deus tem reservado para a humanidade. Há uma outra era se aproximando, além da presente era, na qual Jesus Cristo reinará em justiça e em santidade na terra (cf. Is 11.9; Zc 9.10). O cristão deve anelar para o início da era messiânica e orar pela sua chegada (Mt 6.10; Lc 11.2).

Enquanto esse livro teria encorajado os judeus dos dias de Daniel, ele tem se tornado cada vez mais encorajador para o povo de Deus, como a história tem mostrado. Podemos hoje ver, como nunca antes, como Deus cumpriu Suas predições de maneira exata no passado. Isso nos fornece grande confiança à medida que antecipamos Sua fidelidade àquelas promessas que ainda permanecem por ser cumpridas.

Quais outros efeitos práticos uma compreensão das profecias de Daniel terá nos cristãos de hoje? Podemos compreender como Deus criará a história; podemos conhecer os “tempos e eras” que ainda são futuros. Esse conhecimento deve nos fazer sentir a urgência da nossa comissão (Mt 28.19-20); ele deve nos instigar ao evangelismo e ao discipulado. Ele, também, deve nos fornecer uma sensação de paz à medida que passamos por dificuldades e cremos que Deus vencerá a batalha sobre o mal. Ele deve nos encorajar a informar o povo de Deus acerca do que Ele revelou, para que eles possam ser informados e estar preparados para o que está por vir. E ele deve fazer com que vivamos vidas santas à luz do retorno do Senhor Jesus Cristo.

Bibliografia

- Aalders, G. C. *Daniel*. Koorte Verklaring servies. The Netherlands: Kampen, 1965.
- Albrektson, Bertil. *History and the Gods*. Lund, Sweden: CWK Gleerup, 1967.
- Albright, William F. *From Stone Age to Christianity*. 2a edição. New York: Doubleday Press, Anchor Books, 1957.
- Alexander, J. B. "New Light on the Fiery Furnace." *Journal of Biblical Literature* 69:4 (Dezembro 1950):375-376.
- Alexander, Ralph H. "Hermeneutics of Old Testament Apocalyptic Literature." Dissertação de Th.D., Dallas Theological Seminary, 1968.
- Anderson, Steven D., e Rodger C. Young. "The Remembrance of Daniel's Darius the Mede in Berossus and Harpocraton." *Bibliotheca Sacra* 173:691 (Julho-Setembro 2016):315-323.
- Anderson, Robert. *The Coming Prince*. 19a ed. Grand Rapids: Kregel Publications, 1975.
- Archer, Gleason L., Jr. "Daniel." Em *Daniel-Minor Prophets*. Vol. 7 de *The Expositor's Bible Commentary*. 12 vols. Editado por Frank E. Gaebelin e Richard P. Polcyn. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1985.
- _____. "Old Testament History and Recent Archeology From the Exile to Malachi." *Bibliotheca Sacra* 127:508 (Outubro-Dezembro 1970):291-298.
- _____. *A Survey of Old Testament Introduction*. Chicago: Moody Press, 1964. Ed. revisada 1974.
- Armerding, Carl. "Russia and the King of the North." *Bibliotheca Sacra* 120:477 (Janeiro-Março 1963):50-55.
- Baldwin, Joyce G. *Daniel, An Introduction and Commentary*. Série Tyndale Old Testament Commentaries . Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 1978.
- Barker, Kenneth L. "Evidence from Daniel." Em *A Case for Premillennialism: A New Consensus*, págs. 135-146. Editado por Donald K. Campbell e Jeffrey L. Townsend. Chicago: Moody Press, 1992.
- Baukal, Charles E., Jr. "The Fiery Furnace." *Bibliotheca Sacra* 171:682 (Abril-Junho 2014):148-171.
- Baxter, J. Sidlow. *Explore the Book*. 1960. Um vol. ed. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1980.
- Bevan, Anthony Ashley. *A Short Commentary on the Book of Daniel*. Cambridge: University Press, 1892.

- A Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Atualizada*. Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- A Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Corrigida*. Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- A Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional*. Editora Vida, 2001.
- A Bíblia Sagrada: Nova Versão Transformadora*. Editora Mundo Cristão, 2017.
- Blaiklock, E. M. *Today's Handbook of Bible Characters*. Minneapolis: Bethany House Publishers, 1979.
- Blaising, Craig A. "The Day of the Lord and the Seventieth Week of Daniel." *Bibliotheca Sacra* 169:674 (Abril-Junho 2012):131-142.
- Boutflower, Charles. *In and Around the Book of Daniel*. Reimpressão Grand Rapids: Kregel Publishing Co., 1977.
- Bramer, Stephen J. "Suffering in the Writing Prophets (Isaiah to Malachi)." Em *Why, O God? Suffering and Disability in the Bible and the Church*, págs. 147-159. Editado por Larry J. Waters e Roy B. Zuck. Wheaton: Crossway, 2011.
- Breshears, Gerry. "The Body of Christ: Prophet, Priest, or King?" *Journal of the Evangelical Theological Society* 37:1 (Março 1994):3-26.
- Bright, John. *A History of Israel*. Philadelphia: Westminster Press, 1959.
- Bruce, Les P. "Discourse Theme and the Narratives of Daniel." *Bibliotheca Sacra* 160:638 (Abril-Junho 2003).
- Bury, J. B.; S. A. Cook; e F. E. Adcock, editores. *The Cambridge Ancient History*. 12 vols. 2ª reimpressão. Cambridge, Eng.: University Press, 1928.
- Calvino, João. *Commentaries on the Book of the Prophet Daniel*. 2 vols. Traduzido por Thomas Myers. Edinburgh: Calvin Translation Society, 1852.
- Campbell, Donald K. *Daniel: Decoder of Dreams*. Wheaton: Scripture Press Publications, Victor Books, 1977.
- Charles, Robert Henry. *The Book of Daniel*. Série The New Century Bible. New York: H. Frowde, Oxford University, n.d.
- Chisholm, Robert B., Jr. *Handbook on the Prophets*. Grand Rapids: Baker Book House, 2002.
- Collins, John J. *Daniel*. Série Hermeneia. Minneapolis: Fortress Press, 1993.

- Cook, J. M. *The Persian Empire*. London: Dent, 1983.
- Culver, Robert D. "Daniel." Em *The Wycliffe Bible Commentary*, págs. 769-800. Editado por Charles F. Pfeiffer e Everett F. Harrison. Chicago: Moody Press, 1962.
- _____. *Daniel and the Latter Days*. Chicago: Moody Press, n.d.
- Cumont, F. "La Plus Ancienne geographie astrologique." *Klio* 9 (1909):263-273.
- Darby, John Nelson. *Studies on the Book of Daniel*. London: G. Morrish, n.d.
- _____. *Synopsis of the Books of the Bible*. Ed. Revisada 5 vols. New York: Loizeaux Brothers Publishers, 1942.
- Day, John. *Yahweh and the Gods and Goddesses of Canaan*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000.
- Dennett, Edward. *Daniel the Prophet: and the Times of the Gentiles* edição reimpressa Oak Park, Ill.: Bible Truth Publishers, 1967.
- Driver, Samuel Rolles. *The Book of Daniel*. Série The Cambridge Bible for Schools and Colleges. Cambridge, Eng.: Cambridge University Press, 1900.
- Durant, Will and Ariel. *The Lessons of History*. New York: Simon and Schuster, 1968.
- Dyer, Charles H. "The Musical Instruments in Daniel 3." *Bibliotheca Sacra* 147:588 (Outubro-Dezembro 1990):426-436.
- _____. *World News and Bible Prophecy*. Wheaton, Ill.: Tyndale House Publishers, 1993.
- Dyer, Charles H., e Eugene H. Merrill. *The Old Testament Explorer*. Nashville: Word Publishing, 2001. Relançado como *Nelson's Old Testament Survey*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 2001.
- Eichrodt, Walther. *Theology of the Old Testament*. 5a ed. revisada 2 vols. Traduzido por John A. Baker. Série The Old Testament Library. Philadelphia: Westminster Press, 1961 e 1967.
- Feinberg, Charles Lee. *Daniel: The Kingdom of the Lord*. Winona Lake, Indiana.: BMH Books, 1981.
- Ferguson, Paul. "Nebuchadnezzar, Gilgamesh, and the 'Babylonian Job.'" *Journal of the Evangelical Theological Society* 37:3 (Setembro 1994):321-331.
- Finegan, Jack. *Handbook of Biblical Chronology*. Princeton: Princeton University Press, 1964.
- _____. *Light From the Ancient Past: The Archeological Background of Judaism and Christianity*. 2a ed. Princeton: Princeton University Press; e London: Oxford University Press, 1959.

Finley, Thomas J. "The Book of Daniel in the Canon of Scripture." *Bibliotheca Sacra* 165:658 (Abril-Junho 2008):195-208.

Ford, Desmond. *Daniel*. Nashville: Southern Publishing House, 1978.

Free, Joseph P. *Archaeology and Bible History*. 6a ed. Wheaton: Scripture Press, 1950, 1959.

Gaebelein, Arno C. *The Annotated Bible*. 4 vols. Ed. reimpressa Chicago: Moody Press, e New York: Loizeaux Brothers, 1970.

_____. *The Prophet Daniel*. New York: Our Hope Publishers, 1911.

Garrison, Jason A. "Nebuchadnezzar's Dream: An Inversion of Gilgamesh Imagery." *Bibliotheca Sacra* 169:674 (Abril-Junho 2012):172-187.

Gerstner, John H. *The Theology of the Major Sects*. Grand Rapids: Baker Book House, 1960.

Goldingay, John E. *Daniel*. Série Word Biblical Commentaries. Dallas: Word Books, 1989.

Gooding, David W. "The Literary Structure of the Book of Daniel and Its Implications." *Tyndale Bulletin* 32 (1981):43-79.

Goswell, Greg. "The Temple Theme in the Book of Daniel." *Journal of the Evangelical Theological Society* 55:3 (Setembro 2012):509-520.

Gurney, R. "the Four Kingdoms of Daniel 2 and 7." *Themelios* 2 (1977):39-45.

Hanna, Kenneth G. *From Moses to Malachi: Exploring the Old Testament*. 2a ed. Editado por Roy B. Zuck. Bloomington, Indiana: CrossBooks, 2014.

Harrison, R. K. *Introduction to the Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1969.

Henry, Matthew. *Commentary on the Whole Bible*. Edição de volume único. Editado por Leslie F. Church. Grand Rapids: Zondervan Publishing Co., 1961.

Herodotus. *The Histories*. Edição The Landmark Herodotus. Editado por Robert B. Strassler. Traduzido por Andrea L. Purvis. Pantheon Books, Random House: New York e Toronto, 2007.

Hiebert, D. Edmond. *Working with God: Scriptural Studies in Intercession*. New York: Carlton Press, 1987.

Hislop, Alexander. *The Two Babylons*. New York: Loizeaux Brothers, 1950.

Hitchcock, Mark L. "A Defense of the Domitianic Date of the Book of Revelation." Dissertação de Ph.D., Dallas Theological Seminary, 2005.

- Hoehner, Harold W. "Daniel's Seventy Weeks and New Testament Chronology." *Bibliotheca Sacra* 132:525 (Janeiro-Março 1975):47-65.
- Humphreys, W. L. "A Life-style for Diaspora." *Journal of Biblical Literature* 92 (1973):211-223.
- Ironside, Harry A. *The Four Hundred Silent Years*. New York: Loizeaux Brothers, n.d.
- _____. *The Great Parenthesis*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1943.
- _____. *Lectures on Daniel the Prophet*. New York: Loizeaux Brothers, 1946.
- Jacob, Edmond. *Theology of the Old Testament*. Traduzido por Arthur W. Heathcote e Philip J. Allcock. New York e Evanston, Ill.: Harper & Row, 1958.
- Jamieson, Robert; A. R. Fausset; e David Brown. *Commentary Practical and Explanatory on the Whole Bible*. Ed. revisada Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1961.
- Jeffery, Arthur. "The Book of Daniel, Introduction and Exegesis." Em *The Interpreter's Bible*. 6 vols. Editado por George A. Buttrick. New York: Abingdon-Cokesbury, 1951.
- Jerome. *Commentary on Daniel*. Traduzido por Gleason L. Archer Jr. Grand Rapids: Baker Book House, 1958.
- Josefo, Flavio. *The Works of Flavius Josephus*. Traduzido por William Whiston. London: T. Nelson e Sons, 1866; ed. Reimpressa Peabody, Mass.: Hendrickson Publishers, 1988.
- Kaiser, Walter C., Jr. *Toward an Old Testament Theology*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1978.
- Kaminsky, Joel S. *Corporate Responsibility in the Hebrew Bible*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995.
- Keil, Carl Friedrich. *Biblical Commentary on the Book of Daniel*. Traduzido por M. G. Easton. Biblical Commentary on the Old Testament; ed. reimpressa, Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., n.d.
- Kelly, William. *Lectures on the Book of Daniel*. 2a ed. London: G. Morrish, 1881.
- King, Geoffrey R. *Daniel*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1966.
- Kitchen, Kenneth A. "The Aramaic in Daniel." Em *Notes on Some Problems in the Book of Daniel*, págs. 31-79. London: Tyndale Press, 1965.
- Kraeling, Emil G. *Rand McNally Bible Atlas*. New York, Chicago, e San Francisco: Rand McNally & Co., 1956.

Lange, John Peter, editor. *A Commentary on the Holy Scriptures*. 25 vols. New York: Charles Scribner, 1865-1880. Ed. Reimpressa 12 vols. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, Vol. 7: *Ezekiel, Daniel, and the Minor Prophets*, por W. J. Schröder, et al.

Larkin, Clarence. *The Book of Daniel*. Philadelphia: The author, 1929.

Lehmann, Paul. *The Transfiguration of Politics*. London: SCM Press, 1975.

Lenglet, A. "La structure littéraire de Daniel 2—7." *Biblica* 53 (1972):169-190.

Leupold, Herbert Carl. *Exposition of Daniel*. Minneapolis: Augsburg Press, 1949; ed. reimpressa, Grand Rapids: Baker Book House, 1969.

Lightner, Robert P. *Angels, Satan, and Demons*. Série Swindoll Leadership Library. Nashville: Word Publishing, 1998.

Longman, Tremper, III e Raymond B. Dillard. *An Introduction to the Old Testament*. 2a ed. Grand Rapids: Zondervan, 2006.

Matheny, James F. e Marjorie Matheny. *Gold, Silver, Brass, Iron: Re-thinking the Kingdoms of Daniel 2*. Enid, Okla.: Jay & Associates, Publishers, 1988.

Mauro, Philip. *The Seventy Weeks and the Great Tribulation*. Boston: Scripture Truth Depot, 1923.

McClain, Alva J. *Daniel's Prophecies of the Seventy Weeks*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1940.

_____. *The Greatness of the Kingdom, An Inductive Study of the Kingdom of God*. Winona Lake, Indiana: BMH Books, 1959; Chicago: Moody Press, 1968.

McGee, J. Vernon. *Thru the Bible with J. Vernon McGee*. 5 vols. Pasadena, Calif.: Thru The Bible Radio; e Nashville: Thomas Nelson, Inc., 1983.

Merrill, Eugene H. "Daniel as a Contribution to Kingdom Theology." Em *Essays in Honor of J. Dwight Pentecost*, págs. 211-225. Editado por Stanley D. Toussaint e Charles H. Dyer. Chicago: Moody Press, 1986.

_____. "A Theology of Ezekiel and Daniel." Em *A Biblical Theology of the Old Testament*, págs. 365-395. Editado por Roy B. Zuck. Chicago: Moody Press, 1991.

Mitchell, T. C., e R. Joyce. "The Musical Instruments in Nebuchadnezzar's Orchestra." Em *Notes on Some Problems in the Book of Daniel*, págs. 19-27. London: Tyndale Press, 1965.

Montgomery, James A. *A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Daniel*. Série International Critical Commentary. Edinburgh: T. & T. Clark, 1964.

Morgan, G. Campbell. *An Exposition of the Whole Bible*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1959.

_____. *Living Messages of the Books of the Bible*. 2 vols. New York: Fleming H. Revell Co., 1912.

_____. *The Unfolding Message of the Bible*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Co., 1961.

The Nelson Study Bible. Editado por Earl D. Radmacher. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1997.

The New Bible Dictionary. Editado por J. D. Douglas. 1962 ed. S.v. "Belshazzar," por D. J. Wiseman, pág. 139.

_____. S.v. "Calendar (in the OT)," por D. J. Wiseman, págs. 176-179.

_____. S.v. "Eunuch," por R. J. A. Sheriffs, págs. 398-399.

_____. S.v. "Ophir," por D. J. Wiseman, pág. 911.

_____. S.v. "Uphaz," por D. J. Wiseman, p. 1304.

The New English Bible with the Apocrypha. Oxford University Press e Cambridge University Press. 1970.

The New Scofield Reference Bible. Editado por Frank E. Gaebelein, et al. New York: Oxford University Press, 1967.

Olmstead, A. T. *History of the Persian Empire*. Chicago: University of Chicago Press, 1948.

Oppenheim, A. L. "The Interpretation of Dreams in the Ancient Near East." *Transactions of the American Philosophical Society* 46 (1956):179-373.

Patterson, Richard D. "Holding on to Daniel's Court Tales." *Journal of the Evangelical Theological Society* 36:4 (Dezembro 1993):445-454.

Pache, René. *The Return of Jesus Christ*. Traduzido por William Sanford LaSor. Chicago: Moody Press, 1955.

Payne, J. Barton. *The Theology of the Older Testament*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1962.

Pember, George Hawkins. *The Great Prophecies of the Centuries Concerning Israel and the Gentiles*. London: Hodder & Stoughton, 1895.

Pentecost, J. Dwight. "Daniel." Em *The Bible Knowledge Commentary: Old Testament*, págs. 1323-1375.

- Editado por John F. Walvoord e Roy B. Zuck. Wheaton: Scripture Press Publications, Victor Books, 1985.
- _____. *Prophecy for Today*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1961.
- _____. *Things to Come*. Findlay, Ohio: Dunham Publishing Co., 1958, 1963.
- Peretti, Frank E. *Piercing the Darkness*. Westchester, Ill.: Crossway Books, 1989.
- _____. *Prophet*. Wheaton: Crossway Books, 1992.
- _____. *This Present Darkness*. Westchester, Ill.: Crossway Books, 1986.
- Pfeiffer, Robert H. *History of New Testament Times With an Introduction to the Apocrypha*. London: Adam e Charles Black, 1949, 1963.
- Philpot, Joshua M. "Was Joseph a Type of Daniel? Typological Correspondence in Genesis 37—50 and Daniel 1—6." *Journal of the Evangelical Theological Society* 61:4 (Dezembro 2018):681-696.
- Porteous, Norman W. *Daniel: A Commentary*. Philadelphia: Westminster Press, 1965.
- Price, J. Randall. "Old Testament Tribulation Terms." Em *When the Trumpet Sounds*, págs. 57-83. Editado por Thomas Ice e Timothy Demy. Eugene, Oreg.: Harvest House Publishers, 1995.
- _____. "Prophetic Postponement in Daniel 9 and Other Texts." Em *Issues in Dispensationalism*, págs. 133-165. Editado por Wesley R. Willis e John R. Master. Chicago: Moody Press, 1994.
- Pritchard, James B., editor. *Ancient Near Eastern Texts*. Ed. revisada. Princeton: Princeton University Press, 1969.
- Pusey, Edward B. *Daniel the Prophet*. New York: Funk & Wagnalls, 1885.
- Ray, Charles E. "Daniel 9:24-27 Considered, Part I," e "Daniel 9:24-27 Considered, Part II." Em *Dispensationalism Tomorrow & Beyond*, págs. 293-320 e 323-341. Editado por Christopher Cone. Ft. Worth: Tyndale Seminary Press, 2008.
- Rosenthal, Franz. *A Grammar of Biblical Aramaic*. Wiesbaden, Germany: O. Harrassowitz, 1961.
- Rowley, Harold Henry. *Darius the Mede and the Four World Empires in the Book of Daniel*. Cardiff, Wales: University of Wales, 1959.
- _____. "The Historicity of the Fifth Chapter of Daniel." *Journal of Theological Studies* 32 (Outubro 1930):12-31.

Ryrie, Charles Caldwell. *Biblical Answers to Tough Questions*. Publicado previamente como *Biblical Answers to Contemporary Issues*. Chicago: Moody Press, 1974, 1991. Ft. Worth: Tyndale Seminary Press, 2008.

_____. *Dispensationalism*. Chicago: Moody Press, 1995.

Schwantes, Siegfried J. *A Short History of the Ancient Near East*. Grand Rapids: Baker Book House, 1965.

Seiss, Joseph A. *Voices from Babylon: Or the Records of Daniel the Prophet*. Philadelphia: Porter & Coates, 1879.

Shea, William H. "Darius the Mede: An Update." *Andrews University Seminary Studies* 20 (Outono 1982):229-247.

_____. "The Search for Darius the Mede (Concluded), or, The Time of the Answer to Daniel's Prayer and the Date of the Death of Darius the Mede." *Journal of the Adventist Theological Society* 12:1 (Spring 2001):97-105.

_____. "Supplementary Evidence in Support of 457 B.C. as the Starting Date for the 2300 Day-Years of Daniel 8:14." *Journal of the Adventist Theological Society* 12:1 (Primavera 2001):89-96.

Showers, Renald E. *Maranatha Our Lord, Come: A Definitive Study of the Rapture of the Church*. Bellmawr, Pensilvania: Friends of Israel Gospel Ministry, 1995.

Smith, Charles R. "The Book of Life." *Grace Theological Journal* 6:2 (Outono 1985):219-230.

Steinmann, Andrew E. "Is the Antichrist in Daniel 11?" *Bibliotheca Sacra* 162:646 (Abril-Junho 2005):195-209.

Stuart, Moses. *A Commentary on the Book of Daniel*. Boston: Crocker & Brewster, 1850.

Swindoll, Charles R. *The Swindoll Study Bible*. Carol Stream, Ill.: Tyndale House Publishers, 2017.

Talbot, Louis T. *The Prophecies of Daniel*. 3a ed. Wheaton: Van Kampen Press, 1954.

Tanner, J. Paul. *Daniel*. Série Evangelical Exegetical Commentary. Bellingham, Wash.: Lexham Academic, Logos Bible Software, 2020.

_____. "Is Daniel's Seventy-Weeks Prophecy Messianic?" *Bibliotheca Sacra* 166:662 (Abril-Junho 2009):181-200; 166:663 (Julho-Setembro 2009):319-335.

_____. "The Literary Structure of the Book of Daniel." *Bibliotheca Sacra* 160:639 (Julho-Setembro 2003):269-282.

Thiele, Edwin R. *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*. Chicago: University of Chicago Press, 1951.

Thomas, D. W., editor. *Documents from Old Testament Times*. London/New York: Thomas Nelson, 1958.

Thomas, W. H. Griffith. "The Purpose of the Fourth Gospel." *Bibliotheca Sacra* 125:499 (Julho-Setembro 1968):254-262.

Tomasino, Anthony J. *Judaism Before Jesus: The Events & Ideas That Shaped the New Testament World*. Downers Grove, Ill. e Leicester, Eng.: InterVarsity Press, 2003.

Tregelles, Samuel Prideaux. *Remarks on the Prophetic Visions in the Book of Daniel*. 7a ed. London: Sovereign Grace, 1965.

Unger's Bible Dictionary. Editado por Merrill F. Unger. 1957 ed. S.v. "Shushan," por Merrill F. Unger, págs. 1022-1023.

Unger, Merrill F. *Demons in the World Today: A Study of Occultism in the Light of God's Word*. Wheaton, Ill.: Tyndale House Publishers, 1971.

Van Baalen, Jan Karel. *The Chaos of Cults: A Study in Present-Day Isms*. 2a ed. revisada e ampliada. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1938, 1956.

Van Sickle, C. E. *A Political and Cultural History of the Ancient World*. 2 vols.: Houghton Mifflin Co., 1947 & 1948.

von Rad, Gerhard. *Old Testament Theology*. 2 vols. Traduzido por D. M. G. Stalker. New York e Evanston, Ill.: Harper & Row, 1962 e 1965.

Waltke, Bruce K. "The Date of the Book of Daniel." *Bibliotheca Sacra* 133:532 (Outubro-Dezembro 1976):319-329.

_____. *An Old Testament Theology*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 2007.

Walton, John H. "The Four Kingdoms of Daniel." *Journal of the Evangelical Theological Society* 29:1 (Março 1986):25-36.

Walvoord, John F. *Daniel: The Key to Prophetic Revelation*. Chicago: Moody Press, 1971.

_____. *The Nations in Prophecy*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1967.

_____. "Revival of Rome." *Bibliotheca Sacra* 126:504 (Outubro-Dezembro 1969):317-328.

Weaver, Paul. "Daniel." Em *Surveying the Old Testament Prophetic Books*, págs. 209-249. Série Learn the Word Bible Survey. Editado por Paul D. Weaver. Learn the Word Publishing, 2021. West,

- Nathaniel. *Daniel's Great Prophecy*. New York: Hope of Israel, 1898.
- Whitcomb, John Clement. *Daniel*. Série Everyman's Bible Commentary. Chicago: Moody Press, 1985.
- _____. *Darius the Mede*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1959.
- Wiersbe, Warren W. "Daniel." Em *The Bible Exposition Commentary/Prophets*, págs. 251-314. Colorado Springs, Colo.: Cook Communications Ministries; e Eastbourne, England: Kingsway Communications Ltd., 2002.
- Wilson, Robert Dick. *Studies in the Book of Daniel*. New York: Putnam, 1917.
- _____. "The Title 'King of Persia' in the Scriptures". *Princeton Theological Review* 15 (1917):90-145.
- Wiseman, Donald J. *The Chronicles of the Chaldean Kings*. London: Trustees of the British Museum, 1956.
- _____. "Some Historical Problems in the Book of Daniel." Em *Notes on Some Problems in the Book of Daniel*, págs. 9-18. Editado por D. J. Wiseman, et al. London: Tyndale Press, 1965.
- Wood, Leon J. *A Commentary on Daniel*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1973.
- _____. *The Prophets of Israel*. Grand Rapids: Baker Book House, 1979.
- _____. *A Survey of Israel's History*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1970.
- Yamauchi, Edwin M. *Greece and Babylon*. Grand Rapids: Baker Book House, 1967.
- Young, Edward J. *The Prophecy of Daniel: A Commentary*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1949.
- Young, Rodger C. "Xenophon's Cyaxares: Uncle of Cyrus, Friend of Daniel." *Journal of the Evangelical Theological Society* 64:2 (Junho 2021):265-285.
- Yuzon, Lourdino A. "The Kingdom of God in Daniel." *South East Asia Journal of Theology* 19 (1978):23-27.
- Zondervan Pictorial Bible Dictionary*. Editado por Merrill C. Tenney. 1975 ed. 5 vols. S.v. "Daniel, Book of", por R. K. Harrison, 2:12-21.